



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA- UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CAMPUS – X – DEDC X
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LETRAS- PPGL

HELENICE FARIAS DE BRITO SILVA

**A CONSTITUIÇÃO DISCURSIVA DE IDENTIDADE NA ESCRITA DE MEMÓRIAS
LITERÁRIAS: OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Teixeira de Freitas
2023

HELENICE FARIAS DE BRITO SILVA

**A CONSTITUIÇÃO DISCURSIVA DE IDENTIDADE NA ESCRITA DE MEMÓRIAS
LITERÁRIAS: OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras – PPGL, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra.

Orientadora: Professora Dr^a Cristhiane
Ferreguett

Teixeira de Freitas
2023

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

S586c

Silva, Helenice Farias de Brito

A CONSTITUIÇÃO DISCURSIVA DE IDENTIDADE NA ESCRITA
DE MEMÓRIAS LITERÁRIAS: : OLIMPÍADA DE LÍNGUA
PORTUGUESA / Helenice Farias de Brito Silva. - Teixeira de Freitas,
2023.

170 fls.

Orientador(a): Cristhiane Ferreguett.

Inclui Referências

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade do Estado da
Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós Graduação em
Letras - PPGL, Campus X. 2023.

1.Memórias literárias. 2.escrita. 3.gênero do discurso. 4.dialogismo.
5.identidade.

CDD: 411

FOLHA DE APROVAÇÃO
"A CONSTITUIÇÃO DISCURSIVA DE IDENTIDADE NA ESCRITA DE MEMÓRIAS
LITERÁRIAS: OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA"

HELENICE FARIAS DE BRITO SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em LETRAS – PPGL, em 27 de julho de 2023, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Mestrado em Letras pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:

 Documento assinado digitalmente
CRISTHIANE FERREGUETT
Data: 23/08/2023 17:24:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor(a) Dr.(a) CRISTHIANE FERREGUETT
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Doutorado em Linguística e Letras
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

 Documento assinado digitalmente
CARLA DE QUADROS
Data: 24/08/2023 08:59:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor(a) Dr.(a) CARLA DE QUADROS
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Doutorado em Linguística e Letras
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

 Documento assinado digitalmente
KELLI MACHADO DA ROSA
Data: 23/08/2023 17:36:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor(a) Dr.(a) KELLI MACHADO DA ROSA
Universidade Federal do Rio Grande – FURG
Doutorado em Linguística e Letras
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

Dedico esta pesquisa ao meu marido João, companheiro de todas as horas, pelo apoio incondicional oferecido em todos os aspectos. E também aos meus filhos, Rafael e João Pedro, que sofreram com minhas ausências em diversos momentos, para que este trabalho pudesse ser realizado.

Essa lembrança que nos vem às vezes...
folha súbita
que tomba
abrindo na memória a flor silenciosa
de mil e uma pétalas concêntricas...
Essa lembrança... mas de onde? de quem?
Essa lembrança talvez nem seja nossa,
mas de alguém que, pensando em nós, só possa
mandar um eco do seu pensamento
nessa mensagem pelos céus perdida...
Ai! Tão perdida
que nem se possa saber mais de quem!

Mario Quintana

AGRADECIMENTOS

Ao fim desse percurso, o pensamento viaja e traz de volta muitas memórias. Uma dissertação de mestrado é uma longa viagem, que inclui um trajeto permeado por numerosos desafios, tristezas, inseguranças, contentamentos e muitos obstáculos pelo caminho, porém apesar desse processo solitário a que qualquer investigador está destinado, acumula contributos de diversas pessoas, imprescindíveis para descobrir o melhor norte em cada momento dessa caminhada. Percorrer este caminho tornou-se possível com o apoio, força e energia de diversas pessoas, a quem dedico de maneira especial este projeto de vida. Assim, manifesto minha gratidão:

“... e aprendi que se depende sempre de tanta, muita, diferente gente. Toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas e é tão bonito quando a gente entende que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá. E é tão bonito quando a gente sente que nunca está sozinho por mais que pense estar...”

(Gonzaguinha)

Agradeço à minha mãe, Belanísia Maria de Farias, e ao meu pai, Nelci Olímpio de Brito, por empreenderem esforços para que eu pudesse continuar meus estudos e fazer uma graduação quando tantas pessoas da minha geração não tiveram essa oportunidade. Sem seus empenhos, não haveria as chegadas de agora.

À minha irmã, Elizângela Farias de Brito, agradeço o apoio e motivação incondicional, pelos conselhos preciosos, pela total disponibilidade e encorajamento naqueles momentos cruciais desta difícil jornada.

À Equipe Gestora, colegas e alunos do CEI e CEAF, pelo incentivo e pela compreensão quando as ausências se tornaram necessárias.

Aos amigos, colegas e demais pessoas que, de alguma maneira, me ajudaram, estimularam e/ou manifestaram algum zelo por mim.

Agradeço, principalmente, à minha orientadora, Professora Cristhiane Ferreguett, por toda a paciência, empenho e sentido prático, agradeço a orientação exemplar, um interesse constante e fecundo, uma visão oportuna e crítica, um empenho excelente, os quais colaboraram para enriquecer, com grande dedicação, passo por passo, todas as etapas subjacentes da pesquisa realizada. Ao fazer uma orientação cuidadosa, respeitou minhas escolhas e autonomia, com grande capacidade de escuta, o que fez toda a diferença para o meu trajeto.

Ao PPGL e àqueles que o fizeram/fazem acontecer, pela oportunidade de vermos e

sermos parte da primeira turma de Mestrado em Letras. As professoras e professores que continuam, através da educação, o curso contra as opressões e em prol das transformações imperativas e utopias sonhadas.

À Professora Kelli Machado da Rosa, pela gentil aceitação para participar da banca e pelas valiosas e assertivas contribuições para o aprimoramento desta pesquisa. À Professora Carla de Quadros, pelas proposições valorosas enquanto examinadora, como também pelos saberes compartilhados.

Ao meu marido, João Batista, pelo amor, companheirismo, partilha e apoio irrestrito, agradeço a grande compreensão, generosidade e alegria com que me presenteou constantemente, contribuindo para chegar ao fim deste percurso.

E claro, aos meus queridos filhos, João Pedro e Rafael, que amo incondicionalmente e que veio dar um novo colorido à minha vida pelos afetos revigorantes, espero doravante compensá-los das horas de atenção que lhes devo. Foram eles o meu grande estímulo nesta caminhada.

RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo teórico-analítico sobre a constituição no gênero discursivo memórias literárias e como o discurso memorialístico permite a autoria vincular sua composição identitária à narrativa de uma pessoa da comunidade, para que também reconheça como sujeito histórico na construção deste enunciado. O objetivo é investigar como discursividades, que compõem as memórias literárias produzida pelo aluno-autor na Olimpíada de Língua Portuguesa, podem revelar indícios socioculturais que contribuem para a formação das suas representações identitárias — mobilizando conceitos e princípios teóricos de uma perspectiva linguística e dialógica, que constituem a arquitetura da Teoria Dialógica do Discurso. A investigação ancora-se nos pressupostos teóricos do dialogismo do Círculo de Bakhtin e caracteriza-se como pesquisa bibliográfico-documental, de natureza qualitativa e de cunho interpretativo. Apresenta como *corpus* o enunciado de Memórias Literárias, vencedora da sexta edição da Olimpíada de Língua Portuguesa no Centro Educacional de Ibiassucê. Para tanto, foram adotadas as postulações do Círculo bakhtiniano para a compreensão da natureza dialógica da linguagem e a concepção arquitetônica da teoria dialógica do discurso nos estudos de Bakhtin (2010; 2013; 2016), Volóchinov (2017; 2019) e Medviédov (2016). Acerca da definição e características do gênero memórias literárias toma-se por base as publicações de Clara (2008; 2019; 2021), Boeno (2013), Marcushi (2011). Na sequência, apresenta-se um aporte teórico em que se utiliza os conceitos de memória de Bosi (1998; 2005), Halbwachs (1990) e Le Goff (1990); concepções de identidade por Hall (2006) e Baumam (2005); relação entre memória e identidade em Candau (2011) e Souza (2014). Os resultados das análises demonstram que o aluno-autor apresenta diversos recursos linguístico-enunciativos ímpares para a concretização de seu projeto ideológico do dizer com entonações valorativas ímpares, para exteriorizar suas atitudes responsivas de pertencimento, em função das vozes sociais da pessoa entrevistada que demonstram marcas do contexto sociocultural em que vive o discente que constituem fatores que contribuem para sua formação identitária.

Palavras-chave: Memórias Literárias; Identidade; Dialogismo; Olimpíada de Língua Portuguesa.

ABSTRACT

This dissertation presents a theoretical-analytical study on the constitution in the discursive genre literary memories and how the memorialistic discourse allows authorship to link its identity composition to the narrative of the people of the community, so that he also recognize that he is historical subject in the construction of this narrative utterance. The objective is to investigate how the discursivities, that make up the literary memories produced by the student-author in the Portuguese Language Olympiad can reveal sociocultural evidence that contribute to the formation of their identity representations — mobilizing theoretical concepts and principles from a linguistic and dialogic perspective, which constitute the architecture of the Dialogic Theory of the Discourse. The investigation is anchored in the theoretical assumptions of the dialogism of the Bakhtin Circle and is characterized as a bibliographic-documental research, of a qualitative nature and of an interpretative nature. It presents as corpus the statement of Literary Memories, winner of the sixth edition of the Portuguese Language Olympiad at the Educational Center of Ibiassucê. To do so, we adopted the postulations of the Bakhtinian circle for understanding the dialogic nature of language and the architectural conception of the dialogic theory of discourse and the theory of discourse genre in the studies of Bakhtin (2010; 2013; 2016), Volóchinov (2017; 2019) and Medviédev (2016). Regarding the definition and characteristics of the literary memoirs genre, we took as a basis the publications by Clara (2008; 2019; 2021), Boeno (2013), Marcushi (2011). In the sequence, bring a theoretical contribution, use the memory concepts of Bosi (1998; 2005), Halbwachs (1990) and Le Goff (1990); conceptions of identity by Hall (2006) and Baumam (2005); relationship between memory and identity in Candau (2011) and Souza (2014). The results analyzed show that the student-author presents in the utterance several unique linguistic-enunciative resources for the realization of his ideological project of saying with unique evaluative intonations, to externalize his responsive attitudes of belonging, due to the person's social voices interviewee who demonstrate marks of the sociocultural context in which the student lives, which constitute factors that contribute to their identity formation.

Keywords: Literary Memories; Identity; Dialogism; Portuguese Language Olympiad.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BA – Bahia

CEI – Centro Educacional de Ibiassucê

CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária

EF – Ensino Fundamental

EM – Ensino Médio

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MEC – Ministério da Educação e Cultura

NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira

OLPEF - Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro

PCN Parâmetros Curriculares Nacionais

PPGL – Programa Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras

SD - Sequência didática

SEPLAN - Secretaria do Planejamento do Estado da Bahia

TI – Território de Identidade

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Orientações Metodológicas para análise do gênero discursivo	97
Quadro 2 – Princípios e características dialógicas dos recursos linguístico-enunciativos	99
Quadro 3 – Critérios de análise do gênero discursivo memórias literárias de acordo à OLPEF.....	101
Quadro 4 – Enunciado vencedor de memórias literárias do concurso da OLPEF no CEI	103
Quadro 5 – Estrutura composicional axiológica do gênero discursivo memórias literárias	113

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 A CONCEPÇÃO DIÁLOGICA DA LINGUAGEM: CONCEITOS BASILARES	22
2.1 A CONCEPÇÃO FILOSÓFICA DA LINGUAGEM	23
2.2 LINGUAGEM, ALTERIDADE E IDENTIDADE	27
2.4 DISCURSO BIVOCAL E RELAÇÕES DIALÓGICAS	34
2.4 A QUESTÃO DOS GÊNEROS DO DISCURSO: PERSPECTIVA DIALÓGICA	38
3 AS MEMÓRIAS LITERÁRIAS E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE.....	55
3.1 A OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA ESCREVENDO O FUTURO.....	55
3.2 AS MEMÓRIAS LITERÁRIAS: DISCUTINDO O GÊNERO	59
3.2.1 “O lugar onde vivo”: algumas considerações.....	80
3.3 MEMÓRIA E IDENTIDADE: ARQUITETÔTICA DE TRAJETÓRIAS SOCIAIS.....	84
4 AS MEMÓRIAS LITERÁRIAS: ANÁLISE, COMPREENSÃO E RELAÇÕES DIALÓGICAS.....	92
4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ADOTADOS NO ESTUDO	92
4.1.1 Critérios de análise.....	95
4.2 MEMÓRIAS QUE DIALOGAM COM A CHEGADA DAS CHUVAS NO SERTÃO	102
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	152
6 REFERÊNCIAS	161

1 INTRODUÇÃO

*A vida não é a que a gente viveu e
sim a que a gente recorda,
e como recorda para contá-la.*

(Gabriel García Márquez)

O presente texto se propõe a apresentar um estudo que visa analisar, em um enunciado de memórias literárias produzidas na Olimpíada de Língua Portuguesa, por discente do ensino fundamental do município de Ibiassucê, as discursividades que evidenciam marcas do contexto sociocultural em que vive e que constituem fatores que podem contribuir para a formação de suas identidades.

Esse estudo em relação à produção de enunciados escritos surgiu diante da percepção que vivemos em um contexto marcado por distintas transformações, no qual as escolas assumem a obrigatoriedade de ofertar um ensino baseado na formação para a reflexão/ação, tendo em vista a importância de temas como o multiculturalismo, inclusão e diversidade. A fim de que haja o respeito à diversidade, é imperativo um trabalho que incentive os alunos para o estudo da própria cultura enquanto construtora de sua identidade. Deste modo, sentimos a necessidade de levar para a sala de aula temáticas significativas de leitura e escrita que possam contribuir para a construção de identidade e ideia de pertencimento com o lugar onde vivem.

Destacamos que a sociedade moderna destina à palavra escrita um espaço de privilégio, como lugar de interação entre os indivíduos. Todavia, seu ensino se apresenta como um dos grandes desafios da escola, pois temos observado o desempenho insatisfatório dos discentes no campo da produção do discurso escrito. É crescente o número de alunos na escola sem as competências mínimas na leitura e escrita. Dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Brasil, 2020) revelam que a proficiência dos alunos do ensino fundamental, nos anos finais, em Língua Portuguesa, encontra-se no nível 4 (209,06 pontos), em uma escala que vai de 1 a 10, ou seja, os estudantes alcançaram níveis de aprendizagem classificados como insuficientes pelo Ministério da Educação (MEC). Observamos que as práticas pedagógicas de escrita apresentadas nos livros didáticos trazem, muitas vezes, atividades de produção de discursos escritos distantes da sua realidade incapazes de direcionar o estudante a escrever, a revisar o próprio enunciado e a refletir sobre as possibilidades de uso da língua em diferentes contextos sociais. Nesse horizonte, nos últimos trinta anos, a concepção dos gêneros discursivos tem adquirido mais espaços de leituras e conhecimentos nas universidades, nas instituições educativas e no espaço escolar. O ensino da língua materna em perspectiva de gêneros do discurso é considerado motivador do letramento na escola, uma vez que permite um

aprofundamento na elaboração de situações que contribui na assimilação do Sistema de Escrita nos diversos contextos sociocomunicativos.

Em território brasileiro, a teoria enunciativa discursiva só alcançou maior visibilidade e estudos acadêmicos no início dos anos 1990, apesar de ser construída na primeira metade do século XX. Nessa conjuntura, os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1998), doravante PCNs, de Língua Portuguesa, já apresentavam em seus pressupostos orientadores a teoria dos gêneros, categorizando-os como objetos de ensino. Em concordância com os PCNs (1998), cremos que, na esfera escolar, uma das principais finalidades da inserção dos gêneros discursivos no ensino da língua materna consiste em ofertar aos discentes a competência linguística, isto é, assegurar-lhes uma aprendizagem que contemple as distintas situações de comunicação. Ademais, compreendemos ser difícil desenvolver um trabalho com gêneros discursivos no contexto escolar sem fazer uma conexão com as teorias do filósofo russo Mikhail Bakhtin e dos estudiosos do Círculo de Bakhtin¹, uma vez que defendem a linguagem dialógica e interacionista. Vale destacar que as orientações alusivas aos gêneros do discurso abarcadas nos PCNs (1998) são influenciadas pela concepção bakhtiniana.

Diante desta conjuntura, entendemos que mobilizar e explorar a perspectiva linguístico-discursiva dos estudiosos do Círculo de Bakhtin possibilita o estudo dos gêneros como uma prática social situada que surge das interações nas relações dialógicas. Deste modo, entendermos as relações dialógicas, portanto, significa compreender as relações de sentido entre enunciados, discursos proferidos e que vozes sociais elas carregam consigo; é entender quem está dizendo isso, porque eles estão dizendo e, mais relevante, para quem eles estão dizendo. Enfim, é possível fazer uma leitura mais abrangente dos gêneros, ao situá-los como modo de compreender a vida, uma vez que o gênero, do ponto de vista da Teoria Dialógica do Discurso, só ocorre na interação social.

Seguindo essa mesma linha, de valorização do estudo o gênero de forma global, em seus aspectos sócio-históricos e linguísticos, desde 2008, o trabalho do *Programa Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro* (doravante OLPEF) que o MEC desenvolve nas escolas públicas brasileiras bienalmente, apresenta-se essencialmente como uma proposta de formação continuada de docentes, que visa aprimorar o ensino da leitura e da escrita em todo o

¹ Utilizamos a expressão Círculo de Bakhtin e Círculo bakhtiniano para denominar um grupo de estudiosos russos, cujo conjunto da obra possui alguns pilares sobre os quais toda a concepção de linguagem se constrói: o signo ideológico, o dialogismo, a interação verbal e o enunciado concreto entre 1919 a 1929 na Rússia. Além do pensador Mikhail Bakhtin (1895–1975), as formulações e estudos são fruto da reflexão de um grupo do qual participaram vários outros autores como Valentin Nikoláievitch Volóchinov (1895–1936), Pavel Medvedev (1892–1938), entre outros.

Brasil por meio de quatro gêneros de forma didatizada: poema (5.º do ensino fundamental, doravante EF), memórias literárias (6.º e 7.º ano do EF), crônicas (8.º ano do EF e 9.º ano do EF), documentário (1.º e 2.º ano do EM) e artigo de opinião (3.º ano do EM). A temática da OLPEF para a produção desses quatro gêneros é “O lugar onde vivo”. Para a elaboração de cada gênero, o Programa da Olimpíada organizou Cadernos Pedagógicos para os professores, constituídos por atividades nomeadas de “oficinas”, elaboradas a partir da releitura da teoria de “sequências didáticas” (a partir daqui SD) realizada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), das teorias da linguagem da filosofia bakhtiniana e em consonância com os documentos oficiais da educação brasileira. A SD é um encaminhamento metodológico que trabalha com o desenvolvimento atividades diversificadas a fim de possibilitar ao estudante dominar com mais propriedade o gênero discursivo.

Assim, como acontece à cada edição, em 2019, o Centro Educacional de Ibiassucê (doravante CEI) no município de Ibiassucê aderiu à Olimpíada, e deste modo foi aplicado o Programa da OLEPF, seguindo a mesma temática. Cremos que, de acordo à temática, “O lugar onde vivo”, é importante situar o *locus* em que foram produzidas as memórias literárias. O livro *Coletânea de Crônicas e Memórias Literárias/Cei: O lugar onde vivo*, desenvolvido através do projeto de leitura e escrita proposto pela OLPEF, conta com enunciados escritos pelos alunos do Centro Educacional Ibiassucê, uma escola pública. A escola foi fundada em 1969, sendo localizada em Ibiassucê, no Território de Identidade Sertão Produtivo da Bahia. Apesar de ser situada na sede, tem a maioria dos alunos residentes nas zonas não urbanas do município, além disso, recebe matrículas, todos os anos, de alunos oriundos das muitas localidades rurais dos municípios vizinhos de Caculé, Lagoa Real, Caetitê e Rio do Antônio. É um colégio de Ensino Fundamental II, única escola desta modalidade de ensino de todo município, que oferta ensino regular e Educação de Jovens e Adultos. As turmas desta escola constituem um grupo bastante heterogêneo, uma vez que recebe alunos de todas as esferas sociais. Além disso, observa-se uma diversidade também nos saberes produzidos fora do espaço escolar, as trajetórias de vida individuais, sejam pela condição de raça/etnia, de gênero, de origem e os contextos culturais em que estão inseridos.

O concurso envolveu toda a comunidade escolar. Este tinha o objetivo, assim como a OLPEF, em desenvolver um trabalho com gêneros do discurso com vistas à melhoria da leitura e da escrita, ou seja, trazer para o espaço em sala de aula práticas pedagógicas com a produção de variados gêneros discursivos, a fim de que os estudantes se apropriassem de um repertório diversificado de enunciados escritos, suas condições de produção e uso que fossem socialmente relevantes. Foram trabalhados os gêneros discursivos memórias literárias, nas turmas de sextos

anos e sétimos anos, e o gênero crônica, nas turmas dos oitavos e nonos.

O desenvolvimento da OLEPF aconteceu entres meses de abril e agosto daquele ano (2019). Ao final da mesma, os professores foram convidados a apresentar dois textos de cada turma para a coordenação da escola. Foi realizado um processo de seleção das três melhores produções pela comissão julgadora escolar, seguindo uma exigência do Programa, dos textos vencedores foram encaminhados para a etapa municipal.

A escola selecionou o material entregue pelos docentes e assim organizou um livro composto de onze crônicas e vinte dois textos do gênero memórias literárias, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Ibiassucê, intitulado *Coletânea de Crônicas e Memórias Literárias/ Cei: O lugar onde vivo*. O Caderno orientador sugere que as escolas organizem um livro, *e-book* ou *blog* com os enunciados produzidos (Clara *et al.*, 2021). Como o livro traz memórias da cidade, a escola doou exemplares à biblioteca municipal, assim como para a biblioteca da escola e para os alunos vencedores do concurso.

Desses cinco gêneros discursivos (poema, memórias literárias, crônicas, artigo de opinião e documentário), um despertou o nosso interesse, pesquisar o gênero memórias literárias. Este gênero chamou a atenção, desde que a OLPEF foi instituída, por algumas razões: primeiramente, pela nossa ligação com o gênero “memórias”, pois quando criança, sempre valorizávamos as histórias contadas por nossos familiares mais velhos. Através do resgate da memória, podemos recriar o mundo e traduzi-lo oralmente e por escrito. É sempre instigante propor uma investigação pelo resgate da memória, pois gerar memória é descobrir-se, (re)construir-se, (re)conhecer-se. E também pela “literatura” (conexão incitada pela nomeação divulgada), devido nossa constituição enquanto pessoa, profissional, como leitora na esfera familiar, escolar e acadêmica.

Em segundo lugar, devido a nossa atuação profissional, enquanto coordenadora da área de linguagens, professora, como responsável pelo desenvolvimento do Programa OLPEF no Cei, devemos compreender a teoria que estamos disseminando, a mediar junto aos professores no município de Ibiassucê. Em terceiro lugar, a metodologia proposta pelo *Programa Escrevendo o Futuro* propõe um trabalho com memórias no qual as escolas e respectivamente os alunos procuram resgatar, com entrevistas, através do encontro com as memórias dos indivíduos mais velhos, as histórias das comunidades onde as pessoas vivem.

Em tempos em que ouvir os idosos já não é mais habitual, como antigamente, é muito válida uma proposta pedagógica que capaz de estimular as crianças e jovens a procurarem pessoas idosas que certamente têm muito a contar sobre as suas vidas e pode ajudar a compreender nossa identidade como sujeitos histórico-sociais. Não é regra, mas é muito comum

que os alunos-autores escolham pessoas e parentes próximos, como mães, pais, avós, avôs, para ouvir e escrever histórias, sugerindo a interação entre as diferentes gerações de uma família, que nos permite refletir sobre a identidade dos jovens com base na história de seu parente.

Outro ponto que nos motivou para esta pesquisa foi o tema proposto pela Olimpíada, “O lugar onde vivo”. Criar e observar nosso lugar e nossa história nos convida a nos olharmos como sujeitos e como coletivo, isso é um processo educativo. Esse tema enfatiza o quanto é importante para a escola reconhecer os saberes do aluno. A escola deve ser um lugar de aprendizado, não de controle da linguagem, sem esquecer o que o aluno traz consigo, suas experiências e conhecimentos. Ante a uma grande gama de possibilidades de se trabalhar tanto com oralidade e escrita, escolhemos também essa temática, pois cremos que (re)viver outra memória através da escrita é um fator significativo na construção da identidade e da personalidade do aluno, além da aproximação com os pares e também com a estrutura da sua própria história. A noção de que escrever a memória está diretamente relacionada à escrita literária, uma vez que permite que se traga para o momento presente uma história impregnada de reminiscências que podem não necessariamente seguir a cronologia no ato de lembrar, sugere uma ordem didática que permite ao aluno aprender a escrita no gênero estudado.

E, assim, um desafio foi apresentado aos alunos: melhorar a prática da escrita baseado no trabalho de memória. As memórias de pessoas alheias permitem que as crianças vivam no presente e lhes dão uma percepção vívida do passado. Esta é uma ação que estabelece um compromisso com tantos passados para revivê-los ou fazê-los conhecidos. Tudo isto nos faz lembrar a música trecho da música *Tocando em frente* de Almir Sater: “Cada um de nós compõe a sua história. Cada ser em si carrega o dom de ser capaz. E ser feliz”. Além disso, permite-lhes vincular sua composição identitária à narrativa das pessoas da comunidade, para que também reconheçam que são sujeitos históricos na construção deste discurso narrativo, pois a identidade do sujeito está constante processo de mudança. Sobre isto, Stuart Hall (2006) destaca que no processo de formação da identidade, tanto cultural quanto social, as variáveis se sobrepõem e seu culminar é ser uma representação de algo em constante transformação.

Após a leitura e ponderações sobre as memórias presentes no livro *Coletânea de Crônicas e Memórias Literárias/ Cei: O lugar onde vivo*, produzida com as produções dos alunos, decidimos selecionar a memória literária vencedora do concurso para ser o *corpus* desta pesquisa. Justificamos esta escolha pelo fato da referida memória ter sido selecionada para representar a escola porque ela foi eleita para a representar a escola na etapa municipal da OLPEF, além disso, essa memória apresenta o que se espera do gênero em relação à forma composicional, ao conteúdo temático e ao estilo. Aqui cabe destacar que para a construção do

gênero discursivo memórias literárias, os alunos-autores utilizaram as histórias de moradores de comunidades do Território de Identidade Sertão Produtivo da Bahia, sujeitos comuns que contribuíram e construíram a sua história do lugar onde vivem em que procuraram trazer informações interessantes, relevantes, particulares, pitorescas, sobre a sua localidade em épocas passadas.

Deste modo, podemos destacar a importância dos gêneros literários produzidos no ambiente escolar que refletem e refratam os discursos da vida e, portanto, elementos inseparáveis da cultura, ainda que o mesmo seja escolarizado, ou tem uma circulação maior na esfera escolar, uma vez que as memórias literárias têm como propósito comunicativo mais relevante é resgatar, através da narrativa escrita sob uma perspectiva contemporânea, experiências de tempos mais pretéritos (relativos a sentimentos, pessoas, fatos, valores lugares, objetos, entre outros) vivenciados pelo autor (ou que lhe tenham sido comunicados por outrem, mas lhe dizem respeito), neste caso é necessário retomar o fato que os enunciados de memórias aqui citadas foram produzidas tomando como base a história de pessoas mais velhas, em uma linguagem que se configura como ato discursivo próprio e recria a realidade, sem compromisso total com a verdade ou com a dimensão dos acontecimentos.

Dessa maneira, este estudo se justifica, pois, acreditamos que as memórias produzidas, que tenha além das marcas discursivas próprias, o caráter sócio-histórico e cultural de comunidades atendidas pela escola, por ter essa proximidade com a realidade na qual o aluno está inserido, possa revelar marcas identitárias, pois a memória interage com meio social ao qual está ligada. Segundo Candau (2011), a memória e identidade estão relacionadas, uma vez que “não existe um verdadeiro ato de memória que não esteja ancorado nos desafios identitários presentes” (Candau. 2011, p. 150). Sem esquecer que este gênero discursivo, assim como os outros, é um meio para o agir linguageiro do indivíduo que mobiliza as habilidades de linguagem na situação de comunicação. Neste estudo não estaremos utilizando a concepção de memória² acumulativa, para somente armazenar, guardar fatos pretéritos, mas sim como memória artística, que vive, que ressignifica, que presentifica, que forma grupos, que forma laços e assim nos une. Deste modo, a questão que nos impulsionou foi investigar como as marcas discursivas e os elementos linguístico-discursivos, que compõe a escrita da narrativa de memórias literárias do alunos-autor, pode revelar sinais socioculturais que contribuem para a formação de sua identidade.

Nesse sentido, aliado à questão orientadora, o objetivo geral, que norteia a nossa

² É um desafio tratar a memória enquanto um gênero para estudo de forma tão hermética, mas para o recorte deste estudo é necessário ser realizada desta forma.

pesquisa, é o de investigar como discursividades que compõem as memórias literárias produzida pelo aluno-autor na Olimpíada de Língua Portuguesa, podem revelar indícios socioculturais que contribuem para a formação das suas representações identitárias — mobilizando conceitos e princípios teóricos de uma perspectiva linguística e dialógica, que constituem a arquitetura e da Teoria Dialógica do Discurso³. A fim de alcançá-lo, elencamos objetivos específicos: a) analisar a escrita das memórias literárias, observando a composição deste gênero discursivo enquanto enunciado concreto, assim como a sua função social; b) discutir como as representações identitárias são (re)construídas discursivamente e (re)veladas enunciativamente através da escrita de memórias literárias; c) examinar, na narrativa das memórias literárias, as discursividades que produz efeitos de sentidos acerca do contexto sociocultural do sujeito-autor, via registros variantes⁴ de histórias do morador da comunidade local que foi entrevistado.

Para tanto, mobilizamos conceitos e princípios teórico-metodológicos que a fim de nortear nossa leitura analítica para a compreensão do *corpus* das Memórias Literárias. Assim, nossa pesquisa está relacionada aos princípios e conceitos filosóficos linguísticos decorrentes das reflexões e propostas do Círculo bakhtiniano, que aparecem na concepção arquitetônica da teoria dialógica do discurso e da teoria do gênero do discurso nos escritos de Bakhtin (2010; 2013; 2016), Valentin Volóchinov (2017) e Pável Medviédev (2016), tais teorias tornam-se potentes para compreender nosso *corpus* de pesquisa e o objetivo proposto.

As pesquisas linguísticas, que abarcam a noção de gênero discursivo e análise de um gênero de discurso, que em nosso caso são as memórias literárias, com vistas à compreensão, não representam uma nova abordagem, tanto não o é que a concepção de gênero de discurso de filiação filosófica bakhtiniana é considerado um conceito com uso “inflacionado”⁵ em estudos em todo país, como salientam alguns autores e leituras. A teoria amplamente utilizada está ligada à estrutura triádica do gênero, e não necessariamente à noção de gênero quanto prática social e situada, que se realiza em uma dupla orientação — interna e externamente. Nossa pesquisa, aspira mobilizar a Teoria Dialógica do Discurso para analisar a narrativa de memórias literárias enquanto construtora da identidade, sob o viés do gênero do discurso enquanto prática social, incorporado na interação discursiva e constituído de relações dialógicas que geram

³ Optamos pela expressão Teoria/Análise Dialógica do Discurso, que se filia à compreensão de Beth Brait (2006) ao evidenciar que a Teoria Dialógica do Discurso se institui de concepções e princípios produzidos na arquitetura da concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin.

⁴ Termo cunhado pela professora doutora Carla de Quadros para se referir a não necessidade de cumprimento da verdade nem realidade.

⁵ Na próxima seção, aprofundaremos a discussão no que se refere à mobilização “inflacionado” da concepção de gênero do discurso.

sentido, respaldando nossa filiação teórico-metodológica e justifica a eleição do nosso *corpus*. Com base no objetivo geral norteador e filiação teórica assumida, nossa pesquisa se configura como um estudo bibliográfico e documental, cujos métodos foram utilizados com abordagem qualitativa e exploratória, para isso buscamos referências em Prodanov e Freitas (2013) e Minayo (2001).

Fizemos a fundamentação teórica em dois capítulos e um terceiro capítulo, que se dá por meio da análise do evento discursivo. O primeiro capítulo, *A concepção dialógica da linguagem: conceitos basilares*, apresenta uma fundamentação teórica com foco na arquitetura da Teoria Dialógica do Discurso do Círculo de Bakhtin a fim de compreender o evento discursivo, ou seja, é necessário realizar a reconstrução do percurso do pensamento linguístico-filosófico do Círculo de bakhtiniano, constituindo relações dialógicas que criem sentidos entre conceitos e entre princípios para criar uma proposta teórico-metodológica que produza estruturas analíticas que norteiem nossa análise do *corpus*. Da trajetória realizada, evidenciamos as noções de dialogismo como princípio constitutivo da linguagem; as relações dialógicas geradoras de sentido; dialogismo e alteridade na construção dos discursos; a relação entre linguagem e identidade sob uma perspectiva dialógica; o discurso bivocal. Dentro desse escopo, convocamos as referências de Bakhtin (1988; 2003; 2010; 2011; 2013; 2016); Volóchinov (2017), e ainda Brait (2016); Sobral (2009; 2019; 2013); Faraco (2003); Fiorin (2006); Marková (2007); Ponzio (2010); Holquist (2002); Tezza (1988); Viana (2010); Duven (2013); Oliveira (2009); Ribeiro (2003); Barros (1994), Bastos e Ribeiro (1998).

Na mesma seção, primeiro capítulo, traremos também uma fundamentação teórica, que consiste em uma subseção com foco na Teoria do Gênero do Discurso e cronotopo, que visa reexaminar a teoria na perspectiva do Círculo de Bakhtin para mobilizar o conceito de gênero, a fim de se compreender o evento discursivo. Desse incursão teórico, os conceitos e princípios centrais de análise são mobilizados, como a estrutura triádica dos gêneros discursivos; a concepção de enunciado enquanto realidade fundamental da interação e da linguagem; uma perspectiva espaço-temporal no qual o gênero está situado como um evento social no qual o gênero discursivo está ancorado. Dentro dessa incursão teórica filiada à perspectiva do Círculo de Bakhtin, trazemos Bakhtin (2003; 2010; 2011; 2016); Medviédev, (2012; 2016); Volóchinov (2013; 2017; 2019), e algumas referências expressivas ao nosso estudo, como as de Brait e Pistori (2012) e Faraco (2009; 2013), Fiori (2006; 2017), Alves (2012; 2016), Ponzio (2011); Sobral (2009; 2016); Polato (2017); Clark e Holquist (2004); Barbosa e Di Fanti (2020) e Menegassi (2016).

No segundo capítulo teórico, *As memórias literárias e a construção de identidade*,

discutimos na primeira subseção a OLPEF, em que apresentamos a descrição dos aspectos históricos e as condições de produção do evento; a orientação teórico-metodológica adotada pela Olimpíada. Discorremos, ainda, brevemente sobre a descrição das partes constitutivas do Caderno do Professor *Se bem me lembro...* (6ª edição/2019) e sobre as etapas de seleção e as comissões julgadoras dos enunciados produzidos, para tanto evocamos Clara *et al.* (2021); Boeno (2013); Dolz e Scheuwly (2004 e 2011) e Bakhtin (2011). Na segunda subseção, *Memórias Literárias: discutindo o gênero*, dissertamos sobre o conceito de memórias literárias e seus elementos constitutivos: conteúdo temático, forma composicional e estilo; os critérios estabelecidos pela OLPEF com referências em Clara *et al.* (2021); Bakhtin (2002; 2010; 2016); Volóchinov (2017); Medviédev (2016) e Sobral (2009); e algumas referências significativas ao nosso estudo como Aragão (1992); Marcuschi (2011); Clara e Altenfeder (2008); Erdei, Boeno e Padilha (2013); Boeno (2013); Achilles e Gondar (2016); Oliveira (2013) e Gomes (2021).

Nas subseções seguintes, trazemos um aporte teórico, sobre o discurso memorialístico e como este pode evidenciar marcas do contexto sociocultural da comunidade em que vive o discente e que constituem fatores que contribuem para a formação identitária. Para auxiliar a análise desse *corpus*, as memórias literárias, utilizamos os conceitos de memória de Bosi (1998; 2005), Halbwachs (1990), Bergson (1990); Le Goff (1990); concepções de identidade por Hall (2006) e Baumam (2005); as concepções de discurso memorialístico pelo viés dialógico e ideológico em Bakhtin (1997; 2011); Volóchinov (2017); Amorim (2009) e Sobral e Giacomelli (2018); e ainda os estudos que tratam da relação entre memória e identidade em Candau (2011); Pollak (1992) e Souza (2014).

No terceiro capítulo, *As memórias literárias: análise, compreensão e relações dialógicas*, apresentamos o percurso metodológico do estudo e como se dá com a compreensão do acontecimento discursivo através da análise e relações dialógicas do *corpus* da pesquisa, que se estabelece da materialidade discursiva constituída do enunciado escrito de Memórias Literárias vencedora publicada na *Coletânea de Crônicas e Memórias Literárias/ Cei: O lugar onde vivo* (2019). Na análise percorremos o seguinte caminho: a contextualização da situação social constitutiva do evento discursivo em análise; a arquitetônica dos gêneros do discurso, em que analisamos o gênero discursivo memórias literárias, abordando os elementos da estrutura triádica — conteúdo temático, construção composicional e estilo; as relações dialógicas geradoras de sentidos instauradas no evento discursivo, a partir da análise do enunciado concreto oriunda da materialidade da memória produzida e sua relação com a formação identitária do aluno-autor culminando na seção de encerramento desse terceiro capítulo. O estudo se completa com as considerações finais.

2 A CONCEPÇÃO DIÁLOGICA DA LINGUAGEM: CONCEITOS BASILARES

“A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo”.
(Mikhail Bakhtin)

Sendo nossa proposta primordial nesta dissertação verificar como a escrita de enunciados em forma do gênero discursivo memórias literárias contribui para as formações identitárias, optamos pela teoria bakhtiniana, pois o constructo destes discursos são mobilizados como elaborações históricas, sociais, dialógicas e ideológicas a partir de vozes sociais — os relatos de uma pessoa mais velha entrevistada no lugar onde vive — os dizeres individuais do aluno-autor, que se apoiam na voz de seu entrevistado, para a escrita das memórias (Clara *et al.*, 2021). Este capítulo tem como propósito, a partir dos pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin, discutir a concepção da linguagem numa perspectiva dialógica. Nessa primeira seção, serão delineados conceitos teóricos basilares para nossas análises: concepção filosófica da linguagem, dialogismo, alteridade e identidade, discurso bivocal e gênero discursivos, apresentados pelo referido grupo.

Compreendemos que os pressupostos acima são basilares para esta pesquisa, pois a teoria dialógica e filosófica da linguagem concebe o sujeito que só se constrói com outros indivíduos, na relação imanente entre o individual e o coletivo, resultando nas relações interacionais de modo contínuo através da linguagem que é o seu ponto central (Sobral, 2019).

Emerge nas discussões do Círculo de Bakhtin, uma concepção de linguagem e língua concebida dialógicamente, assim sendo, a concepção filosófica da linguagem e de língua demanda uma posição responsiva de seu enunciador. Isso acontece porque fazemos emprego da linguagem e interagimos de várias formas, acordando relações que se diversificam conforme a conduta social que ela opera, a fim de atender às condições discursivas diversas, relações interpessoais que miram objetivos variados e se apresentam através dos gêneros do discurso, e que, conforme Volóchinov (2017) fazem uso da linguagem considerando suas dimensões sócio-históricas e culturais.

Além da discussão sobre a concepção filosófica da linguagem e dialogismo, julgamos também como conceito basilar o princípio da alteridade na perspectiva dialógica. Pensando que esse princípio constitui fator importante para a formação da identidade, pois o eu só pode ser entendido a partir da interação com o outro.

Traremos também alguns apontamentos sobre a relação entre a linguagem e identidade, cujo propósito é mostrar que o dialogismo é o princípio básico desta relação.

Confiamos ser possível construir tais relações buscando uma (re)interpretação da teoria de identidade social na perspectiva dialógica da linguagem, procurando discutir como as representações identitárias são (re)construídas através do discurso e (re)veladas no enunciado, pois isto será investigado, também, nesta dissertação.

Outro conceito bakhtiniano basilar que discutiremos nesta seção trata-se do discurso bivocal, uma vez que nesse trabalho debatemos sobre o processo de pluriacentuação, da multiplicidade de vozes, sentidos e valores discursivamente instaurados no enunciado de memórias literárias produzida a partir da entrevista com um morador mais velho da comunidade.

Por fim, estudar o gênero discursivo sob a ótica do Círculo de Bakhtin é essencial, para o nosso estudo, porque os gêneros discursivos são tipos de enunciados relativamente estáveis que organizam nosso discurso. Estudá-los pode ajudar a entender as diferentes perspectivas sobre seu uso. Os gêneros discursivos são unidades que formam sentido com determinados propósitos ou intenções discursivas. São reconhecidos por sua forma de composição, temas e funções, e estudá-los pode ajudar a compreender como são utilizados em diferentes contextos, assim como, compreender seus elementos e características pode auxiliar a escrevê-los de forma mais eficaz.

2.1 A CONCEPÇÃO FILOSÓFICA DA LINGUAGEM

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Volóchinov (2017) discute uma dimensão filosófica da língua com uma abordagem que amplia os estudos linguísticos e apresenta críticas sobre as correntes de estudos de linguagem de seu tempo. As correntes linguísticas do início do século XIX não abrangiam o estudo da língua em sua totalidade, pois a prioridade era estudar o enunciado monológico isolado, ou seja, não se considerava a natureza variável, concreta, dinâmica e polissêmica da palavra. Por isso, sua teoria se baseia em uma crítica às correntes teóricas no pensamento linguístico de seu tempo: que ele denominou o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato. No subjetivismo idealista, a linguagem era tida como um objeto pronto para ser usado, que não depende de fatores externos ou sociais. A ênfase foi colocada no polo subjetivo relacionado à vida interior. Já no objetivismo abstrato, com teorias linguísticas de Saussure, havia uma dicotomia entre língua e fala, enquanto esta era um ato individual, a primeira era um objeto externo e, portanto, objeto de pesquisa linguística. O objetivismo abstrato reduzia a linguagem a um sistema de formas e defendia o pressuposto de que a linguagem deveria ser estudada para além de seu conteúdo ideológico, o que, segundo

Volóchinov (2017), eram considerados graves erros dessa tendência. Assim, os estudiosos do Círculo de Bakhtin colocam a linguagem como um fenômeno social de interação verbal:

De fato, o ato discursivo, ou mais precisamente o seu produto - o enunciado - de modo algum pode ser reconhecido como um fenômeno individual no sentido exato dessa palavra, e tampouco pode ser explicado a partir das condições psicoindividuais e psíquicas ou psicofisiológicas do indivíduo falante. O enunciado é de natureza social (Volóchinov, 2017, p. 200).

Segundo Volóchinov (2017), a língua deve ser entendida como um elemento de comunicação e interação, e não como um sistema abstrato de formas linguísticas. Portanto, a linguagem deve ser vista em sua totalidade, integrada à vida humana, a comunicação verbal deve ser entendida em relação a uma situação específica. Concepção confirmada pelos pensadores do Círculo de que o ato de se comunicar, entendida como materialização, a concretização da interação verbal/discursiva, consiste em uma matriz geradora de linguagem, a realidade básica da linguagem. Para eles, a comunicação não constitui apenas uma compreensão de comunicar algo à outra pessoa, pois se assim fosse, estaria perto de compreender a teoria da expressão criticada por Volóchinov, pois pressuporia de maneira inevitável “um certo dualismo entre o interior e o exterior e uma certa primazia do interior, pois todo ato de objetivação (expressão) ocorre de dentro para fora” (Volóchinov, 2017, p. 203)⁶.

O Círculo de Bakhtin ao tratar o ato comunicativo como uma efetivação concreta da interação verbal, nos conduz a compreender que cada palavra vem e se dirige a alguém; cada palavra é vista como uma “expressão de ‘um’ em relação a outro” (Volóchinov, 2017, p. 205). A comunicação, tratada como realidade principal da linguagem, consiste precisamente no processo de se expressar em relação ao outro. É essa relação, na qual o “eu” existe apenas em relação aos outros, e somente assim se pode expressar, que constitui a dinâmica da interação linguagem/discurso. Para Volóchinov (2017), interação entre sujeitos é construção histórica, situada com sujeitos concretos em diferentes esferas da atividade humana, sem esquecer que essa interação é intersubjetiva. Para Bakhtin e os estudiosos do Círculo, a linguagem deve ser tratada uma perspectiva dialógica, que não é apenas colocar o sujeito perante ao outro, é muito mais do que isso.

A partir dessa concepção de interação intersubjetiva, os pensadores do Círculo, nos leva a refletir sobre a língua como linguagem sempre em uma perspectiva interativa, ou seja, na vida

⁶ A crítica feita a Ferdinand Saussure foi realizada a partir do livro *Curso de Linguística Geral* (1996), lançado postumamente pelos alunos do linguista, pois os estudiosos do Círculo não tinham acesso aos outros textos do estudioso. Hoje, estes estudos são problematizados no campo da Linguística da enunciação, fazendo inclusive aproximações entre Saussure e os estudos da enunciação e do discurso.

em textos, em enunciados concretos. Sendo assim, se há sujeitos que produzem, que se nutrem, que se constituem como linguagem, há história e sujeitos que não põe em movimento no mundo da vida apenas uma estrutura, não apenas um sistema, mas que põe em funcionamento na vida, nas diferentes esferas da atividade humana, quer seja na igreja, quer seja na escola, na academia, quer seja na família, um movimento dessa interação entre os sujeitos na qual a língua está funcionando com linguagem em enunciados plenos, ou como Bakhtin nomeia de enunciados concretos, ou seja, que tem autor, direcionamentos, expressividade carregada de valor numa perspectiva axiológica. Deste modo, não há possibilidade de pensar a partir de um corte histórico que a linguagem possa ser neutra, que ela tenha um nível de referencialidade em que ela não traga valores, perspectiva ideológica, visões de mundo e posicionamentos.

Numa concepção de linguagem, baseada nos princípios do Círculo de Bakhtin não é plausível ignorar o caráter ideológico. De acordo com a filosofia bakhtiniana da linguagem, a ideologia é fundamental para entender a natureza da linguagem porque não pode ser separada de sua estrutura social e de seu conteúdo ideológico. Cada signo é ideológico porque se refere a algo além de si mesmo. A visão de ideologia na perspectiva dialógica é aquela que leva em conta o processo de interação social. Para Volóchinov (2017), a própria consciência torna-se consciência apenas quando está de conteúdo ideológico, e isso só acontece no momento da interação, razão pela qual não é ordem sociológica. A própria natureza sócio-histórica de um signo não determina sua caracterização como um signo ideológico. Sua capacidade de refletir e refratar a realidade é crucial, uma vez que “justamente aquilo que torna o signo ideológico vivo mutável faz dele um meio que reflete a existência” (Volóchinov, 2017, p. 113). O signo reflete a realidade pela qualidade de se referir a si mesmo, adquirindo um significado que vai além de sua própria especificidade. Volóchinov destaca que:

O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo (Volóchinov, 2017, p. 93).

É necessário destacar a posição significativa da palavra tem na teoria dos autores do Círculo de Bakhtin já que se institui como produto da relação social. A palavra atua como um signo e é um fenômeno ideológico. Uma palavra só alcança forma quando é tocada com a realidade concreta. É por isso que a compreensão acontece por meio dos signos, não pelo processo de identificação. O signo é compreensível e pertence ao domínio da ideologia e é contra o signo, que se identifica, ou seja, se constitui como algo técnico usado para significação,

um objeto específico que pode ser preciso e imutável. Além disso, o signo não pertence a domínio da ideologia. Dessa forma, a compreensão da forma linguística acontece a partir do contexto onde a personagem está inserido, pois, a personagem não tem valor linguístico em si mesmo. A compreensão é, portanto, um processo criativo e ativo, uma forma de diálogo, porque acontece em um contexto, envolve interlocutores reais que criam o discurso.

No pensamento de Bakhtin e dos estudiosos do Círculo, a linguagem é um fato social que se estabelece no diálogo entre interlocutores reais. O papel do outro torna-se tão importante para o pensamento do Círculo bakhtiniano já que o interlocutor (real ou hipotético) não é passivo. Ao perceber e apreender o significado (linguístico) do enunciado, o interlocutor ocupa concomitantemente uma posição de resposta ativa em relação ao falante (Volóchinov, 2017; Bakhtin, 2016). Assim, uma nova concepção de indivíduo emergiu do estudo da escola bakhtiniana, que entendia o sujeito como ser histórico e social. Essa visão de homem nos ajuda a compreender o sujeito em uma sociedade que carrega sua ideologia e crenças, de modo que se constitui em um ser com múltiplas ideias e conceitos. O indivíduo é construído a partir da linguagem, assim como constrói sua própria realidade a partir da linguagem. É por isso que entendemos que os enunciados, memórias literárias, dos alunos que aqui pesquisadas são influenciados pelo contexto social em que vivem e pelos discursos ideológicos que permeiam a sociedade.

Assim, nessa perspectiva de homem visto como um ser histórico e social, compreende-se a linguagem no contexto, considerando o discurso e a situação concreta em que é produzido. Desse modo, o significado construído no enunciado entre os participantes que interagem, envolvendo o contexto e a situação. Com isso, a palavra imbuída de expressividade e juízos de valor caracteriza-se como um fenômeno ideológico. Dessarte, “toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prehe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (Bakhtin, 2016, p. 25). Esta consiste numa compreensão elementar do dialogismo. Pires e Sobral (2013) apoiam essa constituição da teoria dialógica de linguagem do Círculo de Bakhtin e pressupõem sobre esta perspectiva:

A linguagem é tecida por meio de uma trama de elementos ideológicos, a qual parte da relação das palavras/enunciados com a realidade, com seu autor e com as outras palavras anteriores. O juízo de valor, implicado na responsabilidade/responsividade advém daí, pois, ao expressar vivências plurais, a linguagem reflete e, ao mesmo tempo, refrata a realidade, uma vez que sendo a palavra um fenômeno ideológico por excelência, e por isso mesmo avaliativa, pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um

ponto de vista específico (Pires; Sobral, 2013, p. 216).

Por se tratar de uma teia de elementos ideológicos que se dá nas relações de enunciados, indivíduos e realidade em uma interação discursiva, sempre criando relações dialógicas geradoras de sentido, a linguagem baseada nessa abordagem — a dialógica — não pode ser estudada fora da sociedade, pois o enunciado como unidade concreta de interação verbal tem certa estabilidade e mobiliza as características de sua estrutura a partir de cada situação específica em que nasce e circula. Nesse sentido, um enunciado é um signo ideológico, dialógico, único, irrepetível e está inserido em cada interação discursiva de forma diferente, pois um enunciado é sempre uma manifestação social.

Na próxima subseção, trataremos da questão da relação entre alteridade e identidade para a construção dos discursos e suas implicações para o estudo de práticas sociais nas quais a linguagem é essencial. Aspiramos oferecer uma visão geral da relação entre linguagem, alteridade e identidade à luz das contribuições dos escritores do Círculo de Bakhtin.

2.2 LINGUAGEM, ALTERIDADE E IDENTIDADE

Pela relevância das relações sociais no pensamento do Círculo de Bakhtin em sua totalidade, pode-se dizer que a linguagem sempre se refere ao outro, que constitui seu princípio de alteridade. Se não se tem direção, não pode existir um enunciado. Isso significa que quando pronunciamos uma palavra, estamos apontando nossa fala para outra pessoa. Sem tal relação, o discurso não pode existir, e o mesmo discurso é produzido em um ambiente social no qual o ouvinte ou leitor é outra pessoa — uma imagem ideal de um ser individual ou de uma audiência imaginada. O que realmente importa é que a comunicação acontece porque há um diálogo entre os seres sociais, e por isso o discurso deve ser considerado a unidade real da comunicação discursiva. Prever o papel da outra pessoa na interação é equivalente a olhar para a expressão de uma perspectiva social e não individual. Sem dúvida, uma das maiores contribuições de Bakhtin foi sua concepção do princípio dialógico da linguagem.

Os pressupostos do Círculo de Bakhtin apontam ser somente no dialogismo que existe a possibilidade da constituição de alteridade entre os sujeitos. Bakhtin e seu Círculo argumentam que o sujeito não quer ser passivo, pois o “eu” se formará em suas relações com os outros indivíduos. Se tomarmos como exemplo o *corpus* desta pesquisa, professor e aluno também fazem parte das relações sociais, nas quais se constituem um ao outro, além disso, é preciso lembrar das entrevistas com os moradores mais velhos que os alunos-autores realizaram

para construir seu texto de memórias, tudo isto demonstra essa relação e o encontro de diversos enunciados. No momento da escrita, o aluno poderá refletir, como sujeito participativo, sobre sua prática e o diálogo traçado em sua produção. Essa participação do sujeito fica evidente na escrita, pois, considerando-a uma prática social, podemos dizer que é a resposta do autor a alguma coisa, a alguém, à sociedade.

Segundo Bakhtin (2003) e Volóchinov (2017), a alteridade — o “outro”, o diferente — é imprescindível para a formação da identidade do sujeito. Como consequência, o princípio da alteridade auxilia para esclarecer que o ser humano está para a relação com outros seres indivíduos, que a diversidade os embasa e os fazem humanos. Sob a perspectiva ontológica, sua percepção de dialogia está atrelada com a construção de sujeito. Segundo esse ponto de vista, o outro, a alteridade representa um papel essencial, pois o “eu” solitário é inacabado, demanda do outro para se complementar, para conquistar o todo.

No livro *Problemas da poética de Dostoievski*, Bakhtin (2015) apresenta o fundamento da relação de alteridade. Alega nessa obra a não-autosuficiência, a não-existência de um “eu” solitário, a subordinação do outro para “minha” formação, o “eu” interno inacabado, a vida no limiar “eu-outro”, a exigência de convivência, a não-vida sem o outro, a consciência, a reciprocidade imperativa do “outro”. Daí Bakhtin, em *Estética da criação verbal*, escreveu também: “Os elementos de expressão (o corpo não como materialidade morta, o rosto, os olhos, etc.); neles se cruzam e se combinam duas consciências (a do eu e a do outro); aqui eu existo para o outro com o auxílio do outro” (Bakhtin, 2010, p. 394).

Sendo assim, é o outro que lhe dá acabamento, por isso Bakhtin (2003) postula que mesmo na vida fazemos isso o tempo todo, avaliamo-nos a partir da perspectiva dos outros, por meio dos quais tentamos entender e considerar momentos que vão contra nossa própria consciência: dessa forma, avaliamo-nos do ponto de vista da impressão que podemos causar nos outros. Para considerar o valor de nossa imagem externa, em síntese, espiamos nervosa e perpetuamente, capturamos o reflexo de nossas vidas no plano da consciência dos outros.

O enunciado não pode ser imaginado sem o entrelaçamento de vozes. No entendimento de Bakhtin (2003) e Volóchinov (2017), não é possível conceber o “eu” como estando fora da relação com o “outro”, com a alteridade. Por isso, Volóchinov (2017) afirma que, na verdade, cada palavra (cada enunciado) tem duas faces. Depende tanto do fato de vir de alguém quanto do fato de apontar para alguém. É precisamente o produto da interação entre o falante e o ouvinte. Cada palavra age como uma expressão da relação de uma palavra com outra. Por meio dessa palavra, defino minha relação com o outro, ou seja, em última análise, com o coletivo. Esta palavra é uma ponte entre mim e os outros. Se ela se apoia em mim de um lado e no meu

interlocutor do outro. As palavras são o território comum de falantes e interlocutores.

O território comum desse discurso é, portanto, bilateral, em que o corpo do indivíduo, seu olhar, suas expressões faciais se combinam com outros corpos, com outras consciências e no momento “aqui eu existo para o outro com o auxílio do outro”, reafirmando que o sujeito da expressão “só se realiza na interação de duas consciências (a do eu e a outro)” (Bakhtin, 2003, p. 394). Sendo assim, a linguagem, cuja realidade básica é a interação discursiva, é uma atividade que se objetiva em um ato concreto compartilhado entre o eu e o outro justamente porque existe apenas em relação ao outro. E essa realização, por ser um acontecimento real e concreto, ocorre em um espaço específico e em um momento único (porque o tempo não volta), é irrepetível, tem status sócio-histórico e está na organização social. É essa atividade de desempenho chamada de enunciado concreto, uma vez que não há enunciado abstrato possível.

Essa posição confirma a afirmação de Volóchinov (2017) de que o centro organizador da linguagem é o meio social, e aqui notamos que a sociedade é representada na pessoa do interlocutor. A relação entre duas pessoas é uma relação sócio-histórica que envolve toda a sociedade, da qual fazem parte tanto o locutor quanto o interlocutor. Como argumenta Sobral (2009), nessa relação há encontros de relações sociais que ambos os interlocutores já vivenciaram, levando a encontros conversacionais com os discursos dos outros.

Nesse sentido, se considerarmos as escolas, entendemos que professores e alunos também fazem parte da relação social em que se constituem. A prática da produção textual tem demonstrado essa relação e o encontro de diversos enunciados. Assim, no momento da escrita das memórias literárias, os alunos poderão refletir sobre sua prática e dialogar como sujeito engajado e o diálogo traçado em sua produção mediante os comentários do professor, assim como os discursos do interlocutor que foi entrevistado.

Na perspectiva bakhtiniana, o sujeito é motivado a não ser passivo, uma vez que a natureza dialógica da linguagem exige uma participação ativa do sujeito e determina que ele seja refratador dos dizeres do outro e de seus próprios dizeres (Carrijo, 2012). Idealmente, ele não deve se conformar a um breve momento de ‘abstração passiva’ onde ele se dissolve no outro e o outro se torna ele. Em vez disso, o sujeito deve buscar participação ativa e compreensão responsiva. Quando pensamos em linguagem, podemos constatar a atitude refratária ativa do sujeito à escrita. Isso vem de sua busca para encontrar uma palavra única que responda ao outro e seja responsiva aos seus valores (Carrijo, 2012). Sobre a necessidade de *procurarmos uma palavra outra*, Ponzio (2010) afirma que

[...] “uma palavra outra” no sentido de “alteridade”, não de “alternativa”; uma

palavra de uma diferença que faz diferença, de uma diferença não indiferente; palavra singular, não intercambiável, insubstituível na sua própria relação com o outro único, responsabilmente, responsivamente, única para o outro” (Ponzio, 2010, p. 14).

Compreender o pensamento de Bakhtin e dos estudiosos do Círculo requer olhar para as relações de diálogo que constituem o sujeito de seu diálogo com os outros, pois “o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir” (Bakhtin, 2016, p. 28). No centro do pensamento de bakhtiniano está o foco na interação linguístico-discursiva e seu caráter dialógico. Para Bakhtin, a linguagem é inerentemente conversacional, sendo seu princípio constitutivo e organizador:

[...] qualquer enunciado, quando estudado com mais profundidade em situações concretas de comunicação discursiva, descobrimos toda uma série de palavras do outro semilantes e latentes, de diferentes graus de alteridade [...] Cada enunciado isolado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. Ele tem limites precisos, determinados pela alternância dos sujeitos do discurso (dos falantes), mas no âmbito desses limites o enunciado, como a mônada de Leibniz, reflete o processo do discurso, os enunciados do outro, e antes de tudo os elos precedentes da cadeia (às vezes os mais imediatos, e vez por outra até os muito distantes – os campos da comunicação cultural) (Bakhtin, 2003, p. 299).

Deste modo, pode se perceber que o dialogismo avigora a ideia de que a natureza dos enunciados é social, reafirma a relevância do contexto sociocultural nas interações e reforça o pressuposto de que todo enunciado é diálogo e, portanto, é um ato responsivo que exige uma resposta. O dialogismo, portanto, nos incita a compreender a linguagem a partir de uma perspectiva sociodiscursiva, em que se constroem relações entre interlocutores reais, em contextos sociais permeados por diversas vozes ideológicas:

A obra é um elo na cadeia da comunicação discursiva; como a réplica do diálogo, está vinculada a outras obras-enunciados: com aquelas às quais responde, e com aquelas que lhe respondem; ao mesmo tempo, à semelhança da réplica do diálogo, ela está separada daquelas pelos limites absolutos da alternância dos sujeitos do discurso (Bakhtin, 2016, p. 34-35).

De acordo aos pressupostos do Círculo de Bakhtin, o dialogismo é uma condição inerente ao enunciado concreto: “o falante não é um Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados, aos quais dá nome pela primeira vez” (Bakhtin, 2016, p. 61). E precisamente porque não são mais inéditos, esses enunciados já foram, são agora e serão a arena

contra os acentos/orientações de apreciação/visões de mundo daqueles “que os enunciaram, enunciam e os enunciarão concretamente” (Vianna, 2019, p. 28). Cada discurso específico foi, é e será formado pelo entrelaçamento dos fios da miríade de relações de diálogo que eles encarnam e das diferentes orientações avaliativas de seus enunciadores. O enunciado concreto é necessariamente dialógico (Vianna, 2019).

A fim de discutir a relação entre a linguagem e identidade retomaremos brevemente algumas discussões aqui tratadas. A concepção do pensamento dialógico decorre da teoria da discursividade fundada pelo Círculo de Bakhtin, que se baseia no pressuposto de que nenhum discurso é neutro e na relação dialética de representação e refração da realidade material, nossas produções discursivas são sempre permeadas por outras vozes (Volóchinov, 2017). O pensamento dialógico é, assim, permeado por diversos conceitos cruciais para a compreensão de como ocorre a (re)construção das representações identitárias no plano do discurso. Entre outras coisas, destacamos o macroconceito de alteridade e seus dois componentes basilares, endereçamento e responsividade.

Compreendemos por endereçamento que todos agem direcionados a alguém, individual ou coletivamente, real ou imaginário, outra pessoa, uma coisa ou um grupo social. No discurso oral, endereçamento é a capacidade de o falante de prever respostas potenciais aos enunciados que ele dirige, o que afeta suas escolhas de linguagem, o tipo de fala e o gênero que o falante irá utilizar (Volóchinov, 2017). Da mesma forma, a representação da identidade do sujeito depende claramente da pessoa com quem ele fala. Assim, Moita Lopes (2002) apontou que a identidade social é flexível e um falante pode compor sua identidade de forma heterogênea em diferentes contextos, dependendo de quem a dirige. Somos nós porque somos construções de discurso e diálogo em um determinado contexto social.

A linguagem é um posicionamento axiológico e, ao passo que reagimos a um discurso, adiantamos sempre uma reação ou uma compreensão resposta efetiva. Por um lado, se tudo o que dizemos é dirigido a alguém, por outro, tudo o que dizemos é uma resposta a palavras anteriores. Sem símbolos neutros, cada discurso carrega seu significado em uma cadeia que revisita os discursos anteriores e prediz os discursos futuros. Desse ponto de vista, a análise do discurso está relacionada ao contexto sócio-histórico que o torna significativo, e seu significado depende das respostas potenciais que o locutor receberá. Segundo Holquist (2002), o enunciado é objeto de análise quando a linguagem é vista como diálogo, e o diálogo é a unidade fundamental de investigação para quem estuda comunicação e não apenas a linguagem. Assim, entendemos que os discursos são formados por falantes que assumem os valores de seu grupo social.

A partir daí, aprendemos que nosso enunciado é repleto de juízos de valor, e que as perspectivas axiológicas se originam da consciência do outro e se fundem com nosso discurso na luta por nossa consciência, formando assim nossas próprias referências aos objetos do discurso para construir nossa representação identitária. Nesse sentido, por meio da relação entre os dois conceitos apresentados, o outro desempenha um papel crucial na construção da autoafirmação. A alteridade é a diferença nos enunciados, “o tu que não sou eu” (Bastos; Ribeiro, 2020, p. 814). O estranhamento é importante para ampliar a representação identitária de um sujeito, pois, segundo Linell (2009), o discurso dos outros pode funcionar como um contraponto e proporcionar uma oportunidade pessoal de integrar o conhecimento dos outros. Consoante a concepção dialógica, a capacidade de possuir consciência advém da alteridade.

Para Holquist (2002), o segredo para se compreender todos os artifícios de dualidades artificialmente produzidas, até mesmo sobre a concepção de identidade, é o diálogo entre o eu e o outro. Isto é, quando discorremos sobre identidade, estamos evocando o preceito da classificação subjetiva que ocorre em relacionamentos com os outros num grupo de valores e crenças (representação social), construídos na prática social da linguagem. Essa opção se faz na perspectiva de unir tanto os elementos particulares quanto os sociais na análise das expressões identitárias, concatenando, como ponderamos antes, com a concepção de Volóchinov (2017) sobre a linguagem enquanto acontecimento interativo que integra o eu e o outro em uma junção de interdependência entre o individual e o social.

O movimento de categorização se forma na “relação entre alter e ego que permeia tanto os estudos do Círculo de Bakhtin sobre a linguagem quanto dá suporte para o desenvolvimento da teoria das representações sociais” (Bastos; Ribeiro, 2020, p. 816). Sendo assim, a alteridade passa a ser o constructo principal para a identidade do indivíduo, já que a apoderação de consciência do “eu” só ocorre a advir da consciência do outro. Logo, a relação de alteridade possibilita “compreender o outro considerado diferente, desigual, ou mesmo semelhante ao ‘eu’, no que tange aos seus posicionamentos, suas culturas, suas visões de mundo” (Oliveira, 2009, p. 14).

As representações sociais produzem um material semiótico e, ao mesmo tempo, são construídas por ele, já que, segundo Volóchinov (2017), é a partir da linguagem que ocorre a tomada de consciência do indivíduo. A teoria de representações identitárias está, desse modo, “fincado em sua coerção social advinda das práticas discursivas que (re) constroem as formas de agir no mundo por meio da relação dialógica entre o alter e o ego” (Bastos; Ribeiro, 2020, p. 817). O pessoal e o coletivo, apesar de habitarem em posições diversas, são interdependentes, já que na concepção dialógica do discurso, o enunciado surge pelo diálogo entre o eu e o outro.

Apreender a identidade como um constructo social e discursiva é fundamental para se afastar a concepção de identidade formada na esfera da consciência individual e caracterizada pela investidura subjetiva, como se fosse um programa instrumental de si mesmo (Benwell; Stoke, 2006).

A relação dialógica de alteridade se evidencia através da heterodiscurso, da participação da fala do outro no discurso do eu. É a partir do gerenciamento de vozes trazido à baila no plano discurso do eu que Bakhtin (1981) entende a feição dialógica do discurso no mundo da vida. A autoridade discursiva pressupõe a presença de múltiplas vozes, sempre em relações dialógicas (Oliveira, 2009). Dessa forma, é que afirmamos que as vozes fazem aparecer as posições axiológicas daquele que enuncia, as suas representações identitárias.

Esclarecemos, portanto, que as representações identitárias são suscitadas no campo da alteridade, na relação *eu-o-outro* (Bakhtin, 2003). Essa relação é de caráter constitutivo da linguagem que é encarregado “pela emergência dos valores ao longo da historicidade da existência dos seres humanos, [...] situados no espaço e no tempo” (Oliveira, 2014, p. 56), ao construir suas práticas discursivas. Pode-se perceber que a visão de identidade da teoria bakhtiniana é baseada na perspectiva das mudanças sociais e históricas. No processo de contradições em constante mudança, o significado adquirirá sentido através do contexto constituído de transformações. No que se refere ao indivíduo, ao longo de sua existência, transita por diferentes comunidades, seja ela: família, escola, trabalho, amigos, internet, mudando a trajetória de sua existência. Como cada indivíduo participa dessas comunidades ou grupos representa as experiências de troca e aprendizado que formarão sua identidade.

Esse processo de construção e reconstrução da identidade ocorre por meio da participação dos indivíduos nos grupos e de seus comportamentos e conexões centrais. Esses fatores determinam a sua trajetória, como se apresenta e a sua presença no contexto social, até mesmo tornando a identidade uma entidade móvel com o propósito de se tornar ou tornar-se diferente. Enquanto uma estrutura não fixa, a identidade, não permanece estática no tempo e no espaço, ela está associada ao ambiente em que se insere sendo transformada por essa realidade. Como é formada historicamente, a identidade combina passado e futuro na negociação com o presente, escolhendo tanto o contribuinte quanto o marginal em sua constituição. Cada comunidade ou grupo torna-se um reino onde os indivíduos podem interagir e experimentar, influenciar e ser influenciados, compor símbolos e identificar-se em objetos que serão identificados dialogicamente.

O sujeito se constitui em um meio social, formulando seu sentido a partir de referências ao mundo já dado a ele ao nascer e a outro mundo adquirido através das vivências

particulares de cada sujeito, de sua formação e da forma como se apropria desse mundo e atribuindo-lhe seu sentido e seu significado identitário. No entanto, no jogo estruturado dos sentidos, é importante manter as interpretações ativas, permitindo a criação constante de novas formas de comportamento. A partir de sua visão de linguagem, Bakhtin e os estudiosos do Círculo acreditam que o indivíduo deve reconstruir sua própria história por meio da interação com os outros diante de uma realidade específica, para a ressignificar a forma de interpretar a realidade, sem mais direcionar para identidade estanque, mas múltipla e fluída.

Apresentaremos na seção subsequente as noções bakhtinianas com as quais daremos embasamento teórico em nossa investigação das diferentes vozes ecoadas no enunciado vencedor de memórias literárias. Utilizaremos a noção bakhtinianas de discurso bivocal a fim de investigar as vozes presentes no enunciado produzido.

2.4 DISCURSO BIVOCAL E RELAÇÕES DIALÓGICAS

No livro *Problemas da poética de Dostoiévski*, Paulo Bezerra assinala, no prefácio, em tradução para nossa língua, “[...] a representação das personagens é, acima de tudo, a representação de suas consciências plurais” (Bezerra, 2015, p. 10). Nos romances de *Dostoiévski*, como destaca Bakhtin existe um “[...] extraordinário dom artístico de ver tudo em coexistência e interação” (Bakhtin, 2015, p. 34).

Segundo Barbosa (2021), nessa nova estruturação do romance, as personagens não estarão sujeitas à pura objetificação, sejam elas de outro interlocutor ou do próprio autor, já que ele não é o dono irrestrito de suas vozes. Essas possuem autonomia e liberdade em suas obras, e não representam uma única existência fechada, mas indivíduos produzidos pela interação de várias consciências, ou seja, personagens dotados de um universo de valores, e mantêm diferentes relações interativas e, conforme Bezerra (2015), usam suas vozes para preencher o vazio evasivo deixado pelo interlocutor. Nesse sentido, em Dostoiévski, “[...] o herói não é um ‘ele’ nem um ‘eu’, mas um ‘tu’ plenivalente [...], sujeito de um tratamento dialógico profundamente sério, presente, não retoricamente simulado ou literariamente convencional” (Bakhtin, 2015, p. 71).

Como afirma Bakhtin, tais considerações só são possíveis analisando essas consciências alheias por meio de relações dialógicas, que, embora também exijam relações semânticas lógicas e concretas para se desenvolverem, pertencem a outro domínio, o domínio do discurso caracteriza-se por um fenômeno mais do que a relação entre réplicas de diálogos. Bakhtin (2015) aponta que esse fenômeno é quase universal, e permeia todas as linguagens

humanas e todas as organizações da vida humana.

Dostoiévski teve a habilidade de escutar relações dialógicas em todos os lugares, em todas as demonstrações da vida humana racional e consciente (Bakhtin, 2015). Portanto, no contexto dialógico constituído nas narrativas de Dostoiévski, “A ideia do autor do herói é a ideia de discurso, e até a discussão do autor sobre o herói também é sobre discurso” (Bakhtin, 2015, p. 73). No entanto, se pensamos que as palavras precisam da vitalidade do discurso, para poderem existir, só podemos versar de relações dialógicas situadas entre os sujeitos (Barbosa, 2021). Para isto, elas “Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem” (Bakhtin, 2015, p. 209).

Após adentrar no âmbito do discurso a que se vinculam os enunciados, a palavra ganha outras acentuações e, da mesma forma, ganha autor e torna-se possível não apenas entre enunciações completas, estilos de linguagem, como também entre “[...] qualquer parte significante do enunciado” (Bakhtin, 2015, p. 209), quando ouvimos a (s) voz (es) de outros nele.

Segundo Bakhtin (2015), o estabelecimento desse novo modelo de compreender o discurso significa que a análise metalinguística toma como principal objeto de pesquisa o discurso bivocal, que surge de maneira inevitável “sob as condições da vida autêntica da palavra” (Bakhtin, 2015, p. 209). Além disso, em sua formulação concreta, a palavra tem uma dupla orientação, ou seja, ela se volta ora para o objeto do discurso, como a palavra corriqueira, ora para outra palavra, a fala do outro (Bakhtin, 2015). Ao lidar com essa sobreposição constitutiva de discursos, Bakhtin (2015) também aponta que nossos discursos reais vividos também são preenchidos pelos de outros, alguns dos quais até conseguimos difundir suficientemente nossas próprias vozes, esquecendo a quem pertencem. Com as outras, no que lhe toca, “[...] reforçamos nossas próprias palavras, aceitando-as como autorizadas por nós; por último, revestimos terceiras das nossas próprias intenções, que são estranhas e hostis a elas” (Bakhtin, 2015, p. 223).

Dessa forma, podemos compreender que o uso de palavras bivocais ocorre também no uso cotidiano da linguagem, principalmente na troca de diálogos, pois, ao repetirmos a palavra de nosso interlocutor, o fazemos acrescentando nosso próprio tom ao enunciado, fazemos isso no uso cotidiano da linguagem que pode ser carregada de indignação, dúvida, ironia, zombaria, entre outras. (Bakhtin, 2015). Isso significa que as palavras de outras pessoas (ou palavras de outras pessoas) introduzidas em nosso discurso recebem novas inflexões, sem dúvida são cobertas por algo novo, nossa compreensão e avaliação, ou seja, tornam-se ambíguos (Bakhtin,

2015).

Em relação à categorização do discurso bivocal, Bakhtin (2015) afirma haver um esquema através do qual se diferenciam as diferentes categorias de discurso bivocal: o de direção única, de direção vária e o do tipo ativo. Em relação ao de direção única, Bakhtin (2015) atribui a definição como sendo aquele em que existe a união das vozes do autor com a do outro, assim como ocorre em alguns tipos de narrativa, de estilo e no discurso não objetificado das ideologias do autor para citar um exemplo (Barbosa, 2021). Por sua vez, o discurso bivocal de direção vária é assinalado pela “[...] redução no grau de concretude e ativação da ideia do outro, a qual torna-se internamente dialógica e tende para a decomposição em dois discursos” (Bakhtin, 2015, p.228); nesta categoria, além disso, o diálogo entre as vozes ser mais compreensível do que no primeiro tipo, a palavra do outro pode ser embrenhada por diversas tonalidades axiológicas (Barbosa, 2021)..

Quanto ao discurso bivocal caracterizado como ativo, o foco está voltado, mais do que para a própria palavra, para o diálogo com a voz do outro (Barbosa, 2021), uma vez que, nesse caso, o discurso do alheio influi do exterior para o interior do indivíduo; são formas possíveis em suma diversas de interligação com as palavras do outro e diversos graus de sua influência disforme (Bakhtin, 2015), neste sentido Barbosa (2021), em seus estudos sobre a obra do autor russo, cita o caso da réplica do diálogo velado e polêmica interna velada. A respeito disso, por ocasião da análise dos romances de Dostoiévski, Bakhtin (2015) enfatiza que, não obstante, da dificuldade, muitas vezes, em delimitar em casos concretos do uso da linguagem as fronteiras entre as duas vertentes, como suas distinções de significado são significativos e valem ser salientadas.

Ainda sobre o discurso bivocal, Bakhtin (2015) discute a concepção da polêmica aberta e velada. O autor russo afirma que a polêmica aberta “[...] está simplesmente orientada para o discurso refutável do outro, que é o seu objeto” (Bakhtin, 2015, p. 224), isto é, o autor recorre à palavra do alheia para contradizê-la, interpelá-la e contestá-la. A polêmica velada “[...] está orientada para um objeto habitual, nomeando-o, representando-o, enunciando-o, e só indiretamente ataca o discurso do outro, entrando em conflito com ele como que no próprio objeto” (Bakhtin, 2015, p. 224). Logo, na polêmica velada o discurso alheio não está colocado de modo explícito, mas implícito pelo discurso do autor.

O autor russo aponta ainda que “Análoga à polêmica velada é a réplica de qualquer diálogo dotado de essência e profundidade” (Bakhtin, 2015, p. 255). A palavra no diálogo, como visto aqui, está orientada para o objeto e reage, ao mesmo tempo, fortemente à palavra alheia, retribuindo-lhe e precipitando-a (Bakhtin, 2015). É como se o discurso agrupasse,

aspirasse “as réplicas do outro, reelaborando-as intensamente” (Bakhtin, 2015, p. 225).

Apesar desses potenciais de reflexão, vale ressaltar as ressalvas de Bakhtin às categorias acima. O estudioso adverte que, sem perder de vista a importância dessa classificação, devemos entender que a palavra enunciada concretamente pode apresentar diversos tipos e modalidades de discurso bivocal, pois na comunicação dialógica mantém seu caráter dinâmico e vívido.

As considerações a respeito do discurso bivocal brevemente apresentadas serão relevantes para discutirmos sobre as vozes presentes no enunciado de memórias que analisamos adiante, ponderando que, após os estudos de Bakhtin (2015) a respeito da obra de Dostoiévski, apreendemos que a palavra não se contenta a uma voz única, a uma consciência, já que a sua vida incide na passagem de uma boca para outra, de um grupo social para outro, de uma situação para outra, de uma geração para outra geração (Bakhtin, 2015). Com isso podemos dizer que apesar dos pressupostos elaborados pelo autor estarem alinhados à análise dos romances de Dostoiévski, o discurso bivocal e as relações dialógicas são fenômenos inerentes aos discursos, realizados nas mais diversas esferas da atividade humana e situações de comunicação.

Creemos que alunos/autores são seres sociais, que trazem as suas visões de mundo, carregadas de ideologias. Por essa razão, entendemos que os seus discursos se caracterizam por meio de diálogo constante de diferentes vozes, com as quais tiveram convívio, provavelmente veiculando a realidade tratada.

Assim, para o Círculo, compreender a linguagem significa compreender uma parte do homem e da sociedade por ser o eixo primário de tensão que mantém a dinâmica dos signos ideológicos, pois o material semiótico é permeado de vozes sociais. Segundo Brait (2016), na perspectiva dialógica, o enunciado ganha existência e coerência, se dá no confronto de duas consciências, pelo menos dois interlocutores, combinados com discursos históricos, culturais e socialmente situados. O texto entendido como enunciado concreto e contextual deve ser compreendido primordialmente pelos quatro elementos que o tornam único diante de sua posição na cadeia interativa:

- (a) a carga de valores, a posição diante do mundo por ele representada, tecida pelos discursos sociais, culturais que o atravessam, que deles emanam e que o configuram como arena discursiva;
- (b) a autoria deve ser entendida como individual ou coletiva, independente, de a assinatura estar explícita ou não, pois decorre da posição enunciativa e discursiva que dá voz ao texto e nele se concretiza e se realiza;
- (c) o destinatário, que participa ativamente da construção dos sentidos, a cada encontro em que ocupa os espaços deixados pelo texto para respostas e diálogos (polêmicos ou não...);

(d) as relações dialógicas, que não estão prontas e finalizadas em cada texto, mas que são necessariamente recuperadas e/ou estabelecidas a partir do encontro entre enunciado e seus interlocutores, em diferentes situações, contextos históricos, culturais e discursivos (Brait, 2016, p. 17).

Nesse sentido, a grande contribuição do Círculo de Bakhtin para o estudo da língua via enunciado, sob a ótica da interação verbal, é refletir sobre a linguagem de forma mais vasta, que não reduz à língua como sistema de regras e códigos, todavia, evidencia que entre o locutor (eu) e o interlocutor (tu) há um jogo que envolve a dialogia nas palavras, nos usos linguísticos nos enunciados, arquitetados em gêneros discursivos. Deste modo, não há como reduzir o estudo do estilo de linguagem de um gênero discursivo como as memórias literárias aos pressupostos teóricos da estilística tradicional limitada, somente, à constituição linguístico-textual, como entidade livre de qualquer reflexão e refração sócio-ideológica, isto é, situado, somente, na estrutura imanente da palavra e do texto. De tal modo, na perspectiva do Círculo de Bakhtin, o aspecto interacional da língua somente pode ser analisado em funcionamento nos gêneros discursivos, sobre os quais passamos a discorrer na subseção seguinte.

2.4 A QUESTÃO DOS GÊNEROS DO DISCURSO: PERSPECTIVA DIALÓGICA

Em relação ao conjunto dos pressupostos teórico-metodológicos cunhados pelos estudiosos do Círculo bakhtiniano, podemos dizer que, no Brasil, um dos termos mais recursivos, nos estudos linguísticos, é o de gêneros do discurso ou discursivo. Faraco postula que após a reforma da educação brasileira, em 1996, chegamos à utilização “inflacionada” dos gêneros discursivos, a partir de “certa cristalização do conceito em sua transposição pedagógica” (Faraco, 2003, p. 22).

Trata-se de um pressuposto, inclusive mencionado nos documentos oficiais, que objetiva o ensino de línguas (nativas e estrangeiras), partindo do fato de que os professores utilizem diferentes gêneros discursivos como guias para a prática docente. Em nosso entendimento, embora os conceitos de gênero sejam muito relevantes para se pensar a pesquisa e o ensino de línguas, o atrito associado aos conceitos de gênero muitas vezes está associado a métodos que os reduzem a aspectos estritamente textuais, ou seja, aplicam-se apenas aos elementos linguísticos de sua constituição, desconsiderando, assim, as inter-relações constitucionais fundamentais desses importantes elementos com a questão discursiva (Barbosa; Di Fanti, 2020).

Além disso, os leitores, muitas vezes, não estão familiarizados com o ensaio *Os gêneros do discurso* de 1952–1953 de Bakhtin (2016). Isso se deve ao fato de que muitos leitores

desconhecem outras reflexões básicas ocorridas nas reuniões do Círculo de Bakhtin que servem de base para a compreensão de suas afirmações posteriores à década de 1950. Essas afirmações ajudam a reduzir a maneira como as pessoas percebem o postulado dos gêneros. Sendo assim, existe um desafio significativo de se conhecer as obras de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev, elaborados durante às reuniões do Círculo, nas quais estão as origens das postulações seguintes de Bakhtin, que estabelecem a dimensão o potencial de estudar e ensinar a linguagem por meio da noção de gêneros (Barbosa; Di Fanti, 2020).

Outro problema observado por Barbosa e Di Fanti (2020) diz respeito ao docente, que busca possíveis formas de transmissão didática e tenta seguir as orientações oficiais, mas não as encontra, pois, a estrutura das reflexões não visa o ensino. Desse ponto de vista, trabalhar com a língua, principalmente com a Língua Portuguesa enquanto língua materna, é uma tarefa difícil para os professores porque, por um lado, eles lidam com a necessidade de administrar os diferentes conteúdos que lhes são propostos conforme as diretrizes institucionais, que devem ser seguidas e vencidas em um curto período. Por outro lado, deve também gerir o conflito entre a metalinguagem que transmite aos alunos e as questões estilísticas relacionadas com os processos de significação da língua, tentando encontrar o equilíbrio imperativo entre os dois aspectos.

Com base nessas questões e na consciência da relevância da teoria dialógica nos estudos linguísticos, nesta subseção visamos discutir o conceito de gêneros do discurso, muito conhecido no Brasil, no entanto, ainda necessita, segundo Barbosa e Di Fanti (2020), de um trabalho que explore alguns dos mais importantes aspectos norteadores desse postulado, considerando a produção do Círculo, junto e em diálogo com a posterior escrita individual de Bakhtin. A abordagem trazida nesta dissertação considera o importante diálogo entre os autores do Círculo e suas obras e o (re)conhecimento de questões relevantes para a compreensão dos gêneros discursivos.

A enunciação, segundo Volóchinov (2017), é um fenômeno social entre interlocutores, uma vez que a linguagem realmente só existe em lugares onde há comunicação, interação social e diálogo, e esse espaço de interação social é um espaço de expressão privilegiado. Para Bakhtin (2016), todas as áreas da atividade humana estão relacionadas ao uso da linguagem pelos humanos na sociedade. Esses usos são numerosos e se caracterizam pela diversidade de recursos linguísticos, assim como as esferas sociais nas quais os sujeitos atuam com a linguagem. Isso não é contra a nacionalidade de uma língua, pois ela não é constituída pela homogeneidade abstrata, mas pela heterogeneidade dos símbolos sociais que a reificam entre as pessoas, na perspectiva dos símbolos sociais em uma perspectiva discursiva, autêntica e viva, pois “emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos,

proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana” (Bakhtin, 2016, p. 11).

Esses discursos refletem o ambiente de produção particular e o propósito interno. Um campo de comunicação linguística não se deve apenas ao seu tema e estilo linguístico, mas sim à escolha dos recursos léxico-gramaticais da língua, mas principalmente à sua forma constitutiva. Os três elementos estão indissociavelmente integrados na composição do discurso, diretamente motivados pela especificidade de uma determinada área das relações interpessoais, uma vez que “evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso” (Bakhtin, 2016, p. 12). Desse modo, para Bakhtin (2003) e Volóchinov (2017), a interação linguística constitui a realidade básica da linguagem, que se materializa ou se forma no tipo de gêneros discursivos. Bakhtin (2003) alega que para o campo da linguagem real, o reconhecimento do gênero é essencial, pois todas as situações de comunicação só podem ser efetivadas por meio de discursos concretos corporificados em gêneros discursivos.

Cabe aqui destacar que Bakhtin não inventou o conceito de gênero. Aliás, Marcuschi (2008, p. 147) diz que “o estudo dos gêneros não é novo, mas está na moda”, explicando que seria flagrantemente ingênuo historicamente imaginar que foi nas últimas décadas do século XX que se desvendou e começou a pesquisar sobre os gêneros discursivos, uma vez que os gêneros são estudados desde a Antiguidade Clássica na literatura. Faraco afirma que as pesquisas anteriores a Bakhtin “privilegiavam as formas em si e chegavam a operar normativamente sobre sua reificação” (Faraco, 2003, p. 112). No entanto, a partir de *Os gêneros do discurso* (2016), Bakhtin propõe uma reflexão inovadora para os gêneros do discurso, quando discute a noção de enunciado em relação às práticas humanas sociais.

Bakhtin (2016) destaca que, no caso das interações discursivas, os tipos de discurso são infinitos, porque são diversos, estão ligados à continuidade, à dinâmica constante da atividade humana, porque o sujeito está nela. O domínio da interação social produz um conjunto de enunciados reformulados à medida que a sociedade complexa de seu domínio evolui. Os tipos de enunciado estão sempre associados ao contexto em que eles são produzidos. Deste modo, Rodrigues (2004), ao estudar a obra de Bakhtin, afirma que o enunciado individual é constituído por duas dimensões indissociáveis: a linguística textual e a social, esses gêneros estão inter-relacionados com situações específicas de interação linguística, inseridas no âmbito social, têm um propósito iluminador e apresentam conceitos próprios.

A heterogeneidade do gênero inclui respostas a reações habituais, pois os enunciados

sustentados por ideologias cotidianas também são complexos em termos de temas, contextos comunicativos e composição de temas interativos. Ao nosso ver, o locutor reflete e refrata elementos textuais do discurso. Nesse sentido, a eleição dos recursos expressivos da linguagem sempre traz nuances ideológicas na classe social em que aqueles que interagem estão inseridos, bem como nuances ideológicas em gêneros institucionalizados de propaganda, ciência, economia, política, literatura, entre outros.

A complexidade da linguagem, ou seja, o caráter específico de cada gênero discursivo, carregado de aspectos sociais, históricos, dialógicos e ideológicos, materializa a valiosa posição dos sujeitos/falantes como resultado das relações humanas com a vida, isto é, suas atitudes como pessoas sociais, portanto, a substância real da linguagem se constitui em interações verbais, concretizadas a partir de enunciados. Para os estudiosos do Círculo de Bakhtin, os gêneros discursivos são atos históricos e sociais que expressam o movimento intermitente das ações dos sujeitos, suscetíveis de mudar o contexto em que são proferidos. É, deste modo, o uso dos gêneros discursivos nas interações entre os sujeitos que determina sua existência. Enunciados concretos, criados em diversas situações de interação verbal, influenciam a constituição dos discursos, ou seja, a seleção dos enunciados pelos falantes, pois os especificam consoante as situações de uso. Os gêneros são determinantes na escolha do discurso.

Para Bakhtin (2016), o conceito de locutor de um tipo específico de gênero discursivo orienta sua própria fala. Logo, de acordo com essa visão, só podemos dizer que um enunciado constrói sentidos apenas quando é entendido como um discurso, como uma ação com a linguagem de outra pessoa em determinada situação interativa. Isso implica no enunciado do sujeito como uma reação ao dizer de outro indivíduo, uma vez que segundo Bakhtin (2016), sem conexões prévias e posteriores presentes nos enunciados, é impossível compreender o gênero ou estilo de linguagem inerente ao discurso.

Outra particularidade do gênero do discurso, segundo Bakhtin, é a “conclusão específica do discurso” (2016, p. 35), que se caracteriza pela singularidade inerente às alternâncias temáticas no discurso, ao revelar posições sobre um tema. Desse modo, Volóchinov (2019) afirma que palavras e frases em si não expressam ações comunicativas, não provocam uma resposta do interlocutor, pois a partir do contexto de seu uso real, elas apenas levam a conclusões abstratas e não têm significado em orações somente. O significado é adquirido quando se torna um enunciado no contexto do discurso e se correlaciona com as intenções de um determinado falante, dependendo do interlocutor que determina esse gênero de discurso.

A especificidade dos recursos linguísticos na perspectiva do diálogo pode ser exemplificada por obras escritas no gênero da memória literária, pois os alunos autores, ao

entrarem em contato com os entrevistados (ex-moradores da comunidade em que vivem), ficam sabendo que eventos marcantes foram vividos pela contabilidade no passado. Nesse sentido, para recontá-los a partir da linguagem escrita, eles são povoados de recursos expressivos da linguagem, têm efeito de sentido pretendido específico para novas situações expressivas, têm nuances ideológicas únicas que os vislumbram como inerentes à reivindicação do outro, ou seja, o estilo de linguagem utilizado adquire nova força e expressividade do aluno.

Com esse propósito, ao contarem fatos passados da vida de seu interlocutor/entrevistado, os alunos/autores movimentam recursos da língua que atraem o interlocutor a embrenhar-se “no jogo discursivo, ao transportarem-no ao tempo e o lugar que dão alicerce à narrativa oral contada” (Gomes, 2021, p. 100) pelo sujeito entrevistado, além de também selecionarem recursos linguístico-enunciativos de acordo às particularidades do gênero memórias literárias. Logo, não há como imaginar a composição dos gêneros discursivos excluídos da narrativa, ao retirá-los do processo de construção social e humana, ao renegá-lo de seu aporte de interação verbal, a qual estão arraigados na concepção dialógica da linguagem, já que nos gêneros é exequível, segundo Alves, “compreender a linguagem em processo e seu funcionamento no mundo da vida” (Alves, 2016, p. 164).

Sendo assim, para Bakhtin, é essa plena realização do discurso que desencadeia a ação responsiva do interlocutor, baseada em três fatores intimamente relacionados na geração do gênero discursivo: pelo falante ou pelo discurso escrito: “1) exauribilidade semântico-objetual; 2) o projeto de discurso ou vontade de discurso do falante; 3) as formas típicas da composição e do acabamento do gênero” (Bakhtin, 2016, p. 36). Em outras palavras, o que é importante para uma adequada compreensão de um gênero do discurso é aprender que este deve ser considerado em sua totalidade, assim como o contexto em que foi desenvolvido, tanto no momento de sua criação quanto agora em nosso próprio mundo, uma vez que todos esses fatores afetarão como a entendemos hoje e como o vivenciamos em seu contexto atual.

A intenção discursiva do autor, enraizada na individualidade e subjetividade do locutor, com todas as suas nuances expressivas e originais, é adequada ao gênero discursivo escolhido para que ele se constitua e evolua no formato de um determinado gênero, pois nos comunicamos apenas por meio de certos gêneros de discurso e não por meio de frases isoladas. E por termos tantos gêneros em nossa sociedade, sabemos usá-los todos os dias, na prática, com segurança e até com alguma habilidade, mesmo sem perceber que estamos lidando com eles. Portanto,

[...] nós falamos por gêneros diversos sem suspeitar de sua existência. Até mesmo no bate-papo mais descontraído e livre moldamos o nosso discurso por

certas formas de gênero, às vezes padronizadas e estereotipadas, às vezes mais flexíveis, plásticas e criativas (a comunicação cotidiana também dispõe de gêneros criativos) (Bakhtin, 2016, p. 38).

Os gêneros discursivos circulam livremente em nosso meio social, assimilados por nós. Não se domina a língua materna estudando vocabulário, formas e funções gramaticais estagnadas, mas por declarações vivas. Sob a lente da conversação, assimilamos os aspectos formais da linguagem apenas como são usados nos gêneros discursivos e somente por esse aspecto sociológico, já que “as formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência juntas e estritamente descoladas” (Bakhtin, 2016, p. 39).

Assim, quando aprendemos a falar nossa língua nativa, quando produzimos enunciados, nos dirigimos a alguém apenas por gênero e não por orações que nada têm a ver com uso intencional, nem falamos ao interlocutor em sentido amplo a partir de palavras solitárias que não possuem avaliação social. De acordo Bakhtin (2016), os gêneros organizam nosso discurso quase da mesma forma que organizam a função sintática de nossa língua materna, à medida que aprendemos a escrever nossos discursos em formato de gênero e, ouvindo os outros, podemos compreender seu tipo corporificado através de seu signo ideológico preliminar. Conhecemos também o volume do desenvolvimento da fala, sua composição textual, e até prevemos seu conteúdo conclusivo, isto é, “desde o início temos a sensação do conjunto do discurso, que, em seguida, apenas se diferencia do processo da fala” (Bakhtin, 2016, p. 39).

Na perspectiva do dialogismo, as formas de gênero disponíveis para a materialização dos enunciados diferem das formas de linguagem como sistema fechado, uma vez que não são estagnadas, compulsórias, baseadas em forças centrípetas que lutam pela homogeneidade das vozes sociais e consideram apenas a linguística variante de prestígio social determinados por gramáticas normativas. No entanto, são relativamente estáveis porque são dinâmicos, não são eternos, são flexíveis porque se adaptam à evolução da sociedade. Nesse processo de estruturação social e humana, os gêneros do discurso variam muito por causa dessa complexidade, como defende Bakhtin (2016):

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade. Cabe salientar em especial a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos) (Bakhtin, 2016, p. 11).

Sendo assim, “jamais se deve minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e a dificuldade daí advinda de definir a natureza geral do enunciado” (Bakhtin, 2016, p. 15). O enunciado está relacionado ao tempo e às condições sociais que o caracterizam, “cada época e cada grupo social possui o seu próprio repertório de formas discursivas da comunicação ideológica [...]” (Volóchinov, 2017, p. 109). Do mesmo modo, Bakhtin (2016) postula que “os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e história da linguagem” (Bakhtin, 2016, p. 20). Os estudiosos do Círculo apontam que há uma relação inseparável entre linguagem e sociedade, apontando que os gêneros são heterogêneos, dinâmicos e responsivos às necessidades dos sujeitos e de suas diversas interações sociais, enquanto determinados gêneros podem se tornar obsoletos, perder sua função principal e/ou se destacar sob certas condições, ou são criados e recriados conforme as mudanças dinâmicas da sociedade.

Assim, frente a essas pressuposições de Bakhtin (2016), pode-se asseverar que os gêneros são dinâmicos, fluindo um do outro; circulam na sociedade nos mais diversos contextos e lugares; desempenham funções sociocognitivas e lidam de modo mais estável com as relações humanas no campo da linguagem. Com relação ao curso dos gêneros no ambiente social, percebe-se que, por meio destes, é possível entender melhor o funcionamento da sociedade, uma vez os gêneros são indicantes de relações e de hierarquização de poder.

Feita a diferenciação entre os dois campos da criação ideológica, Bakhtin (2016) compreende os gêneros como primários ou do cotidiano e secundários ou de sistemas ideológicos constituídos:

Aqui é de especial importância atentar para a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos) – não se trata de uma diferença funcional. Os gêneros discursivos secundários (romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) ficcional, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata (Bakhtin, 2016, p. 15).

Portanto, nenhuma classificação fechada foi proposta para os diferentes gêneros que se reproduzem cotidianamente na sociedade, mas são conceituados como gêneros primários (cotidianos) e secundários (complexos). As diferenças são defendidas como fundamentalmente importantes e “que não se configura como funcional explicitamente” (Gomes, 2021, p. 103).

Segundo Bakhtin (2016), os gêneros primários são enunciados que desenvolvem, nas

interações verbais mais simples do cotidiano, uma linguagem direta, já que tem enfoque no imediatismo da interação baseada em ideologias cotidianas. Peculiaridades que os diferenciam dos gêneros secundários, considerados complexos, por fazerem parte das ideologias oficiais das diferentes atividades humanas (jornalístico, político, etc.), e por apresentarem uma linguagem muito complexa exigida pela esfera da atividade social em que se encaixa.

Bakhtin (2016) afirma que a diferenciação entre gêneros primários e secundários é extremamente importante para assinalar a natureza de um gênero discursivo, já que é necessário analisar as inter-relações entre estes gêneros, bem como seu processo histórico de constituição, que absorvem e redesenham o simples, transformando-o em complexos à medida que os eles evoluem, se transformam, dão à luz ou desaparecem, absorvidas por outros gêneros discursivos adaptados às esferas específicas da atividade humana. Essa afirmativa enfatiza a relação inseparável entre linguagem e sociedade, apontando que os gêneros são heterogêneos, dinâmicos e responsivos às necessidades dos sujeitos e de suas diversas interações sociais. Enquanto determinados gêneros podem se tornar obsoletos, perder sua função principal e/ou se destacar sob certas condições, ou são criados e recriados consoante as mudanças dinâmicas da sociedade. Em consonância com Bakhtin (2016), Volóchinov diz que “cada época e cada grupo social possui o seu próprio repertório de formas discursivas da comunicação ideológica [...]” (Volóchinov, 2017, p. 109).

Bakhtin (2016) afirma que, ao estudar a natureza de um gênero discursivo e suas possíveis distintas formas de expressão nas diversas esferas da atividade humana, é necessário para qualquer estudo de linguística e filologia, pois todo estudo em que se investiga uma materialidade linguística concreta aborda-se diante de enunciados orais e escritos específicos, como o gênero da entrevista, as memórias literárias entre outros. Se não se conhece a natureza e as peculiaridades dos mais diversos gêneros do discurso “em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida” (Bakhtin, 2016, p. 16).

Por esse ângulo, ao estudarmos um enunciado concreto significa tratá-lo como um tipo de discurso tão específico quanto qualquer outro gênero, relacionado ao campo da interação discursiva e do uso da linguagem. Assim, sob o preceito de Bakhtin (2016), é baseado no comportamento linguístico produzido em um domínio característico, dotado de características próprias, precipitado nos três elementos constitutivos do enunciado, o conteúdo temático é determinado pelo falante em um dado. No tempo e no espaço, além do estilo da linguagem, há também a estrutura composicional. Os elementos que compõem inseparavelmente todo o discurso faz dele um tipo válido como gênero do discurso.

No tocante ao conteúdo temático, não deve ser confundido com assunto, já que o conteúdo é a respeito do que se diz em um certo gênero discursivo, já o tema é o conteúdo ideológico instituído por duas características: a vocal e a extraverbal, isto é, o que foi mencionado. O conteúdo temático, deste modo, é concretizado na interação verbal, nas relações concretas e nas experiências de vida, com embasamento em um ambiente real de enunciação, mediado por reflexões e refrações histórico-cultural-sociais. O tema, de acordo a Bakhtin (2016), apenas se torna concreto em condições comunicativas efetivas de uso, nos quais os interlocutores são reais, uma vez que a língua não é unicamente abstrata, centralizada no caráter unívoco da linguística, no entanto, heterodiscursiva, pois nela há o entrecruzamento de diferentes vozes sociais que são estratificadas ideologicamente, por ser intersubjetiva, dialogizada e tensionada constantemente.

Os sentidos dos recursos linguísticos coletados em gramáticas e dicionários, cristalizados em uma cadeia linguística, titulamos de significação, na linha das palavras de Volóchinov (2017), definido pelo contexto específico de interação verbal que constitui o tema. Para ele, pelo sentido ser sempre único e determinado com uma significação especial, transfere essa singularidade para cada gênero discursivo *como uma totalidade*. Assim, o sentido deste acabamento transitório do enunciado é denominado de tema. Por conseguinte, o conteúdo temático também é único, ao ser característico de todos os gêneros discursivos. Logo, não haveria base para analisar sua originalidade autoral se essa inovação não ocorresse, uma vez que “em sua essência, o tema deste é individual e irrepitível como o próprio enunciado. Ele expressa a situação histórica completa que gerou o enunciado” (Volóchinov, 2017, p. 228), quer dizer, o conteúdo temático é o centro ordenador de todo enunciado.

Nesse sentido, Volóchinov (2017) explica que o estudo do gênero discursivo não pode se limitar apenas à análise da dimensão social, do contexto original e histórico dos enunciados e seus respectivos tópicos, pois não seríamos mais “bons dialéticos” (Volóchinov, 2017, p. 228), pois com o tema, dentro dele, cada enunciação tem um significado, “aqueles aspectos do enunciado que são repetíveis e idênticos a si mesmos em todas as ocorrências” (Volóchinov, 2017, p. 228). No entanto, o teórico do Círculo enfatiza que esses aspectos verbais solitários e abstratos da superfície de um texto não têm existência concreta e autônoma, mas são aspectos essenciais, indivisíveis e acompanhantes do gênero discursivo.

A associação entre o linguístico e o significado só é realizável no dialogismo porquanto está arrolada estritamente às condições existenciais dos sujeitos que enunciam, da função social que ocupam nas esferas da atividade humana, dado que a linguagem é o elo para a realização concreta dos rastros de nuances simbólicas, ideológicas e interindividuais deixadas no

enunciado do gênero discursivo. O tema, dessa maneira, está correlacionado com o que os teóricos do Círculo de Bakhtin descrevem como excedente de visão de cada indivíduo ligado à forma própria que os autores valorizam e personalizam um evento enunciativo. Então, a composição do conteúdo temático de um gênero discursivo depende, apenas, do excedente de visão de cada sujeito que ocupa um lugar no mundo de forma privada e que o transporta ao enunciado enquanto locutor. É nessa direção que o Círculo alega que a vinculação do tema com a enunciação é o que jamais o torna reiterável.

Em relação ao o tema, pode-se dizer que a conjuntura de interação discursiva que o concatena à vida real nunca será repetida. Por esse motivo, o tema, conteúdo ideológico, permeado pelas avaliações dos valores deixados na materialidade do enunciado concreto, pelas entoações significativas ligadas à esfera da atividade humana à qual o gênero pertence, dispõe, em todo gênero discursivo, uma tonalidade valorativa distinta, e materializa-se como um evento original, criador da comunicação interativa, na qual foi produzido, com o propósito de que seja entendido e interpretado, sem que se rompa a sua conexão com a realidade (Bakhtin, 2016).

Deste modo, a totalidade dos recursos linguísticos utilizados nos enunciados observados apenas através viés pragmático, são, apenas, mecanismos estruturais da língua, tão somente significações reduplicadas isoladas para apreciações formais. No entanto, o tema, ainda que dependa desse material linguístico escolhido pelo sujeito, para que se revele no gênero, ancora-se da mesma forma nos elementos extratextuais, uma vez que, conforme de Sobral e Giacomelli, “a linguagem e a sociedade estão intimamente ligadas. A linguagem serve à constituição simbólica da sociedade, e os sentidos linguísticos são determinados na e pela sociedade, em cujo âmbito ocorrem os discursos, que se apropriam da língua” (Sobral; Giacomelli, 2016. p. 147).

Assim, no que diz respeito ao primeiro elemento constitutivo do gênero discursivo, o conteúdo temático, vemos que cada esfera social tem sua própria relação especial com a realidade, com os objetos de discursos específicos, como sua função sócio-histórica-ideológica inata. Como sabemos, os objetos do mundo são inesgotáveis quando se tornam sujeitos de determinado gênero discursivo, têm um sentido específico, peculiar, ou caráter pleno, dependendo das condições determinantes de produção, numa abordagem característica de um problema em determinado material, na intenção e intencionalidade enunciativa do sujeito-autor (orador-produtor) do discurso. Deste modo, todos os gêneros do discurso não são indiferentes às características de sua esfera. Portanto, cada gênero tem um conteúdo temático específico, ou domínio de sentido, que trata do gênero, ou melhor, de seu sujeito discursivo, de sua orientação de sentido para ele. Assim sendo, o tema, de natureza semântica, concretiza a

relação entre o enunciado e seu gênero, e os objetos do discurso e seu sentido.

De tal modo, enquanto o tema principal do concurso de textos é único para os alunos participantes, os temas auxiliares lançados para a produção de memórias literárias não são os mesmos, pois os fatos e lugares inesquecíveis que contam a história da comunidade e a vida dos interlocutores, ou seja, esses objetos do mundo são apenas temporários, pois cada aluno, como sujeito sócio-histórico-cultural, os distingue de acordo com sua perspectiva de vida impregnada de juízos de valor.

No que se refere à estrutura composicional do gênero discursivo, é o complemento textual de um enunciado específico, sua organização em parágrafos, é uma forma escrita do gênero discursivo em determinado meio, é a organização estrutural do enunciado, ou seja, a partir do qual os recursos linguístico-enunciativos são selecionados para o intuito discursivo do sujeito/autor, porque o estilo verbal do enunciado está indissociavelmente ligado à unidade composicional do gênero discursivo.

No entanto, a unidade ou estrutura composicional do gênero discursivo não pode ser de maneira banal reduzida à análise da materialidade textual, pois a forma, o modelo, mobilizado para o enunciado do sujeito/autor, não produz sentido isoladamente. A forma composicional isolada não é uma palavra viva, não é um enunciado, já que é precipitada da dimensão assumida, ou seja, das axiologias sociais, não produz significados, não tem tema, pois sob a influência de uma atitude dialógica, cada discurso especificado em uma estrutura composicional selecionada pelo autor-criador “é célula viva do falar, tem sempre a ver com a palavra outra, porque é escuta e se realiza na escuta, responde e pede uma resposta” (Ponzio, 2011, p. 7).

Em vista disso, se eliminarmos a unidade composicional do gênero do contexto extratextual ativado pelo emissor para comunicar, deixamos de construir possíveis interpretações e compreensões que o enunciado gerado exige do ouvinte/leitor. O ato enunciativo é a unidade básica do gênero, de modo que a forma composicional é percebida não apenas como um plano significativo de tipologia textual repetitiva e cristalizada na linguagem, como descritiva, narrativa, etc, mas como um plano inflamatório de significados, ao carregar uma situação de interação peculiar entre interlocutores socialmente organizados, impulsionando a leitura do implícito, com as marcas dos tons avaliativos. Dessa forma, a estrutura composicional concebida inerente ao tema proposto pelo enunciador expressa significados e solicita uma compreensão ativa e responsiva.

A forma composicional dos gêneros discursivos não se ancora em uma marcação estruturalista, segundo a qual analisamos apenas as partes constituintes de um enunciado — introdução, desenvolvimento e finalização, excluindo da unidade formal “a especificidade do

material ideológico sgnico” (Volóchinov, 2017, p. 104). Se omitirmos esse aspecto de estudar enunciados concretos, desprezamos o contduo axiológico que permeia a vida humana em sociedade, ou seja, o que só podemos ver e ouvir na superfície do texto do ponto de vista da estrutura. Tal visão reducionista do enunciado é impossível na teoria dialógica, pois o repertório social do emissor e do interlocutor não  constituído apenas pela materialidade linguística. O material verbal não é apenas composto de recursos lexico gramticais da língua, entendida como sistema formal, mas também signos ideológicos, e por refletirem e refratarem as posições avaliativas de diversas esferas da atividade humana, são eleitos pelo falante a partir da rede linguística, não como meros elementos estticos da língua, mas como significados que se concretizaram em enunciados passados e presentes em todos os gêneros discursivos.

De tal modo, a unidade composicional do gênero discursivo não surge no vácuo, ao acaso, sem qualquer relação com a realidade que nos cerca, por estar totalmente relacionada às condições de produção de um enunciado específico, como afirma Menegassi (2016), por meio dos seguintes elementos: interlocutor; finalidade; gênero discursivo: tema e estilo; circulação social; suporte textual; e posição do autor, já que confere ao gênero um acabamento com o estilo da linguagem, bem como o enunciado que surgem desses elementos.

Além disso, mesmo que haja um contexto imediato favorável  produção escrita ou oral desse gênero, que pode caracterizar-se por ordenações sociais aportadas em uma comunidade de ideologias derivadas da experiência cotidiana dos envolvidos na interação discursiva com ideologias institucionalizadas das esferas da atividade humana. São os gêneros em sua totalidade como fenmenos sociais que determinam a estrutura de um enunciado, de modo que a estrutura composicional não se limita a uma análise conservadora ou como uma tipologia inflexível guiada pelos princípios da tradição formalista, mas como estruturas plásticas, o que é, portanto, adicionado ao tema e ao estilo de um determinado gênero discursivo que se modifica sob a influência de relações sócio-históricas.

A estrutura composicional, do mesmo modo que os gêneros discursivos, não é uma abstração, mas uma sequência linguístico-textual-axiológica envolvida em interações discursivas. Sua possível estabilidade linguística não é, portanto, fruto da normatividade dos recursos linguísticos significativos da língua, mas resultado de um “jogo de diálogo” (Gomes, 2021, p. 116), ou seja, um embate ideológico entre vozes valorativas, que está sempre presente em todas as relações interativas, pois “cada época e cada grupo social tem um repertório de formas de discurso neste jogo da comunicação social e ideológica” (Moura; Miotello, 2014, p. 164). A forma composicional  viva, dinâmica, nas postulações dos teóricos do Círculo de Bakhtin. Caso se retirasse a veia sócio-histórica em que se inscreve, sua construção dialógica

esvaneceria, uma vez que a estrutura do texto é estudada e analisada somente como produto, não como processo de interação.

Por sua vez, Medviédev (2016, p. 193) afirma que “o gênero é uma forma típica do todo da obra, do todo enunciado. Uma obra se torna real quando toma a forma de determinado gênero”. Além disso: “o gênero é uma totalidade típica do enunciado artístico, e uma totalidade essencial, acabada e resolvida” (Medviédev, 2016, p. 193). As pesquisadoras Brait e Pistori (2012) completam que, ao fazer esta declaração, Medviédev estabelece que a conjuntura teórico-metodológica na qual a proposição sobre gênero está aportada, rebatendo-se ao estudo do gênero entrevisto exclusivamente por meio de elementos formais da língua e sugerindo sua compreensão a partir da totalidade da obra/enunciado. Nasce, deste modo, um novo ponto de vista a respeito do gênero: a perspectiva da totalidade do enunciado.

Por fim, após discutirmos sobre o conceito de gênero discursivo, de seus elementos constituintes, conteúdo temático e forma composicional, no contexto dialógico do Círculo de Bakhtin e de pesquisadores contemporâneos, trataremos sobre o estilo de linguagem na concepção enunciativa. As fontes léxico-gramaticais da língua que compõem o estilo linguístico de um gênero discursivo não são formadas de forma autônoma, com supressão da circunstância extraverbal, pois “a enunciação se apoia em sua relação real e material a um mesmo fragmento da existência, atribuindo a essa comunidade material uma expressão ideológica e um desenvolvimento ideológico posterior” (Volóchinov, 2013, p. 79). Segundo o teórico russo, tudo fora da materialidade do enunciado é concebido como uma dimensão integral necessária para a composição semântica de atos enunciativos concretos e materiais textuais externos concebidos como o tamanho da integridade necessária para a composição semântica de discursos concretos.

O estilo verbal de um gênero discursivo é sustentado pelo conceito de signos baseado na reação-resposta do enunciador, na capacidade de compreender a reação responsiva, pois na leitura se interpreta e avalia a fonte linguística selecionada na cadeia linguística para atuar com a língua do sujeito/falante. Isso não pode acontecer se o signo for arquitetado como uma palavra isolada, fora do contexto de uso real da língua, que não existe, mas em relação a outras palavras e expressões da língua, devido ao significado conferido ao signo social pelo intérprete, uma vez que não há relação prática e direta entre o significante e o significado. Por isso Bakhtin afirma que “a atitude humana é um texto em potencial e pode ser compreendida (como atitude humana e não ação física) unicamente no contexto dialógico da própria época (como réplica, como posição semântica, como sistema de motivos)” (Bakhtin, 2016, p. 78).

Portanto, não é possível conceber o estilo linguístico sem considerar o gênero estudado

quão um fenômeno especial de um sistema linguístico fechado, uma vez que os traços estilísticos de uma obra se transformam em fontes linguístico-enunciativas do discurso pessoal do falante, considerado fonte das transformações de elementos linguísticos em fontes estilísticas, de duas maneiras: “por um lado, a unidade da língua em termos de sistema de formas normativas gerais e, por outro, a unidade da individualidade que se realiza nessa língua” (Bakhtin, 2016, p. 31). Assim sendo, a materialidade do enunciado, assim como os valores da experiência humana, é a construção social. Segundo Gomes (2021), o acabamento do estilo do gênero nada mais é o que o acabamento social moldado na dinâmica do próprio curso enunciativo dinâmico dos gêneros discursivos que transmitem verdadeiramente a vivacidade da língua que “é um fluxo social. Cada gota nele é social, assim como toda a dinâmica da sua formação” (Volóchinov, 2017, p. 217). Além disso, para Volóchinov (2017), não é possível afastar os recursos linguísticos de suas nuances ideológicas, pois todo enunciado verbal é fundamentalmente ideológico, acarretando resultados de apreciações valorativas para cada uso linguístico utilizado em um discurso concreto.

Dessa forma, “estilo é um conjunto de procedimentos de acabamento um enunciado” (Fiorin, 2017, p. 51), em outros termos, formas de linguagem mobilizadas para trabalhar no desenvolvimento de um estilo, resultantes na seleção de recursos linguísticos pelo enunciador. Um estilo é uma coleção de aspectos fonéticos, morfológicos, sintáticos, semânticos, lexicais, discursivos, enunciativos, ou seja, “o estilo é o conjunto de particularidades discursivas e textuais, que cria uma imagem do autor, sendo o que denominamos efeito de individualidade” (Fiorin, 2017, p. 51). Segundo Bakhtin (2016), essa individualidade não é entendida simplesmente como expressão de pensamentos, mas como mais um conteúdo da visão de mundo do enunciador. Dessa forma, toda cosmovisão que o sujeito traz em sua estrutura, que o institui como ser sócio-histórico, ressoa em estilo, porque se estrutura e se constitui a partir dessa cosmovisão. Fiorin (2017) também destaca que, pela perspectiva dialógica, o enunciado em si não é dialógico, pois o estilo é definido significativamente pelos parceiros da interação discursiva, quer dizer, a partir de outros discursos antecedentes na sociedade.

Nesse sentido, enfatiza-se que o estilo no ponto de vista do Círculo de Bakhtin, no gênero discursivo como acabamento estético, está indissociavelmente ligado ao conteúdo temático e à unidade composicional. Apenas no estudo da materialidade do enunciado contextualizado, constatar o estilo. A forma de acabamento um determinado enunciado interativo nos mostra um estilo de gênero também pluridiscursivo. O estilo é, portanto, uma maneira particular pela qual o sujeito-falante-autor, conforme o estilo do gênero, utiliza categorias linguísticas, fonêmicas, morfológicas, sintáticas e textuais de forma única, nunca

desvinculada de vieses ideológicos, resultando em uma experiência de diálogo no estilo de um enunciador. O estilo enfatiza, assim, as entonações valorativas da autoria, além da probabilidade de compartilhar juízos de valor com o outro. A fim de que isso se realize, o estilo é compreendido a partir do querer dizer do enunciador, pois a finalidade enunciativa do locutor é que atribui uma base às escolhas dos recursos linguístico-discursivos, alicerçado nas circunstâncias imperativas de comunicação que especificam suas marcas discursivas.

Desse modo, de acordo com Bakhtin (2016), estilo pode ser considerado uma escolha estilística que envolve o uso específico do vocabulário, frases e recursos gramaticais de uma língua nas interações linguísticas, o que é essencial nas atividades de linguagem, pois toda e qualquer escolha das formas da língua é apropriada ao enunciado. Deste modo, “todo estilo está indissolúvelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, ao gênero discursivo” (Bakhtin, 2003, p. 265), uma vez que onde há estilo, há gênero, pois, o estilo de um ato discursivo é o do gênero, em que o enunciado é construído. Logo, o estilo deve ser entendido como um elemento do gênero, e é apenas nos parâmetros do gênero que o estilo pode ser estudado.

Ainda para o entendimento do gênero do discurso, vale destacar a interação com o tempo e o espaço que o sujeito realiza, que muito contribui para a construção de seus enunciados em forma de memórias literárias cujo tema foi o “O lugar onde vivo”. Destinaremos, assim, uma breve discussão do conceito de cronotopo, buscando enfatizar suas inter-relações com a construção do gênero discursivo. Em seus escritos linguísticos e filosóficos, Bakhtin considera o tempo e o espaço uma constante nas postulações do Círculo. Isso porque o pensamento do Círculo é formado por meio de interações linguísticas e sociais entre sujeitos, que lutam contra as tensões da linguagem para produzi-la. É nessa tensão que existe a enunciação de uma palavra, ao lado de outros tempos e lugares. Consequentemente, esta palavra é uma ilustração do dialogismo. Considerando a proposição do Círculo de que o diálogo do sujeito com a sociedade e a história cria a constituição ideológica de um signo.

A respeito da relação de Bakhtin com o tempo-espaço, Clark e Houlquist (2004, p. 295) afirmam que “Bakhtin estava obcecado pela interconexão de espaço e tempo. Na década de 20, esse interesse era amplamente compartilhado pelos intelectuais soviéticos”. Vale lembrar que o conceito do cronotopo originou-se da teoria da relatividade, apresentado inicialmente por Einstein, todavia é com Bakhtin que foi realizada uma transferência do conceito para a literatura, numa finalidade metafórica (Fiorin, 2006). No excerto *O tempo e o espaço das obras de Goethe*, Bakhtin apresenta uma discussão a respeito de cronotopo. O autor, ao expor suas ponderações sobre a obra de Goethe, proporciona reflexões importantes para expandirmos

nosso ponto de vista sobre o tempo-espaço em relação ao signo, ao gênero discursivo e no enunciado literário. Sobre o referido texto, Bakhtin pondera que:

A capacidade de ver o tempo, de ler o tempo no todo espacial do mundo e, por outro lado, de perceber o preenchimento do espaço não como um fundo imóvel e um dado acabado de uma vez por todas, mas como um todo em formação, como acontecimento; é a capacidade de ler os indícios do curso do tempo em tudo, começando pela natureza e terminando pelas regras e ideias humanas (até conceitos abstratos. (Bakhtin, 2011, p. 225).

Bakhtin (2011) revela uma dimensão do tempo-espaço interessante ao processo da linguagem, de forma metafórica: a possibilidade de se entender o tempo no todo espacial do mundo. As alegações do pensador russo são ainda mais desafiadoras quando as transplantamos para o processo de produção textual das memórias literárias, como também é recorrente das diferentes esferas de interação. Considerar a dimensão do enunciado dissociado de uma formação cronotópica é abnegá-lo de seu acontecimento material e dialético.

É preciso considerar o cronotopo dialógico ao considerar o sujeito do discurso. Trata-se de um indivíduo que não está enunciando e que não existe discursivamente — tanto fora do tempo quanto do espaço — sem uma pauta dialógica. É importante lembrar que a subjetividade do discurso é considerada nas perspectivas de Bakhtin; é formado tensamente e não submissa ao contato do sujeito com o tempo e o espaço. Ao mesmo tempo, é importante refletir sobre o cronotopo não como pano de fundo para um monólogo ou um formato subordinado para o assunto. Em vez disso, o cronotopo é um elemento móvel e desafiador que inspira os sujeitos, recorrer à palavra, até mesmo pela tensão, deve enunciar no gênero discursivo. Corroborando com isto, Alves (2012) afirma que

Pensado dessa forma, o cronotopo, enquanto potencialmente histórico, não pode ser retirado das relações dialógicas e do axiológico sob o risco de se tornar apenas e tão somente uma referência a um determinado espaço e a um tempo específico, concebidos como exteriores ao indivíduo, não constituintes e constitutivos do sujeito histórico em sua eventicidade como fora pensado por Bakhtin. (Alves, 2012, p. 313)

Aos retomarmos os conceitos de gênero discursivo e de cronotopo, cabe levantar uma questão muito relevante: de que modo o cronotopo e o gênero discursivo se atravessam? Ao Bakhtin asseverar que “o tempo e o espaço estão em uma unidade indissolúvel tanto no enredo quanto em imagens particulares dele” (Bakhtin, 2011, p. 253) há indicativos de que tempo, espaço e os componentes do gênero discursivo — em particular o conteúdo temático, que elegemos como elemento de nossa maior atenção, pois as memórias literárias foram escritas

com a temática “O lugar onde vivo” —, a despeito de poderem ser, em condições de uma didatização, demarcados por seus distintos aspectos, concentram em uma construção dialógica que se revela indispensável à linguagem humana. No pensamento de Bakhtin, a linguagem é inerentemente ideológica e reflete tensões dialógicas em sua criação. O cronotopo na linguagem é ideológico; reflete e refrata perspectivas baseadas na ordem social das instituições. Mesmo que um enunciado concreto não seja estático, é possível inferir que o tempo-espaço é construído por ideologias, uma vez também reflete e refrata uma perspectiva baseada em preferências da ordem da subjetividade — como no gênero discursivo memórias literárias — que situam, ainda que não estaticamente o texto e ademais concorre discursivamente para a construção dos enunciados.

Ao transferir esta consideração para o campo da escrita das memórias literárias, ocorrida no contexto da sala de aula, por exemplo, parece-nos inclusive notadamente que determinados tempos-espaços que sejam usualmente conhecidos como acertados aos interesses do aluno-autor serão exaltados e/ou trazidos para o intercruzamento da construção enunciado concreto do sujeito, de modo que se alcancem tarefas e habilidades próprias daquele ato enunciativo. Desse modo, o cronotopo da memória literária pode ser concebido como um tempo-lugar particular que pode refletir e refratar a concretude da interação humana. Em outras palavras, no contexto da produção deste gênero do discurso não obrigatoriamente estará à tona a materialidade cronotópica do enunciado realizado, apesar de ter como tema “O lugar onde vivo”, mas sim a competência do sujeito-autor de reagir positivamente a uma perspectiva cronotópica dos interlocutores que lerão e sentenciarão sua abstração pela via das memórias literárias.

Todavia, o que é exequível afirmar é que, ao compreender que o gênero do discurso é arquitetado não só linguisticamente, mas no cronotopo, podemos chegar ao entendimento de que seu conteúdo temático acompanhará as decisões tidas pelo aluno-autor diante ao cronotopo que lhe foi imposto, no caso do *corpus* desta pesquisa as memórias literárias com a temática “O lugar onde vivo”. Portanto, existindo uma enunciação cronotópica que se forma de um engajamento juntamente com o anseio monológico característico das memórias, não essencialmente alinhada ao que acontece na vida real, o gênero discursivo e o enunciado nele proferido serão decorrências de uma realidade fragmentária. No capítulo seguinte, discutiremos sobre a escrita do gênero discursivo memórias literárias, sua função social e as características linguístico-discursivas sob a perspectiva de análise dialógica do Círculo de Bakhtin, além de trazer algumas considerações sobre Memória e Identidade. Antes disso, apresentaremos uma discussão sobre a OLPEF, contexto em que foram produzidos os enunciados de memórias.

3 AS MEMÓRIAS LITERÁRIAS E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

*“Eu conto a minha história;
você a salva do esquecimento”.*

(Altenfelder e Clara)

Neste capítulo, temos o propósito discutir, com mais destaque, o gênero memórias literárias e seus respectivos elementos constitutivos (conteúdo temático, forma composicional e estilo) e sua função social na perspectiva da OLPEF (a Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro), uma vez que é o objeto de estudo desta pesquisa. Antes disso, cogitamos descrever e refletir sobre a OLPEF, assim como apresentar um breve histórico e as condições de produção, analisar a metodologia proposta pelo Programa para o trabalho com os gêneros discursivos na escola que focalizam as suas adequações temáticas, discursivas e linguísticas. Do mesmo modo, visamos explicitar a relação entre Memória e Discurso e Memória e Identidade, a fim de discutir como a escrita das memórias literárias alcança a identidade, sendo fator-chave em sua (re) construção, já que memória e identidade se conectam no discurso, visto que ambas são construções discursivas.

3.1 A OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA ESCRREVENDO O FUTURO

A OLPEF é um concurso de produção textual, promovido em colaboração entre o Ministério da Educação (MEC) e a Fundação Itaú Social, coordenado tecnicamente pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC), que objetiva democratizar o ensino de Língua Portuguesa nas escolas públicas brasileiras, quanto ao desenvolvimento interativo, linguístico, estudo dos gêneros discursivos e do ponto de vista social da língua. A expressão *Olimpíada* que dá nome a esse programa educacional de Língua Portuguesa acontece também em outros projetos e programas, sejam promovidos pelo MEC, como política pública, ou por variadas instituições, de esfera nacional e internacional.

O prêmio *Escrevendo o Futuro* foi criado no ano de 2002 e era inicialmente custeado pela Fundação Itaú Social. Atualmente, essa instituição, da esfera privada, permanece como parceira da política pública no âmbito educativo, na OLPEF. Isso interessa às considerações sobre língua e ideologia, porque todo indivíduo, cada fundação, pública ou privada, apresenta discursos construídos sócio-historicamente. Compete a cada indivíduo ponderar acerca das ideologias, os discursos que medeiam as atividades humanas e se colocar com responsabilidade técnica, limitada a divisas invisíveis e com dever moral, essa condizente ao ser humano e às convicções fundamentalmente humanas, de colaboração, de conhecimento, de solidariedade.

Essa forma de agir situada e politicamente, na perspectiva de posicionamento, é o agir aspirado pelas diretrizes educativas. Sendo assim, cremos que a leitura ideológica e crítica deva mediar as tarefas pedagógicas, as quais ajudarão para aumentar a olhar do sujeito, mais próxima do desenvolvimento educacional desejado.

Enquanto participa da OLPEF, o docente de Língua Portuguesa recebe orientações oferecidas no Caderno do Professor, o qual apresenta uma proposta de ensino referente a determinado gênero para trabalhar com o aluno (poema, memórias literárias, crônica, documentário e artigo de opinião). O material orientador instiga a vivência do professor à metodologia didática por meio de gêneros discursivos e sequência didática (SD).

No que diz respeito ao aluno, objetiva-se a apropriação ou aperfeiçoamento da linguagem escrita, ao mobilizar crianças e jovens para o desenvolvimento da Língua Portuguesa nas várias esferas da atividade humana. O concurso acontece bianualmente e participam professores de todas as partes do Brasil (por adesão), juntamente com seus discentes do 5.º ano do ensino fundamental (EF) à 3.ª série do ensino médio (EM) e nas seguintes categorias: poema (5.º do EF); memórias literárias (6.º e 7.º anos EF), objeto deste estudo; crônica (7.º e 9.º ano EF); documentário (1.ª e 2.ª série EM) e artigo de opinião (3.ª série do EM).

A OLPEF vai além de ser um concurso de produção textual, uma vez que proporciona propostas de formação ao professor para refletir sobre as práticas docentes, que acontece nos anos intermediários à realização da Olimpíada. Essa formação acontece (*online*) em ambiente virtual de aprendizagem, via cursos gratuitos ofertados aos professores no *site* OLPEF. Existe, também, uma comunidade de aprendizagem no mesmo site voltada ao ensino da língua materna, que agrupa os enunciados dos alunos finalistas dos anos antecedentes, relatos de práticas de sala de aula, entrevistas com especialistas, relatos de prática das oficinas realizadas, entre outros (Clara *et al.*, 2021).

O desenvolvimento da produção dos enunciados em forma de gêneros discursivos atravessa um processo de ensino-aprendizagem escorado por uma SD, isto é, um grupo de atividades planejadas e progressivas a fim de aprimorar determinada prática de linguagem (Dolz; Schneuwly, 2011). A SD inicia uma “primeira relação entre um projeto de apropriação de uma prática de linguagem e os instrumentos que facilitam essa apropriação” (Dolz; Schneuwly, 2011, p. 43). Para tal, os enunciados são desenvolvidos ao longo de oficinas, todas dirigidas para a compreensão do ambiente de produção, o que, além disso, “contribui para o desenvolvimento da capacidade de ação sobre a linguagem” (Souza; De Sousa, 2017, p. 35). Dessa forma, o professor trabalha com todos os alunos da sua turma, desenvolvendo e adaptando a SD às necessidades dos alunos. Ao final de cada oficina, o professor registra as

atividades para aprimorar seu trabalho e reflete sobre sua prática.

Retomando a composição interna do documento orientador, o Caderno *Se bem me lembro...*, o material é indicado aos docentes e alunos dos 6.º e 7.º anos do EF e encontra-se organizado em dezesseis oficinas, nomenclatura que consideramos adequada “aos objetivos pensados para um projeto de escrita, o saber de mão a mão” (Boeno, 2013, p. 177). A proposta da OLPEF para o Caderno *Se bem me lembro...* segue um procedimento de ensino com destaque em um gênero específico e transformado para a prática didática, compondo-se em um projeto de escrita orientado. Segundo Faria (1962), a própria etimologia da palavra “oficina”, derivada do latim “officina” que significa, no sentido conotativo, “escola”. Deste modo, compreendemos “as oficinas como oficinas pedagógicas que supõem um contexto pedagógico tendo o conhecimento como um processo (cri)ativo de apropriação e transformação da realidade circundante” (Boeno, 2013, p. 177).

A oficina é um processo metodológico de trabalho em equipe, qualificada pela “construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de experiências” (Candau, 1999, p. 23), no qual o conhecimento se fundamenta no processo de constituição do saber e não apenas no produto final do aprendizado. Assim, como plano de ensino vale-se de processo tanto para a formação do docente quanto para a construção coletiva, colaborativa de conhecimento por educandos, docentes e comunidade escolar. As autoras sistematizaram as atividades didáticas no interior de todas as oficinas, de modo sequenciado, em volta de um tema igualmente faseado. A coleção de práticas apresentadas no Caderno *Se bem me lembro...* tem por propósito final conduzir o aluno a redigir um enunciado no gênero memórias literárias, de forma que todas as atividades (pesquisas, debates, escrita, oralidade, discussão escolar, leitura, entrevista, escrita entre outras) estejam voltadas para a alimentação temática e o uso das características do gênero. Desse modo, o discente é guiado a saber o que enunciar e de como enunciar em sua produção textual e dentro dos fundamentos constituídos para o gênero memórias literárias (Clara *et al.*, 2021).

A OLPEF estimula alunos e professores a trabalharem em uma sequência metodológica via sequência didática (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004), desenvolvendo gradativamente seu trabalho com atividades diversificadas a fim de possibilitar ao estudante dominar com mais propriedade o gênero discursivo. A sequência didática é definida como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (Dolz; Schneuwly, 2004, p. 97). O Caderno do Professor *Se bem me lembro...* (6.ª ed. 2019) propõe que os autores aprendam a lidar com o estilo do gênero memórias literárias para que possam desenvolver seu próprio estilo autoral e efeitos de sentido potencialmente

intencionais em suas obras. Esses alunos tornam-se então autores, cocriando com seu (s) interlocutor(es) na produção de seus respectivos enunciados escritos utilizando-se seus respectivos elementos constitutivos (conteúdo temático geral “O lugar onde vivo” ligado ao foco narrativo e os recursos linguísticos imperativos à constituição do estilo de linguagem desse gênero) (Clara; Altenfelder; Almeida, 2019). Ao mesmo tempo, existe a eleição do recorte temático pelos alunos-autores, integrado à circulação social, suporte do enunciado e posição do autor, de modo que se realizem suas propostas enunciativas.

O termo que acompanha a denominação “comercial” (Olimpíada) do programa OLPEF apresenta em si o conceito de memória no princípio de Bakhtin, o embate entre “memória do passado” e “memória do futuro”, um embate que fala de enunciados, da relação de um enunciado com outro, do discurso que foi no passado e o discurso que pode ser projetado. Logo, opera a Literatura no movimento de escritura, na qual o autor-criador deve olhar para o passado, não para revivê-lo como modelo à história da Humanidade, de si, do mundo. Isso é um movimento natural e causal do enunciado (Bakhtin, 2011) em relação ao processo de autoria, no qual o indivíduo se localiza “e se situa frente ao mundo, ao outro e a si mesmo” (Boeno, 2013, p. 175). Um enunciado, logo, jamais está só, mas está sempre em associação, em diálogo com outro enunciado. Esse é a conceito do dialogismo, concepção bakhtiniana, de que o enunciado procura algo que já aconteceu e visa algo para o futuro. A consciência e a memória dos indivíduos interlocutores operam nessa direção.

Esses enunciados já produzidos para o Programa OLPEF integram um acervo de tempo resgatado, recuperado pela voz e testemunho de um morador mais velho, anotada na voz de um aluno. São enunciados que se organizam na teoria do dialogismo, discursos que restauram o que já aconteceu e arquitetam algo para o futuro. Não há texto solitário. Todos os indivíduos utilizam-se da linguagem como mediação e constituição de sentidos no enunciado (Clara *et al.*, 2021).

Para o processo de seleção das produções escritas, é realizada por uma comissão de revisão composta por docentes de todas as etapas da seleção (escola, município, estado e região), utilizando-se os critérios contidos em uma grade de correção que percorreu todas as etapas do processo de produção das memórias literárias, que serão discutidos e explicados a seguir. O processo de seleção ocorre inicialmente na escola, quando o enunciado final da escola é selecionado, é entregue à Comissão Municipal de Educação, responsável pela próxima etapa do concurso, que recebe a memória selecionada na escola (*online*). Após essa etapa (a escola), é constituído o júri municipal, composto por professores e especialistas de universidades públicas, para selecionar os enunciados que representarão o município na próxima etapa (a

etapa estadual) (Clara *et al.*, 2021).

Os alunos-autores dos enunciados selecionados e seus professores participam de uma fase regional onde terão a oportunidade de aprimorar seus trabalhos escritos. Durante esta fase, um júri (composto por especialistas do MEC) realiza oficinas de três dias com os alunos e seus respectivos professores. Os docentes recebem orientação especializada em oficinas em grupo que descrevem produção escrita e como o processo de reescrita pode auxiliar a melhorá-los. Após a reflexão, o professor instrui seus alunos a reescreverem seu texto. O objetivo desse processo é que, por meio da adoção de conceitos, métodos e princípios, os professores possam refletir sobre suas atividades para beneficiar o aprendizado e o desenvolvimento dos alunos no retorno à escola (Clara *et al.*, 2021).

3.2 AS MEMÓRIAS LITERÁRIAS: DISCUTINDO O GÊNERO

Antes de adentrarmos no conceito de memórias literárias no contexto da OLPEF, faz-se necessário discutirmos a respeito da concepção de memória à luz das diversas ciências. A memória é vista como a capacidade humana responsável por preservar experiências passadas e vividas. Em vista disto, “remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (Le Goff, 2003, p. 419).

As memórias serão abordadas, nesta dissertação, como fonte de referência identitária, como os pilares sobre os quais a identidade é construída, cuja espinha dorsal é evocada do passado na forma de reminiscências. A relação entre memória e identidade será discutida numa subseção seguinte. Antes, porém, precisamos precisar situar o tema da memória em um plano teórico, para depois refletir sobre seu caráter ressignificado. Memória é espaço, lugar de constituição, de tensão entre passado e presente. A memória atualiza o passado porque sua leitura é sempre baseada em representações, por ser impossível saber se o que ela traz de volta é a verdade do “passado”. E essa releitura é movida tanto por memórias individuais quanto coletivas, que se distanciam e muitas vezes se confundem na luta pela identificação.

Segundo o sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990), embora a memória seja claramente individual, ela sempre se refere a um grupo, uma vez que apesar da reminiscência pertencer a um sujeito, ele está sempre associado com seu agrupamento social, revelando que a “sucessão de lembranças, mesmo daquelas que são mais pessoais, explica-se sempre pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos meios coletivos, isto é, em definitivo, pelas transformações desses meios, cada um tomado à parte, e em seu conjunto”

(Halbwachs, 1990, p. 51). Assim, a definição de memória é individual, mas sempre mantém suas características sociais. A diferença entre a memória individual e coletiva surge bem delineada nesta citação do autor:

No mais, se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apoiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que eu ali ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitem do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social (Halbwachs, 1990, p. 51).

Por sua vez, Aragão (1992) ao relacionar as definições dos vocábulos memória e lembrança destaca que, apesar de possuir raízes distintas, conserva campos semânticos análogos e sempre se voltam ao ato de rememorar ou recordar acontecimentos e fatos, na maioria das vezes relevantes no passado de um indivíduo. Le Goff (1990) apresenta um conceito que sintetiza alguns dos aspectos apontados por Aragão (1992) a respeito de memória, para quem “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (Le Goff, 1990, p. 423).

Para Aragão (1992), é essa concepção que permeia o gênero narrativo que abrangia, originalmente, enunciados produzidos fora da esfera da literatura, como de historiadores, militares, religiosos entre outros, discursos que se aproximavam, no século XVII, da história e das crônicas pessoais, por exemplo; obras posteriores de natureza literária, como as narrativas autobiográficas, batizadas, segundo à autora, de narrativas memorialísticas de damas, de cortesãos entre outros, e os romances de memórias, escritos no século XVIII, com ênfase na descrição de experiência pessoal, manifestando as impressões do narrador, por meio de fatos do passado revelados e moldados por tratamentos estéticos subjetivamente. Para Aragão:

Na elaboração literária de uma vida, o autor realiza um incessante diálogo entre o passado e o presente, colocando em cena a elaboração de seu ser pessoal, na procura das significações contidas nos fatos passados. Diríamos que o memorialista faz uma segunda leitura do tempo vivido ou... perdido (Aragão, 1992, p. 35).

A argumentação de Aragão (1992) encontra amparo nos preceitos de Halbwachs (1990), para quem a memória recupera o passado a partir de elementos do presente e de outras reconstruções de outrora, nas quais as imagens do pretérito revelam-se alteradamente. Uma particularidade que se faz latente no enunciado de memórias é o seu princípio cultural e histórico, já que, como afirma Ecléa Bosi, “a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente” (Bosi, 1998, p. 89). O discurso de memórias é, portanto, porta-voz não somente de reminiscências ou lembranças individuais, e também de todo um mecanismo cultural e histórico coletivo, uma vez que, segundo Halbwachs, “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (Halbwachs, 1990, p. 51). O estudioso ainda destaca “que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (Halbwachs, 1990, p. 51).

A memória individual, adiciona Halbwachs (1990), constitui o alicerce da memória coletiva, que, por sua vez, se alimenta das recordações compartilhadas por um grupo de pessoas de um determinado agrupamento social. Dessa forma, não é simples distinguir com nitidez uma obra memorialista de uma autobiográfica, como assegura Aragão (1992), fica evidente que a primeira, além de mostrar lembranças de acontecimentos vividos pelo narrador, no pretérito, revela também um tratamento peculiar no uso de elementos linguísticos e maior liberdade inventiva, por compor um gênero que pertence à esfera literária. Por sua vez, a escrita de uma autobiografia marca não uma convenção histórica ou documental, mas pode ser também uma convenção literária, pois ora a história apresenta um resgate da memória (com base na realidade), ora constrói o enredo com fios ficcionais.

É deste ponto de vista que os acontecimentos da memória podem entrar na história e podem evocar a preservação do passado e a salvação das coisas que vivem no presente, vai encontrar novos significados para os fatos contemporâneos, para projetar o futuro prospecto. Esse elemento que fica na memória está vivo, e está vivo porque tem sentido e circula entre os sujeitos. Caso não exista mais este movimento de circulação, a memória não vai mais ficar retida, e o tal o fato poderá morrer.

Em outras palavras, a memória, seja passada, retrospectiva ou futura, prospectiva (esta última naturalmente baseada na experiência passada e presente) é sempre memória de gênero, pois o gênero é a forma pela qual a linguagem é arquitetada. Pode ser escrito, oral⁷ ou agora informatizados (Amorim, 2009). Nestes últimos, há uma complexidade das mídias digitais que

⁷ O oral e o escrito podem, também, estar nas mídias digitais e serem informatizados.

agregam variadas semioses. Bakhtin (1997) mencionou a questão da memória mais de uma vez, em *O Autor e o Herói* se refere à memória do passado (esta é a memória estética, a memória do herói que dá acabamento) e a memória do futuro (esta é a memória do herói, a memória inacabada, porque está amarrada com o que vai acontecer). A primeira Amorim (2009) denominou de memória exotópica, e que Bakhtin “Para uma abordagem estética da existência interior do outro, é preciso, em primeiro lugar, não crer ou ter esperanças nele, mas aceitá-lo em seus valores; é preciso não estar com ele e nele” (Bakhtin, 1997, p. 144). Melhor dizendo, não posso definir o *outro*, mas vê-lo como ele se apresenta a mim; não posso me colocar no lugar dele e ver o mundo através de seus olhos. Só posso deixá-lo, vê-lo em seu campo de visão (mais amplo) e nunca entrar em seu ambiente (mais restrito). Conforme Amorim (2009) explicou

A memória exotópica é a memória que se produz depois da compreensão, isto é, na segunda etapa do processo de apreensão do outro. Podemos mesmo dizer que a memória exotópica se produz quando não compreendo mais, quando não me identifico mais com o ponto de vista do outro e introduzo meu ponto de vista, aquilo que vejo do que o outro vê (Amorim, 2009, p. 9).

Isso é apoiado pela alegação de Sobral e Giacomelli que “a memória, ao ser seletiva, e implicar um esquecimento, é necessariamente valorativa, uma vez que se refere àquilo que o sujeito vê daquilo que o outro vê, ou seja, daquilo que o sujeito seleciona, de seu ponto de vista, dos elementos que o outro vê do seu” (Sobral; Giacomelli, 2018, p. 412). A posição exotópica, de acordo Sobral e Giacomelli (2018), é o que permite ao indivíduo relembrar, escolher memórias. Ele olha o outro (e seus enunciados) a partir de sua própria posição irreduzível e, com o propósito de discutir sentidos, deve reconhecer e afirmar a posição irreduzível do outro. O primeiro movimento de compreender o outro acontece em seus termos (a posição de um eu-para-mim); então, para manter sua compreensão ativa, o sujeito se lembra do outro, tenta ver sua perspectiva em relação a si mesmo (posição eu-para-outro). Para tanto, o indivíduo se afasta do outro, espelha-o e depois volta à posição inicial. Em outros termos, começo da posição de eu-para-mim, passo para a posição de eu-para-o-outro e volto para a posição de eu-para-o-outro. Esses momentos constituem uma compreensão ativa do outro ou de seus discursos.

É relevante discutir essa questão, uma vez que a memória aqui analisada é construída a partir da entrevista com o *outro*, um morador mais velho na comunidade. Do ponto de vista das ciências humanas, no que diz respeito à relevância da memória para a comunidade, é que se pode compreender o enfoque e a definição do tema da OLPEF como “O lugar onde vivo”. Isso aponta para uma reflexão da identidade pessoal (sejam alunos ou professores) numa base

permanente em diálogo com o *outro*.

O *outro* na concepção bakhtiniana pode equivaler-se aos diversos produtos culturais locais, pessoas, animais, etc. Assim, interagindo com o *outro*, dispomos da oportunidade de refletir sobre a realidade como ela é e do mesmo modo a possibilidade de refração, de olhar a vida de uma forma diversa, com um novo olhar, com uma visão de renovar a vida atual e nesse movimento constante, temos suporte da memória individual (que é nossa visão especial para ver a vida, única — de onde falo) e memória coletiva (que é uma visão grupal da qual o indivíduo faz parte, também uma visão única em sua manifestação). Nessa visão, trabalhar com a memória é um ato que permite um caminho criativo, uma visão estética dos objetos da vida. O diálogo na vida e na arte é parte importante da teoria do Círculo Bakhtin, uma vez que “A vida é dialógica por natureza.” (Bakhtin, 2011, p. 348).

Desse modo, atuamos no mundo, em várias esferas da atividade humana, e respondemos uns aos outros. A memória individual (memória do “eu”) formada por nossos relacionamentos sociais estão presente em nossas vidas como princípio de diálogo quando entendemos que processamos pensamentos a partir do pensamento, da experiência vivida, de palavra em palavra, de enunciados sobre enunciados (Bakhtin, 2011), em processo contínuo. Quando respondemos através da memória, os sentimentos se reconstruem no tempo presente e na interação. Assim, as funções de “guardar”, “saber esquecer” e “lembrar” são capacidades únicas e exclusivas dos indivíduos.

Ao passo que ativamos memória, sempre fazemos uma conexão entre o que está ocorrendo agora e o que já passou. Funciona em um paradigma de opostos, um jogo: aqui e ali; “agora-ontem; presente-passado” (Erdei; Boeno; Padilha, 2013, p. 512). De acordo com Bergson (1990), o passado é armazenado em mecanismos motores ou recordações independentes. Nessa disposição, ele estabelece dois conceitos de memória: voluntária (consciente) e espontânea (inconsciente).

A memória voluntária é a memória motora e ativa de caráter utilitário, hábitos delineados pela memória. Como modelos de exercícios/hábitos, temos as seguintes atividades: dirigir; operar um computador; ou mesmo quando nos lembramos voluntariamente do que ocorreu ontem ou no passado distante; quando adquirimos conteúdo para teste; quando preenchemos diários de sala de aula; ou quando fazemos denúncias à polícia ou em escolas ou delegacias de polícia; em contas escritas depois de participar de eventos, etc.

A memória involuntária ou espontânea, tida como “memória por excelência” (Bergson, 1990), é aquela que registra fielmente todos os fatos e os invoca por meio de imagens. Tem um caráter pouco pragmático, uma vez que, segundo Bergson (1990), para restaurar o passado em

forma de imagem, carece de saber abstrair da atividade presente, é preciso saber apreciar o inútil, é necessário querer sonhar. Imagens que nos fazem dizer quando ouvimos uma certa música; ou quando sentimos o cheiro de um bolo; o cheiro de café fresco; o cheiro do perfume; quando vemos uma pintura, entre outros. Imagens no inconsciente atuam como operadores de memória.

Um ponto interessante do processo de criação quando pensamos a memória em suas dimensões: social, individual, intencional e não intencional, que é o ato ou processo de lembrar de si mesmo e das imagens no subconsciente como eventos que se relacionam à arquitetura estética de Bakhtin (2011). São atividades que apoiam o trabalho de criação, e é por isso que ponderamos nesse espaço criativo e na relação entre o autor-pessoa, autor-criador e o herói.

Nesse sentido, Erdei, Boeno e Pardilha (2013), ao discutir essas concepções bakhtinianas, afirmam que autor-pessoa observa a vida como se estivesse afastado dela, nesse movimento arquiteta, supera e expressa uma perspectiva extralocalizada pelo autor-criador. Neste cenário, o autor-pessoa se cala, de modo que o autor-criador se expressa de forma diversa da realidade percebida. O conceito de extraposição é significativo para compreender as concepções de posicionamento e dialogismo, entre outros assuntos complexos no campo da estética. Essa perspectiva deslocada extralocalizada do autor-pessoa (cheia de vivências como também de experiências evocadas da memória) em relação ao autor-criador contribui na arquitetônica estético-discursiva do gênero discursivo memórias literárias. Esse posicionamento ante a vida na escrita é uma visão de afiguração e não de representação.

Em conformidade com Volóchinov (2017), as representações são processos de significação. Daí entende que a representação pode ser compreendida como uma “coisa” e isso nos leva ao entendimento do signo (como concretude e dimensão semiótica) que corresponde a algo que representa alguma coisa (Erdei; Boeno; Padilha, 2013). Ainda, segundo o autor russo, os signos são ideológicos, porquanto sem deixar de integrar a realidade material, passa a refletir e refratar, em certa medida, outra realidade (Volóchinov, 2017).

Nessa conjuntura sîgnica, Ponzio (2008) afirma que o signo literário se efetiva nessa dinâmica de representação e afiguração, no diálogo entre vida e arte como chaves dos pressupostos bakhtinianos. A representação trata de olhar a vida como ela é e corresponde a gêneros simples que pertence às esferas da atividade humana do dia a dia (Erdei; Boeno; Padilha, 2013). Afiguração, por outro lado, é ver a vida e apresentá-la de uma forma diferente da visão normal (como ela se apresenta). A afiguração como uma visão diferente da realidade é observada em gêneros complexos da arquitetura artística.

À luz dessa interpretação, temos que os signos da vida se apresentam na visão estética

como signos da arte (no ato estético de transformação). Por isso Erdei, Boeno e Padilha (2013) retoma a memória como importante meio para compreender e distinguir signos de vida na arquitetura de uma obra de arte ou em gêneros complexos, neste caso a literatura, como aqui propomos. Ao analisar este gênero, Marcuschi (2012) delinea que há diversos gêneros discursivos que permitem uma visão do contexto sócio-histórico do passado, em graus variados, mas não necessariamente se configuram como literatura. Por outro lado, também existem algumas obras de literatura, que tratam de “lembranças antigas atravessadas pelo imaginário do autor” (Marcuschi, 2012, p. 56), mas não tratam de questões relacionadas à memória das pessoas. O gênero da memória literária, objeto de estudo dessa dissertação, situa-se justamente na confluência dessas características. No mesmo artigo, Marcuschi (2012) apresenta ainda o conceito sobre as memórias literárias:

As memórias literárias têm como propósito sociocomunicativo mais saliente recuperar, numa narrativa escrita de uma perspectiva contemporânea, vivências de tempos mais remotos (relacionadas a lugares, objetos, pessoas, fatos, sentimentos, valores etc.) experienciadas pelo autor (ou que lhe tenham sido contadas por outrem, mas que lhe digam respeito), numa linguagem que se configure como um ato discursivo próprio e recrie o real, sem um compromisso com a veracidade ou com a magnitude das ocorrências (Marcuschi, 2012, p. 56).

Boeno (2013) afirma que a denominação “memórias literárias” não é localizada na Literatura Clássica. Os gêneros do discurso da esfera literária “se distinguem (embora essa decisão nem sempre seja simples de ser identificada) dos gêneros de outras formações discursivas, por certo é transgressão do real, por um olhar próprio e reflexivo dos acontecimentos históricos e sociais” (Marcuschi, 2012, p. 52).

Segundo Silva e Ferreguett (2022), o termo foi cunhado, por ocasião da criação da OLPEF, pelas autoras Clara e Altenfeder (2008) no caderno orientador *Se bem me lembro...*, situando inicialmente na esfera escolar, já que o gênero “memórias” não aparece na tradição clássica literária com o adjetivo “literárias”. Todavia, apesar de se vincular este gênero discursivo à “escolarização”, Erdei, Boeno e Padilha argumentam que as memórias literárias encaixam-se na concepção de “recriador de passado, abre-se ao novo, como memória ativa e ressignificada de um objeto cultural, em direção a um objeto didatizado, no âmbito da esfera escolar” (Erdei; Boeno; Padilha, 2013, p. 509), além disso, mesmo que os gêneros literários tenham sido elaborados no ambiente escolar “refletem e refratam os discursos da vida, e por isso, são partes inalienáveis da cultura” (Erdei; Boeno; Padilha, 2013, p. 524).

Conforme Bakhtin (2016), os gêneros discurso sofrem transformações em decorrência

do momento sócio-histórico ao qual estão arraigados, uma vez cada situação social pode gerar um novo gênero, com características que lhe são peculiares. Entretanto, o mesmo Bakhtin (2016) aponta que o surgimento de um novo gênero não substituirá o que já existe. O estudioso russo associa o advento de novos gêneros do discurso ao advento de novas atividades humanas, com objetivos discursivos específicos (Bakhtin, 2016).

Quanto à diferenciação dos gêneros discursivos entre primários e secundários proposta por Bakhtin (2016), apresentada no capítulo anterior, podemos dizer que, no contexto da escrita das memórias literárias aqui pesquisada, os gêneros primários são as conversas informais, as entrevistas, inicialmente, realizadas pelos alunos-autores com os sujeitos informantes da comunidade, em um clima de respeito e confiança a fim que os entrevistados se sintam confortáveis e à vontade para que, assim, resgatem suas lembranças (Clara *et al.*, 2021). Dessa forma, estes enunciados são frutos das tradições orais do passado dos moradores mais velhos selecionados para a entrevista e da própria comunidade, que refletem e refratam apenas as ideologias cotidianas da comunidade, ou seja, fazem parte da esfera da vida comum, mas que também se ligam ao mundo. Esses dados coletados verbalmente pelos alunos e depois convertidos em entrevistas, categorizados como gêneros secundários. Nesse sentido, eles se efetivam como enunciados concretos que, além de escritos, não se baseiam apenas em ideologias cotidianas, ao explicitarem em seus critérios de produção a voz institucional da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* (OLPEF) presente no Caderno do Professor *Se bem me lembro...* (6.^a edição/2019), já que o professor é orientado pelas autoras do material didático a organizar um quadro com perguntas em sala de aula com os discentes para as conversas com os sujeitos entrevistados.

Deste modo, as memórias literárias, como gênero secundário, estabelecem que o aluno-autor utilize uma linguagem mais complexa, sob o viés da linguagem padrão, além disso, segundo a OLPEF, são pertinentes ao campo da esfera literária. Com isso em mente, esse campo da esfera humana exige que os alunos mobilizem os diversos recursos da língua para expressar as memórias dos moradores da comunidade local entrevistado de forma afetiva, nostálgica e emocional, já que “ao descrever um objeto, uma personagem, um sentimento, os autores utilizam a linguagem para criar imagens, provocar sensações, ressaltar determinados detalhes ou características” (Clara *et al.*, 2021, p. 87). Diante disso, as autoras Clara *et al.* (2021) afirmam que um dos propósitos da produção de memórias literárias na escola para a Olimpíada é fazer o uso de recursos linguístico-enunciativos aliados ao conteúdo temático e à forma composicional a fim de proporcionar aos leitores uma experiência estética única.

As autoras Clara *et al.* (2021), no Caderno do Professor *Se bem me lembro...*, material

de orientação para a produção de enunciados do gênero memórias literárias disponível no *site* Escrevendo o Futuro que apresenta pequenas alterações às edições anteriores, referente à 7.^a edição do concurso, delinham o conceito de memória, na seção “Introdução ao gênero”, com base no fragmento de apoio “A menina que fez a América”, de Ilka Brunhilde. Lembrando que o corpus que será aqui analisado aqui foi produzido durante na 6.^a edição que já apresentava o referido excerto.

O significado da expressão memória, na concepção do OLPEF, é introduzida, gradualmente, com o propósito de apresentar aos docentes de Língua Portuguesa e aos alunos inscritos no Programa que esse termo pode se mostrar em circunstâncias as mais distintas possíveis, com como em forma de questões com as quais investigamos os indivíduos, assim como também somos interrogados. A concepção de memória também é impelida a revisitar, motivada pela audição (som), pela visão (imagem) e pelo olfato (cheiro) (Clara *et al.*, 2021). Nas palavras de Boeno, “os atos vivenciados, as pessoas, os objetos, as imagens e lugares recordados correspondem ao falante (locutor) a um tempo vivo em sua memória, com cores, cheiros e sabores” (Boeno, 2013, p. 48).

Logo, para que o conceito de memória passe a se alcançar aos interlocutores do material, os leitores são chamados a refletir de onde emerge a nossa necessidade de lembrar eventos passados, ou até mesmo a razão de uma lembrança aflorar, inclusive em uma conjunção em que não estamos com a intenção de rememorar nada das experiências vividas, mas que se põe intensamente a cada um de nós, “que se processa por meio de recursos da memória, na dimensão da inconsciência” (Boeno, 2013, p. 48). E essa reflexão vem reforçada na constituição do conceito de memória conforme a compreensão de Benjamin (2004), no Caderno do Professor *Se bem me lembro...* (Clara *et al.*, 2021), para o qual a memória não é uma ferramenta com objetivo de percorrermos tempos passados, mas é o modo, no qual estão depositadas as experiências vividas, então “como o chão é o meio que soterra velhas cidades” (Gomes, 2021, p. 132). Isto é, se pretendermos uma comparação com o nosso tempo passado, tantas vezes ignorado, soterrado em nossas vidas, necessitamos “escavá-lo e trazê-lo ao presente em uma relação de alteridade recíproca entre o eu e o outro” (Gomes, 2021, p. 132), pois os discursos sociais alheios são constitutivos dos alunos-autores das memórias literárias na OLPEF.

Retomando Benjamin (2004), a memória não é apenas um meio de retomar o passado, mas também um depositário da experiência vivida, ou seja, a escavação do que já foi vivido até o presente, apoiada na memória pessoal e coletiva, incluindo vários grupos sociais. Nessa perspectiva, em nossa visão, essa abordagem é válida para aplicabilidade em sala de aula, pois o conceito não é apresentado aos alunos aleatoriamente ou por meio de uma definição isolada

escrita pelo professor na lousa, por exemplo, mas sim de um trecho de enunciado de memórias literárias, que direciona o olhar dos alunos para o gênero que será corporificado na produção escrita inicial da SD, em seu sentido axiológico, não apenas em seu sentido estrutural.

Outro ponto importante é que *Clara et al.* (2021) constroem uma sequência que transmite claramente a noção de memória aos alunos autores: a) propõem diferentes situações em que o termo pode ser provocado, baseado em questionamentos feitos a outros indivíduos, com perguntas feitas a nós próprios; b) através das mais diversas imagens (visuais), cheiros (olfato), sons (audição), gostos (paladar), e as mais diversas lembranças de frio, calor, emoção, tato, etc. desencadeando assim memórias vivas dentro de cada um de nós (memória individual), sempre manifestada à tona da experiência sócio-histórica coletiva da comunidade (memória coletiva) (Halbwachs, 2004), na qual os locutores e interlocutores interagem em enunciados acompanhados.

Por meio de práticas gradativas que auxiliam os enunciadores se apropriarem sem obstáculos do conceito de memória para compreenderem que a apreensão do termo é capital ao entendimento do gênero memórias literárias, plano enunciativo da Olimpíada. Logo, a composição com memórias que a OLPEF orienta que as escolas buscarem recuperar, por via do recontro com as recordações dos indivíduos mais antigos, a trajetória da comunidade no lugar onde as pessoas moram (*Clara et al.*, 2021). Deduzimos, logo, que *Clara et al.* (2021) balizam a concepção de memória associada ao social, à prospectiva da experiência, uma vez que se embasam na obra homônima de Alaíde Lisboa, que integra as recordações das experiências vividas resgatadas do passado sócio-histórico da autora, como o diz Benjamin (2004), mencionado no caderno didático pelas autoras.

Benjamin (2004) também combina, em seus resíduos, cacos, agrupamentos de memória, as três etapas: passado, presente e futuro, de modo não sequencial, visto que seu objetivo como escritor não é fazer com que leitores se apoiem em marcas históricos em suas posições, delineados em um traço temporal plano, já que, “A recordação de fatos do passado vivenciado ocorre a cada sujeito de forma aleatória, sem tempo preciso, determinado” (Boeno, 2013, p. 48).

Do mesmo modo, Achilles e Gondar (2016), apresentaram uma filosofia cujos pontos principais de estudo tinham como princípio a memória e a língua por meio “de reminiscências, observação sobre os fatos ocorridos e experiências vividas” (Achilles; Gondar, 2016. p. 180). Segundo os autores, não se atinge a narratividade histórica como um conjunto de pureza objetiva e assertiva, uma vez que o ponto essencial para o conhecimento da memória social é a admissão da proporção da experiência do indivíduo em comunidade, primordial para que as

narrações históricas não se tornem uma reunião de representações, sem força, sem expressão e sem observação do ser indivíduo que rememora. Se somente considerarmos a memória como uma essência histórica plana, rechaçamos os experimentos verdadeiros e legítimos que cada homem reside em sua peculiaridade, ou seja, o tema do discurso (Bakhtin, 2016).

Então, “O caráter fragmentário aberto de sua obra nos obriga a realizar determinadas escolhas para extrair análises sobre as questões relativas ao lembrar e ao esquecer que constituem a memória, bem como o conceito de experiência” (Achilles; Gondar, 2016, p. 181). Sob esse prisma que Benjamin (2004) compreende o movimento da memória porque integra consigo a prática de vida de cada um. Segundo os estudiosos, o intuito de acumularmos acontecimentos passados é porque são resquícios elementares, a fim de que, no momento da reminiscência, aquilo que, por ventura, teoricamente tenha sido esquecido, a sabedoria experiencial, revisite o passado para ser renovado no presente, dado que “Toda vez que acessamos nossas coleções de fragmentos estamos produzindo uma narrativa diferente, dependendo do que queremos revelar da nossa identidade naquele momento” (Achilles; Gondar, 2016, p. 182).

Nesse sentido, Clara *et al.* (2021) ressaltam, ainda na seção Introdução ao gênero do caderno *Se bem me lembro...*, que ao nos anteciparmos do que está distante, ao apreendermos o que esteve no passado, ao compreendermos distintas culturas, demais costumes, outros modos de vida, demais sotaques, outros comportamentos, são modelos representativos de enlaçamentos das vidas do presente com os eventos de experiências do passado, “as heranças deixadas pelas gerações anteriores” (Clara *et al.*, 2021, p. 18).

O estudioso Oliveira (2013) ao citar a Bosi (2005), “Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos”, no qual pesquisadora e pesquisados dialogam ativamente, explicita em sua obra um forte sentimento de respeito pelo que o outro desempenha no propósito de mostrá-lo à comunidade, ou seja, em favorecer a imagem do outro e não usá-lo apenas como interesse próprio. Conforme Oliveira (2013), chamando atenção da escritora, nas recordações dos indivíduos mais antigos das comunidades, é como as pessoas combinam, nos discursos memorialistas, seus traços subjetivos nos episódios narrados com um caráter particular e circunstâncias escolhidas singularmente, a fim de que os enunciados escritos se materializassem. Esse documento escrito é de crucial importância com finalidade de que se guardem as memórias de uma sociedade, lembranças de um passado, adormecido entre os restos de um tempo, resgatado com muito respeito e enaltecimento pelos saberes de mundo dos moradores mais velhos das comunidades, narradores de suas memórias.

Esse olhar atencioso é o que integra, conforme Clara *et al.* (2021), o caráter humanizador

da literatura, apoiado por Bosi (2005), o que inclusive é conduzido no Caderno do Professor *Se bem me lembro...*, porque os alunos-autores da produção escrita são igualmente levados a olhar para as pessoas mais velhas da comunidade com consideração e reconhecimento dos saberes que enunciam em suas narrações de memórias. Além de, através de entrevistas, portarem-se ainda como escavadores de escombros, de ecos, de fragmentos de memórias dos membros mais idosos dos lugares em que residem, conforme a Benjamin (2004), na recuperação de um passado vivido, que ressurgem ao presente por meio das recordações saudosas, felizes, dolorosas, etc., relevantes na vida do sujeito que relembra e que ressurgem em contato com os estudantes/entrevistadores e eleitos pelos alunos-autores de modo próprio para a construção da escrita do gênero memórias literárias no contexto da OLPEF. Desse modo, esclarecem aos docentes de Língua Portuguesa e estudantes, partícipes do evento, de 6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental (6.ª edição/2019), que as nossas memórias, resultantes da realidade vivida, materializam-se, outrossim, nos enunciados artísticos, ou seja, literários, uma vez que enquadram o gênero memórias literárias na perspectiva da OLPEF na esfera literária, porque qualificam esse gênero discursivo como

Memórias literárias geralmente são textos produzidos por escritores que ao recordar o passado, integram ao vivido o imaginado. Para tanto, recorrem a figuras de linguagem, escolhem cuidadosamente as palavras que vão utilizar, orientados por critérios estéticos que atribuem ao texto ritmo e conduzem o leitor por situações reais ou imaginárias (Clara *et al*, 2021, p. 19).

Uma conceituação que faz um diálogo com as ideias da pesquisadora Boeno (2013), partindo do pressuposto de que a memória no campo literário apresenta personagens reais ou ficcionais sendo escrita pelo autor como um resgate da experiência vivida de modo original e criativo no enunciado produzido. Além de que, mobilizam a linguagem para seu discurso de singularmente, sob viés literário, por exemplo, valem-se figuras de linguagem, e escolhem criteriosamente palavras linguísticas com intenção artística para alcançar os múltiplos significados inerentes aos enunciados literários, materializada se o recurso da linguagem está ancorada no aspecto estético, que traz o ritmo da memória e produz os mais diversos efeitos de sentido no leitor.

Nos dizeres de Boeno (2013), ao escrever os enunciados no gênero da memória literária, constatamos que os acontecimentos narrados estão em diálogo com os discursos que nos apresentam relatos históricos, pois nos trazem uma realidade experiencial viva, na interligação de fatos da história e sociedade, que expressam a “vida real e concreta” (Boeno, 2013. p. 42), o que, segundo estudiosos, é presumível, pois, na produção da memória escrita em contexto

literário, o processo de individualização e subjetividade da consciência da pessoa lembrada no resgate dos eventos passados renasce na narrativa dos fatos. Desse modo, o gênero Memória literária é conceituado como

[...] uma narrativa ficcional escrita em primeira ou ainda terceira pessoa, na qual o autor conta as lembranças de sua vida ou da de outra pessoa. É uma escritura que possibilita uma visão do passado. As reminiscências relatadas são baseadas em fatos reais com tons de ficção, pois toda Literatura é potencialmente autobiográfica criada a partir das experiências estéticas dos autores (Boeno, 2013, p. 43-44).

As memórias literárias trazem à tona uma obra escrita baseada na imaginação fictícia ou recortes factuais memorizados. Revelam a maneira muito própria de tecer o enunciado como uma característica única, segundo a vontade e a escolha do autor em diálogo ativo com os outros ao seu redor, uma vez que a voz autoral, ao desenterrar o que está submerso no âmbito da experiência e da vida e as interações cotidianas de eventos vividos, mantidas na memória e, quando lembradas, são compartilhadas com os outros. Isso porque, no contexto da literatura, a memória é um discurso narrativo ficcional caracterizado por uma escrita própria, uma interação com a memória coletiva com a qual fala diretamente para materializar o enunciado escrito, pois não há “[...] elaboração de uma memória individual fora de sua intercessão com a memória coletiva — assim como não há memória coletiva fora dos diálogos com as imagens pertencentes às memórias subjetivas” (Pereira, 2014, p. 345). Também elucidada:

É em uma relação com o *outro* nas várias esferas do cotidiano em que o sujeito age e interage. Nesses atos sempre há um interlocutor, um ouvido atento e disponível para o ato da escuta, momento em que a memória é partilhada ou, melhor dizendo, compartilhada. Essa é a admirável sensibilidade do ser humano (Boeno, 2013, p. 47- 48 grifo da autora).

No que se refere à OLPEF, para Clara *et al.* (2021), conectar-se com outra pessoa, com o interlocutor, com a pessoa mais velha da comunidade entrevistada, é a base para a materialização da obra aluno-autor da escrita das memórias literárias no Programa Escrevendo o Futuro. Nesse sentido, as narrativas memorialísticas partem do conhecimento experiencial dos habitantes do local onde residem o entrevistado, retiradas do passado. Sob o olhar especial dos alunos, os dias de outrora são recontados à medida que são trazidos à memória do presente, porque “para escrever boas memórias os alunos-autores precisam, simultaneamente, contar com um olhar de hoje, sobre o passado de outra pessoa, como se fosse ela, também, valorizar a singularidade e estética literária” (Marcuschi. 2011. p. 24).

Não obstante, Marcuschi (2011) alerta para a complexidade do gênero memórias literárias, que se constitui com uma grande problemática para o jovem aluno-autor, ao elaborar esse gênero de discursivo na OLPEF. A autora ressalta que é comum, na análise dos gêneros, distinguirmos as enunciações que são da esfera literária (romance, poema, conto etc.) dos que não o são (anúncio, depoimento, receita culinária, notícia, artigo de opinião etc.). Ainda que essa diferença pareça pequena, não há uma perspectiva única sobre tal divergência, seja entre pesquisadores, especialistas e estudiosos que pesquisam o discurso literário, ou entre os que usam a linguagem, geralmente, sobre quais recursos linguísticos baseados em que fundamentos estéticos explicitam aquilo que há de efetivamente literário em um enunciado, isto é, somente a diferença entre as esferas não é suficiente para o estudo das memórias literárias na OLPEF, no entanto, o que há de específico na língua desse gênero discursivo que o inclua no terreno da literatura.

No contexto da OLPEF, o material orientador, os docentes são direcionados a auxiliar os estudantes na recuperação de antigos e atuais caminhos na construção escrita do gênero, ao enunciar “em seu estudo as Memórias, além de vinculá-las à esfera literária e caracteriza-as como um certo transgredir da realidade vivida” (Gomes, 2021, p. 141). Transgressão materializada por meio de uma perspectiva particular e de reflexo de quem produz o enunciado acerca dos fatos sócio-históricos, pelo uso mais forte de recursos estilísticos da linguagem, ou seja, pela aspiração do autor “de provocar, no leitor, experiências estéticas, éticas e ideológicas, etc.” (Marcuschi, 2011, p. 25). Logo, com base nessa percepção, em diálogo com as circunstâncias da Olimpíada, a pesquisadora conceitua esse gênero discursivo:

De modo geral, as *memórias literárias* recuperam, em uma narrativa sob a perspectiva contemporânea, experiências de tempos mais remotos, vivenciadas pelo próprio autor ou por terceiros que lhe tenham dado o seu testemunho. Mesmo nesse último caso, no entanto, as memórias constituem um ato discursivo assumido por quem as escreve: alguém que está livre para recriar o real à sua maneira, já que esse gênero é da esfera literária. (Marcuschi, 2011, p. 25 — grifos da autora)

Na análise das memórias literárias no estudo do gênero enquanto enunciado concreto e sua função social na construção de identidades, na produção escrita vencedora (*corpus* desta pesquisa) na sexta edição/2019 da OLPEF (23 enunciados finalistas e 1 vencedora) no Centro Educacional de Ibiassucê (CEI), leva-se em conta os pressupostos conceituais da interação discursiva (Bakhtin, 2016; Volóchinov, 2017). Concepção dialógica com a qual os alunos-autores se situam na dimensão textual-discursiva em forte diálogo com seus respectivos enunciadores, ancorados nas axiologias sociais, em que estão inseridas as concepções de juízo

de valor, do extraverbal e entonação (Bakhtin, 2002).

Concepções necessárias para que se arquitetem nas memórias literárias como seres impares, próprios, relacionadas ao tema geral da OLPEF “O lugar onde vivo” (Clara *et al.*, 2021), consoante ao objetivo exigido pela situação de comunicação específica da Olimpíada, por meio da forma composicional do gênero idealizado pela OLPEF (lara *et al.*, 2021) e pelas seleções dos recursos linguístico-enunciativos conforme as nuances de valor ideológico propícias ao plano discursivo que os alunos-autores materializam no concurso dos enunciados na esfera literária da atividade humana (Bakhtin, 2016).

Conforme Marcuschi (2011), a OLPEF, ao determinar que o gênero escrito se inclui na esfera artística literária, não somente por trazer aos enunciados os eventos históricos narrados, com utilização somente da linguagem denotativa, apresenta outros elementos linguísticos próprios ao estilo verbal das memórias literárias na Olimpíada, além dos elementos linguístico-enunciativos que apresentam ao gênero dimensões literárias, no sentido de oferecer ao leitor a fruição, a satisfação estética que os discursos artísticos oferecem aos seus prováveis leitores/interlocutores.

Desse modo, conforme as circunstâncias de produção escrita das memórias literárias na OLPEF, esse gênero discursivo pode ser escrito e conhecido pelos demais indivíduos, não apenas pela pessoa que vivenciou as memórias contadas (Clara *et al.*, 2021), por isso que os alunos são instruídos a aproximarem-se de antigos moradores das comunidades nas quais vivem, ouvir atentamente as suas lembranças e escrevê-las para passarem serem conhecidas e lidas por vários indivíduos (Clara *et al.*, 2021). Os estudantes, dessa forma, não descrevem as suas próprias memórias, por serem muitos novos e não conservarem um vasto repositório de experiências vividas em épocas passadas de suas vivências, no entanto, desenvolvem o conteúdo temático (Bakhtin, 2016) em suas construções escritas com base nas memórias das pessoas entrevistadas do lugar onde vivem, porque

Ao registrar esses relatos, podem optar em se colocar no lugar do entrevistado (o que significa escrever em primeira pessoa); podem inicialmente apresentar o entrevistado, que passa então a narrar os acontecimentos (neste caso, a narrativa também é em primeira pessoa, mas precisa ficar bem claro quem está falando no texto: no primeiro aparece o narrador-observador e depois o narrador-personagem); ou ainda podem reportar-se à narrativa do entrevistado, o que significa escrever o texto em terceira pessoa (Clara; Altenfelder; Almeida, 2016, p. 34).

Os alunos-autores, por não poderem falar de si mesmos, escrevem os enunciados como se fossem o entrevistado. Sendo assim, os alunos-autores, ao narrar as memórias dos moradores

mais antigos da comunidade, trazem aos enunciados uma diversidade de vozes sociais (Volóchinov, 2017) que se apresentam na narração oral dos acontecimentos. Os alunos-autores assumem uma atitude ativa de responsabilidade, ao transportarem para o enunciado escrito as narrações orais dos indivíduos mais velhos entrevistados, porque se apropriam dessas falares sociais escutadas, outrora, assimilando-as às suas próprias vozes sociais (Volóchinov, 2017), na formação de um cenário memorialístico no qual uma pluralidade de vozes repercutem em suas construções escritas do gênero memórias literárias a partir dos recursos linguísticos que consomem o estilo de linguagem desse gênero discursivo em conciliação inseparável com os conteúdos temáticos recomendados pela OLPEF e a forma composicional.

No que diz respeito aos três fundamentos constitutivos de todo e qualquer gênero discursivo sob a perspectiva de Bakhtin (2016), conceituados na subseção teórica do primeiro capítulo desta dissertação, o conteúdo temático, primeiro deles, “O lugar onde vivo”, assim como os temas auxiliares, recomendados pela OLPEF para as produções escritas dos alunos-autores do gênero discursivo memórias literárias baseia-se nas memórias de moradores velhos da comunidade. Memórias resgatadas a partir do passado desses indivíduos por meio de conversas e entrevistas, o dito ponto de partida, para os enunciados serem escritos, durante o desenrolamento das oficinas da SD em sala de aula. Nesse sentido, a relação dialógica que se constitui entre alunos e moradores integra uma união entre o real e o imaginário, que reflete e refrata as experiências de quem recorda eventos antigos e de quem as conta nos enunciados memorialistas elaborados.

Nessa conjuntura específica das memórias literárias produzidas para a OLPEF, os enunciados foram escritos na 6.^a edição em 2019 por estudantes de 6.^o e 7.^o anos a partir de indagações orais desenvolvidas com moradores mais velhos da comunidade. Produções escritas que não evidenciam somente a memória individual do morador, todavia a memória coletiva (Aquilles; Gondar, 2016) incluída no ambiente de uma reminiscência particular, ao trazer ao presente a história de vida de épocas passadas, dos mais diversos agrupamentos sociais, no entanto, interligadas ao lugar onde vivem. Isto se dá uma vez que, na percepção do dialogismo, o outro é a base capital na formação do indivíduo, já que, na interação discursiva, a princípio essencial do significado linguístico existe no social (Volóchinov, 2017).

O ato de entrevistar é uma atividade fundamental para a composição da escritura das memórias literárias, na ocasião em que o aluno-autor aloca-se em posição de escuta, o ato de escutar que é difundida na teoria do Círculo de Bakhtin, que concede voz ao *outro*, que escuta o *outro* com a sua consideração e acolhida, “que dialoga, que responde mesmo em silêncio, em postura corporal” (Erdei; Boeno; Padilha, 2013, p. 521). Barthes (1990, p. 217), alega que

“ouvir é um fenômeno fisiológico, escutar é um ato psicológico”. Cremos que esse exercício humaniza as relações entre os indivíduos e é uma atitude cidadã e humanista para com esse outro ser tão valioso para a nossa formação. Nesse exercício, o aluno-autor necessita localizar-se “na posição exotópica, de onde terá um excedente de visão do seu outro, e deverá se posicionar diferentemente a partir desse encontro” (Erdei; Boeno; Padilha, 2013, p. 521). A partir desse “encontro” com “outro” que o “eu” se forma. O sujeito é inacabado, conforme a teoria bakhtiniana, uma vez que somos e estamos em contínua construção de relações.

A evocação das reminiscências de seu interlocutor escutadas é material concreto para desenvolver a atividade da retextualização cujo processo consiste em transformar o enunciado oral para o escrito, na qual o aluno-autor registrará suas impressões e percepções sobre o que ouviu de um morador mais velho em forma de narrativa em primeira pessoa.

Nesse sentido, a alteridade é um aspecto essencial do ser que enuncia, apanhada continuamente na troca de vivências com o interlocutor, já que o enunciador se forma por meio da comunicação verbal, ao expressar na enunciação as situações imediato e sócio-histórico ideológico, os quais balizam os alunos-autores das memórias literárias como seres ativos e responsivos na comunidade. Logo, os sujeitos-autores se situam com teor avaliativo e volitivo perante aos temas mobilizados, por mais que seus dizeres achem-se permeados por vozes sociais antecedentes, dado que fazem seleções específicas de recursos léxico-gramaticais da linguagem para o seu plano do dizer, além de elegerem, particularmente, os eventos mais relevantes contados pelos indivíduos mais idosos entrevistados da sociedade, ou seja, significa, segundo Geraldi (2013), que este mundo de significados que herdamos, o peso de um passado que carregamos, é um passado sempre revisitado, sempre abandonado.

Os fatos (como os elementos naturais) não mudam por conta própria: eles são modificados pelo presente, dando-lhes novas interpretações e novos significados (e novos usos). Os alunos-autores têm o papel de atribuir vida ao que foi enunciado pelo entrevistado, ao trazer à superfície sentimentos por meio da sua interpretação particular e autoral da realidade contada pelo morador. É importante ainda enfatizarmos que, embora das memórias literárias retratarem acontecimentos passados, são narradas no presente, singularidade que as distingue de outros gêneros que também contam fatos vivenciados pelo aluno-autor, como as autobiografias, biografias, relatos históricos, entre outros.

Dessa forma, o tema indicado pelo concurso da Olimpíada objetiva refletir e refratar a história social e coletiva de pertencimento daqueles que discursam, a fim de que os alunos, partícipes do evento, sintam-se igualmente inseridos no sentimento de pertença das comunidades em que residem. Logo como trazem também o entroncamento de suas vozes

sociais com as vozes sociais dos entrevistados, ao discurso concreto, para falarem, por meio do gênero, como se fossem o sujeito entrevistado, ao reelaborarem o que escutaram.

Assim como a vida real e o tema das enunciações produzidas na OLPEF são inseparáveis, como em qualquer outra conjuntura, a relação dialógica (Bakhtin, 2016) que se institui nas memórias literárias explicita uma aliança entre os interlocutores, dado que o morador mais velho da comunidade narra os seus momentos vivenciados passados aos estudantes com a condição de que eles os preservem do esquecimento, ao serem guiados pelos conteúdos temáticos definidos pelo concurso (Clara *et al.*, 2021). Logo, os alunos, ao descobrirem esses ditos passados dos indivíduos mais antigos entrevistados das comunidades, colocam-se, ativamente, em uma relação de alteridade com essas pessoas (Bakhtin, 2016; Volóchinov, 2017), uma vez que as recordações do passado são referendadas no momento presente, na junção do individual daquele que ouve ao que é coletivamente resgatado e ainda tingido ideologicamente, isto é, valorizado e decidido como os melhores fatos da vida pelo habitante em um auditório social situado (Bakhtin, 2002).

É importante destacarmos ainda que os aluno-autores, ao enunciarem acerca do tema previsto pela Olimpíada, não enuncia de qualquer tempo e de qualquer espaço, mas, sim, de um espaço-tempo particular, que integra a história de vida própria do indivíduo mais velho entrevistado da comunidade, o que a torna singular em relação às demais histórias existenciais. Os locutores-narradores assumidos pelos sujeitos-autores, isto é, o eu que discursa no enunciado, também é único, particular, porque nunca é igual a nenhuma outra pessoa, porque ante perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin, embora do “eu” só se constituir socialmente a partir do olhar do outro (Bakhtin, 2016), constantemente traz sua especificidade autoral ao gênero. Assim sendo, todo eu individual toma um lugar singular que nunca será preenchido por outro no processo enunciativo. É essa natureza constitutiva do tema responsável pelo acontecimento de um mesmo fato jamais ser refletido e refratado por diferentes indivíduos enunciadores do mesmo modo (Bakhtin, 2016). Todo sujeito social para existir, singularmente, enuncia em um tempo e um espaço igualmente ímpar que somente ele preenche, já que estão ligados às experiências próprias da vida do locutor-narrador que se revela no enunciado concreto realizado.

O segundo componente característico do gênero, a construção composicional das memórias literárias na OLPEF, está essencialmente associado aos elementos que constituem o enunciado, delineados como construtivos da produção escrita do gênero no concurso. Marcas que apresentam e combinam os dispositivos composicionais para o acabamento do conjunto discursivo, ao levarem sempre em observação os temas delineados pela OLPEF, o objetivo, o

enunciador e os interlocutores da relação dialógica para a materialização do enunciado na competição (Bakhtin, 2016). Na construção escrita do gênero no evento, a constituição composicional, assim como afirma Bakhtin (2016), é a forma do discurso em sua totalidade, que ajusta o enunciado à composição enunciativa e estilística das memórias literárias produzidas pelos alunos-autores.

Na esfera do concurso da OLPEF, em relação à construção escrita do gênero discursivo memórias literárias, as elaboradas norteiam que a unidade composicional de base narrativa revele três partes características, denominadas de plano global do gênero — início, meio e fim (Clara *et al.*, 2021). Possivelmente, por esse gênero discursivo ser delineado no caderno pedagógico para ser escrito a um concurso de produção texto de cunho nacional, as autoras do material não oferecem liberdade aos alunos inscritos a narrarem do modo mais flexível, sem que deixem de seguir a uniformização desses três elementos da estrutura textual determinados pelo material orientador, o Caderno *Se bem me lembro...*, já que delineiam um modelo fechado de estrutura composicional para as Memórias.

No entanto, isto não impede o agir dos sujeitos-autores nos discursos concretos escritos, uma vez que criam a partir de agir responsivos próprios diversas formas composicionais particulares axiológicas a partir do dado no que diz respeito à estrutura composicional das memórias literárias (Bakhtin, 2016). Os alunos-autores, nesse sentido, ao partirem da forma, movimentam também de maneira própria os elementos linguístico-enunciativos voltados ao seu agir/dizer no discurso concreto, amparados ou não no que orienta o Programa. Desse modo, o consolidado previsto para a construção do estilo de linguagem desse gênero discursivo não é uma barreira para a escolha dos mais distintos arranjos linguístico-enunciativos ímpares revelados na estrutura composicional axiológica do enunciado concreto (Bakhtin, 2016).

Além disso, a Olimpíada explícita, nesse mesmo ponto, que as memórias literárias para OLPEF são escritas em primeira pessoa do singular, principalmente, com probabilidade de ocorrência da primeira pessoa do plural, caso o locutor-narrador tenha a intuito de designar uma ação ou partilhar sentimentos com demais personagens no enunciado memorialístico (Clara *et al.*, 2021). A Olimpíada não reforça, mas orienta a utilização da primeira pessoa do singular como aspecto dominante no enunciado. Essa uniformização da OLPEF da pessoa do discurso, como uma característica particular do estilo de linguagem do gênero memórias literárias, cogita incentivar os alunos-autores a evidenciem igualmente na concretude textual-discursiva um aspecto homogêneo da marca de autoria nas construções escritas. Os docentes de Língua Portuguesa e, especialmente, os alunos-autores são dirigidos a privilegiarem a primeira pessoa do singular na maior parte do enunciado a fim de que evidenciem os efeitos de sentidos com os

recursos linguísticos mobilizados em função do seu propósito de dizer.

No que concerne à arquitetura global do gênero na OLPEF (Clara *et al.*, 2021), na apresentação do enunciado, o caderno orientador *Se bem me lembro...* mostra que o tempo passado e, especialmente, o espaço (O lugar onde vivo), carecem obrigatoriamente de ser exibidos, de imediato, no primeiro parágrafo da estrutura composicional, pelos alunos-autores. Essa direção tem o propósito de fazer que os interlocutores, os componentes das Comissões Julgadoras e os prováveis leitores obtenham uma visualização do conteúdo temático de pronto, no parágrafo de introdução das memórias literárias elaboradas. Na perspectiva de compreenderem qual lugar e tempo foi resgatado das experiências de vida do passado dos moradores entrevistados.

No que diz respeito ao que seria o “meio” do enunciado, isto é, aos parágrafos de desenvolvimento das memórias literárias, Clara *et al.* (2021) recomendam que os alunos-autores realizem uma seleção dos eventos mais relevantes das pessoas mais antigas entrevistadas dos lugares onde vivem. Os estudantes são instruídos a eleger, entre os acontecimentos colhidos, os mais importantes, isto é, os mais relevantes vividos na época passada pelos informantes das comunidades que se dispuseram a dialogar com eles. Essa valoração dada ao sujeito entrevistado e aos seus dizeres concretiza-se por meio de seu papel social, legitimado pelas opiniões sociais, e pelos já-ditos sobre esse informante. Esses acontecimentos são caprichosamente detalhados, com embasamento na descrição meticulosa dos indivíduos mais velhos, dos lugares apresentados, dos objetos revelados durante a demonstração dos fatos e de todo e qualquer elemento que venha compor a composição estrutural dos parágrafos de desenvolvimento da arquitetura composicional desse gênero discursivo escrito para a OLPEF.

Além disso, na parte da conclusão, há o encaminhamento de Clara *et al.* (2021) para que os alunos-autores materializem o enunciado com um desenlace sugestivo, delineado com questionamentos pelo aluno-autor sobre os acontecimentos passados do sujeito mais velho da comunidade entrevistada e, até mesmo, com a possibilidade de distanciamento dos fatos contados das recordações pretéritas do contador à época atual, direcionamento colocado pelas autoras do caderno pedagógico.

Não obstante, desses aspectos imperiosos prescritos para as construções escritas pelos alunos-autores, as autorias das memórias literárias, mesmo as que seguem a indicação da OLPEF, apontam ordenações estruturais-discursivas axiológicas surpreendentes, por provocarem sistemas linguístico-enunciativos únicos que organizam a estrutura textual-narrativo-enunciativa das memórias literárias vencedoras na Olimpíada na escola pesquisada, o

CEI. Particularidades que não os desclassificaram do concurso, visto que constituíram modelos composicionais irrepetíveis, uma vez que não acompanharam as amarras do textual estabilizado e descontextualizado das experiências dos moradores mais velhos das comunidades entrevistados, como meros esqueletos do enunciado desencarnados dos juízos de valores das vozes sociais que dialogam nas construções escritas.

Nessa direção, compuseram projetos ideológicos do dizer vivos e relacionados à correia ativa da interação discursiva (Volóchinov, 2017). Constatamos que o Caderno do Professor *Se bem me lembro...* carrega uma maior mobilidade de direção para a escrita do gênero durante a elaboração dos parágrafos de desenvolvimento, uma vez que os alunos-autores foram recomendados a eleger entre os fatos da vida do habitante entrevistado, os mais marcantes sob as suas perspectivas, para narrarem os acontecimentos, mesmo que em sala de aula tenha ocorrido a determinação da triagem dos fatos da vida do entrevistado pelo docente de Língua Portuguesa, orientador das composições. A direção mais plástica da Olimpíada não se colocou como impedimento para que o aluno-autor se apresentasse nas construções escritas como indivíduo ímpar, uma vez que combinam no material textual-discursivo um diálogo intermitente entre enunciativo e interlocutor, isto é, demarcam como indivíduos ativos na interação enunciativa discursiva que ocupam um lugar responsivo na comunidade a partir de suas posições sócio-valorativas diante dos atos narrados.

Desse modo, apresentam parágrafos-enunciativos de desenvolvimento singulares nos planos discursivos elaborados. Entretanto, o engessamento ilusório do arranjo composicional do gênero retorna na construção da conclusão das memórias literárias, porque os alunos-autores só têm duas alternativas de desenlace ditados pela Olimpíada, ou trazem os fatos vividos no passado ao presente, acumulados em uma época passada, ou questionam-se sobre os acontecimentos de outrora, ao compará-los com o tempo atual em que se localizam (Clara *et al.*, 2021). Contudo, os alunos-autores, ao escolherem por uma das duas alternativas de fechamento, trazem-nas ao plano enunciativo ajustado ao seu querer dizer no decorrer da escrita das memórias literárias. Em vista disso, por ser um gênero considerado pela OLPEF como literário, os alunos-autores poderiam estar livres para surpreenderem na escrita desse enunciado, porque, na nossa percepção, o gênero requisitado pela Olimpíada não é um modelo pré-construído para os discentes seguirem linearmente, pois igualmente constatamos o inusitado, o criativo a partir do linguístico.

Por sua vez, o estilo de linguagem para a construção escrita do gênero memórias literárias na OLPEF, é tratado e analisado, nesta pesquisa, em conciliação com a concepção de Bakhtin (2016), uma vez que entendemos a composição da dimensão verbal desse gênero

discursivo na Olimpíada a partir das opções estilísticas que dizem respeito à utilização particular de recursos fraseológicos, gramaticais e léxicos da língua, na interação verbal, que, segundo Bakhtin (2016), é essencial nas atividades de linguagem, uma vez que toda e qualquer opção linguística é pertinente ao enunciado concreto realizado.

Portanto, diante de tudo que tratado anteriormente, retomamos Bakhtin (2016), que afirma serem três os elementos que constituem o gênero discursivo, que o faz distinguir-se de outro: o conteúdo temático, a forma composicional e o estilo. O gênero discursivo memórias literárias, objeto de análise dessa dissertação, é qualificado por se mostrar como tema o relato de acontecimentos vividos ou presenciados por indivíduo em épocas passadas, manifestados por meio das reminiscências. A forma composicional apresenta uma sequência narrativa na qual o narrador conta uma história que aconteceu no passado em forma de memória; sua estrutura, como qualquer outra narrativa, é composta pelos elementos a seguir: personagens, narrador e enredo, espaço e tempo. Em relação ao estilo, no gênero memórias, a escolha do vocabulário possibilita identificar os recursos linguísticos que o autor utiliza para descrever objetos, pessoas, lugares ou para expressar e estimular os sentimentos, sensações e estados mentais do leitor, como a escolha de adjetivos e o uso de conotações por meio de figuras de linguagem. Especificamente, o estilo associado ao terceiro elemento, como já mencionado, pertence ao campo da literatura, o gênero memória caracteriza-se pelo uso de elementos que demonstram sua expressividade e subjetividade. A seguir, faremos mais algumas considerações sobre a temática proposta pela OEPPF, uma vez que está diretamente ligada com os objetivos desta dissertação.

3.2.1 “O lugar onde vivo”: algumas considerações

A temática proposta pela OLPEF destaca a questão da confluência com o pretérito mais próximo da nossa era e a união de gerações. Nesse panorama se evidencia a importância dos indivíduos que vivenciaram muito e têm a transcrição de suas vivências no local em que se viveu e ainda vive. É memória viva de uma comunidade narrada por um morador mais velho de um povo, é uma história extraoficial, uma história que a literatura não traz. São existências que se transformam pelas experiências, são vivências refletidas. As memórias dos indivíduos mais velhos nos auxiliarão a entendermos a nossa própria história marcada até a contemporaneidade por contrastes e exclusões de minorias.

A fim de se refletir e falar do local em que se vive, entendemos ser fundamental recuperarmos o debate da memória, enquanto encontro, reconhecimento, situação, não obstante,

toda nossa experiência é referendada numa época presente, tanto individualmente como coletivamente, e num certo espaço. É nesse ordenamento que a memória dos indivíduos, com quem nos encontramos e com quem juntamente constituímos (no passado e no presente) a história humana, revela a imagem social de uma comunidade (Erdei; Boeno; Padilha, 2013). Esse tema, “O lugar onde vivo” (ou em se viveu), é vinculado a formação do indivíduo e realiza-se enquanto um espaço constitutivo. Todo espaço onde se reside ou se esteve, ora como moradia, como esfera de atividade profissional, como local de fé, etc., é um local que possui memória, que nos descreve histórias de vivências, de convivência lá constituídas, da linguagem ali adotada. E essa memória advinda do espaço, sendo elementos de nossa formação como indivíduo, que igualmente são cruciais nas formações de nossas identidades, de nossa ideia de pertencimento a esta ou àquele a comunidade, a este ou àquele legado, às convenções e à cultura. Assim, ponderamos que o tema visa recuperar e destacar esse espaço de experiências únicas e peculiares.

Deste modo, os espaços de vivências convidam a memória que nos faz lembrar ou esquecer de pessoas, de materiais, de demais espaços, de vestígios, entre outros, através de exercícios mentais acionados pela emoção do coração. Tomando como base esse alinhamento de raciocínio, o pensador Aristóteles (Séc. IV a. C.) versava a respeito da memória que, na sua concepção, é fruição da imagem. Uma fruição dilatada pela reflexão e nos conduz ao acontecido do pretérito como tal, sendo o saber como reminiscência.

Ainda sobre a temática “O lugar onde vivo”, iremos descrever brevemente a cidade de Ibiassucê, lugar onde se passa os eventos narrados no enunciado de memórias. O município possui uma população de 10.429 no censo de 2022 (IBGE, 2023). Situado na região semiárida da Bahia, numa área denominada Polígono das Secas que se caracteriza pela de extrema aridez e estiagens prolongadas.

Mas como era? Como se deu a formação do antigo arraial que é hoje Ibiassucê? Localizada no Alto Sertão da Bahia, a antiga vila de São Sebastião integrava território de Caetité até 1919. Segundo Ortiz (2015), Caetité é um município muito antigo. Em 1754 foi criada a paróquia de Santana. Em 1810, Caetité emancipou-se de junho de Rio de Contas. Seu território era vastíssimo, incluindo grande parte do Alto Sertão da Bahia, a exemplo dos municípios de Caculé, Rio Antônio, Brumado, Igaporã, entre outros. O povoamento do Alto Sertão baiano teve sua origem no início do século XVIII. O território onde está localizado Ibiassucê começou a ser povoado na primeira metade do século XIX. Povoou-se a partir do entrelaçamento de descendentes dos primeiros indivíduos que chegaram à região, formando um grupo social com vínculo de parentesco.

Assim, os troncos familiares foram se estabelecendo no nosso território. No início do povoamento, as celebrações religiosas eram realizadas na casa grande que era localizada na parte mais elevada da topografia acidentada do arraial que se formava. Esse local hoje é a Praça Oliveira Brito. A escravidão estava presente, homens e mulheres de todas as idades exerciam o trabalho forçado nas roças, plantando e colhendo, cuidando do gado e fazendo o trabalho doméstico (Ortiz, 2015).

Furtuosa Maria de Jesus iniciou a construção da capela do Arraial no largo Venda Velha, onde foi fincado no Cruzeiro Tratado de 1863. Ali permanecendo até a década de 1960. A igreja de São Sebastião, porém, foi edificada no topo da elevação acidentada, próximo à “casa grande”. Ela foi construída no mesmo estilo arquitetônico da igreja de São Benedito de Caetité. Situado geograficamente nas proximidades do Rio Jacaré e seu vale fértil, ou Rio de Negato, e sendo caminho de passagem de tropeiros e boiadas, o povoado foi se desenvolvendo. Em 1876, foi criado o distrito de paz de São Sebastião, o cartório foi, portanto, instalado no arraial.

Quatro anos após a criação do distrito de paz, em 1880, foi criada a Freguesia de São Sebastião e desmembrado da Freguesia de Santana de Caetité, no entanto, a oficialização do desmembramento dessa freguesia só ocorreu quatro anos após a sua criação datado de 8 de julho de 1884. Documentos históricos mostram que houve litígio por questão de limites entre as freguesias de São Sebastião e Santana de Caetité. A Freguesia de São Sebastião foi oficialmente instalada com provisão de 9 de setembro de 1884. Nessa época, não se sabe o número de habitantes residentes, contudo é possível dizer que o arraial se expandia. Caculé, atual município vizinho, era também um arraial em formação obteve a condição do distrito de paz em 1880. O Cônego Miguel Monteiro, que antes vivia em São Sebastião, liderou a emancipação de Caculé que ocorreu em 1919. São Sebastião passou a pertencer a Caculé a contragosto da população e somente após 43 anos de dependência política conseguiu sua emancipação em 1962 (Carvalho, 2015).

Nesse ano, 1962, por ocasião da emancipação política, recebeu esse nome. Ibiassucê que em tupi guarani significa “terra de altos coqueiros”. Após a emancipação, as mudanças na vida da população foram acontecendo lentamente. As ruas de terra vermelha foram recebendo calçamento, a praça da igreja foi construída, escolas de ensino fundamental foram criadas. A energia elétrica foi instalada na década de 80. No entanto, a população do município ainda hoje sobre com abastecimento de água. No que tange à categoria de econômica, o município possui um considerável número de fábricas de tijolos e telhas. Além disso, a população rural pratica a pecuária de subsistência. Está localizado no Território de Identidade Sertão Produtivo da Bahia. Consoante a Secretaria de Planejamento da Bahia (SEPLAN), os Territórios de Identidade do

estado da Bahia foram declarados como separação territorial oficial de organização das políticas públicas estaduais no ano 2010. A concepção de Território de Identidade (TI) resulta do processo principiado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário, com toda a questão para formação dos territórios rurais em 2003. No estado da Bahia, naquela conjuntura, depois de vários encontros e debates entre agentes sociais e dirigentes públicos, formaram-se vinte e seis extensões rurais que, posteriormente, constituíram os vinte e seis Territórios de Identidade da Bahia (Bahia, 2016).

Todavia, no mesmo ano de 2010, algumas modificações intercorreram na classificação territorial inicial, provocadas pela ação de alguns municípios que não se percebiam mais pertinentes ao território em que estavam agregados e pela reunião de cidades constituídas como território, que almejavam alcançar transformações no ambiente a que eram relacionados. A implantação de novos laços e interrelações geraram novas identidades (Bahia, 2016), surgiu mais um TI. Deste modo, atualmente, o estado da Bahia conta com 27 Territórios de Identidade.

Segundo a Seplan (Bahia, 2016), o conceito de território é visto enquanto um ambiente físico, geograficamente determinado, frequentemente contínuo, qualificado por princípios multidimensionais, tais como o espaço, economia, comunidade, os aspectos culturais, a política e as instituições, e um povo com agrupamentos sociais relativamente dispare, que se associam interna e externamente por meio de movimentos específicos, em que se consegue diferenciar um ou mais fundamentos que retratam identidade, associação social, de cultura e de território. Os Territórios de Identidade aspiram consolidar-se como escopo de organização e inserção de políticas públicas, considerando a obrigação de descentralização e do comprometimento dos autores locais como fundamentais para o desenvolvimento (Bahia, 2016).

Sendo a pecuária e a mineração como responsáveis pela constituição das primeiras povoações do Sertão Produtivo, posteriormente adicionando a posse de extensões menos afetadas pela seca e que asseguraram a instalação de propriedades pequenas alicerçadas na agricultura. Caetité, Ituaçu e Livramento de Nossa Senhora são exemplares de centros urbanos no TI que possuem os vestígios do legado sócio-histórico-cultural. A região dispõe de dezesseis patrimônios tombados pela Bahia, divididos entre as cidades de Caetité, Guanambi, Ituaçu e Nossa Senhora do Livramento (Bahia, 2016).

Do mesmo modo são encontrados vários sítios arqueológicos no território. No que concerne, ainda, ao movimento de ocupação e seu legado no território de identidade, são registrados setenta e um ajuntamentos quilombolas, achando-se cinquenta e três certificados pela Fundação Cultural Palmares (Bahia, 2016). Após dissertarmos sobre o tema, na subseção a seguir apresentaremos uma discussão sobre a relação de memória e construção da identidade.

Essa discursão é relevante, uma vez que para a construção do gênero discursivo memórias literárias, os alunos utilizaram as histórias de moradores de comunidades locais da cidade de Ibiassucê, situada nesse território, pessoas comuns que contribuíram e constroem a sua história do lugar onde vivem em que procuraram trazer informações particulares, interessantes, pitorescas, relevantes sobre a comunidade local em épocas passadas. O município tem a maior parte população rural, por isso eventos como a vaquejada e cavalgada são muito comuns. Seus modos de vida se confundem com as variadas tradições dos primeiros habitantes e retiros que formaram as primeiras comunidades nas terras do Alto Sertão. A religiosidade é um princípio norteador das raízes culturais dos habitantes desta cidade. Os eventos juninos, reisado, presépios e outros caracterizam a identidade desse povo, muitos descendentes de quilombos, vaqueiros, migrantes e outros. Estas são as pessoas de Ibiassucê. Situada em terras do Alto Sertão, combinaram suas tradições culturais em um costume plural e próprio. A capoeira e seus aspectos de dança como maculelê, vai-de-virá e outros são geralmente difundidos na comunidade quilombola, Santo Inácio (BAHIA, 2016). Essa cultura sertaneja, presente tanto em áreas rurais quanto urbanas, é uma marca desse lugar.

3.3 MEMÓRIA E IDENTIDADE: ARQUITETÔTICA DE TRAJETÓRIAS SOCIAIS

No ensaio *Memória e identidade* (2011), Jöel Candau discute a questão da identidade, demarcando-a, de início, como uma condição arquitetada socialmente “de certa maneira sempre acontecendo no quadro de uma relação dialógica com o *outro*” (Candal, 2011, p. 09). Trata-se, deste modo, de uma laboração social em constante constituição, ao passo que é moldada em concordância com o contato instituído com a alteridade, é afirmar que, a identidade é inserida no movimento ininterrupto que termina “com a morte, e, como um estado, altera-se permanentemente” (Souza, 2014, p. 92).

Não obstante, até o estabelecimento nas ciências humanistas a teoria de identidade enquanto processo foi um extenso percurso. Segundo Stuart Hall, em seu livro *Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (2006), no início avigorava entre os sujeitos um conceito iluminista de identidade, que era traçada por uma concepção individualista do sujeito. Este era visto enquanto uma pessoa totalmente centrada, unificada, dotada de habilidade de consciência, de atuação e de racionalidade (Hall, 2006). A identidade do indivíduo incidia em um centro interior que surgia com o sujeito e o seguia ao longo de sua vida, continuando fundamentalmente o mesmo. Posteriormente, evoluiu-se então para um conceito sociológico que começa com a ideia de interação interno-externo, com identidade formada pela “interação

entre o eu e a sociedade” (Hall, 2006, p. 11). De tal modo, a noção de sujeito como um indivíduo fechado em si mesmo é refutada. No entanto,

O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. [...] A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura (Hall, 2006, p. 11-12).

A mudança no modo de compreender os sujeitos e suas identidades se deve ao surgimento do conceito de individualidade. O indivíduo se liberta da sujeição da igreja e de seus dogmas e se torna seu próprio soberano, já não mais dependente da divindade: valorizar a racionalidade coloca o homem no centro do saber. Assim nasce o sujeito cartesiano ou sociológico: racional e cerne do saber, no entanto, ainda ligado a uma natureza imanente e imutável, tal como o sujeito do Iluminismo (Souza, 2014).

Ainda de acordo Souza (2014), com a difusão e deslocamento do sujeito cartesiano, emerge o indivíduo pós-moderno e a compreensão da identidade como processo. Consoante a percepção pós-moderna, já não existe mais a identidade fixa, significativa ou permanente. O indivíduo cartesiano, munido de uma identidade unificada e estável, se divide e fragmenta, é “composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditória e não-resolvidas. [...] O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (Hall, 2006, p. 12).

Nesse cenário, a identidade, segundo Hall (2006), volve-se em uma espécie de “partida em movimento” que é constantemente moldada e sofre transformação no que diz respeito às formas como somos apresentados ou desafiados nos sistemas culturais ao nosso redor. É definido não de forma biológica, mas sim historicamente (Hall, 2006). Portanto, a ideia de um ser imanente, que se une em torno do “eu” e se fixa de forma imutável, é abandonada.

Em vista disso, Souza (2014) afirma que as reflexões de Hall (2006) e Candau (2011) convergem na aceção de que a identidade precisa ser pensada sob o signo da temporalidade, pois como processo, ela não permite um limite ou estabelecimento, está sempre sob construção.

Essa mudança na percepção do sujeito e de sua identidade conduziu a questão sobre identidade para o cerne das discussões tanto para as Ciências Sociais quanto para as Ciências Humanas. Deste modo, quando o indivíduo cartesiano, fixo, estável, e unificado, é abalado pelo surgimento de uma compreensão pós-moderna, roto com sua suposta rigidez e coerência, a identidade torna-se uma questão problemática circundada de incertezas e dúvidas. Isso dá

origem à percepção de insegurança que segue o indivíduo pós-moderno, uma insegurança decorrente da natureza mutável da identidade, que o obriga a se ver como um ser de natureza única e inequívoca. Em última análise, isso significa “que o sentimento de pertencimento e os referentes” (Souza, 2014, p. 93) que ancoram e unem em torno da natureza segura e estável do sujeito são enfraquecidos.

A fim de propiciar uma melhor explicação e compreensão do conceito sujeito pós-moderno, Hall (2006) traça o caminho que culminou na desconstrução do indivíduo cartesiano. O estudioso apresentou em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade* cinco fatos que ampliaram gradativamente o entendimento do sujeito sobre si mesmo. O primeiro evento, segundo Hall (2006), advém das reflexões teóricas do filósofo Karl Marx, que colocam as relações sociais no centro dos problemas humanos e sociais. Posteriormente, Sigmund Freud com seus estudos do inconsciente. O terceiro é Ferdinand Saussure, que expôs a impotência dos indivíduos diante do código da linguagem, rejeitando assim a concepção de que o sujeito é o cerne do sistema social. Mais tarde, o estudioso Michel Foucault com suas ideias sobre “um novo tipo de poder, o chamado poder disciplinar” (Souza, 2014, p. 93). Por fim, com o advento do movimento feminista que levantou questões sociais até aquele momento indiscutíveis e questionou a cisão entre fora e dentro, privado e público, que abalaram as referências identitárias do sujeito. Essas mudanças sociais são resultadas de transformações estruturais que fragmentaram as paisagens culturais de sexo, de classe, gênero, étnicas, de raça e nação, pois esses parâmetros não são mais a fonte de referências fixas para a identidade pós-moderna. Assim, os sujeitos deixam de se perceber como indivíduos integrais depois que sua referência identitária é solapada (Hall, 2006).

Esse processo descentralizador que o indivíduo cartesiano vivenciou levou à comprovação de que a identidade é sempre formada em relação ao outro e também ao grupo social. Em última análise, essa situação prejudicou a compreensão do sujeito sobre imanência e identidade. Os sujeitos estão constantemente conectados mutualmente. Na pós-modernidade, revelou-se que a alteridade é parte do sujeito. O indivíduo se forma diante de diferença, em um processo de convergência e distanciamento, de modo que não se pode acreditar em identidades permanentes, consolidadas e fechadas, uma vez que, segundo Hall (2011), as identidades se constroem pela diferença, não fora dela. Isso significa o reconhecimento radical e perturbador de que qualquer termo só pode ter um sentido “positivo” em relação a outro, em relação ao que não é, ao que está faltando exatamente, ao que se chama seu exterior constitutivo, daí sua “identidade” — a ser construída.

Ainda sobre a constituição identitária, de acordo às ideias de Bauman (2005), na

sociedade líquido-moderna, a identidade de um sujeito é construída por um conjunto de alternativas caracterizadas pelo imediatismo. Conseqüentemente, neste tipo de conjuntura social, uma pessoa que pode ser identificada de maneira fixa e inflexível é passo a passo mais malquista. Identidades são um conjunto de identificadores dados a uma pessoa por outras ao seu redor. Segundo Bauman (2005), a identidade do sujeito surge a partir do seu nascimento em um país e a sua afirmação naquela nação, ou seja, para adquirir uma certa identidade nacional, ele deve ser oficialmente aceite em sua comunidade social. Dessa forma, as identidades são veiculadas como leves e fugazes do ponto de vista do indivíduo moderno fluido, pois o receio da solidão e da exclusão colabora para os indivíduos serem continuamente disponíveis e sem impedimento para uma determinada relação, ainda que não seja duradoura, uma vez que se busca somente o presente momento. O contexto pós-moderno expõe como identidades sofre a influências de toda a ordem do sujeito. A principal fonte a partir da qual se constitui uma identidade cultural pós-moderna é a cultura nacional. Trata-se, esta última, de um discurso que vincula o indivíduo à nação, à terra, à cultura local. Ante ao cenário cultural diverso, sujeito a todos os tipos de influências, Canclini ressalta que “a identidade é uma construção que se narra” (Canclini, 2006, p. 129), isto é, do mesmo modo se inscreve na forma do discurso, também como na cultura nacional.

Com a globalização, as culturas nacionais sofrem a toda sorte de interação e intervenção. Para Canclini (2006), a multiculturalidade é uma temática que não se dissocia dos globalizadores. Deste modo, as identidades são expostas ao contato com outras culturas e ideologias. A identidade se mostra, assim, enquanto um processo constante, influenciado pela cultura nacional e moldado pelos processos de globalização, baseado na temporalidade e instabilidade, mudando a cada momento. Hall (2006) e Canclini (2006) chegam na mesma direção e reconhecem que identidades atualmente são “processos de negociação, na medida em que são híbridas, dúcteis e multiculturais” (Canclini, 2006, p. 138), móveis, abertos e flexíveis.

Deste modo, o fato da identidade fazer parte do processo destaca outro aspecto enfatizado na linha teórica adotada nesta dissertação: a identidade é construída num discurso. O processo de constituição de uma identidade é discursivo, uma vez é no nível do discurso que surgem as posições sociais e diferenças do indivíduo são assumidas e determinadas. A partir dessas vivências e encontros de alteridade, o indivíduo vai poder ser o sujeito de suas escolhas, construindo seu próprio discurso e sua identidade, tornando-se um sujeito consciente. De acordo à perspectiva bakhtiniana é no meio social, na relação com o outro, que organiza quem “sou”:

Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha

consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (da mãe, etc.), e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão para a formação original da representação que terei de mim mesmo (Bakhtin, 2003, p. 373).

A identidade é edificada dialogicamente, portanto não é uma entidade imutável. O olhar de todos sobre o mundo na busca de dar sentido aos seres passa pelo horizonte ideológico do sujeito, que não é individual, mas social. Consequentemente, não se pode olhar para o outro sem olhar para si, e esse olhar para si também é resultado de relações dialógicas: eu me defino pelo outro e o outro é definido por mim. Como não há olhar neutro para o outro, não podemos reconhecer os objetos em sua essência; não são dados como feitos e parados, mas sempre em construção. É um discurso que muda de objeto, não o contrário. Uma pessoa pode ser reconhecida como herói em um momento histórico e social, e então acusada de traição quando os horizontes ideológicos da sociedade mudam. Aqui há um retorno ao conceito de dialogismo independente de outros objetos. Os discursos atribuídos a um ser mudam, a identidade desse ser muda. Percebemos aqui um retorno à noção de dialogismo como propriedade inerente à linguagem e fundamento do sentido das identidades: todo discurso é erigido a partir de outros, entre os quais se estabelece um diálogo.

As identidades são compreendidas como “pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. [...] as identidades são posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora “sabendo”, sempre, que elas são representações” (Hall, 2011, p. 112). Qualquer representação requer algo para substituir uma ausência, a fim de preencher um vazio, uma lacuna deixada por outra coisa. A identidade é assim construída em função da falta, “ao longo de uma divisão, a partir do lugar do Outro” por isso as identidades não podem “ser ajustadas — idênticas — aos processos de sujeito que são nelas investidos” (Hall, 2011, p. 112). De acordo com Hall (2006), é no campo do discurso e das interações culturais e sociais que a identificação ou identidade é enfatizada e entendida como um processo classificado como aberto, flexível, híbrido, móvel, como já destacado. No plano discursivo, a questão da identidade constitui um ponto de encontro, um eixo que conecta as práticas culturais e os diversos discursos que os indivíduos encontram e desafiam, convidando-os a habitar seus espaços sociais. Todavia, esse nó pode ser feito de diferentes maneiras e pode mudar a qualquer momento. Esse nó é a identidade, o modo como um indivíduo se identifica em um determinado momento, e em relação a determinados discursos, representa como este se posiciona perante aos discursos culturais, entre outros (Souza, 2014).

É por isso que se deve pensar uma identidade vinculada a um campo semântico temporário, inacabado e indefinido, no sentido de que não está enquadrada em um quadro limitante, porque está sempre em andamento, num processo de construção e melhoria: é uma obra que jamais acaba. A identidade é construída numa ordem cultural, um complexo sistema interacionista e de articulação com o exterior, o outro, com a alteridade. Essa é a natureza dos discursos de identidade (Souza, 2014). Mas Hall (2006) adverte que essas interações e articulações não se trata apenas de conformar-se com os fatores externos, mas também as hierarquias sociais e culturais. Esse sistema interacionista e de articulação no qual o processo identificação se desenvolve é novamente um sinal do funcionamento discursivo das identidades pós-modernas: discursos culturais funcionam como âncoras nesse processo identitário (Souza, 2014).

É pela construção de uma identidade discursiva que a memória deve ser utilizada: o passado deve ser traduzido para dizer de si, para a construção de uma identidade, para formar-se como indivíduo perante ao outro e colocar-se dentro da sua comunidade. Então esse é o ponto que conecta identidade com memória e possibilita a afirmativa de Candau (2011) de que “a memória é identidade em ação”. Por conseguinte, acreditamos que será possível averiguar que o processo de construção identitária está inscrita em um processo memorialístico na escrita das memórias literárias que abarca recriando o passado, esquecimentos e lembranças de imagens pretéritas através das entrevistas mais velhas do seu grupo social. É necessário trazer a identidade para os discursos, e a memória faz isso ao passo que propicia que o aluno-autor ao narrar a história do outro, de uma pessoa relevante da comunidade, fale também de si mesmo. Neste ponto retomamos o conceito de memória coletiva proposta por Halbwachs (1990).

Em suas pesquisas, Halbwachs (1990) apontou que o contexto social que lhes deu origem, como o grupo e o ambiente ao qual um indivíduo pertence, deve ser considerado ao analisar as memórias individuais. O autor, como foi citado aqui anteriormente, distingue entre memória individual — que seria a percepção da memória factual comumente vivenciada pelos membros do grupo a partir de uma perspectiva individual — e memória coletiva — que corresponde à memória compartilhada no grupo. Para o autor, todavia, mesmo as memórias estritamente individuais sempre se referem a um grupo, pois nossas memórias ainda são coletivas, são lembradas por outros, mesmo que sejam eventos em que apenas nós estamos envolvidos, e apenas com objetos que somente nós vimos. Com esse entendimento, o pesquisador conclui que na realidade, nunca estamos sozinhos (Halbwachs, 1990).

Por esse ângulo, conseguimos presumir uma imagem de uma época a partir dos traços e impressões do ambiente passado, pensamentos e estado de espírito, e ressuscitá-la através das

memórias daqueles que testemunharam aquela época. Podemos dizer que memória constitui uma reconstrução do passado, mas de uma forma limitada e parcial, com a ajuda de dados emprestados do presente e preparados por outras reconstruções realizadas outrora, da qual a imagem do passado mudou significativamente (Halbwachs, 1990). Bosi (1998) faz a mesma consideração, diz ela que a essência da cultura é transmitida às crianças através da memória. Além das descrições de palavras, datas, períodos, existem correntes do passado, apenas superficialmente perdidas. Pode reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, como ilhas efêmeras de um estilo, de um modo de pensar, de um modo de falar, resquícios de outros tempos.

Desta maneira, a memória é constantemente renovada, substituindo e complementando as memórias anteriores, reconstruindo o passado e as reminiscências, não apenas de indivíduos, mas de grupos sociais inteiros. Para Halbwachs (1990), a memória interage sendo continuamente influenciada pelo meio social ao qual está exposta. As considerações perpetradas até este momento nos levam a perceber, em convergência com Candau (2011) e Souza (2014), a memória permite que o passado funcione no presente por meio de reminiscências e pode ser vista como fonte de referência identitária, por permitir que o sujeito use imagens passadas para rever sua posição atual. Assim, memória e identidade estão intimamente relacionadas, uma vez que, conforme Candau, “não existe um verdadeiro ato de memória que não esteja ancorado nos desafios identitários presentes” (Candau, 2011, p. 150).

Pollak (1992), do mesmo modo, nos conduz ao entendimento de que “há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade” (Pollak, 1992, p. 204), pois, para o pesquisador, identidade é a representação que um indivíduo cria de si mesmo, e de si mesmo e diante dos outros, e a memória é parte integrante de um sentimento de identidade individual e coletivo, pois também é um fator muito importante no sentimento de pertencimento, assim como de coerência de um indivíduo ou grupo à medida que se constroem. Nesse perspectiva, o sujeito, de forma consciente ou inconsciente, armazena, exclui e rememora aquilo que colabora para a constituição da imagem que o seu *eu* deseja revelar ao outro e a si (Soua Neta; Sales; Silva, 2018).

Seguindo esse conceito, Candau (2011) alega que “memória é identidade em ação” e adquire o papel de modelador, pois o ato de lembrar favorece uma revisão crítica da forma como os indivíduos se percebem e se apresentam aos outros, fato este que influencia a constituição identitária dos sujeitos. À vista disso, o indivíduo encontra seu primeiro grupo social, sua primeira referência identitária, no ambiente familiar, já que é nesse espaço “que o sujeito recebe as primeiras memórias compartilhadas e incorpora em sua bagagem memorial as

lembranças herdadas do grupo e vivenciadas com ele, as quais são impregnadas de sentidos identitários” (Souza, 2014, p. 112). É nesse agrupamento que os indivíduos desenvolvem o sentimento de pertencimento à comunidade e tomam consciência de sua individualidade, percebendo-se como um sujeito independente.

Assim, é das vivências familiares “que se produz a consciência das fronteiras que delimitam os sujeitos e os grupos e moldam as identidades” (Souza, 2014, p. 112). Dessa maneira, segundo Candau, “memória e identidade se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa” (Candau, 2011, p. 16). Em outras palavras, a memória amolda nossa identidade à medida que a modelamos, formando uma dialética integral (Sousa Neta; Sales; Silva, 2018).

Por fim, ao organizar o passado com o auxílio do discurso, determinadas experiências são abandonadas, alteradas, distorcidas, enquanto outras são enfatizadas, ampliadas, para haver um novo indivíduo. Nesse processo, como é proposta para a elaboração das memórias literárias na OLPEF, o sujeito da reminiscência, que merece ser mencionado, por vezes se posiciona como espectador, relatando não como o herói, o protagonista, mas sim como testemunha. Sendo assim, essa testemunha, segundo Souza (2014) é o Eu do presente, que olha o passado e o lê com os olhos do presente, que pinta o tempo vivenciado com a paleta de cores de seu presente.

O capítulo seguinte trás o percurso metodológico, assim como a análise do *corpus*.

4 AS MEMÓRIAS LITERÁRIAS: ANÁLISE, COMPREENSÃO E RELAÇÕES DIALÓGICAS

“Toda compreensão é dialógica”.
(Valentin Volóchinov)

Neste capítulo, temos o propósito de analisar o *corpus* de nossa pesquisa, enunciado de memórias literárias publicado no livro *Coletânea de Crônicas e Memórias Literárias/Cei: O lugar onde vivo* em 2019. Delimitamos o nosso *corpus* de estudo em uma narrativa escrita, com origem nos relatos das histórias de uma pessoa mais velha da comunidade de Ibiassucê, município do interior da Bahia. Após leitura minuciosa e análise, selecionamos o enunciado de memórias literárias intitulada “Quando a chuva chega no sertão...”, do aluno Daniel Andrade, turma de sétimo ano do ensino fundamental, vencedor da 6ª edição/2019 do Programa OLPEF, no Centro Educacional Ibiassucê. Optamos por analisar a narrativa vencedora do concurso, como já dissemos anteriormente na introdução, pois ela foi selecionada como representante dessa escola para etapa municipal da OLPEF, além disso esse enunciado apresenta o que se espera desse gênero em relação à forma composicional, ao conteúdo temático e ao estilo.

A seguir, delineamos os procedimentos metodológicos adotados, assim como os critérios de análise do estudo e por fim a análise dialógica do enunciado em questão.

4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ADOTADOS NO ESTUDO

Para a realização deste estudo, adotamos como metodologia a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental, de cunho exploratório e com caráter qualitativo. De imediato, fizemos um levantamento bibliográfico-documental, já que a pesquisa bibliográfica se fundamenta pelo motivo de que as investigações realizadas estão sedimentadas em teorias já publicadas e de credibilidade científica em nosso meio acadêmico, uma vez que nos ofertou fundamentos teórica sólida para efetuarmos a análise e a discussão dos resultados da constituição identitária no discurso memorialístico.

A pesquisa bibliográfica é elaborada e sustentada “a partir de materiais já publicados, principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações e teses” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 54). Em outras palavras, esse procedimento técnico nos permite adentrar em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto do estudo. Nesta pesquisa, realizamos leituras prévias orientadas, especialmente de obras do Círculo bakhtiniano, e de pesquisadores e autores nacionais e internacionais que colaboram para compreensão das teorias mobilizadas, além de teses,

dissertações e artigos, capítulos de livros e de periódicos, a partir da realização de um mapeamento e seleção prévia de todo um material considerado importante e significativo no que se refere ao tema proposto para esta pesquisa que culminaram em dois capítulos teóricos desta dissertação — Capítulos 2 e 3.

Do mesmo modo, no que se refere ao procedimento adotado, o estudo é documental. Está interligado à recorrência a documentos oficiais, bem como aos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental (Brasil, 1998), os quais fundamentam as sete edições concretizadas da OLPEF, à Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017), referenciada a partir da 6ª edição e 7ª edição, a fim de compreendermos as teorias subjacentes e a orientação metodológica assumida pela OLPEF.

De acordo à Prodanov e Freitas (2013), esse procedimento de estudo documental é calcado em materiais que não ganharam ainda um tratamento de análise ou que podem ser reelaborados tendo em vista os objetivos do estudo. Ainda, nesse tipo de pesquisa, os documentos são qualificados em duas classes principais: fontes primeiras e fontes secundárias. Na medida que os documentos de fonte de primeira mão são aqueles que ainda não foram analisados, como: livros, cartas, documentos oficiais, contratos, reportagens de jornal, diários, filmes, gravações, fotografias entre outros. Os documentos de fonte de segunda mão são os que, de alguma forma, já receberam tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, entre outros (Prodanov; Freitas, 2013). Tal procedimento culmina nesse capítulo analítico — 4 — em que nos dedicaremos à análise do enunciado “Quando a chuva chega no sertão...”, publicado no livro *Coletânea de Crônicas e Memórias Literárias/ Cei: O lugar onde vivo* em 2019.

Em relação aos objetivos propostos, esta pesquisa configura-se como exploratória. Segundo Prodanov e Freitas (2013), o estudo exploratório assume, de modo em geral, um formato de pesquisa bibliográfica e estudo de caso. Esse perfil de investigação “possui planejamento flexível, o que permite o estudo do tema sob diversos ângulos e aspectos” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 51–52). Além disso, abarca: “levantamento bibliográfico [...]; análise de exemplos que estimulem a compreensão” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 51–52).

Apesar de ser uma pesquisa amparada em bases científicas, destacamos que como a natureza dos discursos, o objeto desta pesquisa, não se reduz à ciência moderna positivista: diante do determinismo, eles exigem uma metodologia única, aberta ao improvável, na qual o conhecimento aproximado, interlocutório e dialógico obtido da observação muitas vezes é válido. As práticas discursivas não podem ser compreendidas por leis universais ou métodos quantitativos, por serem sócio-históricas e culturais. Assim, optamos por desenvolver uma

pesquisa qualitativa, uma vez que nos concentramos em aspectos da realidade que não podem ser quantificados e tentamos orientar a nossa reflexão para a compreensão e explicação da dinâmica social.

Outrossim, nossa investigação traz como base a metodologia qualitativa com foco no levantamento e análise dos dados colhidos no enunciado, uma vez que as discursividades que produzem sentidos de como as memórias relatadas pelo sujeito entrevistado e registrada pelo aluno-autor traz indícios de elementos socioculturais elaboradores de suas identidades com o propósito de estabelecermos semelhanças e diferenças no que diz respeito ao uso de recursos linguístico-enunciativos no enunciado de memórias literárias vencedor, concebida de efeitos singulares de autoria do sujeito-autor, para, em seguida, empreendermos a análise dialógica dos recursos da língua mobilizados pelo aluno-autor sob a perspectiva dialógica dos teóricos do Círculo de Bakhtin.

Sendo assim, em relação à abordagem do problema, caracteriza-se como qualitativa, uma vez que nos importa o procedimento, a dinâmica, a interpretação dos fatos e dados, não nos interessa um processo analítico quantitativo. Nas palavras de Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa qualitativa não demanda a utilização de metodologias e técnicas estatísticas, e o “ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 70).

Do mesmo modo, Minayo (2001) apontou que a pesquisa qualitativa é aplicável ao universo de significados, motivações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a relações, processos e fenômenos mais profundos, e não pode ser reduzida à operacionalização de variáveis. Nosso tema se enquadra neste processo diferente da pesquisa quantitativa porque tentaremos descrever, compreender, explicar e analisar a relação entre o global e o local. Se considerarmos os fatores externos de produção instrucional escolar, poderemos comprovar o que dissemos quando começamos a analisar todo o contexto de pesquisa das memórias literárias aqui definido, até chegar à escola na forma de um gênero de ensino. Deste modo, tomamos como base nos resultados da pesquisa qualitativa, aspiramos encontrar os resultados mais confiáveis. Esse tipo de pesquisa não envolve a quantificação, mas uma análise sobre a compreensão e interpretação da dinâmica social.

Nesse sentido, a orientação analítica qualitativa, ancorados em Prodanov e Freitas (2013) e Minayo (2001), sobre as produções escrita do aluno-autor, é marcado por três vértices de investigação: a) o sujeito; b) o objeto; c) o fenômeno (Tuzzo; Braga, 2016), uma vez que “A

Triangulação é um recurso de análise que permite comparar dados de diferentes tipos com o objetivo de confirmar ou desconfirmar uma asserção” (Bortoni-Ricardo, 2008, p. 61). Nesta pesquisa, essas três dimensões são caracterizadas do seguinte modo: a) o sujeito — o aluno-autor vencedor do concurso de textos; b) o objeto — *o corpus*, a produção escrita vencedora; c) o fenômeno sociolinguístico — a constituição identitária expressa na linguagem da produção escrita do enunciado de memórias literárias vencedor na *Coletânea de Crônicas e Memórias Literárias/ Cei: O lugar onde vivo* produzidas a partir do concurso OLPEF no Cei.

Esta proposta segue ao encontro do conjunto do pensamento do dialogismo do Círculo de Bakhtin, já que o funcionamento textual-discursivo de recursos linguísticos mobilizados pelo discente, que se concretizam na materialidade textual-discursiva de modo irrepitível são delineados indivisíveis das axiologias sociais a partir dos conceitos de extraverbal, juízo de valor e entoação (Bakhtin, 2016; Volóchinov, 2019), de propósito enunciativo, das circunstâncias de produção para a escritura do gênero no certame, ao conteúdo temático “O lugar onde vivo”, especialmente, da forma composicional, uma vez que “a pesquisa qualitativa reconhece que o olho do observador interfere no objeto observado, ou seja, o olhar do pesquisador já é uma espécie de filtro no processo de interpretação da realidade com a qual se defronta” (Bortoni-Ricardo, 2008, p. 58).

4.1.1 Critérios de análise

As discussões metodológicas fundamentais do *corpus* seguiram os direcionamentos de análise discursiva bakhtiniana. Esta pesquisa toma como critérios analíticos para o estudo do gênero discursivo memórias literárias: a percepção bakhtiniana de linguagem — discurso, enunciado, as relações dialógicas; o gênero discursivo, e de forma mais específica, as formas da língua, com foco na intencionalidade enunciativa do aluno-autor, e a constituição identitária do sujeito, ancorados na ordem metodológica de caráter sócio-histórico proposto por Volóchinov (2017), Bakhtin (2016) e Medviédev (2016). Para a análise da constituição discursiva da identidade via memórias, tomamos como base o arcabouço teórico sobre memória coletiva de Maurice Halbwachs (1990) e memória e identidade de Joel Candau (2011).

Em *Problemas da poética de Dostoiévski* (2015), Bakhtin avisa, desde o início, que suas análises dos livros de Dostoiévski não seria somente linguística, no sentido tradicional dessa palavra, mas metalinguística — ou ainda translinguística. Do mesmo modo, nesta dissertação, tratou-se de um estudo que considerou a memória como língua viva, concreta, que se realiza na comunicação dialógica, no enunciado, assumido por sujeito, que revela suas posições, juízos de

valor. Conforme considerado nos estudos de Dostoiévski e em outras obras de Bakhtin e do Círculo bakhtiniano, o enunciado, seja literário ou não literário, e seus interlocutores situados em um ambiente de linguagem específico, é único e irrepetível. Ao mesmo tempo, porém, não é inteiramente novo, pois está dialogicamente vinculado a outros discursos anteriores e, juntamente com estes, inspira a realização de discursos futuros. Dessa forma, o discurso não é entendido isoladamente, mas dentro da rede de relações dialógicas que ele produz e ajuda a estabelecer.

Em relação à análise da materialidade das memórias literárias selecionada, optamos por elencar uma abordagem a partir do todo constitutivo, em uma primeira etapa, e das partes isoladas em um segundo momento, uma vez que é possível localizarmos relações geradoras de sentidos tanto nas partes, no todo, e na palavra isolada: “as relações dialógicas são possíveis não apenas entre enunciações integrais (relativamente), mas o enfoque dialógico é possível a qualquer parte significativa do enunciado, inclusive a uma palavra isolada” (Bakhtin, 2013, p. 210). Tal procedimento se dá uma vez nos interessa analisar o enunciado em sua totalidade, que se estabiliza no gênero discursivo memórias literárias, numa determinada interação discursiva, a fim de que, desse modo, possamos analisar a estrutura triádica que constitui a arquitetônica do conceito de gênero discursivo e a situação social em que é realizado o evento discursivo. Por sua vez, ao assumirmos partes isoladas, interessam-nos enunciados concretos, que individualmente representam relações dialógicas, geram sentido para esse evento discursivo e ampliam sua compreensão.

Deste modo, analisamos o gênero discursivo memórias literárias a partir de uma dupla orientação na realidade, Quadro 1, incluindo as perspectivas interna e externa do gênero, isto é, assumindo-o como uma prática social e situada. Em outras palavras, realizamos a contextualização da situação social constitutiva do evento discursivo em análise, como aspecto relacionado à exterioridade dos gêneros do discurso. Além disso, debruçamos sobre a análise do gênero discursivo memórias literárias, a partir dos elementos constitutivos da arquitetônica do gênero — a estrutura triádica: construção composicional, conteúdo temático e estilo.

Nesse sentido, Volóchinov (2017) propõe duas importantes diretrizes metodológicas em *Marxismo e filosofia da linguagem* para o estudo do gênero discursivo para lidar com a linguagem em uso, no caso os enunciados das memórias literárias, e suas complexidades. O primeiro deles é chamado de “exigências metodológicas fundamentais” (Volóchinov, 2017, p. 110) e consiste em três instâncias. A segunda ordem do método (Volóchinov, 2017, p. 220) também está organizada em três dimensões, que compreendemos serem interdependentes. Barbosa e Di Fanti (2020) apresentam uma aproximação entre as duas direções metodológicas

a seguir, visando apresentar características importantes dos fundamentos da pesquisa e da prática docente.

Quadro 1 – Orientações Metodológicas para análise do gênero discursivo

ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS	
Exigências metodológicas fundamentais	Ordem metodológica
<p>1. Não se pode isolar a ideologia da realidade material do signo (ao inseri-la na “consciência” ou em outros campos instáveis e imprecisos).</p> <p>2. Não se pode isolar o signo das formas concretas da comunicação social (pois o signo e uma parte da comunicação social organizada e não existe, como tal, fora dela, pois se tornaria um simples objeto físico).</p> <p>3. Não se pode isolar a comunicação e suas formas da base material.</p>	<p>1) [...] formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas;</p> <p>2) [...] formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica;</p> <p>3) [...] revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual</p>

Fonte: Barbosa; Di Fanti (2020, p. 197)

Ao abordar essas duas direções metodológicas, Barbosa e Di Fanti (2020) apontam ser possível perceber que a primeira abordagem, em sua totalidade, propõe o tratamento dos signos ideológicos no devir social, no sentido do não isolamento de elementos que devem ser vistos como inter-relacionados. A segunda direção, para partes da qual, segundo Volóchinov, “é fundamentada para o estudo da língua” (Volóchinov, 2017, p. 220), pode-se observar elementos semelhantes em cada instância entre as duas orientações metodológicas.

Nas palavras de Barbosa e Di Fanti (2020), no que diz respeito à primeira instância, por um lado, pode-se destacar que os signos são princípios ideológicos e, portanto, não podem ser considerados sinais objetivamente e à parte de diversas ideologias. Sob outra perspectiva, as autoras destacam ser possível compreender que toda forma linguística (verbal e não linguística) precisa ser observada em sua concretude indissociavelmente ligada ao contexto sócio-histórico, o que nos permite relacioná-la ao campo da comunicação discursiva a partir do qual o discurso é produzido. Portanto, cada manifestação do sujeito é considerada material ideológico intimamente relacionado à esfera de atuação e à situação comunicativa em que o signo aparece.

A segunda instância, nas postulações das autoras, que recebeu mais atenção em ambas as vertentes metodológicas, pode ser depreendida, por um lado, em termos da relação indissociável entre o signo ideológico e as formas organizadas de comunicação, e, por outro, em termos da relação entre as formas dos discursos e sua interação, isto é, “gêneros integrados em interações ideológicas” (Barbosa; Di Fanti, 2020, p. 197). Assim, compreende-se que as

duas orientações metodológicas se complementam e destacam os gêneros como um dos exemplos essenciais de análise, que em sua dinâmica e heterogeneidade estão organicamente ligados às interações sociais e ideologias das quais são parte fundamental.

No que tange à terceira instância, Barbosa e Di Fanti (2020) apontam que existe um pressuposto da relação íntima entre as formas linguísticas e a sua existência real, assumida entre a palavra como signo ideológico. Segundo Volóchinov, “o problema da correlação entre a base e as superestruturas [...] pode ser, em grande parte, compreendido justamente no material da palavra” (Volóchinov, 2017, p. 106). Deste modo, através da dialética do signo ideológico, analisando o material concreto da palavra, podemos compreender melhor sua multiplicidade e os valores ideológicos (mutáveis) da sociedade. Do mesmo modo, quando Volóchinov sugere a “revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual” (Volóchinov, 2017, p. 2020), este deve ser entendido como as formas de linguagem utilizadas no fluxo da comunicação discursiva, ou seja, no enunciado. Portanto, a análise será um enunciado que considera, entre outras coisas, “a dialética do signo ideológico, a pluralidade de vozes, as posições axiológicas” (Barbosa; Di Fanti, 2020, p. 197).

Para Barbosa e Di Fanti (2020) as diretrizes metodológicas, recomendações por Volóchinov (2017), enriquecem a perspectiva em relação aos gêneros discursivos, objeto de nossa pesquisa, ao destinarem ao gênero um papel fulcral na análise da língua. Por fim, seguindo essas concepções, é pela análise dos gêneros, procurando melhor depreender como são produzidos, são organizados e circulam socialmente, que poderemos considerar a língua a partir de seu constitutivo constructo “entre a palavra da vida real (enquanto signo ideológico), os enunciados (verbais e não verbais) concretizados e as esferas sociais em que eles se constituem” (Barbosa; Di Fanti, 2020, p. 198).

Ainda de acordo às autoras citadas acima, desse movimento complexo e plurifacetado, pode-se dizer, decorre o caráter dialógico do discurso e(m) sua resultante fundição entre palavras e valores que se associam e (re)constroem o ininterrupto movimento da enunciação. Em outras palavras, todas essas dimensões, apanhadas em conjunto, permite-se considerar, assim, as palavras e(m) seus aspectos ideológicos, porque “toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em debate” (Volóchinov, 2017, p. 140). Essa proposta aponta para a necessidade de estudar, com antecipação, os aspectos sócio-discursivos do gênero memórias literárias, ou seja, o auditório social, suas condições de produção, a esfera social em que circunda, para, a seguir, executar a análise dos recursos linguístico-enunciativos, correlacionados com as regularidades da situação de interação social, Quadro 2 e Quadro 3.

Em continuidade, apresentamos os critérios analíticos para a investigação dos recursos linguístico-enunciativos, baseados nos pressupostos teórico-metodológicos do dialogismo do Círculo de bakhtiniano, que fundamenta teoricamente esta dissertação. Desse modo, nosso propósito foi a interligação dos conceitos teóricos da teoria dialógica aos três elementos constitutivos e indissociáveis do enunciado concreto efetivado, para que pudéssemos analisar de forma mais peculiar as formas da língua. Assim, para uma melhor compreensão do estilo de linguagem na perspectiva dialógica, é necessário apresentar os princípios fundamentais para um melhor entendimento do mesmo em relação ao aspecto expressivo e axiológico na arquitetura do enunciado, isto é, características teóricas do estilo linguístico-enunciativo do gênero discursivo memórias literárias que sustentam este estudo (Quadro 2), na esfera da interação discursiva do Círculo de bakhtiniano.

Nesse sentido, explicitamos também, no Quadro 2, as características do estilo de linguagem, os recursos linguístico-enunciativos, “socioindividual do autor-criador como desfecho valorativo que abarca vários aspectos do dialogismo que permeia a interação verbal” (Polato, 2017, p. 19) segundo o Círculo de Bakhtin e utilizadas nas análises do *corpus* desta dissertação, a produção escrita vencedora do gênero memórias literárias realizada durante OLPEF no CEI em 2019.

Quadro 2 – Princípios e características dialógicas dos recursos linguístico-enunciativos

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS E CARACTERÍSTICAS LINGUÍSTICAS-ENUNCIATIVAS SOB A PERSPECTIVA DIALÓGICA	
PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS	CARACTERÍSTICAS
<p>1 — A expressividade do enunciado, que não se concretiza com os recursos da língua na concepção de sistema, estrutura, mas efetiva-se a partir de elementos linguístico-enunciativos que evidenciam os mais variados efeitos de sentido no gênero do discurso em estudo concebido pelo aluno-autor;</p> <p>2 — A orientação sócio-histórico-ideológica manifesta no enunciado do aluno-autor, já que o teor expressivo do estilo apenas se efetiva nos usos reais dos elementos da língua em diversas situações sociais de interação verbal;</p> <p>3 — O diálogo emotivo-avaliativo do aluno-autor com o contorno temático do objeto e do sentido de seu dizer, pois essa relação indica que a mobilização por parte do locutor de recursos léxicos, gramaticais e de composição do enunciado corporificado no gênero do discurso em estudo;</p> <p>4 — A eleição de palavras e de recursos linguístico-enunciativos, não obtidos do sistema imanente da língua, uma vez que o aluno-autor, ao</p>	<p>1 — É embasado por recursos léxico-gramaticais da língua não delineados independentes da situação extralinguística da interação discursiva;</p> <p>2 — É engendrado por recursos léxico-gramaticais da língua, os quais constituem um juízo de valor a partir da escolha feita pelo aluno-autor-criador consoante ao objetivo de seu projeto enunciativo para a corporificação do gênero discursivo;</p> <p>3 — Sedimenta-se na concepção de signo ideológico com base na reação-resposta (compreensão responsiva) do interlocutor;</p> <p>4 — É ancorado na concepção de língua como enunciação, não acabada, dado que somente no funcionamento textual-discursivo é que os recursos linguísticos alcançam os sentidos adequados conforme a propósito do projeto do dizer do aluno-autor;</p> <p>5 — É instituído por conteúdos temáticos, os quais, na interação verbal, por serem transformados em objetos de discurso, constituem caráter intersubjetivo e sociointeracional das referências disponibilizadas no extraverbal;</p>

<p>elaborar um novo enunciado concreto, dialoga com outros enunciados, análogos com o enunciado/discurso que está sendo constituído, alicerçado em seu objetivo enunciativo, com base na estrutura triádica: tema, estilo e forma composicional, delineados como inseparáveis;</p> <p>5 — O viés expressivo de um gênero discursivo está sempre demarcado pelo diálogo instituído com os outros enunciados/discursos, uma vez que todo enunciado no prisma dos pressupostos teóricos do Círculo bakhtiniano é estruturado com base em vários tons dialógicos presentes no contexto sócio-histórico-ideológico no qual o enunciador está estabelecido;</p> <p>6 — A expressividade do gênero do discurso é determinada pela relação interacional entre locutor e interlocutor, o que é essencial na eleição do gênero a ser concebido e de elementos da língua, validando as ideias do Círculo de Bakhtin de que o estilo de linguagem é individual e social simultaneamente.</p>	<p>6 — É de embasamento sociológico, instituído pelo estilo individual do aluno-autor-criador e pelo estilo do gênero, com o qual forma e conteúdo temático se fundem também de modo inseparável no discurso;</p> <p>7 — Não se restringe à peculiaridade, à originalidade do aluno-autor, mas associa-se à situação sócio-histórico-ideológica inscrito na língua;</p> <p>8 — Não é considerado fenômeno objetivo do sistema da língua, encerrado em si mesmo, mas associado sempre ao gênero discursivo em estudo;</p> <p>9 — Não se reduz à representatividade e à expressividade dos recursos léxico-gramaticais da língua e do discurso, mas também nas experimentações de vida dos sujeitos, que estão vivas nas esferas extratextuais, fundamentais para os tons valorativos serem marcados na materialidade textual, com base também nas concepções de entoação e julgamento de valor;</p> <p>10 — O acabamento do estilo de linguagem dos gêneros discursivos assume como base o acabamento social alicerçado no próprio corrente natural e espontâneo da enunciação discursiva, o qual reflete a dinamicidade da língua;</p> <p>11 — Oferta os mais variados sentidos ideológicos para a elo significativo da língua;</p> <p>12 — É a combinação de recursos fonéticos, morfológicos, sintáticos, semânticos, lexicais e enunciativos/discursivos, os quais tornam um gênero particular de um campo de atuação humana;</p> <p>14 — Não é considerado simples personificação da consciência individual, mas como decorrência da visão de mundo do indivíduo em relação às experiências de vida do outro;</p> <p>15 — É estruturado como contraponto a outros estilos linguísticos porque cada sujeito traz a marca autoral ao estilo individual engendrado em associação com o estilo do gênero discursivo;</p> <p>16 — É efetivado a partir do querer dizer do aluno-autor, pois o plano enunciativo do locutor é que dá apoio à seleção dos recursos léxico-gramaticais da língua de consonância com as condições imperativas de interação, marcando os limites discursivos;</p> <p>17 — Deve ser engendrado sempre como elemento constitutivo do gênero discursivo e apenas sob a direção dos parâmetros de um gênero deve ser estudado e analisado.</p>
--	--

Fonte: autora, a partir de Volóchinov (2017, 2019) e Bakhtin (2003, 2015, 2016).

Sendo assim, nos ampararemos no aporte teórico apresentado no Quadro 2, a realização da análise do enunciado de memória produzida em relação aos elementos linguísticos discursivos ao gênero discursivo. Além disso, o Caderno de Orientações do professor *Se bem me lembro...* (2021) apresenta alguns aspectos de análise propostos pela OLPEF que poderão auxiliar na análise do *corpus*, ao dialogar com os pressupostos teóricos apresentados acima. A seguir, no Quadro 3, trazemos uma adaptação que fizemos do quadro analítico de Clara *et al.* (2021) feito do referido caderno:

Quadro 3 – Critérios de análise do gênero discursivo memórias literárias de acordo à OLPEF

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO PARA O GÊNERO MEMÓRIAS LITERÁRIAS, PROPOSTOS PELA OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA ESCREVENDO O FUTURO		
Grade de análise para os enunciados do gênero memórias literárias		
ADEQUAÇÃO TEMÁTICA	✓ ✓ ✓ ✓	Tema Geral da OLPEF “O lugar onde vivo”; Tema auxiliar “Modos de viver no passado”; Tema auxiliar “Transformações Físicas da Comunidade”; Tema auxiliar “Eventos Marcantes”
ADEQUAÇÃO DISCURSIVA	✓ ✓ ✓ ✓ ✓ ✓	Descritor 1 — Foco nas casas da época; Descritor 2 — Foco nos eventos marcantes da vida dos moradores das comunidades; Descritor 3 — Foco nos tipos de alimentos e bebidas; Descritor 4 — Foco nos elementos da natureza; Descritor 5 — Foco no teor artístico; Descritor 6 — Foco nos objetos antigos.
ADEQUAÇÃO LINGUÍSTICA	✓ ✓ ✓ ✓ ✓ ✓ ✓ ✓ ✓ ✓	Marca 1 — Verbos e pronomes de primeira pessoa do singular; Marca 2 — Verbos e pronomes de primeira pessoa do plural; Marca 3 — Verbos e pronomes de terceira pessoa do singular e do plural; Marca 4 — Distintas formas de descrição; Marca 5 — Recursos comparativos entre o tempo passado e o atual; Marca 6 — Recursos de articulação e progressão textual; Marca 7 — Verbos para marcar o passado; Marca 8 — Palavras ou expressões em função de costumes antigos; Marca 9 — Recursos peculiares orais e variedades da língua regionais e sociais. Marca 10 - Sinais de pontuação.

Fonte: a autora, a partir do Caderno do Professor *Se bem me lembro...* 7ª edição (Clara, *et al.*, 2021, p. 155)

No mesmo caderno, destaca-se que é pertinente analisar também: a) reconstrução de todos os aspectos da história local por meio de relatos com antigos moradores; b) planejamento e realização de relatos; c) redação narrativa, transposição de linguagem oral (relato) registros escritos (enunciado de memórias literárias). Aqui vale destacar que os critérios de análise presentes no Caderno de Orientações do professor *Se bem me lembro...* organizados por Clara *et al.* (2021) foram elaborados para investigar/avaliar os enunciados produzidos no contexto da OLPEF, mas que serão utilizados aqui para auxiliar na análise dos dados gerados nesta pesquisa uma vez que atende aos objetivos da mesma, além disso, são relevantes, por serem elaborados para a análise específica do gênero em estudo.

Já para compreender como a memória pode ser um fator de identidade, é necessário analisar os traços discursivos que permeiam as relações e integram a memória discursiva dos narradores, produzindo efeitos semânticos que revelam as características ideológicas e culturais que contribuem para a formação da identidade do aluno-autor. O sujeito encontra no meio familiar o primeiro grupo social do qual participa, suas primeiras referências identitárias, por ser nesse meio que o sujeito, segundo Souza (2014), recebe as primeiras memórias

compartilhadas e as inclui em suas bagagens de lembranças herdadas do grupo e vivenciadas com ela, carregadas de significados de identidade.

Para análise da memória enquanto construtora de identidade, utilizaremos, principalmente, as teorias Halbwachs (1990) em *A memória coletiva*, no qual o autor defende que a memória interage constantemente com o meio social ao qual está exposta, moldada por esse meio. Em comunhão, com o autor francês, Souza (2014) e Candau (2011) postulam que a memória permite ao passado agir no presente através das reminiscências e pode ser tratado como fonte de referências identitárias, ao permitir que um indivíduo se aproprie de imagens pretéritas para revisar sua posição no presente. Deste modo, nota-se que identidade e a memória estão relacionadas, uma vez que, para Candau (2011, p. 150), “não existe um verdadeiro ato de memória que não esteja ancorado nos desafios identitários presentes.”

É neste grupo que o indivíduo desenvolve o sentido de pertencimento a uma comunidade e se individualiza, vendo-se como sujeito independente. Desse modo, Candau (2011) aponta que a memória e identidade se fundem, se nutrem, se apoiam, criando uma trajetória de vida, história, mito, narrativa. Em outras palavras, a memória molda nossa identidade da mesma forma que nós a moldamos, constituindo uma dialética indissociável. Sendo assim, fizemos a análise, de acordo ao aporte teórico acima e dos capítulos teóricos, de fragmentos de textos, cujos discursos evidenciam os costumes, valores e tradições relacionadas às relações familiares, relações afetivas, brincadeiras e trabalhos infantis, entre outros que permeiam seu convívio grupal e familiar e contribuem para a formação de sua identidade.

Todos os recursos linguísticos-enunciativos e discursivos em uso no enunciado escrito memorialístico constitui-se “[...] dialógico e pluridiscursivo das relações sociais, cujas escolhas vocabulares e sintáticas da autoria estão orientadas a ligações objetais e semânticas de caráter cognitivo e ético, refletindo o compartilhamento das axiologias sociais [...]” (Polato; Menegassi, 2017, p. 123). Viés ideológico sustentado na tessitura textual-discursiva de todo e qualquer discurso concreto, semelhante ao projeto ideológico do dizer tomado, que foram analisados sob a perspectiva dialógica do Círculo bakhtiniano na subseção seguinte. Portanto, as capacidades discursivas e as operações de linguagem serão o ponto de partida para a análise do enunciado de memórias literárias e suas representações sociais na produção escrita pelo estudante participante, assim como as representações identitárias no processo de produção enunciativa.

4.2 MEMÓRIAS QUE DIALOGAM COM A CHEGADA DAS CHUVAS NO SERTÃO

A seguir, tecemos a análise do enunciado de memórias literárias “Quando a chuva chega no sertão...”, do aluno Daniel Andrade. Tencionamos, inicialmente, interligar conceitos teóricos da Teoria Dialógica do Discurso do gênero discursivo, e, paralelamente, analisamos a relação do discurso memorialístico e a construção da identidade (Souza, 2014), de forma específica, já que abarca, além da finalidade enunciativa da autoria, o conteúdo temático, o estilo da linguagem e, também, à forma composicional, conforme os pressupostos teóricos do enunciado concreto (Bakhtin, 2016). Segue, desse modo, o enunciado concreto para leitura e análise dialógica:

Quadro 4 – Enunciado vencedor de memórias literárias do concurso da OLPEF no CEI

MEMÓRIAS LITERÁRIAS VENCEDORA — 1º LUGAR
<p>Quando a chuva chega no sertão...</p> <p style="text-align: right;">Daniel Andrade</p> <p>Hoje, aos sessenta e um anos de idade, primeiro dia do ano novo, muitos anos depois, eu aqui, com a família e alguns amigos, neste lugar transformado pelo tempo...</p> <p>Uma piscina, um campo de futebol ao lado da antiga barragem de Manoel Gonçalves, cheia pelas últimas chuvas que caíram no sertão, uma cantina, bar e árvores frondosas.</p> <p>Dei umas voltas por esse cenário encantador.</p> <p>Pássaros cantando, borboletas multicores em zigue-zague, um voo rasante de um casal de marrecos sobre as águas novas e turvas do lago. Escuto o canto da rolinha “fogo-pagou”, superado pelo som do cantar do João-de-Barro, e admiro um tiziu fazendo peripécia num galho seco, imitando artistas de circo.</p> <p>A libélula, que chamávamos de “cachimbo”, num voo de helicóptero, parece lavar as partes íntimas sobre as águas; a elegância sutil da lavadeira desfilando o seu branco da paz.</p> <p>Afinal onde estou?</p> <p>“De repente, não mais do que de repente”, as lembranças guardadas na minha mente me levam ao passado, aos anos tristes da seca de mil novecentos e setenta e seis.</p> <p>Foi aqui, que meu pai Clezinho e tio Zé Andrade, então feitores da Sudene, se juntaram com os seus trabalhadores, usando enxadas, enxadões, foices e “banguês” no programa de emergências no governo Roberto Santos, na tarefa derradeira, de construir essa barragem, antes um poço “de água de beber”.</p> <p>A seca se prolongava. O sisal era o último recurso de salvação do rebanho. Muitos se salvaram apesar da aspereza do único alimento que restou.</p> <p>E, nesses dias, lá, bem longe, pelas bandas do São Francisco, relâmpago raiou e veio uma chuva mansa e milagrosa.</p> <p>O Tanque Grande sangrou! O “escritório” de Zé Andrade, que ficava às margens das barragens, imergiu, levando junto seus óculos, chapéu e suas anotações. Era um sábado, que ficou na história pelo comentário da chuva surpreendente, que interrompeu estradas, encheu lagoas, reduziu a feira e inundou a lavoura de verduras de Dim de Zé Zacarias, plantada no quintal de Manoel Caetano, regada com cambão, esforço e suor, “raspando o tacho” da pouca água do mesmo Tanque Grande que “sangrava todo imponente”.</p> <p>Agora, olhando este lago cheio, tenho no peito uma mistura de sentimentos. São os <i>sentimentos</i> que <i>nascem</i> de <i>estar olhando</i> para o <i>passado</i>. Foi um tempo de sofrimento. De alegria e de tristeza. E vivemos assim, com seca de todos os anos e a esperança da chegada das chuvas.</p>

Hoje, não faço planos. Deixo para depois, amanhã é o dia dos planos. Recordar é viver! Vida que segue.

(Texto baseado na entrevista com senhor Manoel Adelino de Andrade, 61 anos, meu tio, no município de Ibiassucê-BA).

Professora: Maria Ilene Farias

Escola: Centro Educacional de Ibiassucê Município: Ibiassucê (BA)

Fonte: Coletânea de Crônicas e Memórias Literárias/Cei (2019, p. 06)

Ao considerarmos o projeto enunciativo do aluno-autor, nesta dissertação, com um olhar analítico sob o viés da teoria dialógica do Círculo bakhtiniano, concebemo-lo como um enunciado que se concretiza relativamente estável, singular, em meio aos mais diversificados na corrente ininterrupta da interação discursiva (Bakhtin, 2016) em que o aluno apresenta uma atitude responsiva de teor-avaliativo (Bakhtin, 2016); Volóchinov, 2017). Dessa forma, a finalidade desse arranjo linguístico-ideológico é voltada ao diálogo ativo com seus prováveis interlocutores, o real — a professora de Língua Portuguesa do estudante, coprodutora do enunciado concreto; o virtual — os membros das comissões julgadoras das Etapas Escolar e Municipal; o superdestinatário, representado pela voz institucional da OLPEF, além de nós, na posição pesquisadores e de leitores acadêmicos, que, como interlocutores reais, acolhemos o enunciado vencedor de memórias literárias do estudante.

Pontos que influenciam na tomada de posição respondente do discente (Bakhtin, 2010; Bakhtin, 2016), todavia não o excluem como voz autoral singular, explicitada na concretude enunciativa-discursiva, uma vez que as esferas sociais dos participantes da comunicação discursiva se atravessam para a materialização das memórias literárias. Sob esse prisma, as palavras/discursos ou signo ideológico são constantemente direcionadas ao interlocutor (Volóchinov, 2017). Desse modo, as memórias literárias materializam-se com base no conteúdo temático “O lugar onde vivo”, tema gerador do concurso de enunciados escritos da OLPEF, mobilizados pelo aluno para a realização do seu propósito de dizer.

Retomamos aqui algumas considerações sobre a metodologia da OLPEF tratadas no segundo capítulo desta dissertação. O programa da Olimpíada estabelece critérios pré-definidos para arquitetura dos enunciados desenvolvidos nas oficinas através do caderno orientador *Se bem me Lembro...*, mas não replicados nas memórias literárias produzidas pelo aluno-autor, por estarem marcados no material enunciativo-discursivo com os valores trazidos singularmente pelo discente, de modo individual, único, irrepetível. É o ético em diálogo de maneira ativa com o estético, uma vez que, de acordo Sobral (2019), concatenam-se de modo indissociável no ato, no acontecimento singular que se materializa em um determinado cronotopo, como o enunciado

concreto realizado que se vincula às condições de produção da 6.^a edição (2019) do concurso de produção escrita.

Tais conceitos são completamente voltados ao prático-teórico na interação discursiva, não apenas ao teórico. Em outras palavras, o projeto de dizer do aluno-autor não é reduzido somente à replicação dos conteúdos teóricos que se relacionam à constituição do estilo de linguagem do gênero memórias literárias na OLPEF. Do mesmo modo, não se reduz à replicação de recursos linguístico-enunciativos presentes nos trechos memorialísticos de escritores nacionais, apresentados no Caderno *Se bem me lembro...*, como exemplo para a produção escrita do enunciado concreto no concurso, presentes nas Oficinas da SD, específicas para essa finalidade. Muito menos na utilização de elementos de estilo não previstos pelo certame. Mas na seleção desses recursos linguísticos abarcados em uma entoação expressivo-avaliativa volitiva própria (Volóchinov, 2019), pois a filosofia do ato ambiciona a integralização dos recursos repetíveis e singular, a vida concreta, o viver estético e o científico.

Nessa perspectiva, a palavra do outro, alheia, estabelecida pela voz institucional do programa da OLPEF, conforma-se como indispensável para que o aluno-autor seja singular em seu plano enunciativo a partir de suas próprias palavras trazidas à produção do enunciado escrito. Sob esse prisma, a autoria torna os elementos da língua mobilizados para o seu projeto do dizer vivos a partir do tom volitivo-emotivo que transmite aos signos ideológicos (Volóchinov, 2017; Volóchinov, 2019), aos recursos linguísticos gramaticais e oracionais em utilização com o propósito de enunciar seu posicionamento responsivo em relação ao tema desenvolvido no gênero discursivo, as memórias literárias, produzidas no concurso. Enunciado concreto axiológico elaborado em concordância com a OLPEF, cujo propósito é refletir e refratar aspectos sócio-histórico-ideológicos e culturais aludidos pelas vozes do morador antigo do lugar onde vive nas memórias literárias produzidas no certame, pois o gênero se baseia “na entrevista feita com o senhor Manoel Adelino de Andrade, 61 anos” (Ibiassucê, 2019, p. 06), morador do município de Ibiassucê.

Essa é a voz social colhida durante a entrevista realizada na comunidade. Viés ideológico trazido nas palavras do morador entrevistado, valorizado com respeito e singularizado em seu projeto de dizer. Para esse propósito, põe-se no lugar do entrevistado, como a voz autoral nas memórias literárias, além de observar esses ditos valorativos pertinentes de sua identidade como também morador da cidade de Ibiassucê, situada no sertão da Bahia, especificamente no Território de Identidade Sertão Produtivo da Bahia. Quando o aluno-autor se propôs a realizar a entrevista com a pessoa mais velha de sua comunidade, ele está exercitando o princípio de alteridade, algo que nos últimos tempos e na interação discursiva é

essencial, não apenas nessa relação humana viva, mas também com relação à palavra outra, alheia, que de acordo Augusto Ponzio (2010, p. 25), se parece muito com a palavra do escritor que: “[...] fala em modo indireto, no seu nome não diz nada, coloca-se em uma posição de escuta”.

O que conseguimos vislumbrar nos primeiros parágrafos do enunciado concreto escrito: “Hoje, aos sessenta e um anos de idade, primeiro dia do ano novo, muitos anos depois, eu aqui, com a família e alguns amigos, neste lugar transformado pelo tempo... Uma piscina, um campo de futebol ao lado da antiga barragem de Manoel Gonçalves, cheia pelas últimas chuvas que caíram no sertão...” (Ibiassucê, 2019, p. 06). Essa relação de alteridade é elemento essencial do sujeito enunciativo, gerada sempre dos compartilhamentos das vivências através do interlocutor, já que é constituída na e pela da interação discursiva.

Em face do exposto, o locutor, ao organizar, assimilar e modificar as palavras/discursos ou signos ideológicos do informante, que se transforma no protagonista das cenas descritas, nutridas pelo vigor da entonação expressiva, atravessadas por tons valorativos autorais (Volóchinov, 2019), amolda de modo axiológico o gênero discursivo elaborado. Esse estratagema enunciativo valorado só é possível porque o gênero discursivo escrito é um fruto dessas relações dialógicas ininterruptas e intermitentes (Volóchinov, 2017). Interações fundamentais ao acabamento provisório do enunciado concreto, com base na forma composicional enunciativa-discursiva de caráter narrativo, prevista pela OLPEF, nomeado de plano global (início, meio e fim) de um enunciado de memórias literárias: a) o início é voltado a situar o leitor no tempo e, principalmente, no espaço em que se ocorrem as recordações do narrador; b) o meio, cada autor deve eleger, de suas reminiscências, eventos que foram marcantes; c) fim, finalizado com algumas indagações do narrador-personagem em relação ao seu passado, ou ainda com a deslocação do autor-personagem para o presente (Clara *et al.*, 2021).

A leitura do enunciado “Quando a chuva chega no sertão...”, tomando como base seu plano global, segue praticamente quase que integralmente a forma composicional enunciativa-discursiva proposta pela OLPEF, no entanto, o autor optou, no início do discurso, por situar o protagonista no tempo presente. Geralmente em memórias literárias, o parágrafo introdutório costuma situar o leitor no tempo passado em se passam as lembranças do narrador. Assim, pode-se dizer que o aluno-autor expõe uma idiosincrasia no material textual-discursivo do gênero produzido, já que localiza o leitor no tempo presente nos seis primeiros parágrafos e não no passado.

O narrador expõe, desde o início, o espaço com descrições bem explícitas: “Uma

piscina, um campo de futebol ao lado da antiga barragem de Manoel Gonçalves, cheia pelas últimas chuvas que caíram no sertão, uma cantina, bar e árvores frondosas! Dei umas voltas por esse cenário encantador.” (Ibiassucê, 2019, p. 06). A seguir, o narrador faz questão de conduzir o leitor para esse lugar por meio de descrições muito detalhadas:

Pássaros cantando, borboletas multicores em zigue-zague, um voo rasante de um casal de marrecos sobre as águas novas e turvas do lago. Escuto o canto da rolinha “fogo-pagou”, superado pelo som do cantar do João-de-Barro, e admiro um tiziu fazendo peripécia num galho seco, imitando artistas de circo! A libélula, que a gente chamava de “cachimbo”, num voo de helicóptero, parece lavar as partes íntimas sobre as águas; a elegância sutil da lavadeira desfilando o seu branco da paz! (Ibiassucê, 2019, p. 06).

Segundo as autoras Clara *et al.* (2021), a partir do parágrafo segundo já é considerado de desenvolvimento conforme com as orientações do Caderno do Professor *Se bem me lembro...*, no qual o “autor escolhe, de suas lembranças, fatos que foram marcantes” (Clara *et al.*, 2021). Todavia, por se constituir como ser ímpar, apesar de ancorada nos trechos memorialísticos de apoio das oficinas, da SD, amplia o que é prescrito pelo evento no que diz respeito às orientações do certame para a constituição do parágrafo introdutório e do desenvolvimento do gênero produzido. O aluno-autor começou a apresentar as lembranças a partir do sétimo parágrafo do texto: “‘De repente, não mais do que de repente’, as lembranças guardadas na minha mente me levam ao passado, aos anos tristes da seca de mil novecentos e setenta e seis! ” (Ibiassucê, 2019, p. 06). No oitavo parágrafo, o discente descreve com mais detalhes suas recordações: “Foi aqui, que meu pai Clezinho e tio Zé Andrade, então feitores da Sudene, se juntaram com os seus trabalhadores, usando enxadas, enxadões, foices e ‘banguês’ no programa de emergências no governo Roberto Santos, na tarefa derradeira, de construir essa barragem, antes um poço ‘de água de beber’” (Ibiassucê, 2019, p. 06).

Esse estratagema discursivo marcado na forma composicional axiológica das memórias literárias produzida materializa a eleição estilística da autoria adequada ao seu plano enunciativo. Para o aluno-autor, o cronotopo, o marcador espaço-temporal, provavelmente, fica muito mais evidente ao leitor se alocado nesses parágrafos, já que optou na introdução do gênero discursivo apenas localizá-lo no espaço concreto do onde reside atualmente. A partir do sétimo parágrafo, o aluno-autor apresenta o despertar das memórias do morador da comunidade. Esse alargamento da proposta da OLPEF, e que acolhe às necessidades enunciativas da voz autoral, concretiza-se porque se centraliza na interiorização da palavra alheia, que aflora com tonalidades volitivas e avaliativas no evento discursivo, no ato na qual a palavra inovadora se

realiza, derivada da interpretação particular desse embate (Stella, 2016). O locutor, desse modo, ao organizar, ao modificar e assimilar as palavras do outro, carrega-as com sua expressividade singular e com seus julgamentos de seus próprios valores.

As crianças e jovens que vivem no sertão do semiárido carregam uma série de valores que são transmitidos pela cultura e pelo ambiente em que estão inseridas. Muitas vezes enfrentam condições adversas, como a escassez de água e recursos, o que requer que sejam resilientes e se adaptem a situações difíceis, como em “E vivemos assim, com seca de todos os anos e a esperança da chegada das chuvas.” (Ibiassucê, 2019, p. 06). A conscientização sobre a importância de cuidar do meio ambiente e dos recursos naturais é um valor que costuma ser transmitido às crianças que vivem no sertão do semiárido. Aprender a conservar e utilizar os recursos de forma sustentável, principalmente a água, é uma parte importante de seus valores: “[...] a lavoura de verduras de Dim de Zé Zacarias, plantada no quintal de Manoel Caetano, regada com cambão, esforço e suor, “raspando o tacho” da pouca água [...]” (Ibiassucê, 2019, p. 06).

A solidariedade também constitui um valor importante entre os jovens que vivem no sertão do semiárido, pois muitas vezes enfrentam desafios em conjunto e dependem uns dos outros para superá-los. A colaboração e o apoio mútuo são essenciais. Assim como a empatia e a compreensão pelas dificuldades e desafios enfrentados pelos outros, especialmente aqueles em situações semelhantes, são valores importantes para as crianças que vivem no sertão do semiárido, como vemos em “[...] meu pai Clezinho e tio Zé Andrade, então feitores da Sudene, se juntaram com os seus trabalhadores, usando enxadas, enxadões, foices e “banguês” no programa de emergências no governo Roberto Santos, na tarefa derradeira, de construir essa barragem [...]” (Ibiassucê, 2019, p. 06). A experiência compartilhada de viver em um ambiente difícil costuma estimular a empatia entre as pessoas. Os jovens e crianças desta região são muitas vezes fortemente ligados à sua cultura e tradições. O aluno-autor apresenta no seu enunciado as histórias de seu lugar transmitidas pelo seu tio, uma vez que o respeito pelas suas raízes e pelos valores transmitidos pelas gerações anteriores é valorizado.

A voz autoral, desse modo, reserva o sexto parágrafo das memórias literárias para demonstrar que utilizou o recurso da indagação durante o processo de entrevista com o morador da comunidade para que pudesse escavar, no tempo pretérito, as memórias muitas vezes esquecidas no passado, como se estivessem enterradas na vida do indivíduo participante, para que pudesse vir à tona e se materializar na fala (Benjamin, 2004). Recurso esse para trazer à superfície as reminiscências do entrevistado. Processo que se estabelece na relação de alteridade mútua, uma vez que, a partir desta etapa, essas vozes sociais que instituem entrevistador e

entrevistado dialogam entre si na concretização do enunciado enquanto um projeto ideológico de dizer: “Afinal onde estou?” (Ibiassucê, 2019, p. 06). Ante esta perspectiva, “o enunciado nunca é apenas um reflexo, uma expressão de algo já existente fora dele, dado e acabado” (Bakhtin, 2003, p. 326).

Em relação aos demais parágrafos destinados ao desenvolvimento das memórias literárias produzidas, o aluno-autor também revela uma marca própria, já que inicia a narração dos fatos, selecionados como os mais marcantes da vida do morador de Ibiassucê, sertão da Bahia, no sétimo parágrafo. Esses dados são apresentados ao enunciado concreto concomitantemente com a localização do leitor na época, quando os eventos foram vividos, e na localidade, onde tudo sucedeu. Efeitos da autoria de reacentuação às normas estabelecidas pelo certame, uma vez que “[...], cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido (sua intenção em prol da qual ele foi criado)” (Bakhtin, 2003, p. 310), uma vez que as autoras do Caderno *Se bem me lembro...* orientam que a partir do segundo parágrafo seja destinado ao início do desdobrar da narrativa propriamente dita, direcionamento não seguido à risca pelo discente. Todavia, os aspectos relevantes e marcantes da vida do entrevistado, morador da comunidade, são apresentados separadamente na produção do enunciado escrito a partir do sétimo parágrafo até o penúltimo de desenvolvimento, por meio de imagens/cenas: “[...] as lembranças guardadas na minha mente me levam ao passado, aos anos tristes da seca de mil novecentos e setenta e seis. [...] A seca se prolongava. O sisal era o último recurso de salvação do rebanho. Muitos se salvaram apesar da aspereza do único alimento que restou” (Ibiassucê, 2019, p. 06). E até antepenúltimo parágrafo, como em

[...] da chuva surpreendente, que interrompeu estradas, encheu lagoas, reduziu a feira e inundou a lavoura de verduras de Dim de Zé Zacarias, plantada no quintal de Manoel Caetano, regada com cambão, esforço e suor, “raspando o tacho” da pouca água do mesmo Tanque Grande que “sangrava todo imponente (Ibiassucê, 2019, p. 06).

O aluno-autor, para refletir e refratar os valores marcados nas vozes sociais do senhor “[...] Manoel Adelino de Andrade [...]” (Ibiassucê, 2019, p. 06) e depois do enunciado escrito, na descrição do entrevistado, ainda acrescentou “[...] meu tio [...]” (Ibiassucê, 2019, p. 06). Um elemento fundamental na constituição dos índices sociais de valor, que está interligado ao lugar de ancoragem da entrevista para construção do enunciado de memórias literárias, é o papel social do entrevistado, uma pessoa mais velha da comunidade. De acordo Volóchinov (2017), a palavra é dirigida a um interlocutor, a formação do discurso depende da pessoa desse

interlocutor; alterará se é uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se é inferior ou superior na hierarquia social, se está ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos. O entrevistado, que na entrevista realizada pelo aluno-autor é interlocutor, constitui o próprio objeto do discurso. O entrevistado “fala” também a partir de seu “lugar social”, “lugar onde vivo”; da esfera sociodiscursiva da qual ele se origina.

A OLPEF não orienta o aluno a descrever sua relação com o entrevistado, no entanto, o discente recorreu ao recurso com a intenção, provavelmente, de deixar claro no material enunciativo-discursivo o sentimento de pertencimento, e assim exhibe a sua personalidade linguístico-enunciativa ao gênero discurso.

Para a voz autoral, ao expandir os encaminhamentos preditos pela OLPEF, a localização espaço-temporal, o cronotopo, é muito mais encarnada de vivências valoradas, se apresentada a partir do desenvolver da narrativa e não no parágrafo introdutório, idealizado como a mola propulsora do acender das recordações, como o idealiza. Com esse estratagema linguístico-enunciativo, a autoria aponta que também é mais instigante aos leitores um chamado de fazê-lo idealizar inicialmente que memórias escavadas do pretérito (Benjamin, 2004) serão trazidas ao presente, uma vez que não elege “situar o leitor no tempo e, principalmente, no espaço em que se passam as lembranças do narrador” (Clara *et al.*, p. 62) imediatamente no parágrafo introdutório da forma composicional. Em razão disso, ainda se percebe, na escrita do gênero, o começo da narrativa dos fatos, cheio de cenas vivenciadas pelo morador da comunidade, como ainda embebidas de valorações de sua voz autoral singular, portaria uma entoação mais expressiva se os misturasse com o tempo e o espaço de onde as experiências de vida emergiram no sétimo parágrafo e nos seguintes dessa informação axiológica.

Ademais, a autoria opta por um material enunciativo-discursivo vivenciado que reserva a partir do sétimo parágrafo até décimo primeiro parágrafo de desenvolvimento as imagens trazidas aos olhos do leitor/interlocutor por meio de cenas singulares marcadas pelas experiências vivenciadas pelo morador da comunidade e eleitas pela autoria como as mais relevantes para a composição de cada parte enunciativa-ideológica do plano enunciativo produzido. Dessa forma, o aluno-autor, ao fazer essas seleções, não idealiza o material discursivo-enunciativo como um padrão cristalizado, como um molde morto, desprovido de aspectos sócio-valorativos a ser seguido e que diversas vezes tende a ser petrificada na adaptação de um gênero discursivo na esfera escolar. Entretanto, como estratégia de escrita enunciativo-axiológica, uma vez que o tema mobilizado para a materialização de “Quando a chuva chega no sertão...” transcendem “sempre a língua. Mais do que isso, o tema não está direcionado para a palavra, tomada isoladamente, nem para a frase e nem para o período, mas para o todo do

enunciado como apresentação discursiva” (Medviédev, 2016, p. 196).

Já no parágrafo final das memórias literárias, o aluno-autor segue de quase fielmente às orientações previstas no Caderno *Se bem me lembro...*, porque movimenta no material textual-enunciativo uma das estratégias discursivas para a totalidade transitória de acabamento do enunciado concreto: “[...] com alguns questionamentos sobre o seu passado [...] ou ainda com deslocamento desse autor-narrador-personagem para o presente [...]” (Clara *et al.*, 2021, p. 63). A autoria, ao seguir os encaminhamentos da OLPEF, escolhe pelo deslocamento do contador dos fatos do passado do sujeito entrevistado ao presente para findar a narração dos eventos, como explicitado no parágrafo sócio-valorativo de desfecho:

Agora, olhando este lago cheio, tenho no peito uma mistura de sentimentos. São os sentimentos que nascem de estar olhando para o passado. Foi um tempo de sofrimento. De alegria e de tristeza. E vivemos assim, com seca de todos os anos e a esperança da chegada das chuvas. Hoje, não faço planos. Deixo para depois, amanhã é o dia dos planos [...] (Ibiassucê, 2019, p. 06).

Vemos um parágrafo curto, em que a autoria faz a utilização de verbos em tempo presente do indicativo com deslocamento para o tempo presente. Estratégias estilístico-enunciativas que não excluem o aspecto autoral e ímpar do plano enunciativo do discente, uma vez que de acordo o dialogismo do Círculo bakhtiniano, as memórias literárias, ao serem amoldadas, é ideologicamente concebida como um enunciado concreto novo, irrepetível na rede de interação discursiva. Assim, “[...] como enunciado (ou parte de um enunciado) nenhuma oração mesmo a de uma só palavra, jamais pode repetir-se: é sempre um novo enunciado (ainda que seja uma citação)” (Bakhtin, 2003, p. 313). Combinação textual-discursiva axiológica trazida pela autoria, que necessitou seguir a orientação ditada pelo certame para que pudesse estabelecer diálogo com a estratégia discursiva, escolhida nos parágrafos iniciais do enunciado de memórias literárias produzido.

A opção do aluno-autor, ao iniciar o seu querer dizer com o resgate das memórias adormecidas, escavadas, do morador de Ibiassucê, através de uma questão que o narrador dos fatos lança a si mesmo, “‘Afinal onde estou?’ [...] ‘De repente, não mais do que de repente’, as lembranças guardadas na minha mente me levam ao passado, aos anos tristes da seca de mil novecentos e setenta e seis!” (Ibiassucê, 2019, p. 06), apresenta um reforço expressivo-valorativo ao deslocar o contador dos acontecimentos do tempo de passado ao tempo atual, “Hoje, não faço planos. Deixo para depois, amanhã é o dia dos planos [...]” (Ibiassucê, 2019, p. 06). Dessa forma, os parágrafos iniciais e o desfecho das memórias literárias não são vistos como elementos abstratos, sem qualquer relação com a posição social que torna o projeto enunciativo do aluno-

autor como um depósito de experiências vivenciadas. Assim, não são meras composições linguísticas desligadas das vidas que tecidas no material enunciativo-discursivo. Não são simples artifícios físicos materializados e isolados da interação discursiva singular, sócio-histórico-ideológica e cultural que estão envolvidos (Sobral; Giacomelli, 2016). Nessa conjuntura, nesses parágrafos, há a entoação, a individualidade ideológica do sujeito no gênero, a fala autoral e valorativa no enunciado concreto do aluno.

A seguir, delineamos, no Quadro 5, a categorização dos elementos constitutivos textuais-discursivos do plano enunciativo, conforme a OLPEF, “[...] o plano global do texto de memórias literárias. [...] Início, meio e fim” (Clara *et al.*; 2021, p. 57–59). Além disso, apontamos ainda como componente constitutivo a orientação indicada no Caderno *Se bem me lembro...*, da SD, cuja orientação é que “No final do texto, os alunos devem incluir informações sobre o entrevistado: nome completo, idade, profissão, cidade em que mora e o motivo que os levou à escolha desse entrevistado” (Clara *et al.*; 2021, p. 141), em utilização depois do desfecho da narrativa. Orientação da Olimpíada do mesmo modo singularizado pelo aluno-autor, uma vez que prefere não trazer a causa que a instigou na escolha do “[...] senhor Manoel Adelino de Andrade, 61 anos, meu tio [...]” (Ibiassucê, 2019, p. 06), como o sujeito entrevistado, além da profissão do morador da comunidade, mas citou a cidade onde os fatos se passaram, uma vez que não cita o município no decorrer da narrativa: “[...] Município: Ibiassucê (BA) [...]” (Ibiassucê, 2019, p. 06). Singularidade envolvida pela entoação expressiva, que materializa a individualidade autoral valorativa no gênero elaborado.

Logo, consoante a concepção dialógica do Círculo de bakhtiniano, não consideramos, nesta dissertação, a forma composicional das memórias literárias em análise com enfoque apenas no estrutural, desse modo como todos os recursos linguísticos eleitos pela autoria apenas no projeto de uso da língua, do repetível, no equilíbrio linguístico, reduzidos ao sistema interno da língua. Mas associado de modo indivisível ao tema geral da Olimpíada, “O lugar onde vivo” e também aos auxiliares, levados para buscar as memórias (Benjamin, 2004) do morador de Ibiassucê durante a entrevista e aplicados também para a produção escrita do gênero no certame: “Modos de viver do passado”, “Transformações físicas da comunidade” e “Eventos marcantes” (Clara *et al.*; 2021, p. 110). Temas selecionados pela voz autoral para a materialização do projeto ideológico do dizer, no foco da surpresa, como um evento ímpar na correia interrompida da interação discursiva. Sob esse prisma, cada cena/imagem escavada da vida do morador entrevistado do passado ou situada no momento presente para que se efetive o projeto enunciativo, conforme Volóchinov (2017), não estão restritas à periferia abstrata textual-discursiva das memórias literárias produzida uma vez que são encarnadas de vivências, ou seja,

são vivas e possuem “[...] valor assentado no diálogo social e interior do homem, sendo, portanto, passível de ser reconhecido, compartilhado entre interlocutores específicos em situações de interação [...]” (Polato, 2017, p. 29).

Quadro 5 – Estrutura composicional axiológica do gênero discursivo memórias literárias

FORMA COMPOSICIONAL AXIOLÓGICA DO GÊNERO DISCURSIVO MEMÓRIAS LITERÁRIAS DO ALUNO-AUTOR
TÍTULO
“Quando a chuva chega no sertão...”
INÍCIO
1º parágrafo (citação do tempo e do espaço)
Hoje, aos sessenta e um anos de idade, primeiro dia do ano novo, muitos anos depois, eu aqui, com a família e alguns amigos, neste lugar transformado pelo tempo...
MEIO
2º, 3º, 4º, 5º e 6º parágrafos (citação do tempo e do espaço — autoquestionamento)
Uma piscina, um campo de futebol ao lado da antiga barragem de Manoel Gonçalves, cheia pelas últimas chuvas que caíram no sertão, uma cantina, bar e árvores frondosas! Dei umas voltas por esse cenário encantador. Pássaros contando, borboletas multicores em zigue-zague, um voo rasante de um casal de marrecos sobre as águas novas e turvas do lago. Escuto o canto da rolinha “fogo-pagou”, superado pelo som do cantar do João-de-Barro, e admiro um tiziu fazendo peripécia num galho seco, imitando artistas de circo! A libélula, que nós chamávamos de “cachimbo”, num voo de helicóptero, parece lavar as partes íntimas sobre as águas; a elegância sutil da lavadeira desfilando o seu branco da paz. Afim onde estou?
7º, 8º, 9º parágrafos (citação do tempo e do espaço e fatos marcantes narrados/ cena 1)
“De repente, não mais do que de repente”, as lembranças guardadas na minha mente me levam ao passado, aos anos tristes da seca de mil novecentos e setenta e seis. Foi aqui, que meu pai Clezinho e tio Zé Andrade, então feitores da Sudene, se juntaram com os seus trabalhadores, usando enxadas, enxadões, foices e “banguês” no programa de emergências no governo Roberto Santos, na tarefa derradeira, de construir essa barragem, antes um poço ‘de água de beber’. A seca se prolongava. O sisal era o último recurso de salvação do rebanho. Muitos se salvaram apesar da aspereza do único alimento que restou”.
10º e 11º parágrafos (fatos marcantes narrados — cena 2)
E, nesses dias, lá, bem longe, pelas bandas do São Francisco, relâmpago raiou e veio uma chuva mansa e milagrosa. O Tanque Grande sangrou! O “escritório” de Zé Andrade, que ficava às margens das barragens, imergiu, levando junto seus óculos, chapéu e suas anotações. Era um sábado, que ficou na história pelo comentário da chuva surpreendente, que interrompeu estradas, encheu lagoas, reduziu a feira e inundou a lavoura de verduras de Dim de Zé Zacarias, plantada no quintal de Manoel Caetano, regada com cambão, esforço e suor, “raspando o tacho” da pouca água do mesmo Tanque Grande que “sangrava todo imponente”.
FIM
12º parágrafo (deslocamento das lembranças do passado ao tempo atual)
Agora, olhando este lago cheio, tenho no peito uma mistura de sentimentos. São os sentimentos que nascem de estar olhando para o passado. Foi um tempo de sofrimento. De alegria e de tristeza. E vivemos assim, com seca de todos os anos e a esperança da chegada das chuvas. Hoje, não faço planos. Deixo para depois, amanhã é o dia dos planos. Recordar é viver! Vida que segue.
INFORMAÇÕES ADICIONAIS SOBRE O ENTREVISTADO
Texto baseado na entrevista com senhor Manoel Adelino de Andrade, 61 anos, meu tio, município de Ibiassucê — BA

Fonte: autora, a partir de Coletânea de Crônicas e Memórias Literárias/Cei (2019, p. 06)

Esse olhar inovador está associado sempre carregada de elementos valorativos que autoria esquematiza na concretização textual-discursiva, uma vez que as cenas apontadas na forma composicional axiológica, com base nos fatos mais importantes da história do morador da comunidade, apontam tons ideológicos precisos à narrativa para adquirir corpo vivo, completado pelas diversas vozes sociais que interagem com respeito e sentimento de pertencimento para a efetivação dos temas mobilizados na produção escrita do gênero, o enunciado concreto (Clara *et al.*, 2021). Para tal, divide as cenas entre duas que apresentam o cronotopo, duas que escavam o passado e uma cena de retorno ao tempo atual. Entrelaçada à análise da estrutura composicional axiológica desse enunciado, trataremos também as considerações a respeito das categorias que estruturam a narrativa do gênero memórias: tempo, espaço, personagem, enredo e narrador. Sobre o foco narrativo, faremos ainda uma análise mais detalhada, destacando, a seguir, cinco cenas da memória literária selecionada.

1) A primeira: circunscreve-se na apresentação do sujeito no tempo presente e no espaço que na avaliação apreciativa do morador foi transformado pelo tempo. O enunciado de memórias “Quando a chuva chega no sertão...”, narra os fatos vividos pelo narrador-personagem durante sua infância. O aluno-autor coloca o entrevistado como personagem principal da narrativa. Contudo, no gênero estudado, não devemos confundir o narrador com o entrevistado. O aluno-autor assume nas memórias literárias o papel de narrador-personagem. A entrevista quando é reenunciada como memórias literárias, utilizando o narrador-personagem, cria-se um efeito de sentido que remete à impressão de fidelidade à palavra do entrevistado, faz crer que há mais veracidade no enunciado concreto. Mas faz-se necessário destacar que a voz que narra é uma “entidade” ficcional, uma criação da narração, isto é, que existe de modo independente do autor. Difere do autor, mesmo num enunciado de memórias literárias. Sendo assim, não se pode confundir, no gênero que estamos pesquisando, o narrador com o entrevistado. Neste ponto, tem-se uma característica bem peculiar das memórias literárias, uma vez que, seguramente, esse narrador é personagem (narrador-personagem), está incluso na narrativa, portanto, sua visão de mundo e dos fatos é sempre parcial.

No transcorrer da narrativa, a seca e a chegada das chuvas no sertão no ano de 1976 coloca o narrador-personagem-protagonista no princípio de uma jornada em busca de suas reminiscências no lugar onde vive, num percurso pela própria identidade, de sua autoconsciência. Nessa sua busca pelas suas memórias, o narrador-personagem aponta uma sequência de transformações que passou o lugar de onde narra os fatos. Transformações essas que ocorreram enquanto ele se relaciona com o ambiente à sua volta. Nesse sentido, o narrador-

personagem encontrar-se-á mais próximo de sua real essência, do seu verdadeiro “ser” que se constituiu ao longo do tempo, através de suas lembranças do passado. O vínculo do eu com o tempo presente no enunciado está intimamente associada às variações de espaço em que se desenrola a narrativa.

O narrador-personagem verifica a dificuldade que é significar o mundo, uma vez que tempo e espaço se justapõem num emaranhado complexo. Aquele ambiente de sua infância, não é mais o mesmo durante sua idade adulta: “Hoje, aos sessenta e um anos de idade, primeiro dia do ano novo, muitos anos depois, eu aqui, com a família e alguns amigos neste lugar transformado pelo tempo...” (Ibiassucê, 2019, p. 06). O narrador-personagem verifica que ao modificar o homem, muda-se o tempo e, por conseguinte, muda-se o espaço. O rico cronotopo que se estabelece nesse espaço localizado no Sertão da Bahia reflete a própria identidade do protagonista. Reflete e refrata a identidade do homem sertanejo cujas ações são moldadas pelo espaço geográfico em que vive, marcado pelo fenômeno climático da seca recorrente, a esperança da chegada das chuvas, assim como a cultura pastoril e a capacidade de resistência diante das adversidades impostas pela natureza.

2) A segunda: na descrição do espaço do sertão com os elementos da natureza típicas daquele lugar com avaliação apreciativa de encantamento e o deslumbramento. Nesse espaço, a proximidade do lago, inicia-se igualmente uma nova compreensão do tempo, as lembranças da seca de 1976. O tempo na narrativa “Quando a chuva chega no sertão...” é, na realidade, relativo e dialógico, uma vez que evidencia, num certo espaço, a concomitância de experiências diversas que surgem em ações, transformações e permanência. O tempo e o espaço nesse enunciado de memórias literárias não são, portanto, de modo algum, somente pano de fundo para a trama, todavia são, com certeza, fundamentos importantes que embalam a narrativa. Compreendemos que existe uma ligação entre o espaço e o tempo e esses dois elementos são elementares na constituição da identidade da personagem.

Através destes dois elementos, o narrador-personagem enxerga a si no complexo de tempo e espaço, cronotopo, experimentado por ele na narrativa. Por meio de uma visão cronotópica de “Quando a chuva chega no sertão...”, podemos esboçar a identidade da personagem, desvendando seu campo de visão acerca dos outros e sobre o espaço-tempo em que está inserido. Partimos da pressuposição de que a vida humana se desenvolve entre um conjunto de coordenadas espaço-temporais, e que não existe espaço sem marcas do tempo, porque o tempo histórico conquista visualidade e significado no contexto humano, ao deixar o espaço, palanque das atividades humanas, imbuído de temporalidade. Isto gera lugar para a

reflexão acerca do processo de constituição do homem, que, fincado em um algum espaço e tempo, é um indivíduo inacabado e em contínua construção.

O primeiro espaço pelo qual o narrador passa são as proximidades do lago: “Uma piscina, um campo de futebol ao lado da antiga barragem de Manoel Gonçalves, cheia pelas últimas chuvas que caíram no sertão, uma cantina, bar e árvores frondosas!” (Ibiassucê, 2019, p. 06). O aluno-autor recorreu à descrição pormenorizada da natureza deste lugar onde se passaram os fatos, com adjetivação intensa e emprego das mais diversas figuras de linguagem. O aluno-autor organiza de forma valorada positivamente estas descrições: “Dei umas voltas por esse cenário encantador. Pássaros contando, borboletas multicores em zigue-zague, um voo rasante de um casal de marrecos sobre as águas novas e turvas do lago” (Ibiassucê, 2019, p. 06). Teor descritivo que instiga e convida o leitor a adentrar na narrativa do passado rememorado que constitui o enunciado, pois muitos desses aspectos também podem ter sido vividos por aquele que lê esse enunciado memorialístico e se vê refletido nos fatos contados.

O cronotopo do lago é, para o narrador-personagem, caminho para adentrar em suas recordações. Durante a caminhada, inicia-se um tempo de conflito espaço-temporal. Essa comunhão de vários tempos em um só espaço faz com que o narrador-personagem se veja desnortado, deslocado, como constatamos na passagem “Afinal onde estou?” (Ibiassucê, 2019, p. 06), caracterizado por um conjunto de recordações que conduzirão a personagem para a autoconsciência das suas lembranças pretéritas.

3) A terceira: a descrição do evento da seca e os esforços das pessoas citadas para amenizar o problema. O aluno-autor singulariza seus dizer ao mostrar que é neste lago que o protagonista principia a evidenciar inquietude de sentimentos em relação ao sertão e a seca de 1976, visto que começa a enxergar no mesmo espaço o tempo de um sertão mais antigo, de um sertão da sua infância: “De repente, não mais do que de repente, as lembranças guardadas na minha mente me levam ao passado, aos anos tristes da seca de mil novecentos e setenta e seis”, assim como em “A seca se prolongava.” (Ibiassucê, 2019, p. 06). Nesses fragmentos, é permitido constatar que o narrador-personagem começa a depreender que o espaço é percebido e compreendido consoante o tempo nele inscrito.

A viagem no tempo que o narrador-personagem faz para o lugar onde viveu a infância, transforma-se mais do que uma deslocção geográfica, torna-se um deslocamento no tempo. É nesse movimento de volta ao tempo que o protagonista, narrador-personagem da memória e o fio diretor deste enunciado, irá em procura de sua própria essência humana via reminiscências. Por meio da viagem, inicia-se um tempo de mudança. Inicia-se um tempo singular, divergente do cronológico, pois a concepção do tempo para o narrador-personagem é vivida de forma

diferente neste espaço.

Neste trecho do enunciado, revela o sertão nordestino marcado pelas profundezas ressequidas, de privação, marcado pela ausência de água, sofrimento da fome e morte, que marca a periodicidade das secas recorrentes. A seca de 1976, nas palavras do narrador-personagem, dificultou a vida de muitas pessoas e a falta de água infligiu grandes danos às suas vidas, colheitas e ao gado, destacou o sertanejo forte e aguerrido e sua capacidade resistência, reafirmando a disposição de organização e também de não passividade diante da situação calamitosa: “Foi aqui, que meu pai Clezinho e tio Zé Andrade, então feitores da Sudene, se juntaram com os seus trabalhadores, usando enxadas, enxadões, foices e ‘banguês’ no programa de emergências no governo Roberto Santos, na tarefa derradeira, de construir essa barragem [...]” (Ibiassucê, 2019, p. 06). O projeto ideológico do dizer concretizado, mostra os vieses valorados para enfatizar os símbolos que compõem a identidade sertaneja e que atribui uma singularidade ao registro sociocultural da resistência como uma carga de valores que inserem o enunciado numa posição perante do mundo, abarcada pela dimensão espaço-temporal.

4) A quarta: apresentação dos eventos que ocorreram com a chegada da chuva. Nesta cena, revela paralelismo entre o sujeito com o cronotopo fica claro nos momentos em que o narrador-personagem, mesmo com todos o sofrimento da sua infância com a seca, lembra deste lugar como um espaço agradável. Atentamos que mesmo “apesar da aspereza” (Ibiassucê, 2019, p. 06), o protagonista vivia um tempo de beleza e alegria, quando o sertão era inundado pelas chuvas.

O excesso de chuvas, nesta região, como mostra o enunciado, é positivamente valorado, pois se sabe que em regiões sertanejas os sujeitos sofrem com secas recorrentes, o mesmo não acontece em outras localidades brasileiras nas quais a precipitação excessiva de chuvas é vista com apreensão, uma vez que pode causar enchentes e problemas diversos. Neste sentido, podemos ressaltar que as axiologias são distintas, ao serem construídas na dinâmica tempo-espacial, e por não serem compartilhadas pelos mesmos grupos sociais que participam da rede discursiva arquitetam uma posição axiológica cronotopicamente diferenciada.

5) A quinta: o retorno ao tempo presente. O protagonista, no desfecho, tem compreensão de que o passado se faz e refaz a todo o instante e suas inúmeras dimensões existem concomitantemente: “Agora, olhando este lago cheio, tenho no peito uma mistura de sentimentos. São os sentimentos que nascem de estar olhando para o passado. Foi um tempo de sofrimento. De alegria e de tristeza. ” (Ibiassucê, 2019, p. 06). Pelo caso de coexistência da existência temporal projetar-se no espaço, é que intercorrem a dor e a adversidade de revisitar

o passado, esse cronotopo que junta diversos tempos, que se mudam conforme o espírito do sujeito.

À luz dos fundamentos bakhtinianos mostra-se que a relação entre tempo e espaço está associada aos modos de sua percepção, aos acabamentos atribuídos pelo sujeito. Considerando a trajetória do narrador-personagem, percebemos que o próprio espaço físico é, outrossim, uma constituição das agudezas humanas, do imaginário individual e coletivo. Podemos dizer que a relação do narrador-personagem com o espaço é disseminado por representação, indicando um movimento de forças no qual o protagonista “arquiteta” o espaço de acordo com uma representação, e o espaço confere ao indivíduo representações estabelecidas ao longo do tempo e que se conservam “impressas” no espaço. Ao viver os cronotopos do espaço sertão, o narrador-personagem principia, logo, uma imersão na sua própria alma, na sua essência. À medida que a narrativa sucede, o narrador vai se entendendo face às circunstâncias que o abraçam, para, por último, depreender sua essência humana: entender que o mundo, que é, na verdade, inacabado, não é suscetível de ser compreendido plenamente, e que, na realidade, deve-se procurar entender a si para apreender o espaço e o tempo que o cerca.

Por fim, podemos afirmar que ao passo que o narrador-personagem ao contar os fatos vividos, ele inicia um percurso de volta ao passado, recordando o espaço-tempo de sua infância, ao mesmo tempo, em que vivencia o espaço-tempo atual. Há uma intensa ligação entre tempo/espaço/enredo no gênero discursivo memórias literárias, por se tratar de uma recriação do passado cujo intento é colocar o leitor no jogo de tempo e espaço em que os fatos são contados, com forte sobreposição entre a história do passado e a visão do presente.

Nessa narrativa de memórias, predomina o relato, segundo as impressões do narrador-personagem, repleta de digressões e de *flashbacks*. Portanto, pode-se afirmar que a narrativa é prolongada pela vivência mental, experienciada pelo personagem. Isto faz-se possível uma vez que o ato de narrar consiste em progredir no tempo, o que acontece de forma variável (Abreu, 2020). Ainda segundo Abreu, num enunciado de memórias literárias “o eu narrativo na construção discursiva das lembranças precisa marcar o contraste entre a situação vivida — as memórias — e o tempo da enunciação” (Abreu, 2020, p. 25). Percebemos isto em vários fragmentos desse enunciado, pois o aluno-autor recorre a “recursos comparativos entre o tempo passado e o atual” (Clara *et al.*, 2021). Podemos visualizar este recurso em várias passagens das memórias, como em “Hoje, aos sessenta e um anos de idade [...]”, “[...] muitos anos depois [...]”, “[...] neste lugar transformado pelo tempo [...]”, “‘De repente, não mais do que de repente’ [...]”, “[...] as lembranças guardadas na minha mente me levam ao passado [...]”, “[...] E, nesses dias, lá, bem longe [...]” e “Era um sábado, que ficou na história [...]” (Ibiassucê, 2019, p. 06).

São várias expressões de tempo que ora remetem ao presente, ora ao passado.

O tempo, na concepção bakhtiniana, constitui pluralidade de visões de mundo: tanto na experiência como na criação, revela-se como um conjunto de simultaneidades. Assim, podemos perceber, na análise empreendida, uma relação dialógica entre os tempos passado e presente: essas temporalidades no enunciado de memórias são dialogicamente articuladas, são interdependentes. As relações dialógicas, da memória de passado e presente, como modo de ressignificar o percurso do entrevistado, demonstram que rever a própria história trouxe à luz ao pensamento presente, como já dizia filósofo russo da linguagem sobre essa questão, quando enunciou que “não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá a sua festa de renovação”(Bakhtin, 2011, p. 96), uma forma autêntica de percepção das marcas constitutivas de suas trajetórias, o entrevistado e o aluno-autor, sempre em embate com o outro.

Cinco cenas, que destacamos, construídas pelo aluno-autor, sujeito discursivo, não apenas com a apropriação dos elementos linguísticos próprios da cadeia significativa reduzida ao enunciado escrito pelo enunciado escrito, mas em caráter inovador em função do tema mobilizado para o dizer, do propósito enunciativo para a escrita do gênero no certame e da situação cultural e sócio-histórico-ideológica no qual está inserido em forte diálogo com o interlocutor (Volóchinov, 2017). Sendo assim, apresenta uma conclusão textual-discursiva axiológica provisória da base narrativa da classificação das partes constitutivas do enunciado do plano global, princípio, meio e fim do enunciado de memórias literárias produzido.

A memória literária, desse modo, não está reduzida a uma forma da língua imutável, uma vez que está marcada pela condição existencial do sujeito que fala, atravessada por juízos valorativos trazidos à concretização textual-discursiva do plano enunciativo. Ou seja, a memória em si não poderia ser considerada uma forma da língua, no entanto, algumas abordagens poderiam analisar as formas da língua que constituem o gênero memória literária. A forma da língua corresponde aos elementos linguísticos abstratos na visão de Bakhtin (2016), no caso citado nesta análise. O aluno-autor, assim, como indivíduo responsivo de suas práticas da escritura, modificar-se de originalmente o dado em própria criação (Bakhtin, 2003), uma vez que não se alicerça unicamente nos moldes de sequência do enunciado narrativo e descritivo (Adam, 2008), como uma sustentação somente estruturalista, formal, isolada de um contexto real e situado cultural e sócio-histórico-ideológico da língua/linguagem em utilização.

Deste modo, não se tem um esqueleto textual-discursivo apenas, mas no desenrolar da narrativa dos fatos e imagens com as cenas, nas quais se misturam os valores da pessoa da comunidade informante com o juízo de valor do aluno-autor. Cenas que apresentam passagens da vida do entrevistado, que despertaram mais atenção da autoria e avaliadas por ela como

fundamentais para o seu projeto de dizer. Vivências narradas pelo morador ibiassuceense, alicerce para o constructo valorado da forma composicional e da instituição do estilo de linguagem, cujos elementos linguísticos carregam as mais diferentes entoações ao gênero elaborado. A escrita do gênero, dessa forma, a partir da pretensão enunciativa autoral, mostra-se materializada relativamente estável, como é proposto pela concepção dialógica do Círculo de Bakhtin. Assim, mesmo que se apresente uma forma composicional, como modelo estabelecido, das memórias literárias no contexto da Olimpíada seja descrita como uniforme no Caderno do Professor *Se bem me lembro...*, é o aluno-autor, “quem dá forma ao conteúdo: [...] não apenas registra passivamente os eventos da vida, [...], mas, a partir de uma certa posição axiológica, recorta-os e reorganiza-os esteticamente” (Sobral, 2016, p. 39). Sob esse prisma, os recursos repetíveis linguísticos são apenas meio com os quais a autoria particulariza um novo formato discursivo-valorado, específico e adequado à sua finalidade enunciativa.

Em relação ao estilo de linguagem, composto pelos recursos da língua/linguagem, arquitetado, pela autoria, inerente ao conteúdo temático principal da OLPEF, “O lugar onde vivo”, e das respectivas temáticas auxiliares e da forma composicional temporariamente acabada para o seu plano do dizer, explicita-se nas memórias literárias consoante a concepção de Clara *et al.* (2021), apresentados nas Oficinas da SD, específicas para o enfoque do estilo verbal desse gênero discursivo no certame. Mobiliza também para a materialização de seu plano enunciativo, elementos linguístico-enunciativos não preditos no material didático proposto para o trabalho do docente de nossa língua materna em sala de aula com os discentes. Ademais, elege pela quantidade dos recursos linguísticos escolhidos. Estratagemas discursivos centrados na interação emotivo-avaliativa do autor em razão das temáticas discutidas no gênero discursivo, os quais dão significado ao seu projeto de querer dizer.

Nessa perspectiva, os usos dos recursos linguísticos, não se escoram na língua enquanto sistema estrutural, mas no teor de expressividade do discurso concreto elaborado no certame. Ou seja, na interação que se estabelece com outros dizeres valorativos que rodeiam o locutor e interlocutor presentes na conjuntura sócio-histórica-ideológica e cultural em que estão inseridos. Dessa maneira, o aluno-autor apresenta-se ímpar na seleção dos acontecimentos narrados ao longo da entrevista pelo informante, ao elegê-los entre os mais relevantes vivenciados e trazidos através do estilo de linguagem com empregos singulares de elementos linguístico-enunciativos, uma vez que “*Memórias literárias*: geralmente são narrativas que têm como ponto de partida experiências vividas pelo autor em épocas passadas, mas contadas da forma como são vistas no presente [...]” (Clara *et al.*, 2021, p. 51, grifos das autoras).

Essas escolhas foram fundamentais para o aluno tomar posicionamentos éticos-

estéticos, ao imprimir na construção do estilo de linguagem do gênero discursivo certo juízo de valor, isto é, revela uma postura axiológica sobre os temas da Olimpíada, a partir de seu contexto de vida. Personalidade estilístico-enunciativa autoral que enfoca o diferencial desta pesquisa de dissertação, compreender como a escrita do gênero discursivo das memórias literárias contribui para a constituição identitária do sujeito sob o viés do dialogismo do Círculo bakhtiniano.

O entendimento responsivo, que nós, pesquisadoras, propomos atingir durante todo o procedimento de estudo, foi entender também a correlação entre o linguístico, aportado no elo significativo da língua, e o particular, firmado no extraverbal, em que habitam as axiologias sociais. Seleções singulares, que a partir dos temas eleitos para a materialização dos planos ideológicos do dizer, usam os matizes da vida social, uma vez que os recursos da língua somente ganham juízo de valor nas relações em sociedade, em que estão assentes, especificamente, locutor e interlocutor, cuja tomada de posição, em função daquele com quem dialoga, colabora para a escolha ideologizada das memórias literárias desenvolvidas no concurso de enunciados concretos. É na interação ativa entre o foco repetível da língua, para o trabalho com o estilo verbal desse gênero de discursivo no concurso, e dos recursos de estilo não encaminhados pelo material instrutivo — o dado, o modo significativo linguístico, e o inventivo, o inesperado, o original, o particular, o singular, as mobilizações idiossincráticas dos falares autorais apresentadas ao modo composicional valorado dos planos enunciativos elaborados (Bakhtin, 2003; Sobral, 2009).

Desse modo, o enunciado de memórias literárias produzido, “Quando a chuva chega no sertão...”, carrega o fazer estético, a mobilização idiossincrática dos recursos repetíveis da língua/linguagem, particularizados no material enunciativo-discursivo para que a atitude ética do aluno-autor fosse instituída no enunciado concreto (Medviédev, 2016). A atitude responsiva (Bakhtin, 2010; 2016) está entranhada de valores de visões de mundo, do aluno e do entrevistado, além das nossas enquanto leitores, ao receber as memórias literárias elaboradas. Apreciações valorativas que se entrecruzam no plano enunciativo, por partilharem dos mesmos valores sobre os acontecimentos narrados e retomados a partir de uma listagem seletiva da voz autoral de deferência e de valorização pelo informante. Nessa perspectiva, mostraremos a utilização de alguns recursos de estilo, ligados aos conceitos axiológicos sociais mobilizados pelo aluno-autor. Elementos linguísticos, pertinentes às adequações temáticas, discursiva e linguística, descritos no Quadro 3. Entonações avaliativas ímpares do aluno-autor que se apresentam estabelecidos e não estabelecidos pela OLPEF na estrutura composicional axiológica (Medviédev, 2016) do enunciado concreto produzido no certame.

Sobre a adequação temática, a OLPEF apresenta como tema geral “O lugar onde vivo” (Clara *et al.*, 2021). Assim, podemos afirmar que o enunciado “*Quando a chuva a chega no sertão...*” tem como conteúdo temático uma história de recordações lembradas pelo entrevistado sobre o lugar onde vive, já citado no título e no final do projeto enunciativo. Nota-se que o aluno-autor não enfoca no enunciado o tema auxiliar “Modos de viver no passado” (Clara *et al.*, 2021), pois apenas cita brevemente um modo de dizer no passado “A libélula, que a gente chamava de ‘cachimbo’...” (Ibiassucê, 2019, p. 06).

Em “Hoje, aos sessenta e um anos de idade, primeiro dia do ano novo, muitos anos depois, eu aqui, com a família e alguns amigos neste lugar transformado pelo tempo...” (Ibiassucê, 2019, p. 06), percebemos uma clara referência ao tema auxiliar “Transformações Físicas da Comunidade” (Clara *et al.*, 2021). Por sua vez, o autor opta, ao apresentar as lembranças do entrevistado, os eventos que foram mais relevantes de sua vida, dando destaque ao tema auxiliar “Eventos Marcantes” (Clara *et al.*, 2021). Ao longo do enunciado, o aluno-autor relata o acontecido e revela (ou sugere) para o leitor os motivos que tornam significativos os fatos contados, que neste caso foram os acontecimentos da seca de 1976⁸ e a chegada das chuvas no sertão da Bahia após um período difícil de estiagem: “[...] as lembranças guardadas na minha mente me levam ao passado, aos anos tristes da seca de mil novecentos e setenta e seis.” (Ibiassucê, 2019, p. 06), assim como “[...] E, nesses dias, lá, bem longe, pelas bandas do São Francisco, relâmpago raiou e veio uma chuva mansa e milagrosa” (Ibiassucê, 2019, p. 06). Trata-se de um tema voltado à narrativa de fatos vividos pelo entrevistado no passado e contados no tempo presente (nesse caso, o tempo presente se refere a 2019, ano da publicação da coletânea).

No que diz respeito à adequação discursiva, proposta pela OLPEF, o aluno-autor elegeu dar enfoque ao seu enunciado concreto ao evento marcante da vida do morador da sua comunidade, à grave seca que atingiu o seu município, Ibiassucê, nos anos de mil novecentos e

⁸ Ao longo da análise dialógica de “Quando a chuva chega no sertão...”, entrelaçando passagens de minhas memórias infantis e juvenis em que sempre ouvi de meus familiares sobre este terrível evento, a seca de 1976, num ano em que eu não havia nascido, que interagem de forma direta com as memórias do morador antigo da comunidade informante, trazidas nas vozes sociais singulares da autoria, numa postura dialógica e responsiva. Vozes carregadas de tons apreciativos de respeito e valor sobre as experiências de vida do sujeito entrevistado, a partir de sua atitude responsiva diante do tema mobilizado ao seu propósito do dizer. Escolhi por incluir-me porque os acontecimentos vividos, quando adolescente, pelo morador de Ibiassucê, mostram-se muito próximos de minha vivência neste mesmo município, cidade do interior da Bahia onde nasci e cresci, e na qual passei todos os meus dias de criança e até hoje onde resido. Ao longo dos anos, a seca ainda afeta a vida das pessoas desta comunidade a cada ano, com menores ou maiores impactos a depender de sua intensidade. Traço esse interdiscurso, embora saiba que é um risco que corro, ao me expor com a análise empreendida no enunciado concreto, todavia um risco que vale muito a pena por permitir o diálogo estabelecido entre a pesquisadora, o gênero produzido e o aluno-autor em uma uníssona conversa valorativa.

setenta e seis. Fato que marcou a vida do entrevistado e o aluno-autor optou em destacar, uma vez que, provavelmente, interage de forma direta com as memórias do morador antigo da comunidade informante, trazidas nas vozes sociais singulares da autoria, numa postura dialogal e responsiva, uma vez que na descrição do entrevistado, o discente informa que é seu tio. Estes apontamentos dialogam com os pressupostos teóricos de Pollak (1992), no ensaio *Memória e identidade social*, que apontam serem três os elementos constitutivos da memória: os fatos vividos pessoalmente e os “vividos por tabela”; sujeitos e personagens e, finalmente, lugares. Conforme o autor, a memória, portanto, é estruturada em torno desses três pilares, com os quais o indivíduo pode ter entrado em contato de forma direta ou indireta (Pollak, 1992). Aqui retomamos Bakhtin (2000), é em relação à alteridade — a relação entre o eu e o outro — que os sujeitos se formam. O indivíduo reflete e refrata-se no outro.

Ainda sobre a adequação discursiva, o aluno-autor não recorreu a descritores propostos pela Olimpíada, como foco nas casas da época; foco nos tipos de alimentos, bebidas e foco nos objetos antigos (Clara *et al.*, 2021), no entanto, optou por dar enfoque aos elementos da natureza, como em “[...] Escuto o canto da rolinha ‘fogo-pagou’, superado pelo som do cantar do João-de-Barro, e admiro um tiziu fazendo peripécia num galho seco, imitando artistas de circo.” (Ibiassucê, 2019, p. 06). Além disso, escolheu por utilizar diversos recursos artísticos. É relevante destacar que as memórias literárias enquanto enunciado literário faz o uso, tradicionalmente, de recursos voltados ao fazer estético. As autoras Clara *et al.* (2021) apontam esse traço do gênero afirmando que na descrição de um objeto, um personagem, sentimentos, os autores usam a linguagem para criar imagens, evocar sensações, enfatizar determinados pormenores ou características. Fazer a articulação desses recursos oferece ao leitor/interlocutor uma experiência estética especial.

Fragmentos como “Pássaros cantando, borboletas multicores [...]” e “[...] Escuto o canto da rolinha ‘fogo-pagou’, superado pelo som do cantar do João-de-Barro [...]” (Ibiassucê, 2019, p. 06) conduzem o leitor às sensações de sons e cores daquele ambiente. Ao compreendermos que o enunciado de memórias “Quando a chuva chega no sertão...” como texto literário, podemos dizer há um processo de seleção e combinação de palavras que formam o arranjo básico dos atos de fala. Na construção de enunciados literários, esse processo de seleção e combinação de palavras/signos ideológicos se dá em imagens, em impressões sensoriais que ajudam a evocar impressões emocionais relacionadas aos fatos da narrativa, como vimos. Portanto, o gênero memórias literárias não pode ser apenas um espelho da realidade. Na criação literária, o autor do texto traça a “poesia da mensagem” (Abreu, 2020), escolhe entre os elementos da língua, reorganiza palavras, signos em combinação, confere-lhe plasticidade,

por exemplo, através de figuras de linguagem.

O aluno-autor fez uso de figuras de linguagem no enunciado concreto que comprovam esse caráter literário. Figuras como comparação em “A libélula, que nós chamávamos de ‘cachimbo’, num voo de helicóptero, parece lavar as partes íntimas sobre as águas [...]” (Ibiassucê, 2019, p. 06). Podemos notar uso de metáfora em “[...] a elegância sutil da lavadeira desfilando o seu branco da paz. ” (Ibiassucê, 2019, p. 06), assim como algumas prosopopeias em “[...]um tiziu fazendo peripécia num galho seco, imitando artistas de circo[...]”, do mesmo modo em “[...] veio uma chuva mansa e milagrosa [...]” e “O Tanque Grande sangrou! ” (Ibiassucê, 2019, p. 06). Ao longo dessa seção, faremos ainda uma análise de forma mais detalhada dessas duas últimas figuras de linguagem, uma vez que constituem elementos singulares para essa narrativa.

No que concerne à adequação linguística, o aluno-autor narra os fatos que se passaram com o entrevistado, usando pronomes e verbos na primeira do singular, colocando-se como protagonista da história, como em “[...] *eu* aqui, com a família [...]” e “*Dei* umas voltas por esse cenário encantador” (Ibiassucê, 2019, p. 06 — grifos nossos). Assim como a primeira pessoa do plural: “A libélula, que *nós chamávamos* de ‘cachimbo’” [...] (Ibiassucê, 2019, p. 06 — grifos nossos). Marcas estritamente pessoais, com verbos na primeira pessoa do singular, são marcantes no gênero memórias literárias. No entanto, ao longo de todo enunciado, podemos perceber, também, verbos de terceira pessoa do singular e do plural: “[...] pelas bandas do São Francisco, relâmpago raiou [...]” e “Foi aqui, que meu pai Clezinho e tio Zé Andrade, então feitores da Sudene, se juntaram com os seus trabalhadores [...]” (Ibiassucê, 2019, p. 06).

A OLPEF propõe, como citado no capítulo anterior, a padronização da pessoa do discurso, como uma particularidade típica do estilo de linguagem do gênero discursivo memórias literárias, estimula os alunos-autores a explicitarem do mesmo modo na materialidade textual-discursiva um aspecto homogêneo da marca de autoria nas produções destes enunciados. Os alunos-autores são orientados a priorizarem a primeira pessoa do singular na maior parte do enunciado de memórias a fim de que evidenciem os efeitos de sentidos com os recursos linguísticos-discursivos mobilizados em função do projeto enunciativo para serem avaliados consoante a proposta da OLPEF. No entanto, o aluno-autor do enunciado “Quando a chuva chega no sertão...”, não segue esta orientação, e utiliza outros focos narrativos.

A nosso ver, tem o mesmo foco de importância no dizer do aluno-autor, em uso, na função de uma autoria que expande a contagem dos fatos passados para um sujeito-autor-coletivo, ou seja, as memórias são do lugar “onde eu vivo”, mas a voz e as vozes são coletivas no enunciado que também traz particularidades, seleções originais e singulares ao se posicionar no seu

enunciado de forma ideológico-valorativa. Sendo assim, trata-se de um efeito de pluralidade de “vozes”, um discurso bivocalizado (Bakhtin, 2015), pois novamente reafirmamos sobre o auditório social e sobre a autoria: no enunciado de memórias literárias já não é mais o entrevistado que “fala”, visto que seu discurso citado é enquadrado e citado pelo autor do gênero, a saber, o aluno-autor.

Contudo, isso não se colocou como um obstáculo ao agir responsivo do aluno-autor, já que traz ao material textual-discursivo escolhas surpreendentes e inusitadas conforme seu propósito de dizer. Sendo assim, em nossa percepção, a primeira pessoa do singular não é superior na ressignificação e releitura dos fatos narrados pelos sujeitos informantes da comunidade, a primeira do plural ou terceira pessoa também é uma opção plausível para qualquer tomada de posição no texto, já que o querer dizer é o mesmo. O aluno-autor produziu seu enunciado ora na primeira pessoa do singular, ora na primeira do plural e também na terceira do plural e do singular, isto é, usou o foco narrativo que o estudante-autor mais se identificou para produzir o seu projeto enunciativo.

No entanto, apesar recorrer diferentes focos narrativos, o aluno-autor, optou por utilizar em maior parte no seu enunciado a primeira pessoa do singular. Ele se desmembra em personagem e narrador, numa espécie de jogo literário sutil, contando os acontecimentos de uma época da vida do tio, contemplando-a da perspectiva de observador geral dos momentos narrados, como também olhando para si como personagem que vivenciou os fatos contados, recriados pelas suas reminiscências e dos outros. Pode-se reconhecer quando o aluno-autor se coloca como narrador das memórias pelo uso da primeira pessoa: “‘De repente, não mais do que de repente’, as lembranças guardadas na minha mente me levam ao passado, aos anos tristes da seca de mil novecentos e setenta e seis” (Ibiassucê, 2019, p. 06). Podemos identificar também o narrador-personagem nas memórias quando o aluno-autor descreve suas emoções e sensações narrando acontecimentos dos quais ele é o centro, como em “Agora, olhando este lago cheio, tenho no peito uma mistura de sentimentos. São os sentimentos de nascem de estar olhando para o passado. Foi um tempo de sofrimento. De alegria e de tristeza” (Ibiassucê, 2019, p. 06), mas também que envolvem outras personagens das memórias literárias, como em “Foi aqui, que meu pai Clezinho e tio Zé Andrade, então feitores da Sudene, se juntaram com os seus trabalhadores [...]” (Ibiassucê, 2019, p. 06).

O uso de quatro pessoas do discurso, como visto na produção escrita do enunciado de memórias literárias, é possível, uma vez que se trata de objeto estético, o qual está inserido no campo literário da atividade humana (Bakhtin, 2016). Nesse sentido, “[...] o objeto estético é antes de tudo um sistema dinâmico de signos axiológicos, uma formação ideológica, produzido

no processo de uma relação social particular e fixado na obra como médium material desta relação” (Volóchinov, 2013, p. 234). No enunciado de memórias literárias, o que é narrado não é a realidade exata. Ela dá sustentação ao enunciado escrito, no entanto, esse discurso de memória é constituído, possivelmente, também, por tonalidades de inventividade.

Nesta perspectiva, as condições de produção do enunciado determinam um primeiro direcionamento das palavras, signos ideológicos, ao entrevistador, através do dizer do autor dos acontecimentos vividos. Posteriormente, ocorre um segundo direcionamento por meio da eleição dos signos ideológicos irrepetíveis pela autoria, ao colocar-se no lugar do contador dos fatos. São palavras sociais que dialogam com a autoria na elaboração do enunciado de memórias que se concretiza em uma ação ininterrupta, que é própria à corrente da interação discursiva em função também de outros prováveis interlocutores/ leitores/ouvintes. Nesse aspecto dialógico, o aluno-autor, ao se deparar com as vozes sociais do tio, dialoga com os elementos trazidos na fala de seu interlocutor, eivados de julgamento de valor, por mostrar-se saudosista e orgulhoso do que presenciou com a seca de 1976 com tudo aquilo que passou na infância e refrata essa fase da existência de menino no material textual discursivo e axiológico.

Portanto, podemos dizer se estabeleceu um diálogo e uma fusão de vozes do aluno-autor, a voz autoral, com a voz do seu entrevistado, a palavra alheia, por haver um jogo discursivo no que se refere ao narrador, no gênero memórias literárias, uma vez nesse enunciado incidem duas direções semânticas, duas vozes (Bakhtin, 2015), o discurso bivocal. Isto acontece particularmente neste gênero porque que ao escrever seu enunciado de memórias literárias, o aluno-autor-narrador organizou as vivências memoradas do seu tio se e as interpretou como se fossem suas, recorrendo à linguagem literária. Assim, não importa que as reminiscências não sejam do aluno-autor. Nessa narrativa ficcional, aquela verdade — do entrevistado — passou ser a “verdade” — e ... “qualquer semelhança com a realidade será mera coincidência”.

Ainda sobre a adequação linguística, a OLEPF orienta que os discentes recorram aos diversos modos de descrição (Clara *et al.*, 2021) na produção do gênero. Assim, em relação ao enunciado acima, pode-se notar que a descrição permeia as sequências narrativas para descrever o cenário onde aconteceram os fatos narrados. Ao descrever, por exemplo, o espaço em que viveu o entrevistado, o aluno-autor utiliza-se de adjetivos, condizindo o leitor/interlocutor a uma visão mais detalhada das cenas. Nos trechos “[...] ao lado da *antiga* barragem de Manoel Gonçalves [...]” (Ibiassucê, 2019, p. 06 — grifos nossos), “[...] um casal de marrecos sobre as águas *novas* e *turvas* do lago [...]” e em “[...] árvores *frondosas* [...]” (Ibiassucê, 2019, p. 06 — grifos nossos) percebemos a presença de descrições que contribuem para o sentido que o aluno-autor quer atribuir ao ambiente onde o informante viveu. Essa adjetivação, empregada para

caracterizar os elementos da natureza, denotam satisfação e contemplação do narrador-personagem. O enunciado de reminiscências do entrevistado revela uma ênfase dada à natureza daquele lugar, são signos ideológicos que demonstram afetividade por este espaço. O aluno-autor utiliza-se deste recurso em outras situações também, como para descrever as consequências da tão esperada chuva: “[...] ficou na história pelo comentário da chuva surpreendente [...]” e “[...] Tanque Grande que ‘sangrava todo imponente’ [...]” (Ibiassucê, 2019, p. 06). Utilizar descrições é bem relevante no enunciado de memórias literárias para que o leitor/interlocutor possa construir imagens das pessoas, dos lugares, da época e de como os fatos foram vivenciados.

Quanto ao uso de “recursos de articulação e progressão textual” (Clara *et al.*, 2021), percebemos, ao analisarmos o enunciado, que não há conjunções ou elementos conectivos no início dos parágrafos para estabelecer ligação, todavia o aluno-autor estabeleceu coesão entre eles utilizando-se de outros recursos de articulação, como, por exemplo, no segundo parágrafo descreveu o espaço em que se encontrava o protagonista, já no terceiro usou a expressão “esse cenário encantador” (Ibiassucê, 2019, p. 06). O uso do pronome possessivo “esse” estabelece conexão com o parágrafo anterior. De maneira análoga, o aluno-autor utilizou outros recursos linguísticos que estabeleceram a coesão ao longo enunciado que permitem, também, uma progressão enunciativa-discursiva coerente. Assim, a ausência desses recursos linguístico-enunciativos, conjunções de ligação entre os parágrafos, como percebemos nessa memória, não interferiu na coesão do enunciado, pois outros elementos linguístico-enunciativos que contribuem para a coesão e a progressão do texto foram usados. As articulações textuais não se limitaram à materialidade linguística, mas o encadeamento se deu de forma discursiva com foco na descrição do espaço, de personagens, dos elementos da natureza, de sentimentos, cuja finalidade foi trazer ao enunciado concreto imagens, provocou sensações, ressaltou detalhes e características para que a progressão propiciasse ao leitor/interlocutor uma experiência estética particular.

Outro ponto característico do gênero discursivo das memórias literárias é a predominância de “verbos para marcar o passado” (Clara *et al.*, 2021). No caso específico desse enunciado, embora os primeiros parágrafos sejam marcados pelo uso de verbos no presente do indicativo, predomina a utilização de verbos no pretérito perfeito e pretérito imperfeito, com função de marcar um tempo passado, lembrado. Segundo Abreu,

[...] as narrativas, em geral, são construídas com verbos no pretérito. Essa característica é essencial no gênero memórias literárias. O pretérito perfeito indica uma ação pontual, completamente terminada no passado, determina o cenário, o ambiente da narrativa; o pretérito imperfeito indica ação habitual no

tempo passado, fato cotidiano que se repete muitas vezes, marca a sequência de ações narradas, típicas do texto narrativo. (Abreu, 2020, p. 25).

A utilização de palavras ou expressões em função de costumes antigos (Clara *et al.*, 2021) e termos peculiares do vocabulário de uma época em que os acontecimentos se deram, também, é um elemento do estilo das memórias literárias. Segundo Abreu (2020), é importante utilizar “expressões que marcam o tempo decorrido porque situa o leitor nos fatos narrados do passado, nas lembranças, marcando o contraste com as expressões que determinam o ato enunciativo” (Abreu, 2000, p. 25). O enunciado “Quando a chuva chega no sertão...”, ao apresentar expressão como “libélula, que a gente chamava de ‘cachimbo’” e a palavra “banguês” (Ibiassucê, 2019, p. 06), mostra um vocabulário próprio da época para a qual remontam as reminiscências relatadas.

Outro elemento proposto no Caderno *Se bem me lembro...* é a utilização de recursos peculiares orais e variedades das línguas regionais e sociais (Clara *et al.*, 2021), como podemos perceber em expressões e palavras regionais do sertão baiano: “cambão”, “poço ‘de água de beber’”, “O Tanque Grande sangrou!” e “‘raspando o tacho’ da pouca água do mesmo Tanque Grande que ‘sangrava todo imponente’” (Ibiassucê, 2019, p. 06). Mais adiante, ao longo deste capítulo, retornaremos a dissertar sobre alguns desses signos ideológicos na perspectiva de lexias que revelam a identidade desse lugar.

Segundo os autores do Círculo Bakhtinano, as palavras e expressões estão relacionadas a um determinador lugar e um período do tempo em que é recepcionado e do mesmo modo em que se enuncia. Compreendendo que essas expressões e palavras são transpassadas, são eivadas, cheias de relações com outros enunciados e com outros dizeres que se referem ao sentido com elas serão proferidas e recepcionadas, portanto, as palavras relacionam-se também com a questão temática, sendo esse sentido do enunciado concreto em sua totalidade, do enunciado de um modo global, uma vez que, conforme Volóchinov, “o sentido da totalidade do enunciado será chamado de seu tema” (Volóchinov, 2017, p. 227–228).

O aluno-autor constroi a entonação da narrativa através dos sinais de pontuação. Observamos que o enunciado apresenta nas vários pontos-finais na produção de frases e parágrafos curtos para imprimir ritmo ao texto. Já no início das memórias “Quando a chuva chega no sertão...”, notamos uma relação dialógica explícita entre o título e o corpo do enunciado, pois o aluno-autor utilizou as reticências para dialogar com o título do enunciado (ausências que completam lacuna), revelando, como diria Volóchinov (2019), um silogismo inconcluso. Além disso, percebemos, também, o uso de reticências do enunciado concreto em “[...] eu aqui, com a família e alguns amigos neste lugar transformado pelo tempo...” (Ibiassucê,

2019, p. 06) para transmitir mais emoção e subjetividade para quem lê. Também um ponto de interrogação, cujo objetivo é a aproximação do aluno-autor de seu interlocutor no sentido de estabelecer diálogo com o leitor/interlocutor. Vemos dois pontos de exclamação que expressam sentimentos como espanto, admiração, surpresa ou alegria transmitidos ao leitor, como em “O Tanque Grande sangrou! ” (Ibiassucê, 2019, p. 06).

Uma característica peculiar deste enunciado é a utilização de várias aspas duplas para marcar expressões utilizadas pelo autor, como vemos em “O ‘escritório’ de Zé Andrade, que ficava às margens das barragens, imergiu, levando junto seus óculos, chapéu e suas anotações”, em que o signo ideológico “escritório” carrega as nuances expressivas diferentes do seu sentido denotativo, “sala ou conjunto de salas em que se administram negócios, se recebem clientes, ou compartimento ou cômodo de um imóvel destinado à leitura e ao ato de escrever; gabinete” (Luft, 2004, p. 216), ao ser marcado no enunciado concreto com aspas duplas, indica, provavelmente, que não se tratava de um escritório tradicional, mas sim de uma espécie de escritório improvisado ao ar livre com mesa onde ficavam as anotações do personagem, abarca a avaliação irônica, selecionada pelo autor, bebida durante o contato com seu interlocutor. Constata-se também que há uso de aspas duplas para marcar uma ocorrência de fala do próprio narrador-personagem, além de várias expressões regionais próprias deste lugar, sobre as quais discorreremos mais adiante.

Nessa diversidade discursiva, as quebras no fio discursivo podem ser reconhecidas através da utilização dos sinais de pontuação, invocando deste modo no enunciado concreto os elementos que compõem o sujeito escritor na sua individualidade, nesse caso o aluno-autor. Aspectos rítmicos da atividade enunciativa foram, portanto, subjacentes à seleção e à combinação que o aluno-autor fez desses fragmentos na escrita dessa memória, uma vez que, ao demarcá-los através dos sinais de pontuação, o sujeito não apenas os individualizou, como também (ou sobretudo) os alternava, estabelecendo, pois, entre eles relações rítmicas (Chacon, 1998).

Por essa perspectiva, baseados nas concepções teórico-metodológicas da interação discursiva do Círculo de bakhtiniano, referenciados ainda em Polato e Menegassi (2020), que recomendam descrever a possibilidade de análise dialógica da linguagem para a prática de leitura de discursos concretos, analisamos os recursos linguísticos usados na produção escrita vencedora através do viés metalinguístico. A investigação foi concretizada com base no léxico linguístico que, na perspectiva dos teóricos russos, institui-se de palavras/discursos ou signos ideológicos, além de aspectos gramaticais e frasais valorizados nas interações discursivas (Volóchinov, 2017).

Esses elementos linguísticos atravessados pelas vivências do aluno-autor e do morador entrevistado da comunidade, assim como de pessoas ao redor deles que vivenciaram os fatos rememorados, e das nossas vivências que visualizamos na narrativa dos acontecimentos, isto é, o entrelaçar de vozes sociais, que está presente em cada função sintática das frases, parágrafos e os outros recursos linguísticos classificadas durante a investigação realizada na produção destas memórias literárias do aluno, que analisamos, a fim de perceber os efeitos de autoria no projeto enunciativo. Recursos linguísticos, que de acordo a Polato e Menegassi (2020), por mais que sejam consolidados pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), no viés dialógico, são idealizados associados às atribuições de sentido que se alargam axiologicamente no momento da leitura de um gênero do discurso.

Desse modo, imbuídos desse objetivo, concretizamos o estudo da função textual-discursiva dos elementos linguístico-enunciativos que interagem com os conceitos axiológicos de extraverbalidade, valoração e entonações, cujo foco está voltado, neste enunciado de memórias literárias, para a descrição das personagens e suas atitudes e, principalmente, caracterização do lugar, assim como destaque do evento marcante, a seca de 1976, utilizando recursos linguísticos que formam padrões descritivos específicos de gênero no contexto da OLPEF.

Em vista disso, o aluno-autor, ao ter selecionado o título “Quando a chuva chega no sertão...”, das memórias literárias vencedoras, mobiliza um sintagma adverbial da língua/linguagem, por meio de uma oração subordinada adverbial temporal, que se constitui a partir da conjunção subordinativa de tempo “Quando”, artigo “a”, substantivo “chuva” e do adjunto adverbial de lugar “no sertão”. Esses recursos linguísticos não são trazidos ao enunciado concreto como simples funções sintáticas, analisadas e classificadas em uma aula de sintaxe de caráter tradicional via frases descontextualizadas, soltas, estanques do gênero discursivo elaborado no certame de enunciados, configurada como um elo em um fluxo descontínuo da interação discursiva, ou seja, não são articulados apenas no polo do repetível (Bakhtin, 2003). Mas no polo de singularidade discursiva (Bakhtin, 2003), pois os recursos léxico-gramaticais linguísticos utilizados no projeto enunciativo do aluno são cercados pela sintaxe sociovalorativa desencadeando um diálogo indivisível da língua com a situação extraverbal, que dá um colorido ideológico a um enunciado concreto.

Além disso, os quatro elementos linguístico-enunciativos, que formam o título do enunciado concreto, são selecionados a partir da entonação expressiva da autoria segundo o seu propósito do dizer (Volóchinov, 2013), já que opta por “Quando a chuva chega no sertão...” provavelmente pela entrevista ter sido realizada em um período de verão de Ibiassucê, quando

as chuvas ocorrem. De acordo a Farias, Rios e Rocha, nesta região o “período de chuvas vai de novembro a janeiro. Segundo a classificação climática de Köppen tal clima recebe a classificação Bsh — semiárido quente, sendo que este é caracterizado pela escassez e irregularidade das precipitações” (Farias; Rios; Rocha, 2013, p. 218), pois ao utilizar o substantivo “chuva” e adjunto adverbial “no sertão”, quis enfatizar um aspecto característico de Ibiassucê, uma vez que este município, localizado no sertão baiano, é marcado por apresentar secas longas e quentes, cujas chuvas ocorrem neste período, sendo escassas ao longo do ano (Alves, 2006). Possibilidade de entendimento pela organização do material linguístico do título, que dialoga com nossos conhecimentos prévios, extraídos do extraverbal, que nos cerca, por também ser moradora da cidade.

Nesta ocasião, a palavra/discurso ou signo ideológico “chuva” (Volóchinov, 2017), na composição do título, bem como as funções gramaticais-discursivas de “chega” e “no sertão” e os elementos linguístico-enunciativos que restauram as vozes sociais do morador entrevistado, de seus antepassados e de outros indivíduos mais velhos de sua convivência diária na comunidade em que reside, as quais dialogam ativamente com as experiências de vida do aluno-autor, uma vez que explicita que o informante é seu tio. Recursos linguísticos, que na narração dos acontecimentos, são tonalizados com o julgamento valorativo de mundo do entrevistado por meio dos fatos vividos que pondera como os mais relevantes de sua vida a serem compartilhados com seu interlocutor.

Essas experiências misturadas às vozes sociais da autoria, avaliadas com respeito e valorização do outro que o constitui, como também alguém que pertence à história da comunidade onde vive (Clara *et al.*, 2021). Seleções estilístico-enunciativas que explicitam o estudante como voz autoral única, ao recontar os fatos narrados pelo entrevistado e, também, como entrevistador singular, pois, ao dialogar com o ibiassuceense sobre as suas experiências vivenciadas no passado, soube dar o toque certo, durante o diálogo, para extraí-las conforme o que planejou antecipadamente para a produção do enunciado escrito de seu plano ideológico do dizer. Além disso, também registra os detalhes mais importantes das informações para criar descrições específicas como morador dessa comunidade, que, provavelmente, também se orgulha de sua terra natal e de alguma forma conhece a criança que foi, nos dizeres do “[...] Manoel Adelino de Andrade [...] (Ibiassucê, 2019, p. 06)”.

Portanto, são essas experiências registradas que ativam as memórias do personagem principal sobre o que está acontecendo à sua frente, por meio de um diálogo com um jovem da comunidade, que vê a vida já permeada por seus valores, ele próprio, com sua apreciação perante vida, e os outros sujeitos com quem comungou reminiscências orais e com quem ainda

compartilha, também carregadas de direções ideológicas singulares. Desse modo, entrevistado e autor, ao contarem os fatos, externalizam seus tons avaliativos experienciais, uma vez dormentes nas memórias “[...] individual e coletiva” (Achilles; Gondar, 2016, p. 182), uma vez que, para os pesquisadores, a seleção e o armazenamento são atividades naturais das pessoas na formação de um acervo, de um mosaico de memórias (Benjamin, 2004). Uma especialidade responsável pela dinâmica da memória porque traz encarnada as experiências de vida do morador da comunidade, do aluno-autor, embora de ainda adolescente, e as nossas enquanto leitores/interlocutores responsivos do enunciado concreto vencedor produzido na OLPEF. Logo, nos signos ideológicos que compõem o título do gênero discursivo vencedor produzido, “Quando a chuva chega no sertão...”, isto é, “Em cada palavra do enunciado compreendido, acrescentamos [...] nossas palavras responsivas. [...], cada elemento semântico isolável [...], assim como o enunciado em sua totalidade, é traduzido por nós para outro contexto ativo e responsivo” (Volóchinov. 2017, p. 232).

Dessa maneira, o enunciado “Quando a chuva chega no sertão...” ativa um mosaico de memórias (Benjamin, 2004) no aluno-autor, ao revelar a relação entre o estudante e o entrevistado, enquanto indivíduos que fazem parte da mesma família e moradores do mesmo lugar, e resgata do extraverbal que o constitui como ser sócio-histórico-ideológico e cultural, na posição de autor desse discurso memorialístico. Recepção responsiva das memórias literárias do aluno-autor que ora se efetiva pelo interlocutor da história narrada que hoje se constitui, matizado de valores trazidos pelos mais diversos elos anteriores que o atravessam e que se mostram como elos posteriores, refletidos e refratados também no seu dizer memorialístico na cadeia da interação discursiva, que se processa sempre simultânea com o informante. As entonações valorativas que o tecem como sujeito sócio-histórico (Sobral, 2009). Sendo assim, “[...] a entonação é lugar de memória e lugar de encontro. Lugar de memória acústica e social, pois tanto o autor quanto o leitor estão totalmente impregnados de entonações, desde a mais tenra infância [...]” (Dahlet, 2005, p. 251).

Sob esse prisma, a escolha por uma oração subordinada adverbial temporal “Quando a chuva chega no sertão...” são estratégias linguístico-enunciativas valoradas adequadas ao propósito discursivo da autoria, com o propósito de expressar os efeitos de sentidos desejados a partir da “[...] memória semântico-social depositada na palavra” (Dahlet, 2005, p. 250). Desse modo, a partir delas “De repente, não mais do que de repente”, as lembranças guardadas na minha mente me levam ao passado, aos anos tristes da seca de mil novecentos e setenta e seis” (Ibiassucê, 2019, p. 06). Essa valoração pretendida pelo aluno-autor, revelada no material textual-discursivo, poderá provocar o efeito pretendido em outros, enquanto

leitores/interlocutores de seu projeto enunciativo, uma vez que a utilização desses recursos linguístico-enunciativos é a mola propulsora a fim de que renasçam memórias adormecidas da infância de quem compartilhou das mesmas experiências.

Assim, as relações dialógicas como concebidas pelas pressuposições teórico-metodológicas da interação discursiva do Círculo de bakhtiniano se cumprem uma vez que há no enunciado de memórias literárias produzido “o entrelaçar de vozes sociais que dialogam em relação de alteridade mútua” (Gomes, 2021, p. 288). Isto é, o aluno-autor destaca as palavras outras do morador da comunidade, transformadas em suas próprias palavras no enunciado concreto, e ele, ainda, como interlocutor dessas memórias, capta às palavras outras do entrevistado, enquanto autoria e as transforma em suas, ao relacioná-las e compará-las ao seu viver existencial (Volóchinov, 2017), por surgirem “[...] da situação extraverbal da vida e conserva com ela o vínculo mais estreito” (Bakhtin, 2011, p. 154).

As memórias literárias não podem ser pensadas como um ato da língua de forma isolada, excluído das relações de interação com o “outro”. Por essa perspectiva, todo enunciado concreto realizado, com apoio nas relações dialógicas amplas, constitui sempre uma reação-resposta a outros enunciados produzidos (Bakhtin, 2016). O locutor reconstrói frequentemente as vozes sociais do “outro” para complementá-las, refutá-las ou ainda acatá-las, como acontece no projeto ideológico do dizer realizado no contexto da OLPEF, uma vez que o aluno-autor, ao realizar a entrevista com o contador dos fatos, foi guiado a escutar com atenção os fatos do passado relatados. Deste modo, a partir desse estratégia resgata as memórias do local onde vive e sente-se pertencente a ela.

Não ocorreu a refutação dos vieses ideológicos e valorativos apresentados pelas palavras como signos ideológicos de seu interlocutor. Na realidade, mostram-se palavras sociais que dialogam com o aluno-autor por meio de uma escrita do enunciado memorialístico que se concretiza em um processo ininterrupto, que é próprio à corrente da interação discursiva (Volóchinov, 2017). Sendo assim, o projeto enunciativo é estabelecido pelos elos anteriores — os dizeres com os julgamentos valorados do contador dos acontecimentos passados, manifestados como palavras alheias no enunciado das memórias, e pelos elos posteriores — os dizeres do aluno-autor valorados e selecionados de modo único, irrepetível, a partir dos eventos apresentados ao presente por seu interlocutor, as manifestações da palavra autoral, inerentes à autoria. Na verdade, constitui o refletir e o refratar imprescindíveis na efetivação do enunciado concreto “Quando a chuva chega no sertão...”. Nesse sentido, discutiremos a utilização das lexias — seca, sertão, chuva e sagrar — que destacam nesse enunciado constituindo um caráter individual, uma vez que são marcas subjetivas na eleição de estratégias enunciativas na

construção do plano enunciativo esperado e social, pois essas escolhas estão arroladas a um contexto sócio-histórico-ideológico muito mais abrangente no estabelecimento das interações ininterruptas com as outras vozes sociais. São palavras, signos/ideológicos, valoradas, ao revelarem o enraizamento cultural que nasce da identidade com o meio em que vivem o entrevistado e aluno-autor, sertão baiano, uma região semiárida.

Em “Quando a chuva chega no Sertão...”, o aluno-autor resgata uma fala do morador entrevistado explicitada no período: “‘De repente, não mais do que de repente’, as lembranças guardadas na minha mente me levam ao passado, aos anos tristes da seca de mil novecentos e setenta e seis. ” (Ibiassucê, 2019, p. 06). Nessa passagem, com o signo ideológico “seca”, presente no discurso de seu interlocutor e mobilizado na produção do enunciado, adequado a essa situação específica de interação, aponta a seca, que assolava a criança moradora da localidade do sertão baiano, a cidade de Ibiassucê, na década de 1970. “Seca” com ausência quase total de água e minimizada pela atividade pelos esforços das pessoas do lugar e dos familiares do narrador-personagem para construir uma barragem, aplacada com a chuva que veio pelos lados do Rio São Francisco: “E, nesses dias, lá, bem longe, pelas bandas do São Francisco, relâmpago raiou e veio uma chuva mansa e milagrosa” (Ibiassucê, 2019, p. 06).

Por esse ângulo, nesse enunciado concreto, a palavra não tem mais um caráter neutro, pois a neutralidade expressiva e de valor da palavra “seca” só aparece como verbete nos dicionários, antes de ser escolhida para o propósito de dizer do aluno-autor para a efetivação de seu projeto ideológico enunciativo. “Seca” é definida em uma linguagem metalinguística como “Estiagem; ausência de água; falta de chuva” (Luft, 2004, p. 395). Significado abrangente que acorda para a todos os falantes da língua em questão de informação, portanto é qualificada por Bakhtin (2016) como palavra neutra.

No entanto, o signo ideológico “seca”, nesse enunciado analisado, é simbólico, singular, peculiar, há uma tonalidade volitiva própria, significa sofrimento, morte, sede, ausência de alimentos. Menino que viveu “aqueles anos tristes da seca de mil novecentos e setenta e seis” (Ibiassucê, 2019, p. 06), naquele pedaço de chão da sua infância. Nessa conjuntura, o signo ideológico “seca”, ao se relacionar com o signo ideológico “tristes”, representa a grande dificuldade de sobrevivência naqueles idos. O menino, por ser um morador sertanejo, convivia com “[...] a seca de todos os anos [...]” (Ibiassucê, 2019, p. 06), tinha além da pecuária, “O sisal era o último recurso de salvação do rebanho [...]” (Ibiassucê, 2019, p. 06), e agricultura de subsistência, “[...] a lavoura de verduras de Dim de Zé Zacarias, plantada no quintal de Manoel Caetano [...]” (Ibiassucê, 2019, p. 06), os meios de sobrevivência. Para Albuquerque Junior (2022) o convívio com a seca é aprendido constante da população do semiárido desde a

infância. Euclides da Cunha, na obra *Os Sertões*, cunhou a frase “o nordestino é antes de tudo um forte”! Fortaleza manifestada na resiliência em conviver com as secas cíclicas. Percebemos haver uma expansão de significação nos signos “seca” e “tristes”, a permitir o entendimento de que o primeiro se manifesta como palavra alheia, como palavra proferida pelo narrador entrevistado, por sua vez o segundo se aproxima da palavra da autoria, em uma relação dialógica marcada de propriedade discursiva pelo aluno-autor. Desse modo, é possível concluir que ambas estabelecem conexão, ao mesmo significado, no entanto, com ampliação de significados ao empregar a expressão “anos tristes”, como se dissesse “anos de sofrimento”.

Na memória vencedora, a simples réplica da palavra alheia não acontece, uma vez que o aluno-autor, ao se tomar para si o discurso do senhor morador da comunidade, não apenas imprime de forma alheia, sem oferecer um novo acento valorativo ao signo “seca”, pois sob a perspectiva dialógica qualquer recurso da língua repetível, empreendido em um novo contexto de uso é sempre singular (Bakhtin, 2003). Sendo assim, os vieses ideológicos associados ao viver experiencial do entrevistado com a concepção avaliativa do aluno-autor, lembrando que o discente vive no mesmo lugar do entrevistado, corroboram a representação do receio pelos problemas infligidos desse evento climático: “A seca se prolongava. O sisal era o último recurso de salvação do rebanho. Muitos se salvaram apesar da aspereza do único alimento que restou” (Ibiassucê, 2019, p. 06).

Nesse momento da narrativa, podemos perceber que há um entrecruzamento da voz do entrevistado com a voz do aluno. O aluno-autor (sujeito do discurso) narra com detalhes os acontecimentos daquele tempo, a seca de 1976, neste lugar, Ibiassucê, como já dito anteriormente, mas que ele não vivenciou, pois ainda não estava vivo, por isso que se torna perceptível o discurso do entrevistado, pois se considera que aquilo não é do aluno, mas um discurso embasado em outra voz, aquela da entrevista, que aponta os detalhes dos fatos daquela época, como em “[...] as lembranças guardadas na minha mente me levam ao passado, aos anos tristes da seca de mil novecentos e setenta e seis.” (Ibiassucê, 2019, p. 06). Aqui fazemos uma analogia ao poema de João Cabral de Melo Neto, o sujeito nunca está sozinho, ele necessita sempre de outros “galos” que teçam com ele “um amanhã”, no caso o enunciado concreto de memórias literárias. Retomamos os pressupostos bakhtinianos sobre sujeito que se constitui um ser histórico, social, ideológico, sendo também corpo, constituído na linguagem, construído pelo “outro”. O sujeito tem um propósito de dizer que não depende só de seu intento, mas precisa do “outro” (inicialmente é o “outro” com quem enuncia; a seguir o “outro”, ideológico, por ser tecido pelos outros discursos do contexto) e, concomitantemente, o sujeito consiste em corpo (são as vozes alheias que o constituem).

É nesse diálogo com as palavras alheias dos outros que nasce a palavra matizada com o tom valorativo e peculiar do locutor, “[...] a minha palavra [...]” (Bakhtin, 2016, p. 53), aqui compreendida como palavra autoral pelo aluno-autor do enunciado das Memórias. Desse modo, “Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo [...]” (Bakhtin, 2016, p. 54), que, ao assimilar, reelaborar e dar um novo acento valorativo a elas para o dizer do entrevistado, o aluno-autor mobiliza essas palavras reformuladas em uma nova situação de uso como irrepetíveis.

Por esse prisma, ao retornarmos aos trechos: “[...] aos anos tristes da seca de mil novecentos e setenta e seis. ” (Ibiassucê, 2019, p. 06) e “[...] na tarefa derradeira, de construir essa barragem, antes um poço ‘de água de beber’. A seca se prolongava. O sisal era o último recurso de salvação do rebanho. Muitos se salvaram apesar da aspereza do único alimento que restou” (Ibiassucê, 2019, p. 06), apreendemos que o signo ideológico “seca”, bebido na voz avaliativa do passado do senhor entrevistado, adquire um novo tom, uma vez que o aluno-autor, com seu olhar singular, ponderá-lo, ao intricá-lo às palavras sociais “tristes”, “aspereza”, “derradeira” e “salvação”. Com essa reconfiguração, a voz autoral demonstra que a palavra cultural “seca”, interligada à “tristes” e “aspereza”, marca no material textual-discursivo um receio grande das adversidades daquele tempo no interior do sertão baiano, além de apresentar-se aflito com a falta “de água beber” (Ibiassucê, 2019, p. 06) e comida para as pessoas e para os animais, como em “A seca se prolongava. O sisal era o último recurso de salvação do rebanho. Muitos se salvaram apesar da aspereza do único alimento que restou”, descreveu sua infância como difícil ao seu interlocutor. Apesar da capacidade de resistência das personagens deste lugar ao tentar mitigar os efeitos da seca, revela também uma espécie de cansaço, desalento diante dos esforços empreendidos. Fase da vida do contador dos fatos, ressaltada de modo irrepetível por via dos signos ideológicos “[...] tarefa derradeira [...]” (Ibiassucê, 2019, p. 06).

Nessa perspectiva, as palavras como símbolos ideológicos estabelecem diálogo entre si em uma relação alternada, completa, recíproca ou antagônica, mas ainda com base no pressuposto pergunta-resposta da interação discursiva, entre o entrevistado e aluno-autor e até mesmo um provável leitor deste enunciado. Porém, não podemos considerar minhas palavras como originais e inéditas, pois dependendo da interação do enunciado, cada locutor responde mais ou menos a outros enunciados, mas nunca é o primeiro sujeito a falar, mesmo que minhas palavras sejam marcadas com entonações ideológicas únicas (Bakhtin, 2016).

Podemos vislumbrar, ainda, por meio dos recursos linguísticos utilizados, ao se destacar os elementos sertanejos, o discurso do aluno-autor também se aproxima da “nordestinidade”, construção identitária que enaltece códigos sertanejos (o vaqueiro, a seca, a bravura e resistência)

(Vasconcelos, 2011). Em passagens como “A seca se prolongava. O sisal era o último recurso de salvação do rebanho. Muitos se salvaram apesar da aspereza do único alimento que restou” (Ibiassucê, 2019, p. 06), o aluno-autor destaca tradições sertanejas rurais. Já em “as lembranças guardadas na minha mente me levam ao passado, aos anos tristes da seca de mil novecentos e setenta e seis. ” (Ibiassucê, 2019, p. 06), enfoca a seca que grande parte dos nordestinos enfrentam todos os anos, do mesmo modo no seu município, Ibiassucê, que na descrição de Alves possui “clima semi-árido, sua pluviosidade média anual não ultrapassa 800mm³. O período das chuvas ocorre entre os meses de novembro a janeiro, sendo frequente a ocorrência de secas” (Alves, 2006, p. 36).

Por outro lado, enfatiza a capacidade de resistência e bravura diante das adversidades, como em “Foi aqui, que meu pai Clezinho e tio Zé Andrade, então feitores da Sudene, se juntaram com os seus trabalhadores, usando enxadas, enxadões, foices e “banguês” no programa de emergências no governo Roberto Santos, na tarefa derradeira, de construir essa barragem, antes um poço ‘de água de beber’” (Ibiassucê, 2019, p. 06), elementos identitários nordestinos e sertanejos que o aluno-autor fez questão de trazer ao seu projeto enunciativo de dizer, menção ao contexto sociocultural em que vive o estudante e entrevistado nos trechos. Percebemos, assim, nos trechos citados, a influência que o contexto social cumpre sobre as memórias, corroborando com a afirmação de Halbwachs (1990) de que há uma interação contínua entre a memória e o meio social no qual está colocada.

Do mesmo modo, temos associados à “seca” outros signos ideológicos. O signo ideológico “tacho” em “[...] regada com cambão, esforço e suor, ‘raspando o tacho’ da pouca água [...]” (Ibiassucê, 2019, p. 06) associado ao signo “raspando”, também marca no material enunciativo-discursivo o valor sentimental sobre a dificuldade de conseguir água que cada vez era mais inacessível. Assim, o signo cultural “água”, “[...] antes um poço ‘de água de beber’”. (Ibiassucê, 2019, p. 06), abarca a avaliação crítica, selecionada pelo aluno-autor, colhida durante o contato com seu interlocutor, que denuncia, por mais que seja indiretamente, o fato daquelas pessoas estarem totalmente desassistidas com escassez de água na região.

Deste modo, o morador antigo, ao explicitar em sua fala ao locutor sobre uma etapa de muito sofrimento no sertão, aluno-autor, singularmente, representa essa fase difícil de ser vivida neste lugar, com a confluência dos signos ideológicos “seca”, “tristes” e “aspereza” e “derradeira”, até que, através do eixo prosopopáico da língua/linguagem “E, nesses dias, lá, bem longe, pelas bandas do São Francisco, relâmpago raiou e veio uma *chuva mansa e milagrosa*” (Ibiassucê, 2019, p. 06 – grifos nossos), levasse para longe a preocupação com a seca e trouxesse momentos de alegria e contemplação. Sob esse prisma, o aluno-autor deste enunciado, ao tomar

conhecimento da nova fase da vida do seu informante, em que foi surpreendido pela chuva depois de um período difícil de seca, resgata do entorno social o signo ideológico “chuva” e o completa com um novo tom valorativo positivo com os signos “mansa” e “milagrosa”. Nesse sentido, “chuva” representa no sertão quase um milagre, fato extraordinário que provoca grande comoção. Parece que a ordem natural deste espaço é não haver chuva, e seu aparecimento quebra essa ordem natural, por isso tem as características de taumaturgia e milagre. Segundo Albuquerque Junior (2022), a chuva opera, sobre o sertão, milagre do renascimento natural, e o verde substitui em pouco tempo a rotina cinza, ocre e rachada que se constitui norma na paisagem da caatinga sertaneja.

Logo, o aluno-autor, a partir do discurso do morador da comunidade, por meio do signo ideológico “chuva” que foi associada no enunciado como fim de tempos de penúria e necessidade, assume uma acentuação ideológica singular, em comunhão com seu interlocutor. Há muitos adjetivos com os quais os sertanejos qualificam a chuva, no caso desse enunciado ela é categorizada como “mansa”, “milagrosa” e “surpreendente”. Nas palavras de Albuquerque Junior (2022), para os sertanejos, a chuva, quando vem, pode ser fina ou grossa, mansa ou brava, no entanto, sempre é uma “chuva boa”. Ela significa para o homem do sertão tudo que é de bom, a chuva é raramente vista como um mal, mesmo que acarreta danos e prejuízos, como em:

O “escritório” de Zé Andrade, que ficava às margens das barragens, imergiu, levando junto seus óculos, chapéu e suas anotações. Era um sábado, que ficou na história pelo comentário da chuva surpreendente, que interrompeu estradas, encheu lagoas, reduziu a feira e inundou a lavoura de verduras de Dim de Zé Zacarias [...] (Ibiassucê, 2019, p. 06).

Nessa conjuntura dialógica, se pensarmos na constituição como sujeitos sócio-histórico-ideológicos e culturais, o narrador dos fatos e o aluno-autor que ouve essa narrativa, no alargamento da relação direta, na confrontação das palavras próprias com as palavras alheias do outro, essa formação se consolida nos diversos signos ideológicos que constituem os discursos. Sendo assim, esse enunciado concreto de memórias, produzido no contexto da OLPEF, no qual as palavras como signos ideológicos recebem tonalidade valorativa, estão interligadas a elos anteriores, do interlocutor, refletidos e refratados pelo locutor, como elos posteriores, como se percebe na análise aqui pontuada.

Sob esse prisma, ao referenciar novamente os signos ideológico “seca” e “chuva”, visto com singularidade às comunidades sertanejas, relacionada a uma etapa da vida da criança muito difícil. Fase apontada no material textual discursivo das memórias literárias pelos signos

“tristes” e “aspereza” e “derradeira” em relação à “seca”. No entanto, como contraste ao sofrimento, a autoria traz para o seu enunciado o signo “chuva” associada aos outros signos ideológicos valorados positivamente: “mansa”, “milagrosa” e “surpreendente”. No Nordeste, a chegada da chuva mais simples e corriqueira torna-se um grande acontecimento que merece ser comemorado e registrado. Os nordestinos, principalmente os sertanejos, exibem diante da chuva uma alegria e contentamento que não se vê em nenhuma outra parte do país. A chuva é a causa de gritos de júbilo, exclamações e interjeições, que explicam estados emocionais de contentamento e alegria: “[...] relâmpago raiou e veio uma chuva mansa e milagrosa. O Tanque Grande sangrou! ” (Ibiassucê, 2019, p. 06). Temos uma frase exclamativa de admiração nesta prosopopeia que revela a sensação de admiração produzida por ser algo especial, por um evento extraordinário, é um estado de admiração inusitado. Ao dizer que a chuva é um milagre, o aluno-autor está enfatizando que a ela seria um fenômeno raro, inesperado, um fenômeno inusitado. A chuva no sertão adquire um sentido de fenômeno especial e único, um fenômeno cheio de emoção e admiração.

No fragmento acima, temos signo ideológico “sangrou” não utilizado no sentido literal, “tirar sangue da veia”, mas sim como resultado das águas que correram em grande volume, chegando até a este lago seco, que transbordou pelo “sangradouro” e derramou por sobre a paredes do reservatório de água, formando uma cascata de águas vermelhas, por conta da terra rubra deste lugar, da cor de sangue, nas palavras de Albuquerque (2022) consiste em um espetáculo muito apreciado pelo sertanejo. Desse modo, para representar essa etapa da vida do entrevistado, aluno-autor, além de considerar as vozes sociais do senhor, colhe, nas palavras alheias já postas na sociedade, o sentido de transbordamento, como, por exemplo, no signo ideológico “sangrou”, bebido nos elos anteriores presentes seu entorno social, representativa do excesso do seu fluxo cotidiano normal das águas, que neste lugar são vermelhas, expelidas deste um lago. Assim, a autoria reflete sobre essa perspectiva valorada e já pré-existente, uma vez que, segundo Albuquerque Junior (2022), trata-se de uma expressão muito típica do sertão nordestino.

Dessa forma, após essa primeira ponderação valorativa sobre a palavra/discurso “sangrou”, o aluno-autor a transforma, de acordo ao prisma dialógico, em suas palavras alheias, com o apoio de outras palavras alheias ouvidas ou não por ocasião da entrevista com seu interlocutor e refrata-a de forma particular e única como sua palavra de caráter singularmente criador e autoral (Bakhtin, 2011). Esse ponto de vista ativo materializa-se após a voz autoral receber conhecimento dessa fase da vida do morador, ao obter informações entre a conversa com o tio e o aluno-autor. O enunciado concreto expõe, desse modo, um novo refratar valorativo

a partir da palavra cultural “sangrou” mobilizada pelo aluno-autor e demonstrou uma nova acentuação ideológica a esse elemento da língua social, uma vez que “sangrou”, apesar de ser uma prosopopeia, semelhante às águas vermelhas transbordando, porém, não somente mais como verter água abundante, mas também de trazer vida para esse lugar através desse “sangue” que se esvai e irriga todo esse lugar.

Sendo assim, segundo o dialogismo do Círculo bakhtiniano, adotamos como norteamento sempre o horizonte social em que locutor e interlocutor estão arraigados como sujeitos sócio-histórico-ideológicos, porque “*A palavra é sempre orientada para o interlocutor [...]*” (Volóchinov, 2017, p. 205 – grifos do autor). Assim, o aluno-autor, ao fazer a entrevista para a escrita do enunciado de memórias, foi orientado a ouvir com muita atenção os fatos do passado contados pelo informante, a fim de sentir-se pertencente ao lugar onde mora, que no caso do nosso objeto de estudo, uma memória ambientada no sertão, e escolheu, segundo a sua perspectiva, singularmente, com muito respeito, os mais relevantes acontecimentos trazidos ao tempo atual por seu interlocutor, seu tio. Neste ponto, também é preciso destacar a importância da narrativa oral realizada, uma vez que o aluno-autor ouviu seu tio, com suas diversas histórias, não se importando pela veracidade dos fatos vividos pelo informante, mas pela sua “verdade” carregada ao narrar suas memórias.

Mais uma vez destacamos o signo ideológico “sertão” trazido no título do enunciado. A palavra “sertão” significava tudo que estava distante do Litoral, do centro de povoamento e das zonas habitáveis. No entanto, o aluno-autor retrata esta região do Nordeste como árida, das secas, do vaqueiro, dos grandes rebanhos bovinos e das caatingas. Embora, para nós, sempre estes elementos terem marcado a história nordestina, são símbolos que compõem a identidade sertaneja e que atribuem uma grande singularidade ao registro sócio-cultural da resistência. Toda a narrativa vem com um conjunto de significados que remetem ao sertão nordestino colhidas nas palavras alheias do tio e ressignificadas nas palavras do aluno-autor. Nessa perspectiva, ordenam uma primeira orientação das palavras, signos ideológicos, ao entrevistador, por meio da fala do autor dos fatos vivenciados. Por esse aspecto dialógico, o aluno-autor, ao se deparar com as vozes sociais do senhor, dialoga com os obstáculos trazidos na fala de seu interlocutor, eivados de julgamento de valor, por mostrar-se que passou na infância neste lugar e refrata essa fase da existência do menino no material textual discursivo e axiológico (Medviédev, 2012). As vozes do tio e do menino trazem, provavelmente, uma identidade do sertão dentro de si, pois em seus dizeres eles vivem subjetiva, afetiva e afetivamente este espaço, o sertão.

Nesse sentido, o estudante atribui destaque, desde a escolha do título e ao longo do

enunciado, o espaço sertão. Segundo Silva (2008, p. 71), “o sertão possui elementos constitutivos de sua denotação que demarcam os traços legítimos da identidade cultural, de modo mais específico, dos territórios brasileiros que configuram o ‘interior’, o distante, o desabitado, o vasto e o esquecido”. Enquanto espaço público, permite essencialmente indicar uma topologia de referência espacial para configurar a presença de interações sociais específicas.

Essa tomada de posição do aluno-autor, na escrita deste enunciado, apresenta uma conexão dos signos ideológicos “seca”, “sertão”, “chuva” e “sangrou”, e, ao mesmo tempo, um embate com outras vozes sociais na representação sobre luta diante as adversidades, por mais difíceis que sejam, impostas, que muitas vezes derivam em desistências imediatas do homem em sociedade para que se concretize a conquista pretendida, uma vez que o “Signo é uma balança onde peso o mundo, atribuo valor, defino, valoro [...]” (Miotello, 2011, p. 10). Assim, as quatro mobilizações dos signos ideológicos não foram escolhidas isoladamente em um contexto específico de utilização da língua/linguagem, mas, sim, na relação interativa que norteia todo amplo processo dialógico entre locutor e interlocutor conforme as pressuposições teóricas do Círculo bakhtiniano, no contexto da Olimpíada.

Essas atribuições volitivas/avaliativas aos quatro signos ideológicos apenas foram possíveis porque o enunciado concreto das memórias literárias é consequência de uma ação discursiva, pois a voz autoral reflete e refrata os valores da comunidade à qual pertence, desse lugar, a cidade de Ibiassucê. Para Tuan (1983) o que inicialmente era um espaço indiferenciado torna-se um lugar quando o compreendemos melhor e lhe damos valor. O lugar, nesse espaço sertão, é repleto de vivências e desejos pessoais do aluno-autor e seu tio, uma realidade compreendida na perspectiva de quem lhe dá sentido. Ao recontar, através das lembranças com o tio, os acontecimentos do passado através da linguagem verbal, dos gestos, impregnados de sentimento, traz-se a possibilidade de os unirem com o morador de uma mesma comunidade, ou seja, a partir de suas lembranças desenvolverem o sentimento de pertencimento pelo lugar onde vivem, permite sentir-se partes de uma mesma comunidade. Esse pertencimento ocorre uma vez que a história de vida própria de cada um carrega consigo a memória do agrupamento social no qual está arraigado. O lugar como relação de pertencimento é colocado por Tuan (1980), em que utiliza o conceito de Topofilia, que ele entende como a ligação emocional que conecta um indivíduo a um lugar ou ambiente físico específico. O autor compreende o espaço/lugar como uma coleção complexa, enraizada no passado e aumentada ao longo do tempo, à medida que experiências e sentimentos se acumulam.

Podemos, assim, pensar neste lugar/espaço como um conjunto de significados

construídos experiencialmente. Significa mais do que apenas uma localização. Está carregado de signos e simbologias resultantes de um conjunto de sensações moldadas pelas circunstâncias experienciadas que apresentam um potencial de afetividade, neste caso de vivências comuns como neste trecho: “*São os sentimentos que nascem de estar olhando para o passado. Foi um tempo de sofrimento. De alegria e de tristeza. E vivemos assim, com seca de todos os anos e a esperança da chegada das chuvas*” (Ibiassucê, 2019, p. 06).

Tal afetividade é constituída exatamente pelas experiências vivenciadas por estes sujeitos neste lugar e, esses sentimentos tendem a ficar mais fortes à medida que a relação vai se tornando mais longa e dotada de conhecimentos. Informações dadas por meio de relatos de variantes de histórias do entrevistado ao aluno-autor. Nesse sentido, Assmann (2011) fala em memória dos locais. Aponta para a possibilidade de que os locais possam tornar-se sujeitos. Portadores da recordação e possivelmente dotados de uma memória que ultrapassa a memória dos seres humanos da duração com sua significação inespecífica, cheia de segredo. Além de solidificarem e validarem uma recordação, corporificam uma continuidade da duração que supera a recordação de indivíduos, épocas e culturas. A atenção volta-se para o “local” com sua significação inespecífica e cheia de segredo.

Ao falar de pertencimento, mais uma vez retomamos a concepção de memória coletiva que surge como um conceito vasto e complexo, constituído em meio às “múltiplas vozes” das complexas relações sociais existentes no interior de um processo histórico, também com a logicidade de identidade de grupo ou classe, num panorama de pertencimento, luta ou resistência. Quando pensamos em memória coletiva significa o que mantém as pessoas unidas, são as experiências em comum. Há elementos que aparecem na memória produzida pelo aluno-autor que são marcas de construção e identidade de grupo e pertencimento neste lugar, Ibiassucê, presentes no enunciado “Quando a chuva chega no sertão...” trazidas na voz do aluno-autor que narra a voz do tio de forma ficcionalizada. A identidade é compreendida como uma construção discursiva (Hall, 2006), uma construção de marcas que detalham indivíduos, lugares, entre outros, por meio de sentidos produzidos discursiva e historicamente.

As marcas lexicais — “seca”, “sertão”, “sangrar” e a “chuva” — presentes no discurso do aluno-autor trazem, aproximam, garantem o reconhecimento, pertencimento desse sujeito, uma vez que é um jovem que ouve as variantes narrativas de um idoso, seu tio, em que ele encontra pertencimento, pois ele também se sente pertencente àquela história assinaladas neste enunciado de memórias, ou seja, são elementos que garantem discursivamente a manutenção/construção de identidade. Essa valoração dada ao tio e aos seus dizeres lhe fazem muito sentido, uma vez que vivem no mesmo lugar e compartilham experiências nesse meio

em comum, concretizada por meio de seu papel social do entrevistado, o que preserva a memória coletiva.

Podemos dizer que esse sentimento de pertença percebe-se no enraizamento cultural que emerge da identidade com o espaço. Enfatiza que a ambientalização é, mais de tudo, uma prática, pois o sujeito não se enraíza cultural e territorialmente no mundo pela pura admiração. A experimentação da diversidade é que leva o sujeito sentir-se no mundo. O enraizamento é um movimento que se confunde com o lugar percebido, no caso a cidade de Ibiassucê, vivido, simbólico e concebido e mutuamente. Ao debater a respeito de enraizamento, Lestingue (2004) prega que esse parece ser uma atividade, uma praxe direcionada para a constituição da identidade. Pondera que se o indivíduo se sentir pertencente a um espaço, se liberta. Se enraizar, nutre-se do que existe lá, formando sua identidade; consegue então se libertar, ir para onde for que seus referenciais estarão claros, consolidados. Neste mesmo panorama, Sá (2005,) evidencia que o enraizamento físico e biológico do sujeito é uma marca fundamental na construção da ideia de pertencimento do homem vivo às suas pré-condições de vida, ou seja, à autocompreensão humana como co-existentes em um mundo.

O espaço/lugar constitui fator essencial para o gênero discursivo memória, uma vez que tem representatividade. Para Assmann a “memória de uma nação se materializaria na paisagem memorativa de seus locais de recordação” (Assmann, 2011, p. 359). Isso resulta a estes locais a busca e o contato direto com o passado. O espaço constitui uma categoria importante da memória, assim como narrador, personagem e tempo em relação de permanência dos eventos. Desde o título da memória literária, o aluno-autor marca a singularidade do espaço/lugar, sertão nordestino, em que vive, uma vez que faz alusão à música, Xote das Meninas de Luiz Gonzaga: “É o sinal que a chuva chega no sertão”, que para os nordestinos é bem recorrente ao imaginário popular.

As noções de espaço e tempo do sertão muitas vezes reafirmam a noção de “limites” de identidade, de modo que o processo de identificação implica a vontade de traçar um limite entre “eles” e “nós” e, dessa forma, manter o que chamamos de fronteiras de identidade. A questão é o que significa recorrer à identificação com a construção sócio-histórica da “identidade-sertão”, quem é na realidade aluno como sertanejo e em quais os sertões que o habitam. Pode-se até pensar de outra forma: em termos da separação entre espaço e lugar segundo Giddens (1990). Para ele, o lugar é específico, concreto, conhecido, delimitado e familiar — o ponto de uma prática sócio-histórica particular que nos molda e foram, e nossa identidade está intimamente ligada a ela. Esses lugares permanecem os mesmos, onde colocamos nossas raízes. Todavia, o espaço pode ser “cruzado” de maneira presencial e física,

ora pela informação, ora pelos passos, ora pelas palavras, como por um trem em movimento (Silva, 2008).

As pessoas tendem a ignorar que o “local” adquire seus marcadores dos grupos que abarca, por um processo cíclico e diacrônico de relações sócio-históricas. E, neste caso, a categoria espaço-temporal “sertão” demonstra-se como uma via de um quadro no mundo no qual “as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural” (Hall, 2006, p. 47), pois a identidade recorda, geralmente, “um sistema de representação cultural”. Segundo Cuche, “com a edificação dos Estados-Nação modernos, a identidade tornou-se um assunto de Estado” (Cuche, 2002, p. 188–189), principalmente, porque busca-se determinar uma identidade de referência, a única genuinamente autêntica: “a ideologia nacional é uma ideologia de exclusão das diferenças [...] para que a identidade coletiva seja apresentada no singular, seja para si ou para os outros” (Cuche, 2002, p. 188–189).

Trata-se do indivíduo e da sociedade como veículos de uma “cultura da bússola”, na qual está imerso todo o conteúdo das ações e escolhas, culturas, tradições e manifestações dos processos de identificação, que cumprem a função de orientação espacial e temporal (Warnier, 2003). Nesse caso, portanto, a identidade-sertão ainda pode ser vista como “orientação” por meio de sua capacidade representacional de estabelecer relações culturais importantes entre elementos do meio (pessoas, instituições, eventos) (Silva, 2008).

Nesse sentido, as lembranças da vida do tio do aluno-autor, possíveis de serem deslocadas à tona de seu mar de recordações, são carregadas também de recurso linguístico-enunciativos característicos desse lugar, em uso pelo estudante para o renascer das memórias mais contempladas pelo sujeito entrevistado, pode oferecer “uma ‘senha’, conhecida apenas por aqueles que pertencem ao mesmo horizonte social. A particularidade dos enunciados da vida consiste justamente no fato de que todos eles estão entrelaçados por mil fios ao contexto extraverbal da vida [...]” (Volóchinov, 2019). Portanto, as discursividades que atravessam o projeto enunciativo “Quando a chuva chega no sertão...” exprimem mais do que relatos sobre fatos e acontecimentos vivenciados ou presenciados por seus familiares, o enunciado traz marcas discursivas que constituem sentidos acerca de hábitos, costumes e valores socioculturais cultivados no meio social no qual o aluno-autor vive e que podem constituir em marcas identitárias.

Em vista disso, pudemos observar, a partir desse enunciado, que os itens lexicais como “banguês”, “cambão” e expressões linguísticas como “O Tanque Grande sangrou” e “raspando o tacho” utilizadas pelo aluno-autor produzem efeitos de sentidos acerca do espaço que norteiam ou nortearam a vida dos sujeitos envolvidos na narrativa. Termos e expressões que

podem não ser compreendidos para quem não vive neste lugar, teoria corroborada por Halbwachs que afirma que “cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável” (Halbwachs, 1990, p. 158).

As formas de “ver o mundo” estão enraizadas em expressões exclusivamente humanas, revelando uma cultura de identidade disposta a interpretar grupos sociais como somas de práticas diversas. Inicialmente, pode-se pensar o indivíduo como reafirmando seu tempo e seu espaço/lugar ao evocar elementos importantes de sua história por meio da linguagem e da cultura, pois o “coração” do fenômeno da identidade reside, de acordo Cuche (1996 *apud* Warnier, 2003, p. 16–17), “nos repertórios de ação, de língua e de cultura que permitem a uma pessoa reconhecer sua vinculação a certo grupo social e identificar-se com ele”. Para entender um enunciado ou signo ideológico, é preciso saber o que é o presumido em algum lugar/ espaço comum e horizonte ideacional dos interlocutores. O previsto não incluído nos elementos linguísticos expressos no enunciado, mas se encontra na parte extraverbal, isto é, na responsividade do interlocutor, a situação, a entonação e a historicidade do enunciado (Volóchinov, 2019).

Além das categorias de espaço na construção do enunciado memorialístico, precisamos, também, refletir, em como esse narrador e personagem, no caso o aluno-autor que ouve essa voz narrativa ficcional, traduz esse discurso desse personagem para o enunciado concreto, pois nessa narrativa de memórias literárias, o discente coloca-se como narrador-personagem. O tio, narrador das reminiscências, conta os fatos e o aluno-autor transpõe para primeira pessoa essas experiências que são coletivas. Faz-se necessário destacar que o narrador dos fatos pode influenciar a percepção do aluno-autor nas memórias ao apresentar a sua história por meio de uma visão de mundo única. A relação entre o entrevistador e o entrevistado nas memórias literárias constituiu um aspecto importante, bem como a situação social, estes processos afetam o processo de entrevista. O índice do papel social do informante relaciona-se a situação e os participantes mais imediatos determinaram a forma e o estilo ocasionais da interação discursiva (Volóchinov, 2017). O papel do entrevistador foi de instigar o entrevistado a revelar sua história de vida como uma narrativa construída a partir de suas memórias e experiências. Cada entrevista é singular, e a relação estabelecida entre o aluno-autor e o entrevistado, seu tio, é um fator importante na formação da narrativa que emergiu dessa conversa.

Mesmo não sendo objeto de pesquisa deste trabalho, abrimos um adendo sobre a entrevista, enquanto gênero discursivo. Mais uma vez destacamos que a “voz” do entrevistado,

do gênero entrevista no contexto da OLPEF, não irá chegar aos interlocutores diretamente, pois ela foi reenunciada em outro enunciado, em outro gênero, as memórias literárias. De acordo Rodrigues (2004), cada gênero está centrado em um cronotopo distinto: exhibe determinado horizonte temporal, espacial, temático e valorativo; há distintos intuitos ideológico-discursivos com diferentes concepções de autor e interlocutor (auditório social) da interação discursiva. Em outras palavras, mesmo os gêneros de uma mesma esfera sócio-discursiva, como o gênero entrevista, têm constituições cronotópicas diferentes, e, logo, devem ser consideradas em suas particularidades, pois essa mesma entrevista entre estes dois sujeitos, sobrinho e tio, colhida em um cronotopo diferente, provavelmente, teria respostas diferentes. Na interação com o jovem, o entrevistado selecionou passagens de sua vida que, possivelmente, condiz com a imagem que quis que o jovem tivesse dele. Nesse sentido, destacamos que não tem como não debater memória sem falar de esquecimento, de fingimento, de atos de seleção. As memórias ocorrem a partir de jogos que giram entre o lembrar e o esquecer, a partir da seleção, conscientemente ou não, do que deve ser listado, organizado e enunciado para compor lembranças, e fatos que podem ou devem ser silenciados (Pollak, 1989). Assim como acontece não somente com as memórias individuais, como também, daquelas que se constituem coletivamente, as memórias do narrador-personagem são arquitetadas e reveladas a partir de seleções e silenciamentos.

Nesse sentido, uma questão posta a ser discutida é a valoração axiológica que norteia a escolha do entrevistado. Em outros termos, o que foi considerado na escolha do entrevistado para a construção deste enunciado de memórias? O aluno-autor escolheu o seu tio para ser seu informante, porque o entrevistado e seu discurso constituem-se objeto do discurso, e por isso a valoração axiológica se sobressai, uma vez que, provavelmente, foi motivado pela curiosidade sobre a história de seus familiares, do lugar onde vive, ou seja, ter escolhido um familiar próximo, seu tio, nos faz supor a ideia de busca, quiçá inconsciente, de vislumbrar o que sua geração anterior vivenciou, uma busca por suas origens. Isso confere apreciação valorativa, por parte do aluno-autor, à pessoa do entrevistado.

Constitui-se uma necessidade inerente ao ser humano identificar-se na singularidade, em meio a uma ampla gama de tradições, crenças e costumes. Segundo Souza (2014), a partir das vivências familiares que se cria uma consciência de limites, determinada por entidades e grupos e configura a identidade. É nesse ambiente, espaço familiar, que o indivíduo encontra suas primeiras referências. Sendo assim, podemos dizer que o aluno-autor, ao optar em contar a história do tio, corrobora com Candau que afirma que a memória da família “é uma memória forte, exercendo seu poder para além de laços aparentemente distendidos. Solidariedades invisíveis e imaginárias vinculam sempre um indivíduo a seus ascendentes: a memória familiar

é nossa ‘terra’” (Candau, 2011, p. 141).

Para Souza (2014), a família é o primeiro grupo no qual o sujeito se insere e, portanto, o lugar onde se inicia a socialização e onde nascem e se distribuem as memórias mais íntimas. É, pois, neste grupo que o sujeito adquire a primeira memória partilhada e incorpora nas suas bagagens de recordações as memórias herdadas e vividas do grupo, imbuídas de significado identitário. São estas primeiras memórias que enraízam o tema na família, que cria um sentimento de pertença — em relação às comunidades familiares, espaços, culturas e práticas de grupo. Quando o sujeito toma consciência de sua própria individualização, vendo-se como um indivíduo com existência independente e autônoma, surge um sentimento de unidade nesse ambiente. Assim, é das experiências desse grupo que surge a consciência das fronteiras que definem sujeitos e grupos e moldam identidades (Souza, 2014).

Desse modo, percebe-se o estudante como o sujeito sócio-histórico-ideológico e cultural que hoje se constitui, refletido e refratado nos acontecimentos narrados e vividos pelo morador da comunidade, seu tio, que coincidem, possivelmente, com a vida do aluno-autor, uma vez que ao relatar os fatos fez questão de destacar seus familiares: “meu pai Clezinho e tio Zé Andrade, então fatores da Sudene” (Ibiassucê, 2019, p.06), pintados de forma ímpar pela entonação expressiva da autoria. Nesse cenário, retomamos a concepção de que a memória é um fator importante como fonte de referentes identitários, notamos que ao eleger o tio como morador informante, o aluno-autor reforça a teoria de Pollak que afirma que o ato de rememorar é “um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou grupo em sua reconstrução de si” (Pollak, 1992, p. 5).

Nessa perspectiva, percebemos que houve uma busca de interação entre o jovem e a pessoa mais velha, e que através disso, foi estabelecida uma ligação entre passado e presente de uma família, possibilitando uma reflexão sobre outro contexto histórico-social neste local, vividos por seu parente mais velho, o tio, e que, de certa forma, torna mais clara as condições vivenciadas pelo jovem em sua época atual. Sob esse prisma, Assmann (2011) enfoca nos seus estudos sobre “locais das gerações”. O que preenche determinados locais é antes de tudo sua ligação fixa e duradoura com histórias de família. Nesses locais, os membros de uma família nasceram e morreram em uma corrente inquebrável de gerações. Esses locais da família detêm o progresso, estão relacionados a duração e a continuidade.

Destacamos que a memória não pode ser tratada apenas como recuperação do passado, para guardar, colocar num livro sobre as pessoas contando sua história. A memória deve ser pensada com ressignificação cotidiana no processo escolar para os alunos verem esses

monumentos que são as pessoas. A OLPEF propõe que se utilize pessoas e história de pessoas como verdadeiros monumentos narrativos para permanência em grupo. Dessa forma, essa unidade de interação e comunicação discursiva da memória é extremamente significativa. É preciso observar a posição social do falante, do ouvinte, a determinação da escolha dos elementos para a construção desse enunciado produzido nessa memória para a construção e permanência de um conjunto simbólico identitário para garantir uma memória coletiva. Nesse campo, precisamos entender que uma memória coletiva assegura uma singularidade, uma constituição de grupo. Essas memórias tem as marcas de singularidade que garantem a continuidade do grupo, e, portanto, aquele sujeito, o narrador dos fatos, é um sujeito que guarda, que mantém, que preserva, que reconfigura, que ressignifica elementos de espaço dessa cidade, Ibiassucê, para garantir a identidade desse grupo. A memória tem elementos suficientes para fazer com que o aluno-autor se sinta pertencente ao grupo, porque tem singularidades, uma vez que eles vivem no mesmo lugar, conseqüentemente por ele, o entrevistado, trazer as experiências de espaço narradas ali, faz com que o discente se sinta pertencente, pois aquela história passa a ser sua também, ou seja, essa é uma memória coletiva. Sob o prisma dialógico, não é o sujeito em seu isolamento subjetivo, mas o homem e seu agrupamento social numa relação de alteridade mútua.

Candau (2011) define a memória coletiva como memória social que surge como um “discurso de alteridade”, que uma vez compartilhado fornece ao grupo sua identidade, a qual não existe sem uma relação dinâmica com o “outro”, no caso o tio do aluno-autor. Pessoas, “Foi aqui, que meu pai Clezinho e tio Zé Andrade, então feitores da Sudene” (Ibiassucê, 2019, p. 06), lugares, “Uma piscina, um campo de futebol ao lado da antiga barragem de Manoel Gonçalves, cheia pelas últimas chuvas que caíram no sertão, uma cantina, bar e árvores frondosas.” (Ibiassucê, 2019, p. 06), cores, “[...]borboletas multicores em zigue-zague, um voo rasante de um casal de marrecos sobre as águas novas e turvas do lago” (Ibiassucê, 2019, p. 06), e sons, “Escuto o canto da rolinha ‘fogo-pagou’, superado pelo som do cantar do João-de-barro [...]” (Ibiassucê, 2019, p. 06), por exemplo, são, provavelmente, sentidos e reconhecidos, sendo percebidos e relacionados às experiências vivenciadas por estes sujeitos, o tio, narrador dos fatos, e o aluno-autor, mas também por outros prováveis leitores que compartilham experiências e vivências neste mesmo espaço, como é o nosso caso. Neste sentido, Izquierdo (1989, p. 89) argumenta que “(...) não há memória sem aprendizado, nem há aprendizado sem experiências. (...). Não inventamos memórias. As memórias são fruto do que alguma vez percebemos ou sentimos”.

O entrevistado é um sujeito que na sua individualidade “lembra” dos eventos da seca de

1976, mas o grupo também tem as experiências comuns ali e estas vivências aproximam estas pessoas, uma vez que traz essa sensação de pertencimento e construção da identidade. Podemos observar isto em “E vivemos assim, com seca de todos os anos e a esperança da chegada das chuvas.” (Ibiassucê, 2019, p. 06), pois a seca que ocorre periodicamente e a expectativa da chegada das chuvas são experiências vivenciadas tanto pelo entrevistado quanto para o aluno-autor, uma vez que vivem neste mesmo lugar. Toda memória tem elementos significativos que aproximam os indivíduos, e por isso têm o poder de conferir essa sensação de pertencimento e construir identidade. Ela pode ser uma identidade nacional, mundial ou mesmo local. Até mesmo experiências vividas significativas em lugares dispares podem marcar a humanidade em sua coletividade.

Desse modo, o pertencer-se à comunidade através das experiências particulares vivenciadas pelo morador, seu tio, em comunhão com a memória compartilhada a partir do meio social em que está inserido como sujeito sócio-histórico-ideológico e cultural, ou seja, a memória social, ao engendrar-la como o modo para reconstruir o passado através da memória coletiva (Halbwachs, 1990). Conforme Aquilles e Gondar (2016), Halbwachs (1990) considera que as reminiscências, por mais individuais e singulares que sejam, são arquitetadas sempre a partir de uma comunidade.

A memória não deve ser vista a partir de uma ideia somente como elemento para trazer o passado de volta, mas sim como processo para experienciar o presente e construir a identidade do presente. O “velho” que lembra, recorda para permanecer, porque ele está “à beira da morte”. Dentro desta unidade de interação analisada, desta memória de grupo, a OLPEF surge para conferir memória e unidade de grupo. Ela objetiva assegurar a coletividade e singularidade deste grupo. Esses sujeitos encontram compartilhamento, pois eles encontram marca de significação.

Nesse sentido, a memória histórica não tem função de assegurar identidade de grupo, por isso não é função da história oficial assegurar esta unidade de grupo. O que forma unidade de grupo é narrativa. É importante destacar também o papel importante das Olimpíadas, via escola nas aulas de Língua Portuguesa, nesse processo. Os conteúdos das aulas de Língua Portuguesa podem se transformar em ferramentas que auxiliam os estudantes nessas descobertas de si e da sua coletividade. A importância da construção dessa memória é que essas narrativas constituem Ibiassucê, por isso que estabelece essa relação de pertencimento através da narrativa em torno da história de vida desse personagem, que pode inclusive ser história inventada, ao constituir um enunciado literário. Essa intenção do narrar, do contar assegura a memória coletiva, pois essa história, concretizada nesse enunciado de memórias literárias, foi

ouvida, foi dita e, provavelmente, foi apreciada.

Ao concluirmos, a análise do material textual-discursivo das memórias literárias “Quando a chuva chega no sertão...” pela autoria, ampliados a partir das orientações estabelecidas pela OLPEF, que entrecruzam as memórias de infância e da fase adulta do morador de Ibiassucê com as memórias infantis/juvenis do aluno-autor através da memória coletiva (Halbwachs, 1990), percebemos, deste modo, sob a perspectiva do dialogismo do Círculo de bakhtiniano, que as palavras/discursos ou signos ideológicos, as funções sintáticas sócio-valoradas das orações e parágrafos particularizados no projeto enunciativo-discursivo do aluno-autor (Sobral, 2009) sustentam-se no horizonte social, no qual estão inseridos, já que direciona a sua identidade valorativa do grupo social da comunidade que pertencem, tanto no presente, quanto no passado. Desse modo, suas memórias dialogam e se intrincam uma vez que ao, provavelmente, viverem a infância em situação semelhante em relação ao espaço, expressam e concebem os objetos do mundo que os rodeia, como sujeitos encarnados de vivências, sempre no eixo de seu ambiente social, em que estão os juízos de valores.

Na análise aqui apresentada, a voz autoral das memórias literárias vencedora e do morador da comunidade, possivelmente, comungam dos mesmos veios ideológicos sobre os fatos vivenciados, uma vez que reforça respeitosamente, ao valorizar cada acontecimento recontado e revelados na forma composicional axiológica do gênero (Medviédev, 2016) com respeito e reconhecimento a fim de projetar à sociedade as vozes ideológicas do informante, seu tio. Sendo assim, verifica-se que as formações discursivas, presentes no enunciado da Memórias Literária relatada, expressa valores culturais e ideológicos do meio social em que vive o aluno. Esses valores são salientados pela utilização de alguns recursos linguísticos que revelam traços identitários do membro inserido no convívio familiar do discente.

Nessa direção, percebemos durante a leitura que os recursos linguístico-enunciativos são sempre orientados para todo e qualquer leitor que se identifique na recuperação de suas memórias, ao se encaminhar pelo enunciado concreto e apreender que também é pertencente dos aspectos vivenciados do morador de Ibiassucê apresentados nos elementos textuais-discursivos na interação dinâmica com a situação extraverbal que o circunda, de onde se arrancam os julgamentos valorativos e as entonações expressivas (Volóchinov, 2019), concepções dialógicas essenciais ao acabamento provisório do gênero discursivo Memória Literária do aluno-autor no certame da OLPEF, já que o foco interrupto no curso da interação discursiva não cessa, é sempre singular, mas nunca acabado por definitivo.

O enunciado concreto “Quando a chuva chega no sertão...”, sob esse prisma, não é um caminho que se cerra, mas que se abre, pois, o tema geral da Olimpíada, “O lugar onde vivo”

(Clara *et al.*, 2019), ao ser exaurido projeto ideológico do dizer, revela um acabamento somente provisório, transitório, decorrência de uma significação tão somente adequada à situação peculiar do fluxo dinâmico da interação discursiva e não a qualquer outro contexto específico de interação (Clark; Holquist, 2004).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deitar o olhar sobre o percurso desta pesquisa, considerando a indagação inicial e objetivos que constituíram o seu ponto de partida, permite concluir que a mesma alcançou sua finalidade, apesar de possibilidades que continuam a se apresentar.

Chegamos ao final deste estudo que se institui como um elo no fluxo da cadeia discursiva, como um enunciado responsivo ao evento discursivo que interpretamos e analisamos. Nossa resposta buscou analisar este evento e suas relações de sentidos estabelecidas com a sociedade e os sujeitos. De modo breve, assumimos que o *corpus* se revelou potente para compreender um pouco mais o gênero discursivo memórias literárias.

Ao longo desta dissertação, assumimos como tema e delimitação o estudo do gênero do discurso memórias literárias enquanto constituição discursiva de identidade na tessitura deste enunciado como prática social, arraigado na interação discursiva e constituído de relações dialógicas que geram sentido, instaurando-se, desse modo, como evento discursivo. A pesquisa destinou-se, pois, à análise de um evento discursivo, a narrativa “Quando a chuva chega no sertão...”, enunciado vencedor do concurso da OLPEF no Cej, publicado no livro *Coletânea de Crônicas e Memórias Literárias/ Cej: O lugar onde vivo* em 2019. Esse evento discursivo se constituiu como *corpus* para análise.

Buscando encontrar indícios e esclarecer as hipóteses levantadas, apresentamos a fundamentação teórica nos pressupostos teórico-metodológicos do Círculo de Bakhtin, com base nos conceitos de: dialogismo/interação discursiva; língua/linguagem, alteridade e identidade; palavra/discurso e signo ideológico; vozes sociais/ discursos bivocalizados; gênero discursivo e cronotopo; inter-relacionados inseparavelmente com os conceitos de memórias literárias e memória/identidade no projeto enunciativo, entendemos que a atividade discursiva dos sujeitos em nosso meio social se situa em uma situação sócio-histórico-ideológica e cultural concreta, onde as pessoas se formam em relação a outras com quem interagem ativamente.

Essa interação contínua e ininterrupta na cadeia discursiva de interação é realizada apenas por diferentes vozes sociais conversando entre si, carregadas de juízos de valor sobre os mais diversos temas da sociedade. Os chamados vínculos prévios refletidos pelo locutor/autor do gênero discursivo, extraídos da situação extraverbal do enunciado, o que lhe confere um colorido valorativo. Nesse sentido, eles se unem como seres responsivos únicos no projeto articulador, concordando, discordando, afirmando, aceitando, preocupado, cancelando, respeitando, reconhecendo, entre tantos outros discursos emocionais e intencionais que caracterizam a forma composicional e o estilo axiológico do projeto ideológico do enunciado

produzido.

Dessa maneira, sob a perspectiva dialógica, buscamos relatar toda a investigação efetuada na intenção de esclarecer a questão norteadora desta dissertação. No término dessa busca, retomamos a questão essencial que fundamentou esse estudo: Como as marcas discursivas e os elementos linguístico-discursivos, que compõe a escrita da narrativa de memórias literárias do alunos-autor, pode revelar sinais socioculturais que contribuem para a formação de sua identidade?

Ao longo dessa pesquisa, também nós nos perguntávamos: como pode as memórias terem um fascínio tão estranho de encantamento, ainda que nos engane, até consiga fazer-nos acreditar numa identidade perdida, num outro eu que há tanto tempo se perdeu? Desde quando a incompletude é um sinal de que os indivíduos estão vivos e as histórias entremeadas do mundo faz parte de cada ser? Ao traçar as tônicas do estudo da memória e da identidade, foi quase impossível não pensar nos diferentes personagens que aparecem nos livros de história e na literatura após a leitura de textos teóricos ou literários.

Os nômades foram estrangeiros por natureza e, mesmo que se reconhecessem em certas paisagens que lhes pareciam mais agradáveis ou mais propícias à agricultura e à subsistência, não se prendiam em nenhum lugar por muito tempo. Mas a cada paragem levavam um pouco deste lugar até então desabitado e tão estranho, e ao partir já deixavam vestígios, como pegadas, que se tornariam um emblema de que alguém já havia manchado de vida este local. Estranhos estrangeiros, desempenhando um papel diferente e adaptando-se ao que os rodeia, talvez divididos em entidades cuja característica é o trânsito.

Ulisses, considerado um dos mais astutos guerreiros da epopeia grega, deixa sua casa e família para a batalha de Tróia e usa sua astúcia para derrotar os troianos em terras estrangeiras. Enquanto, ele luta, a vida em sua casa continua, o filho cresce e a esposa deve encontrar uma maneira a cada dia de afastar os muitos pretendentes. Depois de derrotar seus inimigos, o herói pensa que pode fazer uma pausa em sua máscara de guerreiro e deseja voltar para casa, mas inúmeras aventuras atrasam seu retorno em dez anos. Num dos episódios de seu retorno, a deusa Calypso o aprisiona em uma ilha de onde emana a perfeição, mas ele não quer ficar por lá e, embora deslumbrado com a beleza do lugar, permanece um estranho que deve continuar sua jornada, porque as memórias não lhe permitem esquecer quem é e de onde vem. Quando finalmente consegue voltar para Ítaca, descobre muitas mudanças e, querendo que tudo volte a ser como era antes de partir, elimina os inimigos. Mas será que Ítaca continuará a mesma? Odisseu ainda seria o mesmo de antes de partir para Tróia? Que mascaramento seria necessário para que a ordem aparentemente retornasse? E o leitor se

questiona, mas sabe que o herói inicia uma nova história após retornar à sua terra natal. Nesse sentido, são muitos os fragmentos que compõem a identidade cultural de um dos personagens mais famosos de toda a história do cânone literário, assim como Homero tornou-se um emblema na Odisseia, o desejo de encontro consigo mesmo e com o outro.

Sherazade narrou mil e uma histórias de pessoas que não conhecia e que nunca imaginou existir. Todas as noites ela se apropriava de uma parte da vida imaginada de outra pessoa para manter a si mesma e aqueles que ela amava em segurança. Cada narrativa que ganhava vida pela boca de Sherazade lhe dava uma nova identidade, pois precisava recorrer às memórias alheias para construir seu próprio sentido, sempre tateando nas terras estrangeiras de sua imaginação. E muitas outras histórias introduzem a ideia de identidades múltiplas como matéria viva nas paisagens que expressam. São metáforas que nos remetem à nossa relação com espaço, à identidade e memórias alheias.

Munidas desses questionamentos, resgatamos a questão orientadora desta dissertação, pois ao efetivarmos um estudo teórico-analítico sobre a constituição discursiva da identidade no gênero discursivo memórias literárias da Olimpíada de Língua Portuguesa, acreditamos que a escrita desse gênero do discurso — que trouxe a memória compartilhada entre uma pessoa mais velha da comunidade e o aluno para centro de discussão — auxilia os sujeitos não somente a apreenderem que suas identidades fazem parte de um emaranhado de relações sociais, mas os coloca como senhores de suas histórias. Ao perceber que o que se delineia são possibilidades identitárias culturais, o aluno-autor descobre que a memória do mundo/do seu lugar contribui sobremaneira para perceber, gradativamente, que vive em meio ao trânsito da formação de si.

Em relação aos objetivos traçados nesse estudo, observamos, ao retornarmos ao primeiro objetivo específico, “analisar a escrita das memórias literárias, observando a composição deste gênero discursivo enquanto enunciado concreto, assim como a sua função social”, que a memória literária, no contexto da OLPEF, tem como temática “O lugar onde vivo”, assim esse gênero revelou-se indicador da alma de um lugar, região do sertão da Bahia, da essência de um sujeito, a pessoa mais velha da comunidade, através da escrita como fundamental prática social de linguagem. A função social deste gênero é a de resgatar e preservar a memória coletiva.

O aluno-autor lançou mão do gênero entrevista como estratégia discursiva para construir as práticas sociais de linguagem que se constituiu ponto fundamental para a construção desse universo narrativo tão peculiar. Para a construção de seu projeto de dizer, foi importante que se tornasse real e concreta a realidade vivida pelo tio, o entrevistado, para que este querer dizer da autoria do enunciado, a partir do que ouviu no relato, se materializasse e pudesse, aliado aos

conhecimentos vários do estudante, transformar-se em seu enunciado autoral. Assim, a autoria, nas memórias literárias, visou recriar uma realidade vivenciada por outro, o entrevistado, em outro momento. Consiste, portanto, em um enunciado ficcional, uma narrativa revivenciada. Certamente esse enunciado guarda muitas semelhanças com a realidade, mas, provavelmente, pode não espelhar a realidade, uma vez que é único e particular, ao partir das lembranças de outro. A composição deste gênero discursivo enquanto enunciado concreto apresenta características como a subjetividade, a narratividade e a temporalidade.

Quanto aos elementos internos e constitutivos do gênero do discurso das memórias literárias temos: a) conteúdo temático, como já dissemos anteriormente, o tema do enunciado é “O lugar onde vivo” proposto pela OLPEF; b) construção composicional, trata-se de um enunciado de narrativa, uma vez que apresenta o plano global (início, meio e fim) e o foco narrativo, além disso, apresentar recursos linguísticos que traz ao enunciado teor artístico/literário, forma composicional axiológica de acordo ao propósito de dizer do aluno; c) estilo, observamos que os recursos da língua mobilizados pelo aluno-autor caracterizam-se como irrepetíveis, sob a perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin, todo e qualquer recurso/elemento linguístico-enunciativo, seja em forma de palavra/discurso ou signo ideológico, de oração, fraseológico ou função gramatical, “[...] jamais pode repetir-se: é sempre um novo enunciado (ainda que seja uma citação) [...]” (Bakhtin, 2003 p. 313).

Assim, ainda que os elementos internos da tríade constitutiva exponham certa regularidade do gênero memórias literárias, em geral, quando tomamos o gênero como prática social e situada, e voltamos à situação social, à orientação e às relações dialógicas, temos maior apropriação para conceituar e explicar um gênero. Como evidenciado ao longo deste estudo, o conceito de gênero discursivo está sempre vinculado a uma dupla orientação na realidade, pois nunca será só forma ou só conteúdo, sempre será um todo que se produz na interação discursiva.

Quando retomamos o segundo objetivo dessa investigação, “discutir como as representações identitárias são (re)construídas discursivamente e (re)veladas enunciativamente através da escrita de memórias literárias”, observamos, através da análise do enunciado concreto “Quando a chuva chega no Sertão” e também do seu contexto produção, as lembranças do entrevistado, em questão, se confundem muitas vezes com a própria história do aluno-autor, constituindo-se, desse modo, como uma herança de significados, ligados diretamente à memória e à questão do pertencimento e unidade de grupo social centrada em marcadores de identidade compartilhados. Desse modo, a escrita desse enunciado de memórias literárias, provavelmente, foi importante para o processo de formação identitária do estudante, uma vez que se compreende também como sujeito pertencente deste processo histórico.

Mais uma vez lembramos que para a escrita do discurso de memórias literárias, o aluno-autor realizou a entrevista com uma pessoa mais velha da comunidade em que colheu reminiscências passadas do lugar onde vivem, atividades de interação social que desenvolveram o princípio do dialogismo bakhtiniano, exercício de identidade (de um “eu”) em relação à alteridade (de um “outro”), o ato responsável concretizado em cada interlocutor. As palavras enunciadas pelo aluno-autor retrataram suas experiências vividas com toda sua singularidade. Nesse sentido, vale ressaltar que mesmo que o entrevistado seja bem mais velho que o entrevistador, ele já tem seus valores e sua forma de apreciar o discurso do outro. Enfim, ambos são indivíduos que vivem na mesma comunidade, logo num mesmo cronotopo, o que lhes possibilita um elo de aproximação por afinidade de pertencimento. Podemos dizer que o aluno-autor compreendeu o discurso do entrevistado, quando construiu identidades de sentidos, quando expressou sua contrapalavra, de acordo com seu contexto cultural.

Em relação ao terceiro objetivo específico, “examinar, na narrativa das memórias literárias, as discursividades que produz efeitos de sentidos acerca do contexto sociocultural do sujeito-autor, via registros variantes de histórias do morador da comunidade local que foi entrevistado”, verificamos que narrativa apresenta alguns signos envoltos da seca e da chuva com traços regionais no cenário do sertão semiárido baiano e de seus personagens, do aluno-autor e do entrevistado. A memória desenvolve-se sobre o eixo da seca estéril e chegada da chuva, expõe um enredo sertanejo nesse enunciado repleto de signos que forjam o imaginário sobre o sertão, uma vez que dialoga com a concepção do Nordeste como uma produção imagético-discursiva revelando como esse texto literário contribuiu nesse discurso sobre o sertão e o sertanejo, tencionando as possíveis relações entre a formação da identidade do sertão com esse espaço e esses sujeitos. Entendemos, logo, que a identidade do sertanejo faz parte desse espaço geográfico específico, este espaço insere-se sobre o fenômeno climático da seca e da chuva e amolda as ações dos sujeitos localizados neste espaço revelado no enunciado de memórias literárias.

Ao retornarmos, por fim, ao objetivo geral produzido no estudo, “investigar como discursividades que compõem as memórias literárias produzida pelo aluno-autor na Olimpíada de Língua Portuguesa pode revelar indícios socioculturais que contribuem para a formação de suas representações identitárias — mobilizando conceitos e princípios teóricos de uma perspectiva linguística e dialógica, que constituem a arquitetura e da Teoria Dialógica do Discurso”, percebemos, assim, através da análise empreendida, que o aluno-autor criou um arranjo linguístico-enunciativo irrepetível, o enunciado de memórias literárias “Quando a chuva chega no sertão...”, em que se verificam que as formações discursivas expressam valores

culturais e ideológicos do meio social em que vive o aluno, comunidade sertaneja do interior da Bahia, a partir de sua posição discursiva e ideológica. Esses valores foram acentuados pela utilização de recursos linguísticos-enunciativos que trazem indícios de elementos socioculturais e evidenciam traços identitários dos membros inseridos na interação discursiva, o aluno-autor e o entrevistado, seu tio. Constatamos que a constituição da dimensão linguística desse gênero memorialístico no evento discursivo está conforme os pressupostos teórico-metodológicos do Círculo bakhtiniano, uma vez que se baseia em duas dimensões, a semiótica que o compõe e o situa no sistema linguístico interno e no ato singular do discurso concreto produzido a partir de sua inserção da ação participativa do aluno-autor na corrente dinâmica e intermitente da interação discursiva.

Percebemos que os recursos linguístico-enunciativos singulares, visualizados nas memórias literárias vencedora produzida pelo alunos-autor, corpus deste estudo, traz reflexões e a refrações ímpares mobilizadas na camada extratextual específica no projeto enunciativo em uma conversa ativa com a materialidade do enunciado que enforma a produção escrita axiologicamente por meio de seus dizeres irrepitíveis sobre os eventos mais relevantes e particulares da vida do morador da comunidade entrevistado. Essa assimilação autoral dos aspectos mais importante da vida do informante para que o gênero discursivo fosse escrito deuse a partir de vozes sociais que se tecem no material enunciativo-discursivo sob um olhar de respeito e valorização das experiências narradas pelo informante de passagens da existência vivida na infância e na fase adulta, comuns com o aluno-autor, não esquecidas, molhadas de um valor apreciativo singular do habitante do lugar em que mora que conduziu a formação identitária do sujeito através da memória coletiva compartilhada. Entonações expressivas assinaladas na estrutura composicional valorativa e nos elementos linguístico-enunciativos irrepitíveis tirados da cadeia significativa da língua/linguagem e adequados ao tema ideológico, “O lugar onde vivo”, desenvolvido na produção escrita pela voz autoral.

Discurso valorado que dá vida às memórias literárias produzida, pois apenas através da interação discursiva, os sentidos e o propósito ideológico dialoga ativamente com o querer dizer responsivo do autor-criador em função dos interlocutores, os possíveis leitores do projeto enunciativo produzido. A temática, assim, é mobilizada e exaurida com base no acabamento provisório do enunciado concreto do gênero discursivo memórias literárias específica proposta pelas condições de produção, constituído de forma composicional e estilo de linguagem axiológico também particular, interligados aos conceitos axiológicos sociais de extraverbal, juízo de valor e entonação.

Como destacamos na Introdução desta dissertação, a prática sobre a abordagem do

ensino de produção textual na escola básica foi por muitos anos alicerçada em um ensino tradicional e fragmentado. Prática pedagógica redutora, que não proporciona aos discentes um estudo efetivo e produtivo dos mais diversos recursos da língua valorados, de variados gêneros discursivos das mais distintas esferas dos campos da atividade humana.

A partir de uma prática de ensino com os gêneros discursivos na sala de aula é possível desenvolver diversas habilidades linguísticas e ressignificar o fazer docente ao adotar a perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin para que alunos reflitam sobre efeitos de sentido e sobre a estrutura e funcionamento da língua em atividades da prática de escrita. Nesse sentido, em relação à prática docente de ensino de produção escrita, nosso estudo, poderá ser importante entre os estudos sustentados na interação discursiva sob a visão dos teóricos russos, já que não encontramos, entre as produções acadêmico-científicas, que compõem o Estado de Arte, uma pesquisa que se volte à compreensão da escrita desse gênero memorialístico, com ênfase na constituição discursiva de identidade em diálogo intenso com o conceito de extraverbal, entonação e juízo de valor, conceitos dialógicos constitutivos da língua/linguagem de viés sociovalorativo.

Confiamos, desse modo, que o estudo pode oferecer contribuições para a esfera acadêmica, embora sermos conscientes de que a investigação possa ainda oferecer limitações, pois outros olhares analíticos à luz da teoria dialógica bakhtiniana podem traçar outros critérios ainda mais amplos sobre a constituição discursiva de identidade na escrita em enunciados de memórias literárias. Não obstante, ratificamos que o estudo oferece uma colaboração para que os outros investigadores e docentes que trabalham com a língua/linguagem, pesquisadores da escrita de memórias literárias sob a ótica do dialogismo do Círculo de Bakhtin, ou até mesmo os que almejam, como nós, abordarmos um ensino que estimule a valorização, pelo discente, de experiências narradas por pessoas idosas, descobrindo-as como componente de sua identidade sócio-histórica, de acordo os encaminhamentos metodológicos para o trabalho que focaliza o gênero como objeto de ensino em perspectiva dialógica na escola.

Assim, acreditamos que a dissertação pode apresentar aporte aos docentes de Língua Portuguesa participantes ou não na OLPEF a fim de que passem a apreender que o gênero discursivo memórias literárias, na perspectiva dialógica do discurso, constitui sempre um projeto ideológico do dizer, cujos recursos linguísticos-enunciativos em uso pela autoria apresentam tonalidades valorativas matizadas em cada signo ideológico, palavra, discurso, elementos fraseológicos, oracionais, gramaticais, escolhidos segundo com a finalidade enunciativa-discursiva do autor na concretização da produção escrita enformada axiologicamente.

A investigação também nos trouxe ressignificações relevantes para o nosso fazer docente na escola básica, uma vez que nos sentimos muito mais preparados para desenvolver um trabalho com os mais diversos gêneros do discurso dos campos da atividade humana na perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin. Percebemo-nos ainda muito mais seguros para traçar propostas didáticas de produção, leitura e análise linguística de perspectiva dialógica. Nosso intuito é também colaborar na formação dos docentes de Língua Portuguesa que optem pelo gênero memórias literárias para competirem com seus respectivos discentes no certame da OLPEF, uma vez que a pesquisa trouxe-nos os conhecimentos indispensáveis sobre o gênero no contexto do evento.

Nesse sentido, sugerimos, para futuras investigações, que os docentes de Língua Portuguesa inscritos com seus estudantes na OLPEF e que elejam o gênero discursivo memórias literárias concretizem um estudo da constituição discursiva da identidade a partir da produção inicial até a produção final referentes à Etapa Escolar, com o intuito de verificar de que modo os alunos-autores mobilizam os valores inerentes às vozes sociais dos moradores mais velhos das comunidades por meio dos recursos da língua trazidos ao material textual-discursivo mobilizados de tonalidades valorativas que recai sobre os arranjos linguístico-enunciativos.

Reiteramos que, sob a perspectiva do método sociológico dialógico, o estudo da língua/linguagem é consolidado na materialização textual-discursiva do enunciado concreto, como nosso *corpus* de estudo, as memórias literárias “Quando a chuva chega no sertão...” na condição de produção da OLPEF, ao tomarmos como base os três conceitos inseparáveis do gênero no certame, os elementos constitutivos, conteúdo temático, forma composicional e estilo. Porém, em nossa pesquisa, focamos a análise da constituição discursiva da identidade do gênero memorialístico, cujos recursos linguístico-enunciativos não são considerados reduzidos ao elo significativo e imóvel da língua/linguagem, mas matizados das mais distintas vozes sociais, marcadas por juízos de valores ímpares, bebidos na dimensão extraverbal que atribuiu tonalidade ideológica ao dizer do aluno-autor nas memórias literárias.

Por fim, é muito importante destacar que devido aos objetivos propostos, à metodologia utilizada para conduzir o estudo e à questão norteadora que guiou nossa pesquisa, tomamos uma perspectiva de análise do *corpus*, mas sabíamos que nossa análise constitui somente uma das muitas possibilidades dentre outras possíveis. Como enunciados concretos, sempre evocam outros enunciados já ditos, e sempre evocam respostas futuras, conectando-o à cadeia discursiva: esta é a natureza do inacabamento constitutiva do gênero. Que logremos, a partir dessa primeira atitude responsiva, inspirar outras atitudes responsivas e outras relações de dialógicas geradoras de sentido a fim de que outras pesquisas no campo

da linguística ou literatura possam fluir e falar. Afinal, é na urgência do dizer que o gênero vive.

6 REFERÊNCIAS

ABREU, Maria Teresa Tedesco Vilaro. Escrevendo memórias literárias: dos fatos reais ao produto da imaginação. In: **Na ponta do lápis**, ano XVI, nº 34, jan/2020.

ACHILLES, Daniele; GONDAR, Jô. A memória sob a perspectiva da experiência. In: **Revista Morpheus**. Estudos interdisciplinares em Memória Social. Rio de Janeiro, V. 9, N. 16, Ago./dez. 2016.

ADAM, Jean-Michel. **A lingüística textual**: introdução à análise textual dos discursos. 2008.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Os sertanejos e a chuva: uma relação singular. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 08 de maio de 2022. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/colunistas/durval-muniz-de-albuquerque-jr/os-sertanejos-e-a-chuva-uma-relacao-singular-1.3189935>. Acesso em: 06 de maio de 2023.

ALVES, Fábio. **Condições de vida no nordeste brasileiro**: retratos da política social. 2006. 150 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

ALVES, Maria da Penha Casado. O cronotopo da sala de aula e os gêneros discursivos. In: **Signótica**, Goiânia, v. 24, n. 2, p. 305-322, jul./dez. 2012.

ALVES, Maria da Penha Casado. O enunciado concreto como unidade de análise: a perspectiva metodológica bakhtiniana. In: RODRIGUES, Rosangela Hammes; PEREIRA, Rodrigo Acosta (orgs.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em linguística aplicada**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.

AMORIM, Marília. Memória do objeto – uma transposição bakhtiniana e algumas questões para a educação. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 8-22, 1o sem. 2009. Disponível em: [http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/2993] Acesso em: 07 outubro de 2022.

ARAGÃO, Maria Lucia. Memórias literárias na modernidade. **Revista Letras 003**. Janeiro./Junho. 1992. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs2.2.2/index.php/letras/article/view/11423/6898>. Acesso em 10 de outubro de 2022.

ASSMANN, Aleida. **Espaços de Recordação**: Formas e transformações da memória cultural. Campinas/SP: Editora Unicamp, 2011.

BAHIA. Secretaria de Planejamento e Assuntos Econômicos (SEPLAN). **Plano de Desenvolvimento Territorial Rural Sustentável e Solidário do Território Sertão Produtivo**. Guanambi, 2016.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1952-1953/1979].

BAKHTIN, Mikhail. Metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins

Fontes, 2003. p. 393-410.

BAKHTIN, Mikhail. O autor e o herói. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**, v. 2, p. 25-220, 1997.

BAKHTIN, Mikhail M. O tempo e o espaço nas obras de Goethe. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 6ª edição, 2011.

BAKHTIN, Mikhail M. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail M. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. *In*: BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução Aurora Fornoni Bernardini et al. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2002, p. 13-70.

BAKHTIN, Mikhail M. O problema do texto na Linguística, na Filologia e em outras Ciências Humanas. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. (Tradução de Paulo Bezerra). São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 307-335.

BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato responsável**. 2.ed. Augusto Ponzio, Grupo dos Gêneros do Discurso GEGE/ UFSCar (org.). Tradução: Valdemir Miotello, Carlos Roberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, Mikhail M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução direta do russo, notas e posfácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

BAKHTIN, Mikhail M. **Questões de estilística no ensino de língua**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2013 [1940].

BAKHTIN, Mikhail M. **Teoria do romance I: a estilística**. 1. ed. Tradução, prefácio, notas e glossário: Paulo Bezerra. Organização da edição russa: Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015 [1975].

BAKHTIN, Mikhail M. **The Dialogic Imagination: Four Essay**. Austin: University of Texas Press, 1981. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/slavic-review/article/abs/dialogic-imagination-four-essays-by-m-m-bakhtin-edited-by-michael-holquist-translated-by-caryl-emerson-and-michael-holquist-university-of-texas-press-slavic-series-no-1-austin-and-london-university-of-texas-press-1981-translation-of-voprosy-literaturny-i-estetiki-xxxiv-444-pp-2500/20EC3097DB53C23391F9367A1B950992>. Acesso em 09 de setembro 2022.

BARBOSA, Vanessa Fonseca; DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. Notas sobre gêneros do discurso em Bakhtin, Volóchinov e Medviédev. *In*: ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B.; ARANTES, P.; PESSÔA, M. (org.). **Pesquisar com gêneros discursivos: interpelando mídia e política**. Rio de Janeiro: Cartolina, 2020, p. 174-192.

BARBOSA, Vanessa Fonseca. Relações dialógicas e discurso bivocal na atividade de trabalho do revisor em teses acadêmicas: tensões e (m) sentidos. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 16, p. 178-199, 2021.

BARTHES, Roland *et al.* **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. 1982, 1990.

BASTOS, Rafael Lira Gomes; RIBEIRO, Pollyanne Bicalho. A relação entre linguagem e identidade sob uma perspectiva dialógica. **Domínios de Linguagem**, p. 812

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2001.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II – Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BENWELL, Bethan; STOKOE, Elizabeth. **Discourse and Identity**. Edinburgh: Edinburgh University Press Ltd, 2006.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BEZERRA, Paulo. Prefácio: Uma obra à prova de seu tempo. In: BAKHTIN, M. **M. Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. revista. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015. p.V-XXII.

BOENO, Neiva de Souza. **Memórias literárias**: das práticas sociais ao contexto escolar. 2013. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BOSI, Éclea. Uma experiência humanizadora. In: **Na Ponta do Lápis I**, nº 2, 2005. Disponível Fundação Itaú/Cenpec, em ago./set.. <https://www.escrevendoo futuro.org.br/conteudo/biblioteca/nossaspublicações/revista/entrevistas/artigo/445/entrevista-eaclea-bosi>. Acesso em: 11 setembro de 2022.

BOSI, Éclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 5ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BRAIT, Beth. O texto nas reflexões de Bakhtin e do Círculo. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **O texto e seus contextos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 13-30.

BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena Cruz. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 56, n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/5531>. Acesso em: 26 ago. 2022.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 02 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB 2019**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/saeb/resultados>. Acesso em: 23 de outubro de 2021.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Introdução. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos – conflitos multiculturais da globalização**. Trad. Mauricio Santana Dias. Rio de Janeiro. Ed. Uerj, 2006.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CANDAU, Joël. **Antropología de la memoria**. Trad. Paula Mahler. Buenos Aires: Nueva Visión, 2006.

CARRIJO, Viviane Letícia Silva. **Atividades reflexivas para a reescrita: contribuições da teoria bakhtiniana**. 160 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2012.

CARVALHO, Sebastião Carlos dos Santos. **O sistema nacional de cultura e os municípios do alto sertão produtivo: uma leitura das dificuldades e avanços da sua implantação**. Orientadora: Profa. Dra. Isaura Botelho. 2015. 48 f.. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Gestão Cultural (IHAC), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/17464>. Acesso em: 22 de junho de 2023.

CHACON, Lourenço. **Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CLARA, Regina *et al.* **Se bem me lembro...** Caderno do Professor: Orientação para produção de textos. São Paulo: Cenpec: Fundação Itaú Social; Brasília, DF: MEC, 2021, (Coleção Olimpíada).

CLARA, Regina Andrade; ALTENFELDER, Ana Helena. **Se bem me lembro... caderno do professor: orientação para produção de textos**. São Paulo: Cenpec: Fundação Itaú Social; Brasília, DF: MEC, 2008.

CLARA, Regina Andrade; ALTENFELDER, Ana Helena; ALMEIDA, Neide. **Se bem me lembro...** Caderno do Professor: Orientação para produção de textos. São Paulo: Cenpec: Fundação Itaú Social; Brasília, DF: MEC, 2019, (Coleção Olimpíada).

CLARK, Katerina; HOULQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. BOD GmbH DE, 2020.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

DAHLET, Véronique. A entonação no dialogismo bakhtiniano. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: dialogismo e construção de sentidos. 2.ed.rev. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2005, p. 249-264.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros Orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michle.; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e Org. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 95- 128.

ERDEI, Leni de Sousa; BOENO, Neiva de Sousa; PADILHA, Simone de Jesus. Cadernos Pedagógicos “Poetas da Escola” e “Se bem me lembro...” no Programa Olimpíada de Língua Portuguesa: gêneros, memória, estética. In: **Eutomia**, v. 1, n. 11, 2013.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FARIA, Ernesto (Org.). **Dicionário escolar latino-português**. 3ª edição, Rio de Janeiro: MEC, 1962.

FARIAS, Cleide; RIOS, Márcio; ROCHA, Altamar. Uso da terra e degradação ambiental na sub-bacia do Riacho do Quirino – Caculé, BA. **Enciclopédia Biosfera**, v. 9, n. 16, 2013.

FIORIN, José Luiz de. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FIORIN, José Luiz de. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2.ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013 [1991].

GIDDENS, Anthony. **The consequences of modernity**. Cambridge: Polity Press, 1990.

GOMES, Sílvia Nazareno de Sousa. **A constituição do estilo de linguagem no gênero memórias literárias da Olimpíada de Língua Portuguesa**. 2021. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Paraná, Maringá, 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HOLQUIST, Michael. **Dialogism**: Bakhtin and his World. 2. ed. New York: Routledge, 2002.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

IBIASSUCÊ, Prefeitura Municipal de. Secretaria Municipal de Educação e Cultura(Org.). **Coletânea de Crônicas e Memórias Literárias/Cei**. Ibiassucê: SMEC, 2019.

IZQUIERDO, Ivan. Memórias. In: **Revista Estudos Avançados**. São Paulo, vol.3, n.6, pp. 89-112, mai/ago.,1989.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão [et al.]. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LESTINGUE, Sandra Regina. **Olhares de educadores ambientais para o estudo do meio e pertencimento**. São Paulo: Escola Superior de Agricultura Luiz Queiroz, 2004. Tese de doutorado.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. 13. ed. Editora: Ática, São Paulo: 2004.

LINELL, Per. **Rethinking Language, Mind, and World Dialogically: Interactional and Contextual Theories of Human Sense-Making**. Charlotte: Information Age Publishing, Inc., 2009.

MARCUSCHI, Elizabeth. Como escrever as memórias do outro, revelando toda a sua singularidade? In: RANGEL, Egon Oliveira (org.). **O que dizem os textos dos alunos?** São Paulo: Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária Cenpec. Fundação Itaú Social, 2011.

MARCUSCHI, Beth. A escrita do gênero memórias literárias no espaço escolar: desafios e possibilidades. **Cadernos Cenpec| Nova série**, v. 2, n. 1, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievith. Os elementos da construção artística. In: MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal dos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. São Paulo: Contexto, 2016 [1928], p. 193-206.

MENEGASSI, Renilson José. A escrita como trabalho na sala de aula. In: JORDÃO, Clarissa Menezes (Org.). **A Linguística Aplicada no Brasil: rumos e passagens**. Campinas/SP: Pontes Editores, 2016, p. 193-230.

MENEGASSI, Renilson José; CAVALCANTI, Rosilene da Silva Moraes. Conceitos

axiológicos do dialogismo em propaganda impressa. **Interação e escrita no ensino de língua**. Campinas: Pontes Editores, 2020.

MIOTELLO, Valdemir. O diferente sou eu para o outro – Teses sobre a Alteridade rascunhadas à sombra e à luz de Bakhtin. In: MIOTELLO, V. (org.). **O diferente instaura o diferente**: compreendendo as relações dialógicas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011, p. 7-11.

MORSON, Gary Saul; EMERSON, Caryl. **Mikhail Bakhtin**: criação de uma prosaística. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MOURA, Maria Isabel de; MIOTELLO, Valdemir. Deslocando a identidade: um novo jeito de pensar a respeito de mim mesmo. In: MOURA, Maria Isabel de; MIOTELLO, Valdemir (org.). **A alteridade como lugar da incompletude**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de. Formação de professores de língua materna e seu outro: implicações para a construção de processos identitários. In: SILVA, S.P. da SILVA; FERREIRA, A. T. de; MARTINS, M. A. (org.). **Formação continuada de professores: programas, projetos e recursos didáticos**. Recife: Editora Universitária UFPe, 2014. p. 51-65.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de. O Círculo de Bakhtin e sua contribuição ao estudo das práticas discursivas. **Eutomia**: Revista on line de literatura e linguística, Recife, v. 2, n. 2, p.1- 18, dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/1791>. Acesso em 10 de setembro de 2022.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Sobre memória e sociedade. **Revista USP**. São Paulo, n. 98, p. 87-94, junho/julho/agosto 2013.

ORTIZ, Ivanice Teixeira Silva. Família, escravidão e liberdade no Alto Sertão: Caetité, 1830-1860. **Lugares dos Historiadores: Velhos e Novos Desafios – Anais do Simpósio Nacional de História, Florianópolis**, 2015

PEREIRA, Danielle Cristina Mendes. Literatura, lugar de memória. **Revista Solettras**. Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ, n. 28. Julho/dezembro.2014.

POLATO, Adriana Delmira Mendes. **Análise Linguística: do estado da arte ao estatuto dialógico. 2017. 231f.** 2017. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

POLATO, Adriana Delmira Mendes; MENEGASSI, Renilson José. Atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas: expansão dialógica/Linguistic, epilinguistic and metalinguistic activities: dialogic expansion. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 28, n. 3, p. 1059-1098, 2020.

POLATO, Adriana Delmira Mendes; MENEGASSI, Renilson José. O estilo verbal como o lugar dialógico e pluridiscursivo das relações sociais: um estatuto dialógico para a análise linguística. **Bakhtiniana - Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 12, p. 123-143,

2017a. DOI: <https://doi.org/10.1590/2176-457327809>. Acesso em 01 de novembro de 2022.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: vol. 2, n. 3, 1989.

PONZIO, Luciano. **Icona e Raffigurazione Bachtin Malevic Chagall**. Bari: Adriatica Editrice, I edizione 2000, II edizione riveduta, 2008.

PONZIO, Augusto. Problemas de sintaxe para uma linguística da escuta. In: BAKHTIN, Mikhail. **Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação**. São Carlos: Pedro & Editores, 2011.

PONZIO, Augusto. **Procurando uma palavra outra**. São Carlos, SP: Pedro João Editores, 2010.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2.ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/Ebook%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 01 novembro 2022.

QUADROS, Carla de. **A vocação memorialística de Isaías Alves: variantes (auto)biográficas**. 2014. 471 f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

RIBEIRO, Pollyanne Bicalho. **O discurso docente (re)velado no gênero memorial**. 2008. 240 f. Tese (Doutorado em Letras) - Curso de Programa de Pós Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SÁ, Laís Mourão. Pertencimento. In: FERRARO, Luiz Antônio (org). **Encontros e Caminhos: formação de educadores (as) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

SILVA, Margarida do Amaral. Identidade, sertão e cultura no espaço-tempo. **Padê: Estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos (encerrada)**, v. 1, n. 2, 2008.

SILVA, Helenice Farias de Brito; FERREGUETT, Cristhiane. O gênero discursivo memórias literárias: uma leitura crítica de Memória de Livros de João Ubaldo Ribeiro sob a perspectiva bakhtiana. **Missangas: Estudos em Literatura e Linguística**, v. 3, n. 5, p. 99-118, 2022.

SOBRAL, Adail. **A filosofia primeira de Bakhtin: roteiro de leitura comentado**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2019.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Elementos sobre a proposta de Voloshinov no

âmbito da concepção dialógica de linguagem. In: RODRIGUES, Rosangela Hammes; PEREIRA, Rodrigo Acosta (orgs.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em linguística aplicada**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016, (p. 141-162).

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Memória, imprecisões, sentidos: em torno da proposta bakhtiniana de estudos da linguagem. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 21, p. 395-432, 2018.

SOUSA NETA, Raimunda de; SALES, Laurenia Souto; SILVA, Marluce Pereira da. Vestígios de Memória e a Constituição Discursiva de Identidades na Produção Escrita de Alunos. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 7, n. 2., JUL-DEZ, 2018, p. 192-210.

SOUZA, Angela Maria Baltieri; DE SOUSA, Clarilza Prado. O agir por meio da linguagem: gênero memórias literárias. **Debates em Educação**, v. 9, n. 18, p. 28-44, 2017.

SOUZA, Mariana Jantsch. A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. **Revista Graphos**, vol. 16, n° 1, UFPB/PPGL, 2014.

STELLA, Paulo Rogério. Palavra. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2016, (p. 177-190).

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. 1930. Tradução de Livia de Oliveira, São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUZZO, Simone Antoniaci; BRAGA, Claudomilson Fernandes. **O processo de triangulação da pesquisa qualitativa: o meta fenômeno como gênese**. Revista Pesquisa Qualitativa. São Paulo (SP), v.4, n.5, p. 140-158, ago, 2016.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. **Ser-Tão baiano: o lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana**. SciELO-EDUFBA, 2011.

VIANNA, Rodolfo. A linguagem pela perspectiva do Círculo de Bakhtin. **Revista Odisseia**, v. 4, n. 1, p. 19-33, 2019.

VIANNA, Rodolfo. **Jornalismo, ironia e informação**. 2011. 220 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

VOLÓCHINOV, Valentin N. **A Construção da Enunciação e Outros Ensaios**. Organização, tradução e notas: João Wanderley Geraldi. Edição e supervisão da tradução: Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1926].

VOLÓCHINOV, Valentin N (Círculo de Bakhtin). **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1.ed. São Paulo: Editora 34, 2019 [1926].

VOLÓCHINOV, Valentin N. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

WARNIER, Jean-Pierre. **A mundialização da cultura.** Bauru, SP: EDUSC, 2003.